

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras
Área - Teoria da Literatura

Imaginários do Sul: pensamento crítico de fronteira e os avessos da
Modernidade na ficção de Aldyr Garcia Schlee
Cátia Rosana Dias Goulart

Profa. Dra. Ana Maria Lisboa de Mello
Orientadora

Tese de Doutorado apresentada à Banca
como requisito parcial para obtenção do grau
de Doutor em Letras, na área de
concentração de Teoria da Literatura.

Porto Alegre, abril de 2016.

G694i Goulart, Cátia Rosana Dias
Imaginários do Sul: pensamento crítico de fronteira e os avessos da Modernidade na ficção de Aldyr Garcia Schlee / Cátia Rosana Dias Goulart.
230 p.

Tese(Doutorado)— Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras, DOUTORADO EM TEORIA DA LITERATURA, 2016.
"Orientação: Profa. Dra. Ana Maria Lisboa de Mello".

1. Imaginários do Sul. 2. Pensamento Crítico na América Latina. 3. Pensamento de fronteira. 4. Ficção de Aldyr Garcia Schlee. I. Título.

CDD 801

Imaginários do Sul: pensamento crítico de fronteira e os avessos da
Modernidade na ficção de Aldyr Garcia Schlee
Cátia Rosana Dias Goulart

Tese de Doutorado apresentada à Banca
como requisito parcial para obtenção do grau
de Doutor em Letras, na área de
concentração de Teoria da Literatura.
Aprovada em 29 de fevereiro de 2016.

BANCA EXAMINADORA:

Dra. Ana Maria Lisboa de Mello, Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul (orientadora)

Dr. Jorge Carlos Guerrero, University of Ottawa

Dr. Eduardo Ramos-Izquierdo, Université Sorbonne, Paris IV

Dra. Vera Medeiros, Universidade Federal do Pampa

Dra. Maria Teresa Amodeo, Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul

Porto Alegre, abril de 2016.

DEDICATÓRIA

A meu querido Adriano. Ele que, com seu sorriso, sua amabilidade e generosidade a todos encanta. Ele, que me leva por seu mundo de descobertas e criações, a viver aventuras ao longo desses anos em que passamos com Backyardigans, Pink Dink Do, o Pequeno Príncipe em diferentes planetas, Peixonauta e seus misteriosos casos, as leituras de Dona Benta e a turminha do sítio, com Zé Lelé e Chico Bento, com o indisciplinado e criativo Nate e, intesamente, com a magia inesgotável de Harry Potter Ao meu menino azul, sempre ele, a me orientar na desordem da vida.

Ao meu poeta, Sergio Carvalho Pereira, porque “depois que fixei teu rosto e me encandeou teu olhar, me fui de tiro por gosto, do gosto de te mirar e ganho o mundo contigo, de tiro e tanto te amar”.

Ao meu pai, Floriano Goulart, que me ensinou a indignar-me frente a qualquer injustiça, mas também o gosto pelos livros, estímulos que me permitem compreender melhor o mundo em que vivemos e a mim mesma.

A todas as mulheres que povoaram meu imaginário nesta tese. As da família: Maria, minha mãe, Tia Neida, Marly, Carla, Mana, Tati, Lulu, Lelé, Ana, Gabi, Silvia, Alice. As amigas de sempre: Denise, Verinha, Mairim, Fabiane, Raquel, Rossane, Adriana, Lus. E, em especial, à Aimée, que não pode me acompanhar nesta jornada, mas que, em sua sentida ausência-presença, instigou-me ao melhor de mim como pesquisadora.

A todos que enfrentam o jogo midiático, jurídico e político em nosso país, nesse período em que se configura fortemente um golpe no regime democrático brasileiro.

AGRADECIMENTOS

À Dra. Ana Maria Lisboa de Mello, orientadora, pela confiança depositada em meu trabalho.

A todos os membros da Banca Examinadora, pela leitura atenta de minha tese, por todos os questionamentos e considerações. E, em especial, ao professor Jorge Carlos Guerrero, que desde o exame de qualificação contribuiu decisivamente para que eu assumisse a confiança necessária no rumo de minha pesquisa.

A todos os colegas do grupo de pesquisa no *Centre de Recherches Interdisciplinaires sur les Mondes Ibériques Contemporains – Séminaire Amérique Latine* – na Université Paris IV-Sorbonne, pelo respeitoso e carinhoso acolhimento. E, em especial, ao professor Eduardo Ramos-Izquierdo, por sua imensa generosidade que, associada à condução firme de sua orientação, dinamiza e diversifica os trabalhos desenvolvidos por seu grupo de pesquisa. Ressalto aqui meu total encantamento por seu trabalho.

Com carinho, à amiga Fabiane Resende, que acompanhou cotidianamente a escritura de minha tese e a revisou.

A CAPES, pelas bolsas concedidas, no Brasil e no exterior.

De vez en cuando camino al revés:
Es mi modo de recordar.
Si caminara solo hacia delante,
te podría contar
cómo es el olvido

(Maya-K'iche Humberto Ak'abal)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I - O Percurso de uma tradição crítica na América Latina e a Literatura de fronteira do Cone Sul - O imaginário da Comarca <i>pampeana</i>	15
1.1 A crítica no Brasil: Ligia Chiappini e Léa Masina	32
1.2 A crítica na Argentina e no Uruguai - uma aproximação.	67
1.3 Entrecruzando o imaginário da crítica	87
CAPÍTULO II - Por um pensamento de fronteira - os lugares de onde falo, as fronteiras em que me situo	97
2.1 A perspectiva decolonial na/da América Latina - o percurso de uma tradição crítica 109	
CAPÍTULO III - Ficções schleerianas: <i>performance</i> autoral e criação de um espaço simbólico	122
2. 2. 1 Um território de fronteira: o Sul que nos habita	126
2 .2.2. O imaginário da prostituição: outra face da Modernidade	160
CONSIDERAÇÕES FINAIS - O INTERVALO	203
REFERÊNCIAS	215

RESUMO

Em *Imaginários do Sul: pensamento crítico de fronteira e os avessos da Modernidade na ficção de Aldyr Garcia Schlee*, reflito sobre a construção do pensamento crítico na América Latina e sua implicação na criação de imaginários. Percorrendo a trajetória investigativa de pesquisadores voltados à literatura de fronteira entre o sul do Brasil, Uruguai e Argentina, evidencio como, vinculados ao paradigma da transculturação, eles atuaram na criação de uma imagem homogênea da literatura de fronteira da região. Considerando que o imaginário da ficção local na contemporaneidade é mais diversificado do que tem sido tratado pela crítica predominante, proponho-me a desarticular essa imagem. Para tanto, retomo o pensamento crítico na América Latina pela perspectiva de leitura que vem sendo concebida como Pensamento de Fronteira e realizo uma interpretação da obra ficcional de Aldyr Garcia Schlee. Nesse percurso de leituras entrecruzadas, entendo e exponho como o escritor, investindo na criação de uma *performance* autoral e na inscrição de múltiplas memórias sociais em sua obra ficcional, cria um espaço simbólico que não somente evidencia a inviabilidade de se restringir a literatura da região à literatura gauchesca, mas também sinaliza a inter-relação desta com outras regiões do mundo.

Palavras-chave: imaginários do Sul; pensamento crítico na América Latina; pensamento de fronteira, literatura de fronteira; Aldyr Garcia Schlee

RESÚMEN

En *Imaginários do Sul: pensamento crítico de fronteira e os avessos da Modernidade na ficção de Aldyr Garcia Schlee*, reflexiono acerca de la construcción del pensamiento crítico en América Latina y sus implicaciones en la creación de imaginarios. Revisando la producción crítica de investigadores dedicados a la literatura de frontera del sur de Brasil, Uruguay y Argentina, demuestro cómo, vinculados al paradigma de la transculturación, estos han influido, en la creación de una imagen homogénea de la literatura de frontera en la región, la cual me propongo desarticular. Considerando que el imaginario de la ficción local en la contemporaneidad es mucho más diversificado de lo que ha sido tratado por la crítica predominante, he optado por retomar el pensamiento crítico en América Latina, en especial, la perspectiva de lectura que viene siendo desarrollada como Pensamiento de Frontera y realizar una interpretación de la obra ficcional de Aldyr Garcia Schlee. En ese camino de lecturas entrecruzadas, entiendo y expongo cómo el escritor, haciendo inversiones en la creación de una *performance* autoral y la inscripción de múltiples memorias sociales en su obra ficcional, crea un espacio simbólico que no sólo pone en evidencia la inviabilidad de que la literatura de la región siga restringida a la literatura gauchesca, sino además señala la interrelación de esta región con otras en el mundo.

Palabras-clave: imaginarios del Sur; pensamiento crítico en América Latina; pensamiento de frontera, literatura de frontera; Aldyr Garcia Schlee

ABSTRACT

In Imaginaries of the South: critical border thinking and the reverse of modernity in Aldyr Garcia Schlee's fiction, I reflected upon the development of critical thinking in Latin America and its implication in the creation of imaginaries. After analyzing the investigations carried out by researchers who focus on border literature in the south of Brazil, Uruguay and Argentina, I showed how they managed to develop a homogeneous image of the border literature in the region while being connected to the paradigm of transculturation. Taking into account that the imaginary of the local fiction in the region is currently more diversified than critics have shown, I aimed at changing this image. Therefore, I analyzed critical thinking in Latin America from the perspective of readings which have been understood as Border Thinking and interpret Aldyr Garcia Schlee's fictional work. In this way, with intercrossing readings, I showed how the writer invests in the development of an authorial performance and in the use of multiple social memories in his fiction, besides creating a symbolic space which not only provides evidence of the inviability towards restricting regional literature to the *gaucha* literature but also highlights its interrelation and other regions in the world.

Key words: imaginaries of the south; critical thinking in Latin America; border thinking; border literature; Aldyr Garcia Schlee

INTRODUÇÃO

Nesta tese de doutorado, intitulada *Imaginários do Sul: Pensamento Crítico de Fronteira e os avessos da Modernidade na ficção de Aldyr Garcia Schlee*, desenvolvo uma reflexão acerca do pensamento crítico na América Latina e, considerando uma das fecundas linhas que vem sendo articulada como *Pensamiento de frontera*, realizo uma leitura da narrativa ficcional de Aldyr Garcia Schlee, destacando as relações entre a construção do espaço e a concepção de memória mobilizadas pela obra do escritor.

Nesse sentido, trabalho, especialmente, com dois conceitos de fronteira: um que se constitui enquanto construção do pensamento crítico e proposta hermenêutica; e outro que, partindo da concepção de espaço enquanto fundação político-cultural-simbólica, interpreta um conjunto ficcional, produzido entre as fronteiras do sul do Brasil, o Uruguai e parte da Argentina.

Considero importante destacar que sou professora de literatura na Universidade Federal do Pampa, uma universidade multicampi¹, situada nas fronteiras sul do Brasil com Uruguai e Argentina. Quando comecei a trabalhar na fundação dessa universidade e na criação dos cursos de Letras e Pedagogia, julguei importante conhecer as práticas culturais, especialmente dos escritores da região, assim como a visão da crítica acerca da literatura aí produzida. Para mim, junto ao imaginário cultural simbólico, está o de sua interpretação, e ambos atuam na construção de uma imagem da região, ou melhor, também a criam.

Explicito aqui que, ao referir-me ao campo do imaginário, entendo-o em sua relação criadora do universo do real. Afinal, a concepção do real é indissociável da interpretação que os seres humanos lhe atribuem, conforme aponta o filósofo Paul Ricoeur (1996). O processo de significação imagética do real constitui-se tanto por uma dimensão cognitiva, de ordem semântica, quanto afetiva, razão pela qual adquire sua

¹ A Universidade Federal do Pampa, enquanto proposta de expansão do ensino superior, feita pelo governo federal, é gestada em um Projeto de Lei de 2006 e tem sua criação efetivada pela Lei 11.640, em janeiro de 2008. Durante esses dois anos iniciais, todos os que nela ingressamos, com o apoio de duas universidades tutoras, assumimos a responsabilidade de organizar o estatuto, o regimento interno e todas as diretrizes da nova universidade que se gestava. Para tanto, diferentes grupos de trabalho foram organizados e, paralelamente ao desenvolvimento de todas as demais atividades acadêmicas, assumiram o projeto de criação dessa universidade pública. A UNIPAMPA é constituída de dez campi, em diferentes cidades da região e fronteira no sul e oeste do país: Bagé, Jaguarão, Santana do Livramento, Caçapava do Sul, Dom Pedrito, São Gabriel, São Borja, Itaqui, Alegrete e Uruguaiana. Informações mais detalhadas no site www.unipampa.edu.br

configuração nos símbolos. Seguindo o pensamento hermenêutico de Ricoeur, entendo “que o símbolo hesita entre o *bios* e o *logos*” porque nele radica o discurso da vida. (RICOEUR, 1996: 71)

O conceito de imaginário no sentido utilizado por Édouard Glissant (1997) é igualmente por mim partilhado. Segundo o poeta e pensador martinicano, o imaginário é a construção simbólica mediante a qual uma comunidade (racial, nacional, imperial, sexual, etc) define-se a si mesma.

Reconhecendo, assim, a importância do funcionamento discursivo na formação de imaginários, considere importante refletir sobre as relações entre o discurso ficcional da região e a crítica literária a ele dedicada. No curso de minhas leituras, percebi um descompasso, que movimentou minha investigação.

A crítica literária, especialmente a brasileira desenvolvida a partir dos anos oitenta, propõe uma perspectiva transnacional dessa região cultural, partindo da literatura gauchesca produzida na Argentina, no Uruguai e no sul do Brasil. A relação entre o *corpus* e a crítica tem criado um consistente imaginário em torno de uma unidade cultural configurada como cultura gauchesca e, inclusive, em sua tentativa de transpassar a “ciudad letrada”, a crítica tem estudado a migração de símbolos da gauchesca para outras linguagens, como o cinema, as telenovelas, a música, as artes plásticas, os festivais musicais e as práticas populares, o que revitaliza fecundamente o sistema. No entanto, a literatura contemporânea produzida por escritores da região lida com um imaginário muito mais diversificado do que a produção crítica tem tratado.

Tal situação levou-me a considerar que a literatura de fronteira dessa região do Cone Sul, na contemporaneidade, requer não apenas uma releitura da gauchesca, mas, sobretudo, a desarticulação da imagem homogeneizadora a que tem sido submetido o imaginário dessa região cultural.

Passei, então, a questionar-me acerca dos fundamentos epistemológicos da própria crítica. Com o propósito de refletir sobre essa questão, desenvolvi o primeiro capítulo da tese: “O Percurso de uma tradição crítica na América Latina e a literatura de fronteira no Cone Sul – o imaginário da comarca *pampeana*”. Nele, primeiramente, aponto alguns aspectos que motivaram a crítica a assumir uma perspectiva transnacional

da cultura, na região. E, em especial, demonstro como a criação de um imaginário articulado em torno da literatura gauchesca, promovido pela produção crítica, está associado a um dos mais expressivos aportes do pensamento crítico desenvolvidos na América Latina: o paradigma transcultural.

Para esse caminho, retomo o pensamento de alguns importantes pesquisadores: Gilberto Freire, Darcy Ribeiro, Fernando Ortiz, Picón Sallas, Antonio Candido, Angel Rama, Ana Pizarro, Tania Franco Carvalhal, mostrando como suas propostas confluíram na criação do paradigma da transculturação, proposta de leitura que tem sido a base da construção do imaginário da comarca pampeana. Percorrendo a genealogia desse pensamento, evidencio, na segunda parte do capítulo, como a trajetória investigativa de duas pesquisadoras brasileiras que têm se dedicado à literatura da região por mais de trinta anos, Ligia Chiappini e Léa Masina, estão a ele vinculadas. Considerarei importante ainda saber como críticos uruguaios e argentinos lidam com a literatura produzida no sul do Brasil, em seus vínculos com a região do Prata. Por isso, na terceira etapa deste capítulo, destaco a importância que o debate em torno da literatura gauchesca tem no âmbito da crítica hispano-americana e destaco alguns poucos textos que estabelecem vínculos entre a literatura produzida no Rio Grande do Sul e na região hispânica. Finalizo o capítulo, constatando a importância da abordagem transcultural como paradigma interpretativo, mas também apontando seus principais limites, postura que me exigiu uma reflexão acerca das possibilidades de abordagem do meu próprio processo interpretativo.

Ciente de que a relação estabelecida entre a perspectiva crítica adotada e o objeto de leitura (re)cria imaginários, conforme demonstro no primeiro capítulo deste trabalho, opto por retomar o pensamento crítico desenvolvido na América Latina a partir de outra linha de reflexão. Assim, buscando construir e situar meu lócus de enunciação enquanto leitora do imaginário crítico e da ficção de uma região cultural, desenvolvo o segundo capítulo da tese.

Nessa etapa, intitulada “Por um pensamento de fronteira – os lugares de onde falo, as fronteiras em que me situo”, reflito acerca das possibilidades de abordagem do meu processo interpretativo e, situando-me em um ambiente de profunda autocrítica e produtivo debate acerca da alteridade do pensamento crítico na América Latina,

sublinho a relevância da perspectiva aberta pelo grupo *Modernidad/Colonialidad* acerca de um *Pensamiento de frontera*. (MIGNOLO, 2000)

Considerando tal perspectiva de leitura como um discurso interepistêmico e ciente de que a relação entre a construção do lugar e a elocução tem sido uma das principais questões dos estudos de hermenêutica, julguei importante, no âmbito dessa tradição, orientar-me também pela perspectiva de Paul Ricoeur. Devido à natureza simbólica dos textos com os quais trabalho, fundamento-me, especialmente, nas reflexões do filósofo acerca das relações entre símbolo e discurso poético e, para isso, parto dos seguintes textos: *Teoria da interpretação* (1973/1996), *O problema da hermenêutica* (1988/2011), assim como por uma de suas últimas obras, *Memória, história, esquecimento* (2000). Posteriormente, no subcapítulo intitulado “A perspectiva decolonial na/da América Latina – o percurso de uma posição crítica”, percorro as reflexões do grupo *Modernidad/Colonialidad*. Recorro as suas fontes, suas principais propostas e conceitos a partir, especialmente, de duas obras que compilam e analisam seus trabalhos: *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica mas allá del capitalismo global* (2007), organizada por Santiago Castro Gómez e Ramón Grosfóguel e a outra, *Inflexión decolonial: fuentes, conceptos y cuestionamientos* (2010), organizada por Eduardo Restrepo e Axel Rojas. Considero ainda obras individuais que integram o pensamento dessa rede de investigadores, como as de Walter Mignolo (2003), Enrique Dussel (1999) Aníbal Quijano (1992) e Glória Anzaldúa (1987). Assim como a de outros pensadores/ras que, por caminhos diversos, buscam romper com a perspectiva de um universalismo abstrato, promovido ao longo da Modernidade. Nesse caso, no campo dos estudos feministas, destaco os trabalhos de María Lugones (2012), Margareth Rago (2008) e Cláudia de Lima Costa (2002).

Situada na tradição do pensamento crítico na América Latina, em especial em uma via de leitura aberta enquanto *Pensamiento de frontera*, e considerando o caminho de uma linha da hermenêutica literária, passo à terceira etapa desta tese.

A perspectiva decolonial, princípio do *Pensamiento de frontera*, configura-se como fundamento teórico que me mobiliza a uma leitura crítica mais abrangente e diversificada do imaginário da região e, por isso, oriento-me por ela para empreender a leitura da obra de Schlee.

Assim, no último capítulo, “Ficções schleerianas – *performance* autoral e criação de um espaço simbólico”, busco, a partir da leitura de parte significativa da obra do escritor fronteiriço Aldyr Garcia Schlee, entender e mostrar como ele, subvertendo imaginários dominantes da região, cria uma obra diversificada que bem evidencia a inviabilidade de se restringir a literatura de fronteira da região à literatura gauchesca. Na primeira etapa do capítulo em questão, cujo título é “Um território de fronteiras”, desenvolvo, mediante a leitura de uma seleção diversificada de narrativas ficcionais, uma reflexão acerca de dois princípios criativos na obra do escritor: um relativo à concepção de memória; o outro, à posição do narrador na ficção e sua relação com a construção de seu espaço simbólico. Posteriormente, em “O imaginário da prostituição, outra face da modernidade”, retomando um motivo temático recorrente na obra do escritor – a prostituição – e considerando, sobretudo, os aportes do feminismo da diferença, reflito acerca das relações que Schlee promove entre esse universo, as relações de poder estabelecidas no âmbito do sistema patriarcal da Modernidade e a concepção de seu espaço simbólico.

Finalizo, refletindo sobre a importância de promover a alteridade – interna e externa – do pensamento na/da América Latina como vias de leitura que viabilizam uma compreensão e a promoção da literatura e da cultura, em sua diversidade de imaginários. Ressalto ainda meu empenho em marcar também, na redação do trabalho, uma articulação textual detalhada de construção de meu *locus* de enunciação, opção discursiva que está associada a um princípio da perspectiva decolonial. Por esse viés, estimo evidenciar que “habitar” não se limita a uma referência de ordem territorial, geográfica, em que me localizo, mas, sobretudo, a uma delimitação do espaço epistêmico, fato que implica esclarecer, conforme faço, ao longo deste trabalho, quem imagina, o quê imagina, a partir de onde e por que o faz/faço.

É por esse viés que ressalto como a pluralidade da produção ficcional de Schlee, relacionada tanto às múltiplas inscrições sociais que ele integra ao texto quanto aos princípios de sua poética narrativa, mobilizam a atenção do leitor para as relações entre memória, espaço e a construção que dele fazemos.

CAPÍTULO 1

1. O Percurso de uma tradição crítica na América Latina e a Literatura de fronteira do Cone Sul - O imaginário da Comarca *pampeana*

*La modernidad no es renunciabile y negarse a ella es suicida;
lo es también renunciarse a sí mismo para aceptarla.*
(RAMA, 1982: 71)

O pensamento de Angel Rama², associado a reflexões teóricas de diferentes intelectuais, inaugura um paradigma epistemológico para pensar a integração da América Latina, a partir de desdobramentos transculturais que buscam incorporar e harmonizar a diversidade cultural e as especificidades sociais latino-americanas.

A apropriação do conceito de *transculturación*, do antropólogo cubano Fernando Ortiz³, para os estudos da literatura, é evidenciado e amplamente reconhecido no pensamento de Rama. Contudo, associados aos fundamentos advindos de Ortiz, encontram-se também princípios procedentes do pensamento de vários outros intelectuais latino-americanos, o que indicia uma tradição de pensamento na base do paradigma aberto por Rama.

Dentre as contribuições fundamentais ao pensamento do pesquisador uruguaio, cabe aqui inicialmente destacar as propostas do dominicano Pedro Henríquez Ureña⁴ e

² Refiro-me, especialmente, às seguintes obras do crítico: 1. RAMA, Ángel. *Los procesos de transculturación en la narrativa latino-americana*. En: Revista Hispanoamericana, n.5, abril de 1974. Venezuela, Universidad de Zulia, p. 48-71. 2. RAMA, Ángel. *Los gauchipolíticos rioplatenses, literatura y sociedad*. Buenos Aires: Calicanto, 1976. 3. RAMA, Ángel. *Transculturación narrativa en América Latina*. México: Ed. Siglo XXI, 1982. 4. RAMA, Ángel. *Ciudad letrada*. New Jersey, 1984.

³ Fernando Ortiz, em sua obra *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar* (1940), desenvolve o conceito de *transculturación* como um rico processo em que diferentes culturas fundem-se, criando novos fenômenos culturais. Tal conceito é integrado por Rama ao âmbito dos estudos literários a partir de *Transculturación narrativa en América Latina*. Nessa obra, o crítico uruguaio demonstra, a partir da leitura de narrativas literárias, que essa concepção das transformações culturais permite tanto perceber a cultura latino-americana em sua complexidade idiossincrática quanto a potencialidade criativa em que se move essa cultura.

⁴ Obras como *História de la cultura en la América hispánica* (1947) e *Corrientes literarias de la América hispánica* (1949) marcaram profundamente toda uma geração de intelectuais na América hispânica. Rama, junto à Biblioteca Ayacucho, da Venezuela, foi responsável pela compilação da obra de Ureña, *La utopia de América*. Dentre os artigos que integram a obra citada, está *Raza e cultura* (1934), no qual Ureña, salientando as diferenças existentes entre os diferentes povos que habitam a América hispânica, considera que, simbolicamente, o desenvolvimento de uma consciência de raça integrada em torno da

do venezuelano Picón Salas⁵, nem sempre reconhecidas pela crítica⁶. Do primeiro, Rama retoma o gérmen da concepção conciliatória para o entendimento da literatura e da cultura latino-americana; do segundo, o exemplo com que Salas, já em 1944, tomando por base o conceito de Ortiz, estuda as “mesclas” entre a cultura europeia e a indígena na formação de uma terceira, latino-americana, mestiça.

A partir do pensamento desses intelectuais, Rama, ampliando para a incorporação do Brasil, dá continuidade a uma proposta de integração da América Latina por meio de sua literatura e também da articulação de um pensamento crítico. Seus pressupostos teóricos e metodológicos para os estudos literários foram incrementados ainda pelos diálogos com pensadores brasileiros como Darcy Ribeiro e Antonio Candido, bem como pela retomada do pensamento de Gilberto Freyre. Das relações com Ribeiro e, especialmente com Freyre, Rama reafirma o conceito de áreas culturais, apresentado inicialmente em 1964⁷ e reiterado em *Transculturación Narrativa en América Latina* (1982).

Com base nos estudos das configurações histórico-culturais americanas desenvolvidos por Ribeiro⁸ e da profunda atenção ao regional e suas relações com as metrópoles, apontada pelos estudos de Freyre⁹, Rama sustenta seu conceito de comarcas

língua espanhola, possibilitaria uma síntese harmoniosa no âmbito cultural, perspectiva que, ampliada, seria também assumida por Rama.

⁵ PICÓN SALAS, Mariano. De lo europeo a lo mestizo: las primeras formas de transculturación. In: *De la Conquista a la independencia - tres siglos de historia cultural hispanoamericana*. México: Fondo de Cultura Económica, [1944], 1985, p. 84-85.

⁶ Dentre os trabalhos que apontam a importância do pensamento de diferentes intelectuais no pensamento de Rama, destaco: MORAÑA, Mabel (org.) Ángel Rama y los estudios latinoamericanos. Pittsburg, Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, 1997. Os resultados dos trabalhos doutorais desenvolvidos na Universidade de São Paulo em 2005 e 2006, respectivamente: CUNHA, Roseli Ramos. *Transculturación narrativa: seu percurso na obra crítica de Ángel Rama*. São Paulo: Humanitas Editorial, 2007; ROCCA, Pablo. *Ángel Rama, Emir Rodríguez Monegal y el Brasil: dos caras de un proyecto latinoamericano*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2006. Disponível em www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8145/tde-10082007-151634. Acesso em janeiro de 2013.

⁷ No artigo denominado *Diez problemas para el novelista latinoamericano*, publicado em 1964 e reeditado em *La novela latino-americana, 1920-1980* (1982), Rama já apresenta o conceito de comarca cultural.

⁸ Ver: Darcy Ribeiro. Durante o exílio de Ribeiro no Uruguai, Rama publicou um livro lançado pelo intelectual brasileiro nos EUA *The culture – historical configurations of the American people – 1970*, sob o título de *Configuraciones histórico-culturales americanas*. Montevideo: Centro de estudios latinoamericanos, 1972, cuja edição no Brasil foi lançada em 1975. A referida obra em espanhol contém dois ensaios de Ribeiro: *Las Américas y la civilización* (1970) e *El proceso civilizatório* (1964), bem como comentários de diferentes intelectuais acerca da obra do autor.

⁹ O manifesto de Freire, *Regionalista, tradicionalista a seu modo Modernista* (1926) bem como os estudos desenvolvidos em *Casa grande e senzala* (1933) são amplamente comentados e seus argumentos em torno do regional são incorporados à fundamentação de Rama para a valorização das regiões na América Latina como um todo. _____ (1952) "Manifesto Regionalista de 1926". *Boletim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais*. Recife, v.1, n.1:21-43. Texto disponível na Biblioteca Virtual

culturais bem como sua conjugação na formação da América Latina de modo mais orgânico. Atento às considerações de Freyre em seus estudos do regional, o crítico uruguaio não deixa de chamar a atenção também para a diversidade cultural no interior da nação, ao sugerir o vínculo de uma mesma nação a diferentes “comarcas culturais”. Para entender a cultura e a literatura em especial, no âmbito das comarcas, Rama recorre ainda ao conceito de sistema apontado por Candido, uma vez que, já em sua obra clássica, *Formação da literatura brasileira*, de 1957¹⁰, o pensador brasileiro havia logrado interpretar o momento formativo da literatura brasileira como integração de um sistema literário específico. Tomando como exemplo o trabalho de Candido, Rama observa que as “culturas internas” podem ser entendidas por suas relações com os influxos das metrópoles, mas pensa:

... que también puede ser contada a través de los diferentes sistemas literarios que se utilizaron para esos fines y sus fuentes originarias, procurando correlacionar estas tres partes: los asuntos, la cosmovisión y las formas literarias”. (RAMA, 1988: 34)¹¹

Articulando e desenvolvendo diferentes conceitos, não só precedentes da América Latina, mas também da Europa¹², o pensamento de Rama introduz um olhar crítico complexo, pois, sem desconsiderar o interior do espaço, da história e do imaginário da nação, nem tampouco seus vínculos com as metrópoles, Rama entende as

Gilberto Freyre, acessado em: 25 de maio de 2014. A obra de Freyre foi também publicada pela Biblioteca Ayacucho, dirigida por Rama, com o prólogo assinado por Darcy Ribeiro. FREYRE, Gilberto. Casa Grande y Senzala. Caracas: 1977.

¹⁰ Candido, em *Formação da literatura brasileira*, manifesta o que concebe por sistema no âmbito da literatura “um sistema de obras ligadas por denominadores comuns que permitem reconhecer as notas dominantes duma fase” (CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. São Paulo: Martins editora, 1962, p. 23). O pensamento de Ángel Rama está vinculado a pressupostos metodológicos desenvolvidos por Antonio Candido não somente no que se refere à concepção de literatura como sistema, mas também à abordagem crítica dos textos literários do crítico brasileiro. Ver: RAMA, Ángel. *Transculturación narrativa en América Latina*, p.11.

¹¹ Em artigos publicados no início dos anos sessenta, Rama já trata do conceito de sistema, relacionando-o a problemáticas da literatura uruguaia. Ver Tese de Rocca, p. 151. Também em seus estudos sobre o Modernismo na América hispânica, na metade dos anos setenta, Rama havia incorporado o conceito de sistema, conforme se pode constatar na citação: “Una literatura es entendida aquí, no como una serie de obras de valor sino como un sistema coherente con su repertorio de temas, medios expresivos, vocabularios, inflexiones lingüísticas, con la existencia real de un publico consumidor vinculado a los creadores, con un conjunto de escritores que atienden las necesidades de ese publico y que por lo tanto, manejan los grandes problemas literários y socio-culturales”. RAMA, A. *Rubén Darío y el modernismo*. Caracas: Ediciones UCV, 1975, p.11. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/184102364/Ángel-Rama-Ruben-Dario-y-El-Modernismo>. Acessado em: 15 de julho de 2014.

¹² Para uma abordagem acerca da influência da Escola de Frankfurt e do Marxismo no pensamento de Rama, ver a entrevista concedida por ele a Jesús Díaz Caballero: Ángel Rama o la crítica de la transculturación (Una entrevista). In: MORANÁ, Mabel (org.). *Ángel Rama y los estudios latinoamericanos*. Pittsburg: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, 1997.

relações de contato cultural para além desses limites, ao propor uma leitura a partir de “comarcas culturais”.

Assim, para além das noções hegemônicas de nação, a concepção de “comarca cultural” proposta por Rama revela um olhar crítico e mobilizador da transitividade entre a cultura de várias nações cujas regiões são reconhecidas em seus valores, crenças, experiências culturais e estéticas similares.

Conforme busquei evidenciar, o diálogo crítico estabelecido com diferentes pensadores propiciou a Rama a elaboração de um método de leitura que ele denominou *transculturación narrativa*. O encontro do crítico uruguaio com os dois intelectuais brasileiros já citados, Darcy Ribeiro e Antonio Candido, favoreceu a retomada, a articulação e a ampliação de reflexões desenvolvidas por pensadores da América hispânica e brasileira, como aponta recentemente Flávio Aguiar.¹³ Desde então, o paradigma transculturador promovido por Rama¹⁴ vem sendo tomado como categoria de interpretação não somente da literatura, mas da cultura latino-americana de modo geral.

No que se refere aos seus estudos acerca da “comarca literária do pampa”, foco de meu interesse, cabe destacar que, já em trabalho anterior, Ángel Rama, especialmente em seus estudos relacionados à gauchesca, desenvolve a base para a adaptação da ideia de transculturación, ao pensar a região, o que mais tarde ele ampliaria, em *Transculturación narrativa en América Latina*, tornando-a categoria central em seu pensamento crítico, conforme apontei anteriormente.

Em *Los gauchipolíticos rioplatenses* (1976), o sistema em foco, objeto de sua leitura, está duplamente indiciado já no título. Rama compõe a obra a partir da junção de um conjunto de artigos, cujo centro de reflexão se dá em torno da literatura tradicional; também se limita a tratar da gauchesca, a partir da literatura na Argentina e no Uruguai. Observo que, apesar de ser dedicado leitor da literatura brasileira e de possivelmente conhecer a obra de Simões Lopes Neto¹⁵, Rama não a considera, nesse

¹³ AGUIAR, Flávio. Ángel Rama e Antonio Candido - de um encontro feliz a uma nova realidade crítica na América Latina. In: AGUIAR, Flávio; RODRIGUES, Joana. *Ángel Rama: um transculturador do futuro*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013, p. 33-45.

¹⁴ Importante destacar o papel da Biblioteca *Ayacucho*, na Venezuela, dirigida por Ángel Rama, onde ele leu, publicou, divulgou e aproximou-se de muitos escritores latino-americanos.

¹⁵ Dado considerado a partir da lista do acervo de obras brasileiras que integram a biblioteca de Rama. Tal lista pode ser lida em um dos anexos da tese de doutorado de Pablo Rocca, p. 473-474.

momento, em seus estudos. Somente em ampliação desse sistema literário para a inclusão da região sul do Brasil, como bem acentuaria *Transculturación narrativa en América Latina*, em que ele viria a propor a relevância da relação entre literatura e tradição cultural a que um texto pertence.

Com relação a essa retomada e a esse avanço acerca da literatura regional, por parte de Rama, cabe observar a relevância do pensamento de Antonio Candido em torno desse tema, a partir de meados dos anos setenta. *Literatura e subdesenvolvimento* (1964) é considerado um dos trabalhos mais significativos para o estudo da formação da literatura moderna na América Latina¹⁶. A publicação desse artigo em *América Latina en su Literatura* (CÉSAR MORENO, 1972)¹⁷ foi fundamental para a crítica latino-americana, uma vez que a relação estabelecida por Candido entre “país jovem - país subdesenvolvido” e a necessidade de uma “autoconsciência” dessa condição para sua superação propiciou um modo de se entender historicamente a literatura dessa região.

Para Candido, o analfabetismo, a debilidade cultural e a falta de urbanização, entre outras marcas da condição de subdesenvolvimento, atuavam na consciência do escritor e em seu processo criativo e, portanto, tal situação deveria ser considerada para se estudar a literatura latino-americana. Tal fundamento levou Candido a propor uma retomada dos estudos das literaturas regionais que então eram indiscriminadamente vistas como uma literatura conservadora, fechada e sem grande valor estético.

Entender essa persistente tendência literária em suas variantes em toda a América Latina, para o crítico brasileiro, implicava vê-la dentro das condições de subdesenvolvimento de determinadas regiões e, por sua vez, um modo de atuar para sua superação. Assim, segundo Candido, o regionalismo tradicional “pitoresco e decorativo”, de uma primeira fase do regionalismo, expressava uma “visão do atraso”;

¹⁶ Dentre outras avaliações acerca da importância capital desse texto, destaco a leitura de Augustín A. Martínez, que realiza uma apreciação da importância do pensamento de Candido para a construção do pensamento latino-americano. Ver: MARTINEZ, Augustín. Radicalismo e Latinoamericanismo. In: D'INCAO, Maria Estela & SCARBATOLO, Eloisa (orgs.) *Dentro do texto, dentro da vida* - Ensaios sobre Antonio Candido. São Paulo: Companhia das Letras, Instituto Moreira Sales, 1992, p. 297-318.

¹⁷ O tema desse texto foi sugerido a Candido por Rama para uma obra sobre a América Latina, apoiada pela UNESCO, que estava sendo preparada. Primeiramente, contudo, o texto acabou sendo publicado em uma revista francesa, 1964, e, posteriormente integrou a edição de *América Latina en su Literatura*, organizado por Fernández Moreno, em 1972. Nesse trabalho recorro à edição brasileira da obra, de 1979.

uma segunda fase, considerada por ele como um regionalismo problemático, poderia ser percebida em textos que expressavam uma consciência da crise, tal como visto no romance social, indigenista, romance do nordeste e outras nomenclaturas recebidas de acordo com o país em que surgiram. Esses, focalizando o homem pobre, degradado, como consequência da espoliação econômica, e refratário ao progresso, colaboravam para desmistificar a realidade americana. Para finalizar, Candido apontava uma terceira fase, concebida como super-regionalista. Nela, uma consciência dilacerada do subdesenvolvimento, assumida por alguns escritores, poderia ser visualizada na integração de elementos regionais a experimentações com a linguagem que atuavam na transfiguração do material nativista, conformando, assim, uma literatura de valor universal. Os exemplos dessa última variação do regionalismo poderiam ser acompanhados, segundo Candido, na literatura de Guimarães Rosa, Juan Rulfo, Roa Bastos, José Maria Arguedas, entre outros.

Assim, para Candido, o regionalismo, vinculado às condições de subdesenvolvimento, era entendido como um processo de formação da literatura na América Latina e a etapa do que ele concebeu como super-regionalismo, ainda que a ela não haja referências na obra de Rama, pode ser vista como uma categoria que prefigura o conceito de transculturação idealizado pelo crítico uruguaio¹⁸. Por esse caminho de reflexão, pretendo entender e demonstrar como é gestada uma comunidade intelectual.

Retomando a obra de Rama, *Transculturación narrativa en América Latina*, observo como o crítico uruguaio trata a questão regional em uma mais profunda complexidade. No capítulo intitulado "Regiones, Culturas y Literaturas", Rama, ao tratar da unidade da América Latina como um projeto intelectual fundado sobre bases históricas, de língua e comportamento semelhantes, aponta a diversidade do continente, a qual, para ele, reside em três níveis: o primeiro, pela construção dos estados nacionais; o segundo, apontado como "más robusto e veladero", marcado pela existência de regiões culturais e até de sub-regiões no interior da nação; e o terceiro, em que estas "regiones pueden encabalgarse asimismo diversos países contiguos o recortar dentro de ellos áreas con rasgos comunes". (RAMA, 1988: 58) Em sua apreciação, essas

¹⁸ Perguntado sobre se a noção de super-regionalismo poderia ser considerada uma prefiguração de transculturação, Candido responde que Rama soube dar uma formulação mais completa e elucidativa de um problema que ele procurou caracterizar. Ver: Tese de Pablo Rocca, obra citada. Anexo III, intitulado Experiência hispanoamericana de Antonio Candido. Entrevista, p. 465.

condições possibilitam um segundo mapa latino-americano, inclusive, mais verdadeiro que o oficial. Para exemplificar, o crítico uruguaio chama atenção para o fato de que “el estado do Rio Grande do Sul, brasileño, muestra vínculos mayores con el Uruguay o la región pampeana argentina que con Mato Grosso o el nordeste de su próprio país”. (RAMA, 1988: 58)

Considero que foi, sobretudo, sob a influência desse paradigma epistemológico que se desenvolve a releitura da literatura produzida na região compartilhada pelo sul do Brasil, Uruguai e parte da Argentina. O estudo de um sistema de literatura da fronteira do Cone Sul, sob o designo de “comarca *pampeana*”, conforme nomeou Rama, passa a orientar pesquisadores, especialmente brasileiros, a partir da década de oitenta.

Voltando-me para os estudos de literatura de fronteira da região sul, no âmbito da crítica brasileira, destaco que houve iniciativas pioneiras no início do século XX para as relações entre a literatura produzida em parte do Rio Grande do Sul com a literatura da região do Prata. Nesse sentido, cabe destacar os trabalhos inaugurais de João Pinto da Silva (1924) e Guilhermino César (1956), que apontavam a significativa presença hispânica no povoamento, na história e nas relações culturais da região do sul do Brasil. Tal perspectiva, contudo, não obteve atenção por parte da crítica nacional e, no âmbito do estado, foi negada pela crítica predominante.

Foi em meados dos anos oitenta, sobre essa base de estudos e, especialmente, sob o impacto do pensamento *transculturador* de Ángel Rama, que diferentes pesquisadores/as empreenderam a leitura e a releitura das literaturas regionais do Rio Grande do Sul¹⁹ e, em especial, tomaram fôlego os estudos da relação dessa literatura com a literatura desenvolvida no Uruguai e na Argentina.

Cabe também destacar o impulso recebido a partir do desenvolvimento dos estudos de Literatura Comparada no Brasil, uma vez que muitos pesquisadores ligados à abordagem comparatista, atentos à proposta epistemológica sugerida por Rama, passam gradualmente a considerar suas reflexões na direção de uma abordagem comparatista da cultura latino-americana.

¹⁹ Dentre os estudos regionais sobre o Rio Grande do Sul, devido à forte presença da imigração alemã, italiana, polonesa, entre outras, o conceito de regiões culturais de Rama tem sido um importante paradigma. Alguns trabalhos têm sido desenvolvidos à luz desse paradigma, como é o caso do estudo de BONIATTI, Ilva. *As regiões culturais na Literatura do Rio Grande do Sul*. ANAIS XI Congresso da ABRALIC, 13 a 17 julho 2008.

Questões como as destacadas pelo crítico uruguaio, acerca da possibilidade de se pensar a multiplicidade de registro do continente, a diversidade no interior da própria nação e os vínculos culturais de regiões para além dos limites e/ou continuidades das nações instituídas apontam novos horizontes para os estudos comparatistas na América Latina.²⁰

Buscando delinear a importância dos estudos comparados e da perspectiva transculturadora de Rama para os estudos da literatura da região sul, destaco um caminho entre a fundação da Associação Brasileira de Literatura Comparada - ABRALIC - e a revitalização dos estudos da literatura da região sul, por parte da crítica literária brasileira.

Meu percurso de leitura, assim, elege o trabalho crítico e organizativo de Tânia Franco Carvalhal, primeira presidente da ABRALIC, a fim de entender o desenvolvimento de uma perspectiva comparada latino-americanista nos estudos da literatura brasileira e, especialmente, perceber a relação dessa abordagem sobre os estudos da literatura da região sul, a partir de meados dos anos oitenta.

Com esse objetivo, posteriormente, apresento também a trajetória investigativa de duas pesquisadoras cujos estudos concentram-se por quarenta anos na literatura da região sul: Léa Masina e Ligia Chiappini. Meu propósito é duplo: conhecer o imaginário ficcional da região, a partir das leituras realizadas pelas duas pesquisadoras, e conhecer os fundamentos epistemológicos que apoiam tais leituras. Por esse viés, demonstro a perspectiva inicial e a transformação da abordagem crítica das duas pesquisadoras acerca da ficção da região sul e busco entender como a releitura que ambas empreendem dessa ficção, a partir dos anos noventa, atuou no fomento de um imaginário da literatura de fronteira do Cone Sul. Nesse processo, pretendo, assim, colocar em evidência os fundamentos epistemológicos de suas leituras, suas contribuições bem como os limites de suas abordagens para uma visão heterogênea da literatura de fronteira na contemporaneidade.

²⁰ Em relação a esse tópico vale considerar a apreciação de Eduardo Coutinho acerca da importância dos estudos comparados na América Latina. Ver: Coutinho, Eduardo. Sentido e função da Literatura Comparada na América Latina. In: _____. *Literatura Comparada na América Latina - Ensaio*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2003, p. 11-29.

O trabalho precursor de Tania Franco Carvalhal, sobretudo a partir da organização do primeiro Seminário Latino-Americano de Literatura Comparada²¹, e a consequente fundação da Associação Brasileira de Literatura Comparada podem ser tomados como marcos da iniciativa de pensadores brasileiros para o fomento sistemático de uma perspectiva crítica comparatista da literatura latino-americana.

As presenças de expoentes como Ana Pizarro e Antonio Candido na fundação da ABRALIC, associadas aos debates que, na ocasião, se deram²², sinalizam a abertura dos estudos comparatistas no Brasil para a literatura produzida no continente latino-americano. As palavras de Pizarro por um “comparativismo descolonizado” (PIZARRO, 1986: 7), proferidas na ocasião, evidenciam sua sintonia com o pensamento de Candido, quando esse considera que pensar o Brasil e sua relação com a hispano-américa “fundamenta-se em problemas de natureza político-ideológica”.²³

Se a origem do comparativismo no Brasil é marcada pelo confronto difuso entre a literatura das metrópoles europeias e a colônia, no âmbito de uma relação dicotômica e hierárquica²⁴, com a institucionalização da disciplina de Literatura Comparada na Universidade de São Paulo, em 1962, por Antonio Candido²⁵, inicia-se não só a repensar os métodos de análise, mas também o próprio objeto literário. Contribuições de outras áreas dos estudos linguísticos e literários, como o conceito de texto, de

²¹ No âmbito do XI Congresso da Associação Internacional Literatura Comparada, na *Place de la Sorbonne*, em agosto de 1985, os pesquisadores brasileiros presentes dispuseram-se a sediar o I Seminário Latino-Americano de Literatura Comparada, realizado entre os dias 9 e 10 de setembro de 1986, em Porto Alegre. Dentre as propostas do evento, estava prevista e efetivou-se a criação da Associação Brasileira de Literatura Comparada. Dados pesquisados em www.abralic.org.br

²² Ver: ANAIS DO 1º. SEMINÁRIO LATINO-AMERICANO DE LITERATURA COMPARADA. Porto Alegre: UFRGS, 1986. 3v.

²³ Já na obra *Literatura latinoamericana como proceso*, organizado por Pizarro em 1985, no capítulo intitulado “Exposición de Antonio Candido”, o crítico brasileiro manifestava que “... en este equipo debemos insistir en incluir el Brasil, no solamente para completar el panorama, sino también por motivos de naturaleza político-ideológico, en el sentido más amplio...”. (p.78)

²⁴ Wander Miranda e Eneida Souza, ao traçarem um histórico do comparativismo no Brasil, destacam que iniciativas comparatistas podem ser vistas já no período romântico, no afã de afirmar uma literatura nacional frente à portuguesa. Contudo, para eles, as primeiras experiências significativas da área são as empreendidas por Eugenio Gomes, Augusto Meyer e Otto Maria Carpeaux, entre as décadas de 1940 e 1950. SOUZA, Eneida; MIRANDA, Wander. *Perspectiva da Literatura Comparada no Brasil*. In: CARVALHAL, Tania Franco (org.). *Literatura comparada no mundo: questões e métodos*. Porto Alegre: L&PM/VITAE/AILC, 1997, p. 40.

²⁵ Convém observar que Antonio Candido e Ángel Rama, que haviam se conhecido em Montevidéu, no final dos anos 60, participaram do Encontro Internacional de Literatura em Gênova, 1965, e, em 1973, compartilharam uma mesa de trabalho no Encontro Internacional de Literatura Comparada, no Canadá, conforme informa Candido na entrevista concedida a Pablo Rocca, anexa à tese doutoral do pesquisador uruguaio, p. 462. Destaco que a relação entre os pesquisadores foi fundamental não só para a integração e a articulação de conceitos, mas também para a divulgação dos mesmos no âmbito brasileiro.

intertextualidade e de recepção foram incorporadas e desenvolvidas pela disciplina, fazendo com que as antigas noções de fonte e influência começassem a ser repensadas. Contudo, se o olhar historicista sobre o objeto buscava reorientar-se, o *corpus* eleito para os estudos comparados no Brasil seguiu predominantemente marcado pela presença de textos brasileiros e europeus e/ou norte-americanos.

Por isso, segundo a avaliação de Carvalho, no balanço que faz dos dez anos de trabalhos desenvolvidos pela Associação, no Brasil, a importância do I Seminário Latino-Americano de Literatura Comparada para a fundação da ABRALIC reside nos seguintes termos:

consolidado que estava o hábito comparatista de confrontar literatura brasileira com as europeias, faltava no Brasil multiplicar os campos de atuação comparatista em novos contextos, pois isso permitiria a construção de um novo objeto e a consequente redefinição da própria disciplina (CARVALHAL, 1996 : 2)

Assim, a criação da ABRALIC, no âmbito de um seminário latino-americanista, propiciou um conhecimento mais amplo do comparativismo que se desenvolvia tanto no Brasil quanto em outros países da América Latina, segundo Carvalho. No que se refere aos estudos comparatistas no Brasil, esse momento revelou, para a pesquisadora, a necessidade de sistematização de posições teóricas e metodológicas dos estudos comparatistas praticados em distintas universidades brasileiras. Além disso, em um plano mais geral, o evento “apontava para a construção de um novo objeto teórico constituído das diversas literaturas nacionais do continente”. (CARVALHAL, 1996 : 4)

A afirmação da ABRALIC, contudo, viria não só com o reconhecimento que ela adquire enquanto perspectiva de estudos no âmbito das universidades brasileiras, mas também por sua capacidade de organizar e promover encontros e intercâmbios e de produzir e fomentar publicações que colaborassem para uma produção sistemática da área, alertava Antonio Candido durante o I Congresso da ABRALIC, realizado em 1988, também sob a organização de Carvalho.

Em reflexão acerca desse I Congresso, Carvalho chama atenção para a quantidade de trabalhos apresentados, publicados em três volumes, aliada à participação não só de brasileiros, mas também de “comparatistas portugueses, franceses, norte-americanos, alemães, italianos, canadenses, belgas e espanhóis” que, impressionados

com o vigor dos estudos comparados no Brasil, passam a participar de outros eventos nacionais²⁶.

A mim interessaria rastrear trabalhos de cunho latino-americanista, desenvolvidos por participantes brasileiros e de outras procedências nos anais da ABRALIC. Afinal, se “a ênfase no contexto latino-americano era estratégica” para o desenvolvimento de uma perspectiva comparatista latino-americanista, conforme apontou Carvalho no momento da fundação da Associação (CARVALHAL, 1996: 2), seria oportuno acompanhar como essa proposta tem se dado ao longo da história da Associação nas diferentes tendências comparatistas que ela abriga. Com relação às tendências, aos intercâmbios e aos múltiplos caminhos de leitura que o comparativismo permite, cabe destacar que, no mesmo ano de 1996, durante o V Congresso da ABRALIC, instaurou-se uma polêmica entre os pesquisadores em torno das relações entre Literatura Comparada e Estudos Culturais, tema, aliás, que seria enfrentado no congresso seguinte, de 1998: “Literatura Comparada = Estudos Culturais?”.

Não me proponho aqui a pensá-los como campos disciplinares nem tampouco ater-me às possíveis inter-relações entre a Literatura Comparada e os Estudos Culturais,²⁷ mas manifesto minha atenção para considerar o trânsito de princípios, conceitos e teorias que possam ter sido incorporados por Carvalho em seus trabalhos para pensar a América Latina.

Assim, restrinjo-me a percorrer o pensamento de Carvalho e sua contribuição para os estudos da literatura de fronteira do Cone Sul. Com tal propósito, após um primeiro levantamento de textos da pesquisadora, mais diretamente dedicados à relação do Brasil no âmbito da América Latina, elenco um conjunto bibliográfico²⁸ que aqui

²⁶ Convém observar que, na década de oitenta, o caráter universalizante do pensamento estruturalista é posto em xeque por diferentes tendências críticas, sobretudo pelo Desconstrucionismo. Ao que se refere ao Brasil, considero que com muita frequência, como sinaliza E. Coutinho, “o hábito de se importar teorias sem consciência das diferenças contextuais permanece vivo até hoje”. (COUTINHO, 2003: 118)

²⁷ VER ANAIS VI CONGRESSO ABRALIC, 1998. Nos anais do referido Congresso, há uma reflexão acerca da importância do Desconstrucionismo e do Pós-Estruturalismo, desde os anos setenta, para uma reestruturação da Literatura Comparada. Também destaco o apontamento de Eduardo Coutinho relativo à importância de conceitos como intertextualidade, enquanto perspectiva de revitalização e iluminação do texto primeiro bem como a diferença gerada pela criação do segundo, para a revalorização da literatura na América Latina. Ver: COUTINHO, 2003:20.

²⁸ Das obras em que Carvalho trata das relações da cultura e da literatura do continente latino-americano, e as quais pretendo revisar, destaco:
1. CARVALHAL, Tania Franco. Comunidades interliterárias e relações entre literaturas de fronteira. In.: ANTELO, Raul. *Identidade e representação*, Florianópolis: UFSC, 1994.

será tomado, inicialmente, a partir de dois trabalhos que julgo conterem algumas das principais linhas sugeridas e tratadas pela pesquisadora nos estudos da América Latina a partir da Literatura Comparada.

Um dos primeiros textos que destaco é o volume *O discurso crítico na América Latina* (1996), organizado por Carvalhal, uma vez que a obra reforça o lugar ocupado pela autora como mobilizadora das relações entre pesquisadores que se dedicam aos estudos da América Latina. A obra resulta de trabalhos apresentados por pesquisadores brasileiros e hispano-americanos durante o Colóquio, de mesmo nome, ocorrido em Porto Alegre, no ano de 1995.

Conforme aponta Carvalhal, no texto de apresentação à obra, “constitui-se na primeira iniciativa para a concretização do projeto de investigação integrada, designado “Literatura Comparada no Cone Sul”, no qual estão diversos pesquisadores” (CARVALHAL, 1996:s/n) de universidades brasileiras e dos países vizinhos.

A estudiosa observa que o projeto tem em sua base duas realidades: uma, que se desprende da necessidade de formação de “comunidades solidárias”, cuja organização, para além de elos linguísticos ou de uma mesma fundamentação ideológica, orienta-se, entre outros motivos, por interesses de ordem política e econômica. Nesse aspecto de internacionalização, Carvalhal destaca tanto o surgimento do MERCOSUL quanto as constantes práticas ocorridas nas fronteiras, como o contrabando, a migração e o intercâmbio cultural entre os países vizinhos. E a segunda, que favorece um projeto de integração, para a pesquisadora, é de ordem temporal. O final do milênio, segundo Carvalhal, mobiliza a pensar no futuro, tomando como parâmetro o passado. Nesse

2. _____. Dez anos de ABRALIC (1986-1996): elementos para sua história. *Organon*, vol. 10, no. 24. Porto Alegre: UFRGS, 1996.

3. CARVALHAL, Tania Franco. A tradição discursiva na América Latina e a prática comparatista. In: BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva. *Literatura Comparada: teoria e prática*. Porto Alegre: Sagra, 1996, p. 198-207.

4. _____. *O discurso crítico na América Latina*. Porto Alegre: IEL, São Leopoldo: UNISINOS, 1996.

5. CARVALHAL, Tania Franco. Limiares culturais: as complexas relações sul/sul. *Revista Iberoamericana LXIV*. Nums. 182-183, Enero-Junio Pittsburg, USA, 1998, p. 97-106.

6. CARVALHAL, Tania Franco. O comparatismo nas fronteiras da crítica e a crítica de fronteiras. *Caderno de Letras*, vol. 1, n.7, Universidade Federal de Pelotas, RS, 1999, p.13-24.

7. _____. Lugar e função da literatura comparada nos processos de integração cultural. *Glauks Revista de Letras e Artes*. Viçosa, Minas Gerais, v. 3, n.4, 2000.

8. _____. *Periodização e regionalização literárias*. In.: _____. *O próprio e o alheio*. São Leopoldo: Unisinos, 2003, p. 109 -124.

9. _____. Fronteiras da crítica e crítica de fronteiras. In: *O próprio e o alheio*. São Leopoldo: Unisinos, 2003, p. 153-183.

sentido, “Na era da globalização que caracteriza este final de século, quer-se pensar a América Latina como contexto cultural integrado numa ordem mundial, mas quer-se, igualmente, revisar as relações internas entre os países que integram essa designação”. (CARVALHAL, 1996: s/n)

Sob essa base, o conjunto de trabalhos que integra a obra trata da cultura e da literatura latino-americana desde diferentes ângulos. Nesse sentido, mantendo meu foco, retomo aqui, apenas, alguns artigos do referido livro. Interessa-me especialmente ressaltar os trabalhos de Léa Masina - Universidade Federal do Rio Grande do Sul - “Crítica literária e contingência histórica: o caso Alcydes Maya” e dos pesquisadores argentinos Zulma Palermo - Universidad de Salta - “El presente de la crítica en América Latina” e “La resistencia de lo imaginario: reflexiones sobre la naturaleza de la identidad”, de Ricardo Kaliman - Universidad Nacional de Tucumán - que, aqui expostos em linhas gerais, serão retomados ao longo deste capítulo.

No caso do artigo de Masina, interessa-me, sobretudo, porque ela realiza uma leitura da obra crítica do ficcionista sul-rio-grandense Alcydes Maya, a partir do conceito de transculturação. Para a pesquisadora, Maya, de modo singular frente à hegemonia da crítica literária brasileira que tendia a princípios e métodos de fundamentos deterministas para avaliar a ficção brasileira, atua com vistas principalmente à formação do gosto. Com tal propósito, Maya teria atuado como intermediador “dessa visada gaúcha aos cânones da cultura ocidental”. (MASINA, 1996: 224) Repudiando tanto a crítica quanto as criações imitativas de estrangeiros, segundo Masina, o escritor promovia um trabalho crítico que tendia a contribuir para uma consciente valorização do elemento popular na literatura. Agrega Masina que, assim como Benedetti avaliou em outros ficcionistas latino-americanos, para Maya, também era necessário “a *passagem obrigatória pela comarca para chegar ao mundo*”. (MASINA, 1996:226, apud BENEDETTI, p. 363)

No que se refere aos artigos dos críticos argentinos, minha escolha deve-se ao fato de que ambos chamam a atenção sobre um problema de ordem epistemológica, que permeia o evento: “El de la ilusión de que todos hablamos de lo mismo cuando decimos crítica literária latino-americana”. (KALIMAN, 1996:124)

Por esse viés e em diálogo com o exposto na abertura, por Carvalhal, os dois críticos argentinos alertam para a diversidade de tendências dentro do que se pode chamar crítica literária latino-americana. Palermo, colocando-se em “un espacio de sospecha” frente ao pensamento pós-moderno, propõe-se a pensar “desde los contradiscursos latino-americanos no hegemônicos”. (PALERMO,1996:25) Kaliman, por sua vez, considerando que os investigadores das diferentes comunidades intelectuais muitas vezes transitam suas pesquisas por mais de uma comunidade crítica, propõe que, para o bom andamento dos propósitos do evento, haja uma atitude de desnudamento dos princípios epistemológicos que orientam cada trabalho. Afinal, para ele, é a partir de um diálogo que “la conciencia de la diferencia ayuda a aceptarla”. (KALIMAN, 1996:125)

Assim, na condição de responsável por comentar o trabalho apresentado por Raul Antelo, da Universidade Federal de Santa Catarina, no evento, Kaliman opta por destacar os aportes e as limitações da leitura apresentados pelo professor da UFSC. Dentre seus apontamentos, Kaliman valoriza a pertinência do trabalho apresentado, ao tratar do conceito de identidade para estudar a formação do cânone literário na América Latina. Contudo, o pesquisador faz três observações: a supervalorização do conceito de “comunidade imaginada” enquanto construção do poder do estado e das elites intelectuais e sua relação com a identidade nacional; os limites do conceito de transculturação, em que Antelo fundamenta seus estudos, para o estudo da diversidade das práticas culturais e, finalmente, o risco de se tomar a identidade nacional como paradigma de uma identidade geral, sobretudo quando se estabelece o par cânone-contracânone, conforme o faz o pesquisador da UFSC. Assim, destacando sua própria comunidade crítica imaginada, Kaliman, tal qual fez Palermo, observa sua posição enquanto crítica anti-hegemônica à tradição de um discurso único na América Latina.

Outro trabalho de Carvalhal, também lançado no ano de 1996, é o artigo "A tradição discursiva na América Latina e a prática comparatista".²⁹ Nele, a pesquisadora parte de uma reflexão de Jorge Luis Borges³⁰ acerca da incomunicabilidade entre os latino-americanos e a implicação desse desconhecimento na imaginação e nas representações mediadas pelo olhar europeu a nosso respeito. Comparando a reflexão do

²⁹ In: BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva. *Literatura Comparada: teoria e prática*. Porto Alegre: Sagra, 1996, p. 199-207.

³⁰ BORGES, Jorge Luis. El otro Whitman (1929). In _____. *Discusión*, 1932. *OBRAS COMPLETAS*. Barcelona: 1989, p.206 -208.

narrador borgeano e as propostas do crítico brasileiro Tasso da Silveira, em *O destino da América Latina* (1922), a pesquisadora põe em evidência não só a consciência mútua da falta de comunicação, mas também as propostas, por parte do crítico, para superá-las. Considerando Silveira um precursor dos estudos comparatistas, tanto pela abordagem apresentada no referido texto quanto pela criação do primeiro *Manual de Literatura Comparada* (1964) no Brasil, Carvalhal elenca três aspectos apontados pelo autor para promover a integração latino-americana, a que o narrador borgeano reclama: “a necessidade de um conhecimento recíproco; a necessidade de distinção entre nossas particularidades e aquelas que pertencem à tradição europeia” e, finalmente, o “encontro de interesses comuns para que se efetivem ações conjuntas”. (CARVALHAL, 1996: 200)

A partir dessa retomada, Carvalhal busca não só revelar a atualidade do pensamento comparatista de Silveira, mas evidenciar a contribuição que os estudos comparatistas podem dar à integração cultural, uma vez que “não são outros os objetivos a que nos temos proposto para reconhecer os problemas centrais das relações culturais entre os países do Cone Sul e para remapeá-las em perspectiva transnacional”. (p. 200)

Objetivos que, de acordo com Carvalhal, estão na base do projeto de investigação *Literatura Comparada* no Cone Sul, o qual integra pesquisadores brasileiros e de outros países dessa parte da América do Sul. Segundo suas palavras, esse trabalho visa à “elaboração de critérios e metodologias aos objetos de investigação, formular construções teórico-críticas que deem conta da globalidade dos fenômenos analisados e assim revisar o mapa cultural da região, repensando os critérios existentes”. (p. 200)

Interessante considerar que, ao expor os objetivos para a composição de uma história comum, que dê conta das diferenças culturais do continente, a pesquisadora promove alguns questionamentos:

como recolocar, em dimensões teóricas recentes, os problemas centrais, do continente, como revisar as questões particulares e permanentes - mestiçagem, heterogeneidade, transculturação, literaturas orais, populares e etc. - como abordar os processos de apropriação e deformação de tradições discursivas distintas? (CARVALHAL, 1996:201)

E considera que um modo de dar conta desses questionamentos será “fazer falar os silêncios, de recuperar o marginalizado, o esquecido, o intencionalmente ocultado, que apenas recentemente nos tem sido dado a descobrir”. (p. 201)

Evidentemente o discurso/pensamento da pesquisadora revela aproximações com teorias disseminadas pelo paradigma pós-colonialista, tais como os Estudos Subalternos e os Estudos Culturais Latino-Americanos. Ao relacionar sua proposta de realocar categorias desenvolvidas no âmbito do pensamento latino-americano, na primeira metade do século XX, a fim de “recuperar o marginalizado, o esquecido, o intencionalmente ocultado, que apenas recentemente nos tem sido dado a descobrir”, Carvalhal remete a preocupações centrais, expostas por teorias pós-colonialistas, a exemplo das referidas anteriormente.³¹

Como exemplo de leitura dessa apropriação do silêncio e da memória individual e da América Latina, Carvalhal enfoca a obra ficcional de dois expressivos pensadores latino-americanistas: Ana Pizarro e Carlos Fuentes. Ao comparar *La luna, el viento, el año, el día* (1994), de Pizarro e *El naranjo*, de Fuentes (1933), a pesquisadora revela como ambos lidam com o resgate de fatos históricos e como isso lhes possibilita construir um sentido de história individual e coletiva.

Considerando as narrativas dos escritores e aludindo às reflexões críticas de Fuentes, especialmente de *Valiente Mundo Nuevo* (1990), obra já citada em uma das epígrafes do artigo de Carvalhal, ela aponta a pertinência de se refletir acerca da narrativa latino-americana a partir de noções espaço-temporais. Para a pesquisadora, as referidas categorias, conforme evidenciam as ficções por ela enfocadas, possibilitam atribuir/descobrir novas significações ao (não) narrado. Assim, desde uma estratégia de leitura que privilegia o contraste entre textos ficcionais e textos críticos latino-

³¹ O surgimento dos estudos pós-coloniais e subalternos nas últimas décadas do século XX tem sua base em pensadores procedentes das ex-colônias europeias na Ásia e no Oriente Médio. Pensadores como Said, Bhabha, Spivak, Chatterjee, Guha colocaram em evidência que o colonialismo não é somente um fenômeno econômico e político, mas também de ordem epistemológica. A criação das ciências humanas e sociais modernas, segundo os pensadores em questão, criou também um imaginário do mundo “subalterno” (o oriental, o negro, o indígena e tantos outros) que, por sua vez, legitimou o poder imperial em todos os níveis. Constatações que, se bem já haviam sido apontadas pelo pensamento latino-americanista ao menos desde os anos 30, conquistaram amplo espaço e repercussão no pensamento crítico mundial. Ver: CASTRO-GÓMEZ, Santiago. *La poscolonialidad explicada a los niños*. Colombia: Editorial Universidad del Cauca. Instituto Pensar, Universidad Javeriana. Primera edición: noviembre de 2005.

americanos, Carvalhal coloca em evidência a importância dos estudos da Literatura Comparada.

Aspirando a que a prática comparatista, desenvolvida a partir de um conjunto cultural e literário latino-americano, venha possibilitar o desenvolvimento de uma *perspectiva comparatista latino-americana*, a pesquisadora quer não só revelar a cultura e a arte confrontadas, mas também contribuir para a reformulação de paradigmas vigentes, surgidos com base em outros contextos culturais, propósito que ela mesma desempenha no artigo em questão.

Afastando-se de um universalismo abstrato, ao integrar, como Fuentes, tempo e espaço para entender a memória e a invenção, duas marcas da tradição discursiva latino-americana, a pesquisadora evidencia seu *locus* de enunciação. É assim, a partir de um espaço localizado de pesquisa e do viver, que Carvalhal se propõe a contribuir para “recolocar, revisar e reformular” paradigmas que, muitas vezes descontextualizados, são incorporados a práticas de leitura da América Latina.

Interessante ainda observar sua reflexão, exercida/exemplificada também na própria prática de leitura, acerca da relação entre *corpus* literário e os fundamentos da leitura crítica. Para ela, Borges, Pizarro e Fuentes, na condição de escritores, não só dão pistas para a leitura de seus textos ficcionais senão que também aportam fundamentos críticos para a leitura dos mesmos e da literatura latino-americana de modo geral. O percurso de leitura e as escolhas magistralmente feitas por Carvalhal, ao tomar os textos e seus contextos de produção – histórico e crítico – de modo especular, revelam um fecundo caminho para a Literatura Comparada na América Latina.

Considerando a importância que adquiriu o pensamento de Ángel Rama, bem como o desenvolvimento da Literatura Comparada no Brasil, para os estudos da literatura do Cone Sul, percorro o pensamento crítico de duas pesquisadoras brasileiras, buscando perceber na trajetória de seus estudos, a dinâmica de leitura que realizam e a articulação que promovem de um sistema literário da região. A partir dessa perspectiva realizo, ainda neste capítulo, uma comparação com estudos realizados na Argentina e no Uruguai acerca da literatura da região de fronteira sul. Por tal caminho, pretendo entender a configuração de um sistema literário, considerar sugestões e lacunas deixadas

pelos críticos, especialmente brasileiros, e assim colaborar para uma leitura da literatura de fronteira.

Alguns questionamentos norteiam meu percurso de leitura da tradição crítica do referido tema, os quais me parece oportuno colocar em evidência: que obras constituem o corpus eleito pela crítica?; quais são os principais fundamentos epistemológicos que norteiam as leituras?; que apontamentos a crítica tem feito acerca do imaginário da literatura de fronteira?

As perguntas iniciais provavelmente seguirão desdobrando-se, porém, já servem para orientar meu percurso de leitura do imaginário crítico que configura a literatura da região.

1.1 A Crítica no Brasil: Léa Masina e Ligia Chiappini

Dentre as diferentes iniciativas de leitura da “comarca pampeana” no âmbito brasileiro, elegi os trabalhos desenvolvidos por Léa Masina e Ligia Chiappini, por considerar que a longa trajetória de suas pesquisas geraram fecundos estudos em torno da literatura da região do Prata. Tais contribuições podem ser acompanhadas não só pela produção de obras individuais dessas pensadoras, mas também na promoção e integração de eventos em torno do tema, bem como nos trabalhos desenvolvidos por seus/suas orientandos/as, que também a ele se dedicaram.³²

Assim, recorrendo a essa trajetória de pensamento crítico, apresento primeiramente uma síntese de pesquisas realizadas no âmbito da crítica literária brasileira, relativas à produção ficcional das fronteiras do Cone Sul, a fim de entender seu percurso, seus fundamentos, o imaginário crítico que elas constituem bem como sugestões e lacunas para, desse modo, delimitar minha proposta de leitura.

³² Parece-me oportuno considerar orientações realizadas por essas pesquisadoras, pois posso observar um fio da tradição crítica que se constrói em torno do tema aqui tratado: literatura de fronteira do Cone Sul. Ciente de que acompanhar tal percurso careceria de um trabalho de tese específico, destaco que Masina foi orientada, no doutoramento, por Carvalhal e Chiappini, por Antonio Candido, duas personalidades fundamentais para a abertura de estudos da literatura brasileira no contexto da América Latina. Observo ainda algumas das orientações que estão/estiveram diretamente vinculadas a projetos orientados pelas duas pesquisadoras, trabalhos que revisei para a preparação de meu projeto de tese e que eventualmente serão referidos.

Léa Masina dedica-se ao tema do regional do sul, em princípio, desde a década de oitenta, quando de sua pesquisa de mestrado, intitulada *Tese e realidade em Ruínas vivas, de Alcides Maya* (1980), sob a orientação de Guilhermino César. Trabalho que teria continuidade e ampliação em seu projeto de doutorado, sob a orientação de Tania Franco Carvalhal, resultando na tese *Paradoxos da transição: a obra de Alcides Maya* (1998).³³

No período compreendido entre essas duas pesquisas, Masina publica uma série de artigos que evidenciam seu interesse e aporte em relação à formação de uma tradição crítica da literatura de fronteira do Cone Sul. Após a referida tese doutoral, ela publica outras obras que enfocam a literatura da região sul, desde uma perspectiva transnacional, algumas publicadas em anais de eventos ou em coletâneas; outras, junto ao site do Centro de Pesquisa e Psicanálise Cyro Martins. Nesse momento, buscando acompanhar a trajetória de construção do pensamento crítico da pesquisadora acerca da literatura de fronteira da região sul, elegi alguns de seus trabalhos ao longo do período em questão.

De acordo com o recorte estabelecido, destaco o volume *Percursos de leitura* (1994)³⁴ porque nele Masina não só realiza uma retomada de sua “trajetória intelectual fortemente ancorada no conhecimento de obras e de autores sul-rio-grandenses, sem perder de vista grandes textos de literatura brasileira e de outras literaturas”, conforme anuncia Tania Franco Carvalhal na apresentação da obra (MASINA, 1994), mas também evidencia uma mudança metodológica de abordagem da literatura regional. Tal mudança de perspectiva pode ser acompanhada no âmbito de sua própria coletânea crítica.

Em artigos como "Reynaldo Moura e o romance no Rio Grande" ou ainda em "O códice e o Cinzel"³⁵, a autora leva o leitor ao universo literário de Reynaldo Moura e de

³³ A tese doutoral de Masina resultou no livro *Alcides Maya, um Sátiro na terra dos curupiras* (1998).

³⁴ Em *Percursos de Leitura*, como informa Masina, na apresentação que faz da obra, ela reúne ensaios e artigos publicados em diferentes meios e momentos. Organiza-os em dois blocos, segundo a eleição de um objeto de leitura. Em consonância com o interesse do meu trabalho, detenho-me no primeiro bloco, no qual a pesquisadora trata da literatura da região sul. Ver: MASINA, Léa. *Percursos de Leitura*. Porto Alegre: Movimento, 1994.

³⁵ "O códice e o Cinzel" integrou a coleção *Autores Gaúchos: Luiz Antonio de Assis Brasil*. Porto Alegre: IEL/ULBRA/ AGE, 1988, p. 6-21. Já "Reynaldo Moura e o romance no Rio Grande" foi um texto publicado primeiramente na revista *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 24, n.3, p.101-110, setembro de 1989. Para as eventuais citações desses textos, seguirei a publicação de 1994.

Assis Brasil, respectivamente. Do primeiro, ela realiza uma leitura da obra *Romance no Rio Grande* (1954), comparando-o aos estudos realizados sobre o romance de 30 no âmbito do Modernismo brasileiro. Por tal viés, a pesquisadora considera que a tensão entre os padrões sociais do campo e da cidade, tematizada por Moura, aproxima sua obra ao conjunto ficcional dos anos 30 por dois motivos: o primeiro evidencia-se no tratamento saudosista da campanha gaúcha que a narrativa promove; o segundo, porque a obra “tem o mérito de fecundar influências externas”, tais como as advindas do “Simbolismo francês no gosto pelas nuances crepusculares, pela apreensão da atmosfera de sonho,...” e ainda pela “contaminação do pensamento europeu e americano do pós-guerra...” (MASINA, 1994: 23). Considerando os aspectos citados, Masina conclui que Moura “rompe com o esquema marcadamente jornalístico e documental de 30” (MASINA, 1994: 28). Já no segundo artigo, ela realiza uma abordagem de conjunto da obra de Assis Brasil, privilegiando os vínculos intertextuais de seus romances, tanto no que se refere ao plano temático quanto ao da própria sintaxe narrativa, com a história do Rio Grande do Sul. Segundo Masina, “Nutrindo-se, pois, do manancial inesgotável da História e preocupando-se em absorvê-la ficcionalmente, Assis Brasil utiliza como instrumentos do seu trabalho, o códice e o cinzel”. (MASINA, 1994: 39)

Nos dois artigos, Masina aponta a singularidade dos escritores: o primeiro, pela ruptura que realiza, a partir do Rio Grande do Sul, no Modernismo brasileiro; o segundo, pela riqueza de tratamento que confere à história em sua ampla obra narrativa. Trata-se de uma perspectiva crítica que, desenvolvida ainda nos anos oitenta, busca situar as obras no âmbito da história literária brasileira.

Contudo, a pesquisadora apresenta, nessa retomada de sua trajetória crítica de leitura, outros artigos em que a literatura regional do Rio Grande do Sul é lida em um diálogo mais amplo com a região do Prata, ou seja, com a literatura produzida no Uruguai e na Argentina.

Devido ao foco de meu trabalho, retomarei os principais tópicos expostos nos cinco artigos dessa coletânea, nos quais a pesquisadora trata da literatura regional do sul para além dos limites da nação.

No primeiro artigo, intitulado "Um Regionalismo diferente",³⁶ Masina destaca que tal qual ocorre no restante da literatura brasileira, a literatura do Rio Grande do Sul possui duas vertentes: uma de cunho rural e outra, urbana.

Observando o regionalismo como uma tendência literária desenvolvida entre o século XIX e a década de trinta do século XX, a pesquisadora destaca que, no Rio Grande do Sul, tal tendência marcou-se pelo vínculo com a campanha, por um descritivismo, assim como pela construção do mito do gaúcho. Retomando reflexões de Antonio Candido em "Literatura e subdesenvolvimento" (1972), a pesquisadora aponta que as condições de subdesenvolvimento é que mantêm o regionalismo vivo e em todos os seus aspectos conservadores. Para ela, a capacidade dos escritores de assumir o substrato literário regional e nacional, na direção da superação da dependência, resulta o confronto entre as duas vertentes. A pesquisadora, então, recorre a alguns exemplos para mostrar como tal tensão nutre parte significativa da ficção dos escritores gaúchos.

A migração do homem do campo para o meio urbano, sua marginalização e degradação, marcas de um processo histórico, é tratada, entre outras, pela obra de Cyro Martins, segundo Masina. Recorrendo à tradição literária que antecedeu ao escritor bem como a uma leitura dos processos transculturais na literatura de alguns escritores, a pesquisadora destaca a influência da obra de Simões Lopes Neto e de Alcides Maya na de Martins. O primeiro, por sua capacidade de dialogar com os cancioneros populares; e de Alcides Maya por ter sabido conceber uma tradição urbana a partir da abertura de um diálogo entre a cultura da campanha do Rio Grande do Sul e a cultura europeia. Ainda sob a base da perspectiva nacional e de conceitos de Candido, relativos às relações entre a permanência do regionalismo e o subdesenvolvimento, mas já atenta à valorização das relações culturais que o conceito de transculturação permite, a pesquisadora abre novos caminhos críticos. A diferença iniciada no título do artigo dá-se no âmbito da literatura nacional; contudo, afirma-se enquanto legitimidade de um sistema próprio que, em peculiaridades e aberturas a outras culturas, quer de ordem popular, como a obra de Lopes Neto, ou de expressão europeia, como a de Maya,

³⁶ MASINA, Léa. Um Regionalismo diferente. In: _____. *Percursos de Leitura*. Porto Alegre: Movimento, 1994, p.29-33. Todas as demais citações a que eventualmente recorra serão da referida obra. Por isso, lançarei apenas o número da página junto às citações.

confluem na formação de um escritor como Martins e no fortalecimento de um sistema literário.

Abrindo sua leitura para a obra de Sérgio Faraco – *Manilha de Espadas*, (1984) –, ela destaca, por um lado, a presença de contos em que “a coisologia dos pampas compõe a ambiência onde se desenvolvem os dramas humanos”; por outro, observa que há narrativa de “fundo urbano”. (MASINA, 1994: 30) Em ambos, para Masina, o escritor trata dos “desvãos da alma humana”. Ao relacioná-lo com a literatura gauchesca, por marcas comuns com o regionalismo, aqui anteriormente destacadas, ela observa um tratamento diverso aos elementos: a paisagem distante das grandes descrições assume tom impressionista; os componentes de violência, que o aproximam da literatura platina, como a de Quiroga, dela se distanciam porquanto distantes de associações a teses naturalistas, presentes em Maya, assumem o caminho de decisões do ser humano; as personagens não são tipificadas, uma vez que ganham uma dimensão psicológica individual. A presença da figura feminina – mãe, mulher, prostituta – recorrente nos regionalistas gaúchos ou sul-rio-grandenses, para ele, passa pela sensualidade, pelo erótico, pelo prazer e pela experiência. Também no que se refere à linguagem, associada às personagens e ao espaço, revela o trânsito por outras culturas. Por tudo isso, no entender de Masina, Faraco apropria-se, transforma o legado cultural e ultrapassa a herança regionalista.

Convém observar a busca de equilíbrio, por parte de Masina, entre uma perspectiva crítica que enfoca o regional em relação ao campo nacional e que se refere aos escritores – Maya, Cyro Martins e Simões Lopes Neto – como exceção ao que considera um regionalismo “reacionário” (p.30); e a assunção de uma perspectiva teórica que permite ler pelos interstícios da hegemonia da crítica nacionalista. A enriquecedora leitura contrastiva da obra de Faraco ilumina – à contraluz – a importância e a fecundidade também daqueles escritores que o antecederam, tanto os brasileiros quanto o uruguaio Quiroga, igualmente citado por Masina. Seu trânsito entre os conceitos de sistema, sob os fundamentos de Candido, para a incorporação e a ampliação que Rama promoveu desse conceito permite à pesquisadora propor novas relações entre as obras dos escritores e renovadas leituras. Fato que se poderá acompanhar, sobretudo, em artigos posteriores no mesmo *Percurso de leituras*.

Um dos exemplos pode ser visto em *Fronteiras do Cone Sul*: os limites do literário³⁷, no qual a ampliação do viés comparatista, assumido por Masina, evidencia-se tanto na reflexão teórica desenvolvida em torno do conceito de fronteira que, sem desconsiderá-la enquanto zona geográfica instituidora de limites, reconhece-a como um espaço intervalar de culturas, quanto pela reflexão relativa ao método de abordagem comparatista.

Com essa perspectiva dupla e entrecruzada, por um lado, Masina retoma reflexões de Ana Pizarro, expostas no *I Seminário Latino-Americano de Literatura Comparada* (1986), sobre a importância de se construir um comparatismo descolonizado, que considere nossa produção literária em sua capacidade criativa frente aos modelos metropolitanos. Por outro, Masina retoma as reflexões de Alejandro Cioranescu, expostas em *Princípios de Literatura Comparada* (1964), e aponta o entendimento de fronteiras enquanto fronteiras culturais bem como em sua potencialidade para a conformação de sistemas literários próprios.

Assumindo tais princípios investigativos, Masina enfoca a literatura da região sul para além dos limites nacionais.

Inicialmente, retomando os apontamentos de Guilhermino César, ela destaca que, devido às constantes oscilações das fronteiras no Cone Sul, originou-se uma literatura “fortemente telúrica, impregnada de cor local, onde usos e costumes e a própria ‘coisologia’ formam o contexto e revelam a presença do ‘Terruño’”. (MASINA, 1994: 56) Porém, indo além dos fundamentos de ordem historiográfica, que viabilizaram esse primeiro panorama da literatura da região, Masina opta por uma abordagem comparatista do sistema literário em questão, a partir das noções de interdisciplinaridade e de intertextualidade, o que lhe propiciará uma leitura renovada da referida produção.

Assim, Masina propõe-se a estudar a literatura das regiões fronteiriças do Cone Sul, considerando sua dupla ambiguidade, que resulta “do choque entre as culturas emissoras e receptoras (...); depois, mais recentemente, do diálogo que se estabelece,

³⁷ Texto originalmente apresentado no III Congresso da ABRALIC, 1992. ANAIS, 1995, p. 839-846. No presente trabalho, recorro à obra: MASINA, Léa. *Percursos de Leitura*. Porto Alegre: Movimento, 1994, p. 55-61.

dentre as culturas novas que surgem do amálgama referido e que continuam a interagir, através de contatos e trocas permanentes”. (MASINA, 1994:57)

Partindo da proposta de uma leitura intertextual, Masina considera a pertinência de investigações que revelem como Juan Morosoli (uruguaio) lê Sergio Faraco (brasileiro), como esse lê Mario Arregui (uruguaio) e Mempo Giardinelli (argentino). Segundo a pesquisadora, “a literatura fronteiriça do Cone Sul encontra no contrabando sua forma mais perene de operar trocas” (MASINA, 1994:57), como bem pode ser visto na obra dos ficcionistas citados anteriormente e também na de Aldyr Garcia Schlee.

Retomando o conceito de “zona intervalar” (CIORANESCU: 1964), a pesquisadora observa que a própria condição social de produção do autor, contrária à arbitrariedade de limites instituídos, realiza-se em relações de contato, trocas, interferências, que pode ser percebida “através das recorrências temáticas, das preferências formais e daquilo que as distingue e individualiza: as diferenças visíveis no inter e no intra-literário”. (MASINA, 1994:58)

Por esse viés, ela relaciona a perspectiva já apontada por Guilhermino César, em torno da prática social do contrabando,³⁸ a aspectos de ordem cultural, literária e textual. Assim, para além de uma sugestão temática expressiva de um modelo de comportamento social, ficcional e literário, a pesquisadora aponta o contrabando como “uma revelação de contato que efetivamente se mantém e assegura a travessia permanente de uma cultura para a outra”. (p. 58)

De modo expressivo, para pensar as relações com a cultura de origem, Masina retoma Ángel Rama, reconhecendo que o pensamento do crítico uruguaio provoca uma transformação radical do ponto de vista epistemológico. O conceito de *transculturación* pensado por Rama requer uma leitura contrastiva entre os elementos em conflito e dirige o foco para as respostas criativas, elaboradas pelas literaturas da América Latina, o que exige outro desafio à metodologia da Literatura Comparada, segundo Masina.

Na mesma direção, ela exemplifica com o texto de Ana Pizarro, *El discurso literário y la noción de América Latina* (1986), no qual a pesquisadora chilena refletiu acerca da nacionalidade à luz do comparativismo. Masina destaca que Pizarro, partindo

³⁸ CÉSAR, Guilhermino. *História do contrabando no sul do Brasil*. Porto Alegre: Globo, 1956.

das reflexões de Antonio Candido acerca do afã regionalista e europeizante de nossas literaturas, aponta duas questões para repensar a prática comparatista na América Latina: o efeito pendular, apontado por Cândido, como a projeção, no discurso erudito, de elementos do imaginário popular ou social, pode ser um modo de transculturação; e ao mesmo tempo entendido como formas de apropriação de elementos culturais e das literaturas ocidentais, na imposição de seus paradigmas. Masina, assim, reconhece nos estudos de Pizarro a exigência de uma renovação da abordagem comparatista, que se limitava a ler a noção de influência como a superioridade de uma cultura sobre a outra.

Pensar os apontamentos de Rama e de Pizarro no âmbito dos estudos da literatura brasileira, aponta Masina, permitiria uma revisão do entendimento de literatura nacional. Afinal, a concepção de autonomia da literatura brasileira sempre se limitou à valorização de textos que afirmassem a nacionalidade. A ausência de critérios propriamente literários que auxiliassem a definir e a delimitar as fronteiras do nacional fez com que a concepção de literatura brasileira fosse confundida com a afirmação de nacionalidade, segundo Masina.

No contexto dos estudos da literatura do Cone Sul, Masina sinaliza a pertinência de se retomar o pensamento de Moysés Vellinho³⁹, uma vez que, apesar de sua visão geográfica, historiográfica e política limitadora em torno do nacional, que o levou a rechaçar as relações do Rio Grande do Sul com a região do Prata, ele realizou, no âmbito da crítica literária, uma abordagem muito próxima ao que viria a empreender a Literatura Comparada. A leitura de Vellinho, como crítico literário, aponta um entendimento de fronteira como “faixa indistinta e flutuante”, capaz de gerar o que ele denominou de “transsubstanciação”, exemplificado em sua leitura de *Cobra Norato*, de Raul Bopp. Por isso, de acordo com Masina, a abordagem que Vellinho realizou dessa obra revela uma concepção em torno “da contaminação, da migração de temas, da intertextualidade, da interdisciplinaridade” (MASINA, 1994:60), ou seja, de noções com que a literatura comparada viria a trabalhar.

As referidas contribuições evidenciam, segundo Masina, a necessidade de se estudar “as passagens, as migrações, as transgressões que ocorram em literaturas geograficamente fronteiriças” como “respostas criativas” ao impacto de outras

³⁹ Masina refere-se especialmente ao volume *Fronteiras*. VELLINHO, Moisés. *Fronteiras*. Porto Alegre: Globo, 1975.

literaturas, quer de origem europeias, quer frente à cultura urbanizada e erudita das metrópoles. (MASINA, 1994: 60)

Assim como no texto “Fronteira do Cone Sul”, anteriormente resenhado, o artigo “Imaginários do contrabando nas literaturas de fronteira”⁴⁰ evidencia um empreendimento crítico em relação ao diálogo das literaturas da região. Partindo do conceito de contrabando enquanto passagens, trocas e transgressão de imaginários, a pesquisadora propõe-se a confrontar textos da região sul desde a abordagem da literatura comparada, uma vez que, para ela, tal abordagem permite “ao investigador um trânsito maior na busca da aproximação ao propriamente literário” (MASINA, 1994: 63). Desde uma perspectiva interdisciplinar, sobretudo da “intersecção da literatura com a história”, Masina expande sua visão de intertextualidade e, portanto, do trânsito entre culturas, ocorrido em regiões fronteiriças.

Na visão da autora em relação às literaturas do Cone Sul, especialmente nas zonas fronteiriças entre Argentina, Brasil e Uruguai, o contrabando (...) é “um dos elementos que possibilitam aproximações e confrontos” dessa ficção. Entendê-lo como diferentes formas de passagem possibilita estudar “o processo de formação de um imaginário que transita entre a vivência social e a representação literária”. (p. 63) Por isso, a abordagem da ficção aí produzida, a partir da literatura comparada, amplia o campo de investigação, ao possibilitar diferentes formas de representação do contrabando.

Masina desenvolve, ainda no mesmo artigo, uma reflexão relacionada a diferentes formas de contrabando e seus significados na literatura.

O primeiro a que se refere é o contrabando enquanto prática social. Para tanto, a pesquisadora retoma as reflexões de Guilhermino César (1978) acerca da história do contrabando desde a ocupação do estado do Rio Grande do Sul, entre os séculos XVIII e XIX. Conforme mostrou César, a partir da leitura de diferentes documentos e correspondências particulares que realizou, a prática de contrabando subsidiava a sobrevivência tanto de particulares quanto dos núcleos de povoamento incipientes da região, fato que nos permite entender “a mobilidade política e legislativa que fazia do contrabando atividade tolerada, quando não estimulada por governos...”. (p. 64) Com o

⁴⁰ In: MASINA, Léa. *Percursos de Leitura*. Porto Alegre: Movimento, 1994, p. 63-70.

fortalecimento de cidades e portos da região, especialmente o de Buenos Aires, a prática passa a ser frequentemente estimulada pela fazenda pública como um modo de escoar a produção de toda a região. Assim, o contrabando adquire funções diferentes, que Guilhermino César denominaria de “oficioso, pessoal, de guerra”, na economia da época. Mesmo diante das constantes alterações dos interesses de Portugal e Espanha, a repressão à prática de contrabando dava-se de forma violenta. O fato é que, frente ao institucional, o cotidiano impõe-se e foi incorporado à literatura na figura do contrabandista, segundo Masina:

o tipo regional e fronteiriço presente na ficção de escritores que concebem a personagem não apenas como o que transgride as leis, mas como um cidadão que exerce um ofício, sofre perseguições e injustiças, revelando a condição de um cotidiano de sobrevivência (MASINA, 1994 : 64)

O ato que, ligado à destreza e à ousadia na configuração da personagem, leva, aparentemente, à associação do contrabandista à do gaúcho mitificado pela ficção. Contudo, Masina destaca que os escritores tanto argentinos quanto uruguaios e brasileiros “registram em seus textos a figura ímpar do contrabandista, que tanto pode ser um rico estancieiro, quanto um changador ou um bandido, ou ainda o carregador de mulas, o tropeiro, o dono da barca que atravessa o rio” (MASINA, 1994: 64). Fato que abre outras possibilidades de leitura.

A segunda forma com a qual é possível entender o contrabando, para Masina, se dá no âmbito dos imaginários ou de sua transposição para a literatura. Inicialmente ela destaca a escolha temática como um modo de criação de imaginários, uma vez que a mesma incide também na criação da figura literária do contrabandista, conforme apontou anteriormente. Tomando a personagem Jango Jorge, de Simões Lopes Neto, como exemplo, a pesquisadora destaca ainda na literatura contemporânea a permanência do tema em escritores como os uruguaios Mario Arregui e Julian Murguía e os brasileiros Sergio Faraco e Tabajara Ruas. Associadas à escolha do tema do contrabando e à construção de personagens, Masina chama atenção para as trocas culturais que se dão entre os imaginários envolvidos. Elas podem ser lidas a partir das múltiplas relações intertextuais, tanto de ordem linguística quanto de matriz cultural. Assim, segundo a pesquisadora, “Estruturam-se relações hierárquicas entre constelações de palavras, permitindo identificar a composição de um espaço linguístico novo...” e, a

partir dessa nova relação, também se reforça ao leitor “a necessidade de deslocamento entre as construções literárias e as relações que mantêm com a História ...”. (p.65) Por esse viés e recorrendo ao entendimento de Daniel Pageaux (1989) quanto à potencialidade da imagem para criar significados, a pesquisadora considera que a imagem surge para “compor o hiato existente como expressão de um desvio entre duas ordens de realidade cultural”. (p. 65)

É no âmbito dos imaginários que o contrabando revela sua “natureza anti-épica e supranacional”, uma vez que adquire, em suas representações literárias, uma natureza desmistificadora, para a pesquisadora. O tratamento do tema na literatura do Cone Sul modifica a “fisionomia estática da campanha”, marcada na literatura regionalista pelo descritivismo de paisagens e consequentes representações simbólicas do homem e “impõe a audácia épica, embora destituída da heroicidade da guerra” (p.65), como bem exemplifica Masina, na leitura que realiza do conto *Contrabandista*, de Arregui.

A pesquisadora aponta ainda a necessidade de se “manter o diálogo com a História”, uma vez que o surgimento do tema no imaginário está relacionado à colonização platina e à arbitrariedade dos governantes. Assim, segundo Masina, “interessa ao investigador comparativista aproximar as fronteiras culturais, aquelas que foram traçadas no convívio cotidiano de diferentes línguas libertas das imposições verticais representadas pelas metrópoles e pelos reinos” (p.67). Para exemplificar suas reflexões, ela realiza uma leitura de *Perseguição e cerco a Juvêncio Gutierrez*, obra de Tabajara Ruas.

No artigo intitulado “Um escritor na travessia de culturas”, Masina apresenta uma leitura da obra de Sergio Faraco como um ficcionista que transita entre diferentes sistemas culturais. Nesse sentido, observa que o escritor compõe seu imaginário, integrando suas origens fronteiriças, marcadas tanto por sua vivência em Alegrete quanto pelo apego à cultura platina, e elementos de sistemas linguísticos e culturais não canonizados. A partir dessa perspectiva, ela reflete como a obra de Faraco contribui para a renovação do polissistema da literatura brasileira.

O caráter polissistêmico de Faraco pode ser visto inicialmente pela obra diversa que ele desenvolve, segundo Masina. Afinal, o escritor dedica-se a crônicas, contos,

estudos de pesquisa histórica, jornalismo cultural, publicação de dicionário, correspondências epistolares com escritores e intelectuais bem como à tradução.

Recorrendo ao conceito de polissistema de Even Zohar, Masina considera que, junto ao regionalismo epigônico, vigente no Rio Grande do Sul, convivem novas formas, evidenciadas, por exemplo, na obra de Faraco. Afinal, a existência de um “sistema secundário, periférico, epigônico”, com o qual as novas obras dialogam, é que confere mobilidade aos sistemas constitutivos do polissistema, no entender da pesquisadora.

Assim, segundo ela, se o regionalismo de “fixação do nacional permanece no Rio Grande do Sul”, a obra de Faraco abre novos caminhos, dentre outros, de fontes populares e de temáticas não consagradas, como o sexo e a prostituição. Acerca do tratamento dado a esses temas, tanto na obra ficcional quanto tradutória de Faraco, Masina volta-se para o vínculo do escritor com a tradição regionalista sul-rio-grandense e platina.

Comparando-o a Lopes Neto e a Maya, considera que, em Faraco, o regionalismo transforma-se pela tensão e confronto de diferentes sistemas a que recorre. Ao contrastar a obra do brasileiro e a de escritores contemporâneos a ele, como Arregui, Mempo Giardinelli e Morosoli, ela aponta a configuração de um ethos do gaúcho para além do terrunho que marca o regionalismo epigonal. Nesse caminho, Masina observa também que a literatura dos escritores citados transcende a perspectiva de uma identidade transcultural, de um intento de representação e originalidade, como proposto por Rama, uma vez que esses escritores lidam como uma “espécie de transculturação que reconhece sua transitoriedade”. (MASINA, 1994: 74)

A partir da categoria desenvolvida por Cionerascu, acerca de relações de contato, Masina situa a obra de Faraco e a dos demais escritores da literatura latino-americana, na confluência de diferentes culturas, alguns com a cultura autóctone, outros com relação à fronteira.

Além dessas formas de contato, no entanto, Masina retoma outras, apontadas por Cioranescu, tais como viagens, leituras, traduções, elementos que, conforme ela aponta, permeiam a obra de Faraco. Por esse caminho, Masina observa que a obra do escritor, a

exemplo de *Noite de matar um homem* (1986), é predominantemente regionalista. Nela, retoma a gauchesca platina, o contrabando, a travessia, elemento que vai além do que apontou Guilhermino Cesar, uma vez que a atividade “registra também trocas, aproveitamento de ideias, de tipos do imaginário de um país para o outro, de uma língua para a outra, de uma literatura para a outra...”. (p.75) Tal é a metáfora do contrabando que permeia toda a obra de Faraco.

Destaca ainda que, paralelamente à ficção regionalista, a obra de Faraco apresenta contos de temática urbana, em que ele enfoca, sobretudo, personagens marginalizadas, muitas delas vindas do campo. Alinhada à ficção, Masina trata ainda da tradução e sua importância na própria criação ficcional. E em especial destaca a intensa troca de correspondência entre Mario Arregui e Faraco, bem como a tradução criativa da obra de Arregui por Faraco.

Masina finaliza o artigo, apontando que a diversidade da produção intelectual de Faraco, somada a seu trânsito pela fronteira, permite pensar a existência do que Cioranescu trata de “comunidades inter-literárias [sic]”, as quais põem em evidência conceitos elementares do comparativismo moderno, como o de polissistema e o de transculturação.

Além do artigo de Masina citado, os demais integrantes da primeira parte do livro *Percursos de Leitura* são: "Imaginários do contrabando nas literaturas de fronteiras" (p.63-70); "Os demônios de Pilar Ramirez" (p.81-83) e "Desamparo e catarse nos contos de Mario Arregui" (p. 85 -94). Com suas especificidades, os artigos tratam fundamentalmente de questões relacionadas à tradução e sua relação com o processo criador, portanto, não são tratados nesta tese.

Para finalizar esse percurso de leitura da trajetória crítica de Masina, contudo, recorro ainda a dois artigos mais recentes.

O primeiro intitula-se "Perspectiva para o estudo do regionalismo na América Latina: o romance naturalista na obra de Alcides Maya e Eugenio Cambaceres (2006).⁴¹ Nele, a pesquisadora apresenta um estudo comparativo entre as obras do escritor brasileiro e as do argentino. Inicialmente ela destaca a pertinência de se realizar um

⁴¹ In: CHIAPPINI, Ligia e MARTINS, Maria Helena (orgs.). *Cone Sul: fluxos, representações e percepções*. São Paulo: Hucitec, 2006, p.109-119.

duplo olhar, que considere tanto a presença de culturas minoritárias quanto a eleição de obras canônicas na construção da literatura da região. Segundo ela, “libertar-se do delírio persecutório forjado pela investigação das diferenças e examinar também as tendências dominantes permitirá compreender os processos de transculturação na narrativa latino-americana”. (MASINA, 2006: 111)⁴²

Assim, a pesquisadora propõe-se, a partir de uma perspectiva transdisciplinar, não só “postular questões relacionadas a temáticas recorrentes concomitantes em diversas literaturas” (p.111), mas também considerar as circunstâncias de produção, recepção e reprodução através de traduções ou de sua absorção em outros textos.

A partir dessa abordagem e a exemplo do que a pesquisadora Sabine Schillikers⁴³ estudou em relação à literatura argentina, Masina observa que tanto lá quanto no Brasil e no Uruguai “o regionalismo se revigora a partir do processo de transculturação a que foi submetido o romance naturalista francês”. (p.111) Para a pesquisadora brasileira, é o modelo de romance naturalista francês, tanto de Zola quanto de Gogol, Maupassant e Flaubert, que é articulado “à *matéria local, substanciada numa temática da época que caracteriza o romance naturalista latino-americano*”. Tendência essa que, para Masina, está associada também a princípios do romantismo em prol da independência das colônias, como pode ser entendido o “afã de documentar e justificar a diferença entre o homem regional e urbano, refinado e europeizado”. (p.112)

Essa tendência que, em referência aos estudos de Schillikers, Masina entende como *naturalista-crioulista*, é marcada pelo reforço de uma temática do campo e pela fixação da fala popular, que sugerem uma oposição ao cosmopolitismo do final do século. Exemplos que podem ser também estudados na obra do brasileiro Alcides Maya e do uruguaio Javier de Viana, segundo Masina.

A pesquisadora, no entanto, volta-se para as obras de Cambaceres e Maya. Para ela, na literatura dos dois escritores, “a tendência ao inventário, ao gosto naturalista alia-se ao processo de criação de personagens e de um enredo justificado pela história,

⁴² Todas as demais citações serão desse artigo; lançarei, portanto, apenas o número da página junto a eventuais citações.

⁴³ Sabine Schillikers, catedrática da Universidade de Bremen, Alemanha, desenvolve um amplo estudo do romance naturalista hispano-americano a partir da recepção do naturalismo francês na América Latina, na obra *El lado oscuro de la modernización* (2003).

podendo-se nela identificar usos, costumes, teses e ideias da época”. (p.113) Ambos são considerados inovadores do romance naturalista na literatura de seus respectivos países. Masina sustenta a hipótese de que Maya tenha lido Cambaceres, visto existirem “equivalências temáticas e semelhanças na concepção de personagens e enredo” e que “os escritores do sul tinham fácil acesso às obras de argentinos e uruguaios, eis que deles se separavam por fronteiras tênues e porosas”. (p.114)

Aprofundando as aproximações entre os escritores, Masina observa que tanto Cambaceres quanto Maya pertenciam à classe privilegiada, eram ligados ao direito, à política e ao jornalismo, além da literatura e, segundo Masina, ambos liam Zola, assim como conheciam as teorias evolucionistas e sociologistas de sua época. Suas escolhas de foco narrativo também revelam proximidade, uma vez que Cambaceres criou a linguagem das personagens, destacando-as do narrador onisciente e culto, o qual frequentemente interfere na narrativa. (p.117) E Alcides Maya também escreveu do ponto de vista de sua classe, dando voz a preconceitos como o da incapacidade das mulheres para lidarem além da esfera doméstica. Já no âmbito da linguagem, ela observa que, enquanto Cambaceres, apesar de lidar com diferentes registros entre narrador e personagens, prefere uma linguagem simples, com períodos e parágrafos curtos, Maya, sob a influência da escrita parnasiana, recorreu a um estilo rebuscado.

Masina destaca, contudo, que Maya não só absorveu leituras de escritores naturalistas e teses científicas da época, mas também integrou vivência da campanha e questões sociais em sua narrativa. Assim, diferentemente de Cambaceres, o que este reverteu em patologia individual, aquele propôs como um conflito representativo das desigualdades sociais. Por esse caminho, a narrativa do brasileiro, para a pesquisadora, antecipa questões atuais, como a violência na campanha, o êxodo rural e a formação de cinturões de miséria em torno das cidades. Questões que ela considera recorrentes na literatura de fronteira.

Conclui seu artigo, apontando que os dois escritores “abrem as portas para a fixação do regional” e que, ao revisar a crítica literária em torno das obras de ambos, observa uma forte preocupação classificatória que oscila entre *criollismo*, *tradicionalismo*, *gauchesca*, *literatura gaúcha* ou *modernismo*. Conceitos que precisam ser revisados a fim de se estudar “*as identidades regionais da América Latina*”. (p.118)

Para finalizar, retomo o artigo “Regionalismo étnico no Rio Grande do Sul: síntese de uma proposta conceitual”.⁴⁴ Nesse trabalho, a pesquisadora faz uma retomada dos estudos do regionalismo no Brasil e na América hispânica e, voltando-se à literatura do Rio Grande do Sul, constata que houve uma constante confusão entre a literatura regionalista e a gauchesca, fato que impediu o reconhecimento de formas simultâneas de regionalismo. Mediante essa observação, no conjunto de suas reflexões, Masina acaba por considerar que pensar o regionalismo requer entendê-lo sob uma perspectiva étnica. Tal reflexão baseia-se na coexistência de diferentes culturas em um mesmo espaço geográfico. É, pois, para a pesquisadora, no “lôcus de enunciação do **escritor**” (MASINA, s/d:8) que se constitui o espaço. Nesse caminho, ela aponta que tal enfoque do regionalismo “expressa uma nova intenção, entendida como visão de mundo, que traz os paradoxos de sua condição: atrai e agrega, ao mesmo tempo que exclui pela diferença”. (p.9)

A perspectiva adotada, segundo a pesquisadora, já teria sido intuída, ainda que não formalizada, no olhar de Afrânio Coutinho (1955). Esse crítico, apesar de entender os regionalismos no Brasil como fragmentação do nacionalismo romântico, soube reconhecer as condições históricas e geográficas do Rio Grande do Sul na configuração de um regionalismo que contrariava a centralização da cultura nacional. Ainda que, em consonância com a tendência predominante da crítica ao regional, Coutinho tivesse avaliado que “a corrente do regionalismo gaúcho tenha sido restringida e empobrecida por um preconceito vesgo e saudosista”, ele pioneiramente soube perceber também que “nem a vida colonial, nem a faixa costeira, nem o Planalto oeste, com sua nova onda migratória” haviam sido considerados pelo regionalismo do sul.

O apontamento, antes desconsiderado pela crítica que estudava o regionalismo no Rio Grande do Sul, é retomado por Masina, a fim de refletir sobre um regionalismo étnico. A pesquisadora baseia-se também no pensamento de críticos hispano-americanos, dentre eles o do antropólogo argentino Julián Cáceres Freyre, do sociólogo boliviano Salvador Romero Pittari e do filósofo costarriquenho Bernal Herrera.

Cáceres Freyre, em seu artigo “Ricardo Rojas y los regionalismos culturales” (1979), destaca o pioneirismo do crítico ao apontar a necessidade de restauração da

⁴⁴ Artigo acessível em: <http://www.celpecyro.org.br>. Acessado em setembro de 2013.

identidade nacional argentina a partir de múltiplos regionalismos no país. Os estudos do antropólogo colocam em evidência, segundo Masina, que, especialmente na *Historia de la Literatura Argentina* (1925), Rojas já teria formulado conceitos próximos aos propostos na atualidade em relação ao regionalismo.

Para a pesquisadora, também as reflexões de Romero Pitarri, em seu ensaio “El nuevo Regionalismo” (1989), podem ser transpostos para o Brasil, afinal, assim como na Bolívia, o “regionalismo não se limitou à nostalgia de uma comunidade de sangue e costumes” (p.3). A tensão entre centro e periferia pelo direito a construir suas próprias representações simbólicas, tão presentes nessa literatura, pode ser entendida, atualmente, como uma reivindicação à pluralidade.

Do pensamento de Bernal Herrera, a pesquisadora retoma as reflexões sintetizadas no artigo “El regionalismo hispanoamericano: coordenadas culturales y literárias” (2001). Apontamentos como a imprecisão conceitual do regional, a necessidade de considerar os estudos de produção e de recepção de literatura regional, as transformações do conceito de literatura, bem como as reflexões do filósofo acerca da produção literária dos anos vinte e quarenta na América Latina, são considerados por Masina. Assim como Herrera, na avaliação realizada em torno do recorte da ficção na América Latina, Masina considera que “o retorno ao telúrico, no regionalismo, combina fatores tão díspares quanto a nostalgia das velhas oligarquias rurais e acrescente influência do pensamento marxista, quanto enfatiza o estudo da realidade local” (p.6), tanto na literatura brasileira do mesmo período quanto, especificamente, na do Rio Grande do Sul. Tal condição evidencia o caráter ambíguo do regionalismo em seu afã de destacar identidades opositivas e, segundo a pesquisadora, paradoxalmente, agregadoras. Contudo, para ela, tal processo não se limita a uma questão de identidades, mas também implica no que o antropólogo aponta como “sobrevivência cultural”.

Com relação à questão levantada, Masina lembra que também Ángel Rama havia tratado da tensão entre a tradição local e o modernismo, percepção desencadeadora de sua teoria da *transculturación narrativa*, a qual muito contribuiu para uma nova compreensão dos regionalismos.

Ressaltando a lucidez da proposta de Rama, a pesquisadora, contudo, observa que, para além dos processos transculturais realizados por escritores “cultos”, existe

outra produção ficcional. No que se refere ao Rio Grande do Sul, Masina entende que essa produção mais próxima à cultura popular e ao gosto médio do leitor, e nem sempre vinculada aos discursos tradicionais, permanece vinculada ao imaginário da campanha.

Considerando os aportes dos diferentes pensadores, para ela, é importante considerar essa variação do espaço fronteiriço; contudo, esses estudos não dão conta do regionalismo no Rio Grande do Sul, uma vez que existem outras “comunidades culturais”, cuja demarcação de uma região não é espacial, “mas internalizada”(p.8). A simultaneidade de regionalismos, tanto em zonas rurais quanto urbanas, evidencia, sobretudo, um esforço pela representação de pertencimento, elemento que a pesquisadora considera básico à compreensão do conceito de regionalismo étnico proposto por ela. Afinal, se a literatura gaúcha tomou o imigrante como personagem agora são seus descendentes que criam seus próprios registros; por isso, a literatura irá depender tanto da focalização quanto da autoria da circunstância original e étnica do ser colono. Tal tendência pode também ser entendida como uma resposta à globalização. Assim, para Masina, na “falta de melhor designação, esse regionalismo novo, enriquecido pela diversidade das culturas subterrâneas, pode ser chamado de *regionalismo étnico*”. (p.8)

Ao longo dessa retomada da trajetória investigativa de Masina, procurei demonstrar como seu pensamento foi se transformando, o que se torna evidente se atentarmos para as datas de primeira publicação dos artigos inseridos em *Percursos de Leitura*. Interessante destacar que sua leitura da literatura regional do Rio Grande do Sul apresentava já uma perspectiva comparatista por diversos ângulos. Um dos mais evidentes é o reconhecimento, sob os fundamentos de Antonio Candido⁴⁵, dos aspectos positivos da incorporação do pensamento europeu e norte-americano do pós-guerra, bem como do simbolismo francês, na obra *O Romance no Rio Grande*, de Moura; ou o de Flaubert, em *Manhã transfigurada*, de Assis Brasil. Mas também pela relação que Masina faz da obra de Assis Brasil com outros discursos, como o cinematográfico, ao se referir à *Bacia das Almas* e o musical, em *Homem amoroso*, na obra desse escritor. E

⁴⁵ Cabe lembrar que, em *Formação da literatura brasileira* (Momentos decisivos), Candido, sem tratar diretamente de uma metodologia comparada, entendia o conceito de influência como “o instrumento mais delicado, falível e perigoso de toda a crítica pela dificuldade em distinguir coincidência, influência e plágio...”. Mas destacava que, se a relação com outra obra fosse integrada/assimilada como “elemento próprio de um conjunto orgânico”, seria digno de interesse da leitura crítica. Ver CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira*. 1º. vol. 4ª. ed. São Paulo: Martins, 1962, p. 37. Ensino Masina parece ter seguido desde suas primeiras leituras críticas aqui expostas.

ainda pela constante relação que promove entre as obras de ambos os escritores com a “História”, no caso de Assis Brasil, intratextual, e de Maya com os seus antecessores.

Mas Masina orienta-se também por outra obra de Candido, "Literatura e subdesenvolvimento", texto capital para a reativação dos estudos regionais no Brasil, como afirmei anteriormente. Há dois aspectos centrais do texto do crítico, que estimularam essa retomada: um, que remete a uma justificativa da persistência do regionalismo literário na América Latina e a necessidade de o mesmo ser estudado. O outro aspecto apontado por Candido é de ordem metodológica: segundo ele, para a superação da dependência, as literaturas na América Latina precisariam lidar não somente com modelos externos, mas também com as obras nacionais que antecedem o escritor. Princípios que orientaram a pesquisadora em seus primeiros estudos. Seguindo o entendimento de Candido, para ela, as condições de subdesenvolvimento é que mantêm o regionalismo vivo e, em todos os seus aspectos, conservadores. Logo, somente as obras que articulassem o substrato literário regional e nacional, na direção da superação da dependência, viriam a constituir o sistema de uma literatura regional, ou o que considera “um regionalismo diferente”. Nesse viés destaca a obra de Simões Lopes Neto, Cyro Martins, Alcides Maya.

Mas é, sobretudo, com sua aproximação ao conceito de *transculturização*, de polissistema e de comunidades interliterárias que a pesquisadora amplia sua perspectiva comparativista. Um dos exemplos é que a leitura de Masina acerca das relações de influência entre escritores ganha outra dimensão. Se, para ela, a obra de Reynaldo Moura revelava “contaminação do pensamento europeu e americano” (p.23), Alcides Maya é valorizado justamente “por construir uma obra onde o diálogo entre a cultura europeia e uma realidade da Campanha ilustra o processo de ‘transculturização’”. (p.29) Há, evidentemente, uma valorização da apropriação e dos significados que tal incorporação adquire e mobiliza em novo contexto.

A partir da leitura da obra de Rama, há também uma ampliação no significado de literatura regional do sul para uma condição transnacional, situando-a como integrante de uma literatura do Cone Sul. Ler a literatura produzida nessa região de fronteira - Uruguai, parte da Argentina e do Rio Grande do Sul - com subsídios teóricos latino-americanos, como os de Candido ou Rama, associados a outras perspectivas comparatistas, como a de Cioranescu, Cláudio Guillén e Daniel Henri-Pegeaux,

possibilitou à Masina uma visão no âmbito dos imaginários culturais. E, assim, deslocando-se de um comparativismo pautado por rede de fontes e influências no sistema literário da nação ou em relação à Europa, para analisar correlações entre diferentes sistemas nacionais que convivem na região sul, ela revaloriza a literatura do sul.

Distanciando-se de uma visão nacionalista no estudo da literatura regional do Rio Grande do Sul, a pesquisadora reconhece e dedica-se à importância da cultura e da literatura hispano-americana na formação de uma literatura de fronteira. Desde então, seu trabalho propõe-se a reler a literatura do Rio Grande do Sul com a intenção de revelar “como o influxo platino conferiu peculiaridade aos textos da literatura de fronteira”. Para tanto, Masina relaciona a presença de escritores platinos, como Javier de Viana, Acevedo Díaz, Quiroga, Cambaceres, Güiraldes e outros, na obra de Simões Lopes Neto, Alcides Maya, Aureliano Figueiredo Pinto, Aparício Silva Rillo, Darcy Azambuja e Luis Carlos Barbosa Lessa.

Por esse viés, ela revaloriza especialmente a literatura gauchesca. A linguagem do gênero, tanto no que diz respeito ao léxico de línguas quanto aos níveis de registros incorporados à literatura são, desde um estudo comparado dos imaginários culturais, associados à história vivenciada nesse espaço intervalar. Da mesma forma, as recorrentes escolhas temáticas em contato, entre elas, a da violência e a do contrabando.

Apesar de trabalhar mais detidamente essa releitura da gauchesca, inclusive sua permanência e transformação em obras de escritores mais recentes, como Tabajara Ruas, Sérgio Faraco, Mario Arregui e Julian Murguía, é, sobretudo, na leitura da ampla e heterogênea obra de Faraco, que Masina sugere caminhos de leitura para além da gauchesca, reconhecendo a existência de comunidades interliterárias na região.

A perspectiva crítica adotada vai assumindo, ao longo da trajetória da pesquisadora, mais evidência, até desencadear uma proposta conceitual acerca de um regionalismo étnico na cultura do Rio Grande do Sul. Tal proposta, ao apontar o desenvolvimento do regionalismo nas múltiplas zonas de imigração no Rio Grande do Sul, põe em destaque a existência de diferentes modalidades do regionalismo.

Assim, ao indicar a diversidade étnica e os possíveis grupos culturais que constituem modalidades do regional no âmbito do estado, Masina também sugere uma fratura no sistema da literatura de fronteira. A pesquisadora, ao se referir à confusão realizada pelos estudos críticos entre regionalismo e gauchesca, faz referência à presença da cultura árabe na fronteira, o que indicia que a cultura de tal região precisa também ser estudada para além da gauchesca.

Outra limitação reconhecida pela pesquisadora refere-se ao conceito de transculturação. Masina admite que o conceito de Rama favoreceu uma leitura da tensão entre a tradição local e a modernidade e seus resultados criativos no âmbito da cultura letrada, tal qual ela fez, por exemplo, em seus estudos da literatura de Simões Lopes Neto. Contudo, destaca ela, há outras modalidades de produção cultural e ficcional de ordem popular, tais como obras que visam a um público médio, os festivais nativistas, os centros de tradições gaúchas, para citar algumas, que a categoria de estudo não tem alcançado. Ainda que tenha relativizado muitos dos conceitos que balizaram toda sua trajetória de pesquisa, Masina, nesse último artigo que retomei, reitera que “é no âmbito da Literatura Comparada que melhor cabem os estudos sobre o regionalismo”. (MASINA, s/d: 9)

Outra pesquisadora aqui destacada é Ligia Chiappini, por também desenvolver, ao longo de toda a sua trajetória acadêmica, um trabalho acerca da literatura da região sul. Inicialmente, suas pesquisas, sob a orientação de Antonio Candido, dedicam-se à revisão da literatura regional do Rio Grande do Sul em sua relação com o modernismo no Brasil. Do estudo em questão, resultou a obra *Modernismo no Rio Grande do Sul: materiais para o seu estudo* (1972).

A perspectiva adotada tem seguimento em seu doutorado, também sob a orientação de Candido, centrando-se, porém, na leitura crítica de poesia, de narrativa e de ensaios, com o objetivo de investigar a tensão estabelecida entre modernismo e regionalismo no sul do país. Parte do referido estudo resulta na obra *Regionalismo e Modernismo: o caso gaúcho* (1978), na qual, a partir da leitura de nove narrativas ficcionais⁴⁶, a autora avalia a existência de uma dissonância entre a posição propalada

⁴⁶ Os títulos estudados por Chiappini abarcam narrativas das primeiras décadas do século XX e são: *Contos Gauchescos* (1912) e *Casos de Romualdo* (1914), ambos de Simões Lopes Neto; *Alma bárbara*,

pela ensaística do sul, por uma originalidade e experimentação formal, o que a vincularia à estética modernista, e a produção ficcional da região. Segundo a avaliação de Chiappini, a narrativa ficcional do sul, como uma das tendências do regionalismo no Brasil, estava marcada por um descritivismo, uma tipificação da personagem em torno da figura do gaúcho herói e uma posição externa do foco narrativo, que distancia narrador e mundo narrado. Esse modelo de prosa regionalista no Rio Grande do Sul, conforme a autora, realizou a projeção de um herói nacional e a criação do mito da democracia no campo, iniciativas também presentes na historiografia sulina da época. Por isso, em sua apreciação, as obras em questão serviram à ideologia da classe dominante, que pretendia a projeção do homem do sul à condição de herói nacional. A iniciativa também pode ser evidenciada, de acordo com o que destaca Chiappini, pelo afastamento que tanto o discurso ficcional quanto o historiográfico buscaram manter em relação aos vínculos do estado com a história e a cultura do Prata.

Contudo, a leitura de Chiappini sustenta que a obra de João Simões Lopes Neto foi uma exceção a essa perspectiva dominante. A “interiorização do foco narrativo” como técnica que absorve e valoriza a fala do outro, a do peão da estância, fez de Lopes Neto um precursor do modernismo no sul, no entender de Chiappini. Quanto aos vínculos com a região do Prata, a pesquisadora observa que Simões Lopes Neto incorpora à sua narrativa não só expressões e palavras em espanhol, mas também fontes historiográficas, mitos e lendas registradas em livros de estudiosos rio-prantenses.

Tal perspectiva teve continuidade em sua tese de livre-docência, momento em que ela retoma parte de suas investigações desenvolvidas no doutorado e empreende uma profunda reflexão sobre a obra de Simões Lopes Neto. Esse trabalho resulta na obra *No entretanto dos tempos: literatura e história em Simões Lopes Neto* (1988) e na edição crítica da obra de Simões Lopes Neto, que Chiappini preparou no mesmo ano⁴⁷.

Entre 1989 e 1993, a pesquisadora volta-se ao estudo da questão do regionalismo na Europa. Iniciando um estágio de pesquisa junto ao Instituto de Estudos Latino-Americanos, na Universidade Livre de Berlim, Alemanha – onde posteriormente atuaria como docente –, Chiappini realiza, em diferentes países da Europa, um levantamento

de Alcides Maya (1922) e *Querência*, de Vieira Pires; *No pago*, de Clemêncio Barnasque; *Pampa*, de João Maia, *No galpão*, de Darcy Azambuja, todas de 1925, e *Quero-quero*, de Roque Callage (1927).

⁴⁷Ver: *Contos gauchescos, Lendas do sul e Casos do Romualdo*, edição, apresentação e notas de Ligia Chiappini. Rio de Janeiro: Ed Presença-INL, 1988.

bibliográfico sobre estudos do regionalismo. Desse processo, a pesquisadora prepara um balanço teórico que acaba por sintetizar no texto “Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura”. (1994)⁴⁸ As teses oferecem um panorama histórico do regionalismo no Brasil e na Europa, destacam alguns momentos significativos da tendência do século XIX aos anos noventa do século XX e acentuam o caráter político, cultural e estético das obras. No mesmo ano, Chiappini havia publicado o texto “Velha praga? Regionalismo literário brasileiro”, junto à obra *Palavra, Cultura e Literatura na América Latina*, organizada por Ana Pizarro⁴⁹, onde tratava da mobilidade dessa tendência literária ao longo da história da literatura brasileira. Se já nesse artigo ela sugere que a relação entre subdesenvolvimento e produção ficcional não é suficiente para se entender o “fôlego de gato” do regionalismo no Brasil e na América Latina como um todo, em suas teses, a pesquisadora reafirma a questão. A ampliação de seus estudos pela Europa levou-a a “repensar a tese bastante aceita pela crítica brasileira de que o problema do regionalismo seria decorrência do subdesenvolvimento e, como tal, irrelevante nos países do primeiro mundo...” (CHIAPPINI, 2012:10)⁵⁰

No que se refere aos seus estudos da ficção produzida no Rio Grande do Sul, Chiappini seguia, predominantemente, situando-o no campo da literatura nacional. Contudo, no final dos anos noventa a pesquisadora movimenta-se, paralelamente, em duas direções que se entrecruzam: por um lado, aprofunda seus estudos dos regionalismos no Brasil e da literatura urbana, a partir das relações entre literatura e história⁵¹; por outro, se abre à literatura do Prata.

Buscando ater-me ao foco de minha pesquisa, interesse-me, neste momento, por seus trabalhos acerca do segundo viés aqui apontado. Conforme pretendo tornar evidente, é somente a partir desse momento que Chiappini volta-se mais diretamente a estudar as relações da literatura do Rio Grande do Sul com a região do Prata ou, como

⁴⁸ Este artigo, publicado primeiramente nas Atas do Congresso de Literaturas Lusófonas, realizado em Lisboa, em 1994, foi posteriormente publicado no Brasil. Ver: CHIAPPINI, Lígia. Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, 1995, p.153-159.

⁴⁹ PIZARRO, p. 700

⁵⁰ Fragmento do Texto Regionalismo(s) e Regionalidade(s) num mundo supostamente global, apresentado na ABRALIC, em 2012. Recebi da autora, por email, no dia 18 de agosto de 2014; a paginação está de acordo com o texto enviado por Chiappini.

⁵¹ O momento inicial de reflexões entre história e ficção na América Latina, na obra de Chiappini, pode ser percebido na constituição do grupo de pesquisa Angel Rama, criado junto ao Centro Interdepartamental na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, conforme relato de pesquisas do grupo, apresentado por Chiappini, no II Congresso da ABRALIC, 1990. Ver: ANAIS.

ela própria manifestaria mais tarde, “trata-se de atualizar os estudos da literatura e cultura gaúchas em tempo de globalização”. (CHIAPPINI, 2004:15)

Seu artigo "De Fausto a Fausto, o gaúcho na ópera" (2000), leitura realizada acerca da obra de Estanislao del Campo, aponta uma ampliação do estudo da literatura gauchesca por parte da pesquisadora. Nele, a autora apresenta uma leitura do texto do escritor argentino, comparando-o à obra de Goethe, fonte intertextual maior dessa narrativa ficcional. Mas, sobretudo, ela destaca a importância do texto analisado para o gênero gauchesco, especialmente pela inversão do olhar que o mesmo realiza: é o paisano, gaúcho que lê e narra à cidade, o teatro. No artigo em foco, Chiappini ainda retoma a tradição crítica argentina acerca das três fases da gauchesca platina, quais sejam: neoclássica, romântica e realista, observando que a obra de Estanislao del Campo percorre toda essa longa tradição ficcional ao realizar uma paródia do universo em que está inserida. E assim, em consonância com o entendimento de Jorge Luis de Borges e de Ángel Rama, Chiappini reafirma que a gauchesca é um projeto letrado de literatura nacional, cuja base foi a imitação sistemática da linguagem e do estilo dos gaúchos.

Também seu artigo "Martín Fierro e a cultura gaúcha do Brasil", integrante da edição crítica do texto de José Hernandez, editado pelos argentinos Élica Lois e Ángel Nuñez, em 2001, é mais um exemplo da ampliação da perspectiva de leitura do regional, por parte de Chiappini. Nesse texto, a pesquisadora empreende um estudo das traduções de Martín Fierro no Brasil, considerando especialmente sua recepção por poetas, escritores e pela crítica literária. Chiappini retoma e amplia a publicação do mencionado trabalho no artigo "Martín Fierro é brasileiro?" (2004)⁵², no qual, ao tratar do debate e da construção da narrativa em torno da importância dessa obra de Hernandez na cultura do Rio Grande do Sul, a autora compara duas traduções realizadas para o português da primeira parte de *Martín Fierro*, "A Ida". Finaliza, questionando se a existência de problemas da tradução desse poema não residiria no fato de que o mesmo pertence ao que Ángel Rama chama de gênero colidante. Ou seja, um texto que se constrói na fronteira entre a oralidade e a escrita; ou daquilo que Cornejo Polar chamou de literaturas heterogêneas, uma vez que é escrito por alguém culto para leitores cultos sobre um universo cultural distante do seu.

⁵² Artigo publicado na obra *Pampa e Cultura de Fierro a Netto*, organizada por Ligia Chiappini, Maria Helena Martins & Sandra Pesavento. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

Além de ampliar seu objeto de estudo para a ficção e para obras da região sul, de cultura hispânica, Chiappini começa a refletir, em diálogo com historiadores, acerca da construção das fronteiras. Tal empreendimento pode ser acompanhado tanto por sua participação no Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em História (1999) quanto por seu artigo, apresentado na ocasião, “Relações entre História e Literatura no contexto das humanidades hoje: perplexidades” (2000). Também na organização do livro *Literatura e cultura no Brasil: identidades e fronteiras* (2002), que realizaria junto com Maria Stella Brescianni, como resultado de um encontro de literatos e historiadores em Varsóvia, também em 2002. E ainda nos estudos da pesquisadora, relativos à obra de Cyro Martins, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Rachel de Queirós e Erico Verissimo, apresentados em diferentes eventos.

A mudança de perspectiva apresentada é exposta de modo mais orgânico no artigo "O modernismo no Rio Grande do Sul: revisitando uma pesquisa dos anos setenta", publicado na revista *Literatura e Sociedade* (2003/2004). No texto citado, Chiappini reavalia suas pesquisas dos anos setenta e rediscute alguns pressupostos, refletindo acerca da pertinência de se repensar a relação entre modernismo e regionalismo nos momentos atuais. Ela pondera, enfim, que, apesar de manter muitas das considerações feitas a partir de suas pesquisas e apontadas em obras anteriores, a produção gaúcha, graças ao seu regionalismo, “pode manter uma certa originalidade em relação às influências do centro, coerentemente com sua cultura particular e com o estágio de desenvolvimento da sociedade gaúcha da época”. (CHIAPPINI, 2004: 264)

Por isso, ela considera o caso gaúcho exemplar para se refletir sobre modernidades plurais e para se repensar as relações entre nação, região e mundo, bem como localismos e cosmopolitismo, vanguarda e regionalismo.

E especialmente em sua pesquisa *Fronteiras culturais e cultura fronteiriça na comarca pampeana: obras exemplares*, iniciada em 2004, financiada pelo Programa Internacional Brasil-Alemanha (PROBRAL), que Chiappini se propõe a atualizar o tema da literatura e cultura gaúcha e *gaucha* em tempos de globalização. Para tanto, empreende, desde uma abordagem comparativa, uma leitura de textos brasileiros, argentinos e uruguaios, considerados exemplos da tensão nacional, regional, transnacional nos séculos XIX e XX.

Nessa pesquisa de fôlego, Chiappini parte de um questionamento em torno das identidades nacionais e regionais da comarca pampiana e do papel dos textos literários nesse processo. Dentre os objetivos do projeto, está a intenção de “Apresentar a gauchesca como sistema literário transnacional, sob uma nova luz, especialmente exemplar de uma cultura de fronteira”. (CHIAPPINI, 2004: 259)

O trabalho em andamento e as obras resultantes de sua trajetória de investigações, das orientações de pesquisa em âmbito de graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado em universidades brasileiras e fora do Brasil, somados às articulações de Chiappini com investigadores/pesquisadores no Brasil, na América hispânica e na Alemanha, tornam evidente a dedicação da pesquisadora ao estudo da comarca pampiana.⁵³

O projeto que coordena, conforme ela mesma apresenta na obra *Pampa e Cultura: de Fierro a Netto* (2004), desenvolve-se a partir de três linhas de pesquisas: as duas primeiras são trabalhadas autonomamente, enquanto a terceira, de modo transversal a elas. A primeira linha organiza-se em torno da “Formação das literaturas nacionais como criação das fronteiras culturais”; a segunda focaliza “O gaúcho como figura fronteira: morte e ressurreição”; e a terceira, “Fronteiras linguísticas: mesclas e delimitações, do léxico à pragmática”.

Partindo do conceito de Benedict Anderson, de nação enquanto comunidade imaginada (1983), Chiappini, em suas reflexões acerca das literaturas nacionais da região sul da América – Argentina, Uruguai e Brasil –, quer considerar “a diversidade e pluralidade das culturas regionais” (CHIAPPINI, 2004: 253), tanto nas dimensões

⁵³ No Apêndice da obra *Pampa e Cultura*, intitulado “Projetos Fronteiriços”, Ligia Chiappini apresenta seu projeto “Fronteiras culturais e cultura fronteira na comarca pampeana: obras exemplares”, proposto em parceria entre a Universidade Livre de Berlim e a Universidade de São Paulo, sendo coordenado por ela e por Sandra Nitri. Evidencia ainda que o projeto, articulado ao Programa de Pesquisa do Instituto Latino-Americano da Universidade Livre de Berlim, tem buscado integrar pesquisadores autônomos ou membros de equipes institucionais que se dedicam à temática de fronteiras. Dentre os projetos, ela aponta o desenvolvido por Ana Pizarro sobre a região amazônica e, em especial, os projetos que tratam da *comarca pampeana*. Nesse caso, Chiappini destaca o intercâmbio com o projeto Fronteiras Culturais (Brasil-Uruguai-Argentina), coordenado por Maria Helena Martins, diretora do Centro de Estudos de Literatura e Psicanálise Cyro Martins. Tais projetos congregam Léa Masina, professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Pablo Rocca, professor da Universidad de la República, Uruguai, e os professores argentinos Élica Lois e Ángel Nuñez; articulam-se ainda a projetos afins, como os iniciados pelos historiadores brasileiros Sandra Pesavento e Serge Gruzinski, que também eram professores da UFRGS e pesquisadores das áreas de ciências sociais do Instituto Ibero-Americano de Berlim.

nacionais quanto na condição transnacional em que cultura e a ficção vêm sendo construídas.

Com essa perspectiva, os estudos sob sua coordenação cobrem um amplo arco temporal: da segunda metade do século XVIII ao final do século XX, considerando um conjunto ficcional cujo centro é a figura do gaúcho. Nesse sentido, recorre ao que denomina “de obras exemplares dessa problemática nacional, regional e fronteiriça, que se tece, sobretudo, em torno da figura do gaúcho”. (CHIAPPINI, 2004: 254)

Partindo da delimitação estabelecida, a seleção do corpus prevê não apenas obras clássicas da literatura gauchesca, mas também a inclusão de textos ficcionais que realizam releituras do repertório em questão. A postura de incluir em seu recorte a leitura de obras que dialogam e desconstruem a gauchesca, deve-se ao fato de que Chiappini reconhece nelas uma continuidade do gênero e, por sua vez, que as mesmas podem ser integradas ao que o uruguaio Pablo Rocca (2004) entende como uma pós-gauchesca.

A pesquisadora alerta para o fato de que a literatura do Rio Grande do Sul tanto quanto a argentina e a uruguaia estão relativamente bem-estudadas, contudo, considerando as aproximações existentes entre esses países, “O que está pouco estudado é a relação entre elas”. (CHIAPPINI, 2004: 255). Nesse sentido, a pesquisadora propõe-se a desenvolver estudos comparatistas horizontais sul-sul e, assim, não só superar o desconhecimento entre países com história e culturas afins, mas também retomando um princípio do historiador argentino, Ignacio Corona (1988), para “descolonizar nossa história”.⁵⁴

Chiappini chama atenção ainda para as transformações da gauchesca, uma vez que se observa recorrência de seus símbolos para além de textos verbais, como nos cinematográficos, pictóricos e musicais, o que exige estudos que também contemplem essas migrações no âmbito da cultura.

No ano de 2004 realiza-se ainda o Simpósio Internacional Fronteiras Culturais no Cone Sul, organizado pelo Centro de Estudos de Literatura e Psicanálise Cyro

⁵⁴ Chiappini, ao abordar conceito de descolonização, refere-se a reflexões de Ignacio Corona em seu artigo *Vecinos distantes? Las agendas críticas posmodernas en hispanoamerica y el Brasil*. Revista iberoamericana. Vol. LXIV. Núms 182-183, Enero-Junio, 1998, p. 17-38.

Martins – CELPCYRO – e pela Cátedra de Literatura e Cultura Brasileira do Instituto Latino-Americano da Universidade Livre de Berlim, em Porto Alegre. Do encontro, resulta a obra *Cone Sul – fluxos, representações e recepções* (2006), a qual reúne parte das pesquisas realizadas por integrantes dos projetos coordenados pelas organizadoras do evento, bem como por outros convidados, que tratam de expor e debater acerca da circulação, dos intercâmbios e também dos cerceamentos e enfrentamentos de pessoas, mercadorias, ideias, línguas, artes, símbolos e modos de interpretá-los no contexto de um Mercosul cultural.

No conjunto dos trabalhos que integram a obra, está o artigo "João Simões Lopes Neto e Javier de Viana: dois escritores fronteiriços e um diálogo hipotético", de Chiappini. Nele, a pesquisadora reitera parte dos objetivos de seu projeto, entre eles o de:

Retomar os estudos de Ángel Rama (1967 e 1985) e Alejandro Losada (1976), de Guilhermino César (1956-1973), Manoelito de Ornellas (1948), Augusto Meyer (1952) e Donaldo Schüller (1987) para citar os mais importantes entre os que tentaram algumas comparações entre a gauchesca brasileira e a platina, desenvolvendo e aprofundando hipóteses e intuições que eles apenas formularam (CHIAPPINI, 2006: 72)

Por entender que estudar o regionalismo na fronteira sul do Brasil com os países do Prata é repensar as identidades híbridas que aí se configuraram e reconfiguram em tempos de globalização, a pesquisadora coloca a necessidade de retomar os fundamentos dos primeiros críticos que trataram do tema. Segundo Chiappini, a literatura da região, no século XX, pode ser compreendida em três momentos: o que abarca as três primeiras décadas, quando se localizam tensões entre pré-modernismo e modernismo; regionalismo e vanguardas; um segundo, situado nas três décadas posteriores e que, atento ao subdesenvolvimento, realiza um neorrealismo crítico e pode ser entendido, no âmbito brasileiro, como um “super-regionalismo”; e um terceiro momento, localizado nas quatro últimas décadas, quando tipos e temas reaparecem, sobretudo, em textos paródicos e acabam sendo incorporados também por outras linguagens, como a música, a telenovela e o cinema.

Considera que, no primeiro momento, encontram-se escritores que publicaram no final do século XIX até o final dos anos 20: Alcides Maya, João Simões Lopes Neto, Roque Callage, Ramiro Barcellos (Brasil); Eduardo Acevedo Díaz, Javier de Viana, Carlos Reyes, Horácio Quiroga (Uruguai); Ricardo Güiraldes, Roberto Payró, Benito

Lynch (Argentina), por serem expressivos de suas respectivas literaturas nacionais e, especialmente, por tratarem da região pampiana.

Desse recorte, ela destaca os escritores Simões Lopes Neto e Javier de Viana, a fim de compará-los a partir de suas biografias e de suas obras. Após elencar semelhanças entre os dois escritores e levantar a possibilidade de que especialmente Simões Lopes Neto tenha lido a obra de Viana, a pesquisadora apresenta considerações acerca de suas produções ficcionais, dentre elas: a ocorrência de uma proximidade temática (ambos tratam do pampa, suas guerras, caudilhos, costumes gaúchos, convívio com os animais, jogos, brigas em boliches, carreiras e da solidão dos pampas, de taperas e glórias passadas). No que se refere à linguagem, ela observa que os escritores lidam com uma simplicidade na escrita que destoava da época, quando a maioria dos escritores estavam voltados à estética parnasiana e modernista hispânica. E ainda destaca que tanto Simões quanto Viana referem-se aos contextos de transição da sociedade rural para a urbana com início de industrialização. Contudo, para a pesquisadora, a comparação das obras dos escritores mostra também profundas diferenças que são, sobretudo, “de técnica, de estilo, de tom e de ritmo. Delas resulta uma diferença fundamental de visão do gaúcho”. (CHIAPPINI, 2006: 83).

No caso de Viana, o foco narrativo mantém-se predominantemente em terceira pessoa. No caso de Simões Lopes Neto, o foco é interno ao mundo narrado e, associado a esse tratamento, “recupera a dinâmica e a musicalidade da voz”, possibilitando que a voz do outro, não letrado, traga à tona o seu universo cultural. A técnica, aliada à escolha temporal pela recuperação de memória do narrador, subverte não só a linearidade da narrativa ou a sintaxe da frase escrita e culta, mas também a lógica racionalista, que tende a separar o mundo do campo do urbano. Por isso, em Simões Lopes Neto, não se tem a visão do gaúcho como um bárbaro – a exemplo do modelo de Sarmiento – ou atrasado, nem tampouco há a presença de algum personagem em defesa da modernização, elementos que frequentemente estão na obra de Viana. Por isso, Chiappini considera que o diálogo da literatura de Simões Lopes Neto se faz, sobretudo, com a tradição da gauchesca em verso, especialmente com Martín Fierro, bem como com autores que trataram de mitos, superstições e lendas da região do rio da Prata, como Daniel de Granada (1896). Nesse sentido, para a pesquisadora, “em Simões Lopes Neto, assim como em Hernandez, o subalterno recupera a voz porque essa voz é

construída poeticamente num discurso que não opera com a ruptura entre o culto e o popular, o oral e o escrito”. (CHIAPPINI, 2006:87)

Lígia Chiappini finaliza sua exposição, destacando a necessidade de renortear a pesquisa a partir da leitura comparativa de Viana com outro brasileiro contemporâneo, Alcides Maya, autor que também opta por um foco narrativo externo ao universo narrado. Ou seja, a pesquisadora manifesta o interesse em manter sua leitura no âmbito do primeiro recorte que estabeleceu da produção ficcional.

Encerrando a retomada dos estudos de Chiappini acerca da literatura da região da fronteira no Cone Sul, destaco que tive oportunidade de acompanhar a apresentação de um dos resultados do projeto de pesquisa *Mercosul/Mercosur dimensões culturais, políticas e econômicas*, um projeto de integração a partir das fronteiras, em 2011, em Porto Alegre. O livro *Fronteiras da integração: dimensões culturais do Mercosul = Fronteras de la integración: las dimensiones culturales del Mercosur*, organizado por Carla Gallinati, é um dos resultados de pesquisa de campo e bibliográfica sobre e na região das fronteiras do Brasil com o Uruguai, a Argentina e o Paraguai, acerca da dimensão cultural do Mercosul, vivenciado por estudantes e professores alemães e brasileiros.⁵⁵

Dentre os artigos apresentados, destaco "Literatura e Fronteiras Culturais: Pampa e Amazônia", de Chiappini. Nele, a pesquisadora expõe a abertura de suas investigações para além da comarca pampiana, conforme já assinala o título do artigo. Mediante a expansão do Mercosul, com o ingresso da Venezuela, e apostando na dimensão social e cultural do bloco, Chiappini destaca a pertinência da ampliação das fronteiras e das áreas culturais a serem estudadas.

Assim, retomando o conceito de comarcas culturais, de Ángel Rama, a fim de entender as culturas que se realizam em espaços transnacionais, ela se dedica, no artigo citado, a tratar de duas comarcas: a pampiana e a amazônica. Observa que a distância e as diferenças topográficas, históricas e culturais entre os dois polos não impedem que se reconheçam semelhanças entre ambas as comarcas, uma vez que, segundo aponta Ana Pizarro, “ambos têm núcleos de produtividade simbólica que se articulam ao incorporar

⁵⁵ Para mais conhecimento sobre o projeto e seus resultados, ver a apresentação do livro, denominada "Crônica de uma experiência", de autoria de Lígia Chiappini e Jan Davidi Hauck (p. 11-19).

as tensões próprias de nossa cultura no seu condicionamento periférico” (PIZARRO apud CHIAPPINI, 2011: 398). Assim, Chiappini percebe e elenca elementos comuns entre as diferentes comarcas, tais como: a condição de constituírem territórios de passagem e também limites da soberania nacional; a distância que ambos têm do poder central, os processos tardios de incorporação e os conflitos armados que levaram à criação de repúblicas independentes (República de Piratini, 1835/45 e República dos Cabanos, 1830/35); e, finalmente, preocupações de ordem identitária, uma vez que “nas duas comarcas, há uma parte do Brasil oscilando entre ser brasileiro ou ser outro, tensão que deixa rastro até hoje...” (CHIAPPINI, 2011: 400)

Por isso, para a pesquisadora, trabalhar com o conceito de comarca cultural, articulando-o ao de América Latina, “implica superar a concepção estática dos territórios e nações para repensá-los não somente como processo e construção, mas, sobretudo, como projeto e utopia a construir pelo trabalho...” (CHIAPPINI, 2011: 399)

Com relação ao artigo destacado, limito-me a retomar as principais considerações da pesquisadora acerca dos estudos realizados da ficção narrativa na comarca pampiana, foco de meu interesse.

Reconhecendo que a literatura colaborou muito na reprodução do sistema colonizador, mas também atuou no contraponto da ideologia das cidades letradas, Chiappini, nos interstícios da ficção, considera que outros Brasis aparecem. No caso do pampa, ela reconhece a existência de “diversas faces dessa fronteira-sul” (CHIAPPINI, 2011:404). Entre os exemplos citados pela pesquisadora, encontram-se textos que, ao tratarem da Revolução Farroupilha, ou da Guerra do Paraguai, trazem nas contradições e limites desse momento, o destronamento do gauchismo heroicizante, a tragédia dos negros escravizados ou do peão-soldado, em narrativas como o *Neto perde sua alma*, de Tabajara Ruas. Ou ainda, na criação de Sergio Faraco, Aldyr Garcia Schlee, Luis Fernando Verissimo, Moacyr Scliar, João Gilberto Noll, Luis Antonio de Assis Brasil.

Ora, desde pelo menos o final do século XIX, a literatura brasileira mostrou sinais de um diálogo com as literaturas vizinhas, sobretudo no caso da literatura produzida no Rio Grande do Sul. A princípio, esse diálogo se limitou a uma intertextualidade, reveladora de que os brasileiros liam obras de argentinos e uruguaios e delas se apropriavam, como é o caso de Martín Fierro, que ressoa em toda a gauchesca rio-grandense. Pouco a pouco, o intercâmbio foi se estreitando pelo encontro direto de alguns autores, pela correspondência entre eles e até mesmo pela tradução e a crítica recíproca, como no caso de Sergio Faraco e Mario Arregui. (CHIAPPINI, 2011: 403)

No que se refere à literatura no Rio Grande do Sul, ela aponta o surgimento de autores da zona italiana e alemã do estado, cujas escritas são tensionadas pela dupla existência, como é o caso de Jayme Paviani, Lya Luft e Charles Kiefer, para citar alguns por ela referidos.

Além desse reconhecimento da existência de um regionalismo étnico, já apontado por Masina, Chiappini destaca ainda um novo fenômeno que vem ocorrendo com a literatura gaúcha nas últimas décadas, o qual poderá trazer outras mudanças e interferências. Para além do circuito tradicional de circulação, nos limites do estado, a literatura do Rio Grande do Sul, por diferentes aspectos, tem obtido edição e circulação de novos escritores no centro do país e já tem mostrado outras facetas.

Como procurei aqui demonstrar, Ligia Chiappini é uma das principais críticas brasileiras que se tem dedicado, ao longo de sua trajetória acadêmica, à literatura de fronteira do Cone Sul. Nesse longo percurso de pesquisa acerca da literatura da região sul, que aqui buscamos percorrer, destacam-se algumas constantes em seu pensamento crítico, assim como sua relevância para a abertura e a articulação de pesquisas realizadas em torno do tema.

Como ficou evidente, a pesquisadora inicia seus estudos da literatura regional do Rio Grande do Sul, considerando-a no conjunto do regionalismo no Brasil. Tendo como base, especialmente, o pensamento de Antonio Candido em torno de “Literatura e subdesenvolvimento” (1964/1972), que motivou a retomada dos estudos da literatura regional a partir dos anos setenta no Brasil, ao apontar que o regionalismo poderia ser manifestação literária de áreas subdesenvolvidas. Sustentada nessa premissa e tomando como parâmetro as iniciativas e as realizações do movimento modernista, em especial paulistano da década de 20, é que Chiappini estuda a literatura do Rio Grande do Sul. Apesar de destacar o lugar singular de Simões Lopes Neto, ela acaba por ressaltar os limites do modelo de prosa regionalista no Rio Grande do Sul, no resultado de sua tese doutoral. O descritivismo, a personagem-tipo, o gaúcho herói, o foco narrativo externo ao mundo narrado, estratégias que marcavam essa ficção, coadunavam-se com a perspectiva do que Candido havia denominado de uma “consciência amena do atraso”.

Porém, as pesquisas de Chiappini em torno dos regionalismos na Europa possibilitaram-lhe ampliar sua percepção acerca do “fôlego de gato” da literatura regional no Brasil e na América Latina como um todo. Percebendo o resurgimento do regionalismo nas literaturas dos países da Europa em momento de reorganização nacional, ela reconhece que a persistência dessa tendência ficcional não estaria apenas na condição de subdesenvolvimento da região e que tampouco sua qualidade estética deveria implicar uma superação do regional. Assim, afastando-se da ideia de superação do regional como prerrogativa de uma pretensa conquista de universalidade da obra, a pesquisadora passa a questionar, já nos anos noventa, conceitos como “super-regionalismo”, de Candido, bem como a rever e a ampliar suas próprias leituras.

Para a pesquisadora, entender o regionalismo do sul requer, assim, já não só estudá-lo em relação ao modernismo brasileiro, mas, sobretudo, como um fenômeno da modernidade.

E então ela reconsidera, em parte, suas primeiras avaliações, entendendo que “o caso gaúcho é exemplar para se refletir sobre modernidades plurais”, assim como para “repensar as relações entre nação, região e mundo, bem como localismos e cosmopolitismo, vanguarda e regionalismo”. (CHIAPPINI, 2004: ?)

Partindo do conceito de comarca cultural, proposto por Rama, e articulando-o especialmente à circunscrição da América do Sul, Chiappini considera importante “superar a concepção estática dos territórios e nações para repensá-los não somente como processo e construção, mas, sobretudo, como projeto e utopia a construir pelo trabalho, [...]”. (CHIAPPINI, 2011: 399) É assim, desde tal perspectiva epistemológica que, para a pesquisadora, outros brasis podem emergir.

No que tange à literatura produzida no Rio Grande do Sul, a pesquisadora reconhece, além da importância da gauchesca, também das “diversas faces da fronteira do sul”, bem como a pertinência de estudos de outros textos cujas escritas são tensionadas pelo “duplo pertencimento” (CHIAPPINI, 2011: 410), como é o caso, por exemplo, dos produzidos nas zonas de colonização italiana e alemã do estado.

Seu trabalho de pesquisa em torno da produção ficcional do sul, contudo, como foi possível apreciar ao longo dessa retomada, segue no âmbito da gauchesca. Assim,

Chiappini delimita e orienta-se por um amplo arco temporal, a fim de abarcar um conjunto ficcional cujo centro é a figura do gaúcho, conforme evidencia a delimitação de seu repertório de leitura e seus trabalhos aqui resenhados.

O renovado caminho de pesquisa que Chiappini empreende, quer por meio de leituras comparatistas entre obras produzidas no universo hispânico e brasileiro, quer a partir da tradução e recepção no Brasil dessas obras, ou ainda pela produção crítica em torno do tema, trata das origens, dos intercâmbios, das semelhanças e diferenças do gênero gauchesco.

Sem se deter nas origens do gênero no universo hispânico, mas reconhecendo as origens da gauchesca enquanto projeto letrado de literatura nacional cuja base, para ela, foi uma imitação sistemática da linguagem e do estilo dos gaúchos, a pesquisadora opta por estudar as origens da gauchesca no Rio Grande do Sul em sua relação com a platina.

Buscando conceber a história da literatura em sua condição transnacional, no século XX, a pesquisadora entende que essa pode ser compreendida em três momentos, como foi já mencionado anteriormente. Observo que a pesquisadora, à luz do que havia estabelecido Candido para as fases do regionalismo (1972) e buscando atualizá-las, estima a permanência e a transformação do gênero. Assim, ainda que aponte as diversas faces da literatura da fronteira, o trabalho de pesquisa de Chiappini atém-se ao estudo da gauchesca e de seu desdobramento enquanto pós-gauchesca. Por sua vez, os princípios epistemológicos de suas leituras seguem baseados nos conceitos de comarca cultural e transculturação, de Rama.

Nesse sentido, os estudos de Chiappini demonstram a revitalização dos estudos da literatura de fronteira do Rio Grande do Sul e a importância do estudo desse imaginário para o entendimento da cultura do Cone Sul. Contudo, o reconhecimento por parte da pesquisadora acerca de uma pluralidade da literatura da região, e a delimitação de seus estudos em torno de uma única tendência ficcional da fronteira do Cone Sul deixa em aberto a necessidade de outros estudos acerca da literatura de fronteira.

Pretendi entender e apontar os principais fundamentos epistemológicos que norteiam as leituras das duas pesquisadoras – Masina e Chiappini – e, por esse caminho, ler o imaginário da literatura de fronteira apresentado pela produção crítica.

Contudo, observo a necessidade de conhecer também os principais fundamentos da crítica hispano-americana, especialmente argentina e uruguaia, em relação à literatura da região do Prata, a fim de verificar suas possíveis contribuições para a leitura da literatura de fronteira do Cone Sul. Afinal, os vínculos culturais e cotidianos entre a região são dados pela produção ficcional há bastante tempo, pois como conforme escreveu Simões Lopes Neto, em 1912, reforçado pela voz de Blau Nunes, ao tratar das relações contínuas entre a região e das razões para a insubordinação do Rio Grande do Sul em relação à corte portuguesa: “Agora imagine vancê se a gente lá de dentro podia andar com tantas etiquetas e pedindo louvado pra se defender, pra se divertir e pra luxar! ... O tal rei nosso Senhor, não se enxergava mesmo!”. (LOPES NETO, 2001: 165)

Também é reveladora a relação evocada pela voz do narrador borgiano, ao contar o enfrentamento de compadrito, Otálara, com um caudilho brasileiro, Bandeira⁵⁶:

Que un hombre del subúrbio de Buenos Aires, que un triste compadrito sin más virtud que la infatuación del coraje, se interne en los desiertos ecuestres de la frontera del Brasil y llegue a capitán de contrabandistas, parece de antemano imposible. / A quienes lo entiendan así, quiero contarles el destino de Benjamín Otálara (...) y que murió en su lei de un balazo, en los confines del Rio Grande do Sul. (BORGES, 1989: 545)

Não é apenas um jogo retórico então o questionamento provocativo de Ligia Chiappini em seu artigo: “Martín Fierro é brasileiro?”. (CHIAPPINI, 2004: 51)

Pelos poucos e desafiadores exemplos aqui citados, destaco que pensar a literatura da região de fronteira do sul do Brasil requer considerar tanto o imaginário ficcional quanto o imaginário da crítica hispano-americana sobre a região, cujas omissões e ausências acerca da produção ficcional do Rio Grande do Sul podem também sugerir muito mais sobre o que não dizem.

Assim, sem a pretensão de dar conta da intensa produção crítica hispano-americana em torno do tema, recorro a alguns textos que considero importantes, a fim de mapear o percurso da crítica argentina e uruguaia acerca da região cultural do Prata e observar/destacar se ela estabelece algum vínculo com o sul do Brasil.

⁵⁶ Para acompanhar uma leitura acerca da presença do sul do Brasil na literatura borgeana, destaco: SERRALTA, Carmen Maria. *A fronteira onde Borges encontra o Brasil*. Porto Alegre: Movimento, 2011. E o texto de BALDERSTON, Daniel. *Gaúchos da fronteira: Uruguay e Rio Grande do Sul nas obras de Borges*. Acessível em: <http://www.borges.pitt.edu/sites/default/files/Balderston%20in%20Moreira.pdf>

1.2. A crítica na Argentina e no Uruguai

No caso da Argentina, a literatura do Prata, especialmente como gênero da prosa poética da gauchesca, tem sido amplamente estudada em sua riqueza ficcional a partir de fins do século XVIII e produzido um vasto e diversificado pensamento crítico.

Dissociada em sua origem, da literatura, a produção gauchesca foi considerada indigna de ser tratada no âmbito das “bellas artes”, dominante no espírito crítico da época. O peso da obra *Civilización y barbárie*. Vida de Juan Facundo Quiroga. Aspecto físico, costumbres, hábitos de la República Argentina (1845), de Domingo Faustino Sarmiento, foi sepulcral e, paradoxalmente, ativador da gauchesca, conforme aponta Josefina Ludmer (1988)⁵⁷. O fragmento seguinte, que a pesquisadora extraiu da obra de Sarmiento, permite-nos acompanhar a afirmação:

... Pero el alma rebelde de Quiroga no podía sufrir el yugo de la disciplina, el orden del cuartel ni la demora de los ascensos. Se sentía llamado a mandar, a surgir de un golpe, a crearse él solo, a despecho de la sociedad civilizada y en hostilidad con ella, una carrera a su modo, asociando el valor y el crimen, el gobierno y la desorganización. Más tarde fue reclutado para el ejército de los Andes y enrolado en los *Granaderos a caballo*: un teniente, lo tomó de asistente, y bien pronto, la desertión dejó un vacío en aquellas gloriosas filas. Después Quiroga, como Rosas, como estas víboras que han medrado a la sombra de los laureles de la patria, se ha hecho notar por su odio aos militares de la Independencia, en los que uno y otro han hecho una terrible matanza. (SARMIENTO, apud. LUDMER. 1988: 24. Facundo, Capítulo V, “ Vida de Juan Facundo Quiroga. Infancia y juventud.”)

Para Josefina Ludmer, *Civilización y barbárie* é o revés exato do gênero gauchesco e também uma obra que marca os limites de seu espaço externo. Segundo a pesquisadora, deve-se observar que é a condição de biografia e não de autobiografia a que marca a voz do gaúcho, Quiroga, como um indisciplinado, desertor, déspota, tirano, víbora, entre outras desqualificações. O estigma marcaria por muito tempo tudo o que se refere ao gaúcho e ao campo como sendo a barbárie contra qual a civilização se impõe. Contudo, lembra Ludmer, é a voz do letrado que se (des) faz na voz do outro, na obra de Sarmiento.

Foram pensadores de fins do século XVIII e início do XIX que começam a se dedicar aos estudos da gauchesca. Para essa crítica, de origem romântica, a literatura

⁵⁷ LUDMER, Josefina. *El genero gauchesco*. Un tratado sobre la patria sudamericana, Buenos Aires: Livros Perfil S.A, 2000. Acessível em <http://www.folkloretradiciones.com.ar/literatura/ElgenerogauchescoUntratadosobrelapatria.pdf>

gauchesca é um fenômeno rioplatense, circunscrita à Argentina pampiana e ao Uruguai e tem sua base no folclore, ou seja, nas tradições, crenças e costumes das classes populares, retomando ou construindo uma tradição ficcional que parte do uruguaio Bartolomé Hidalgo, dos argentinos Hilario Ascasubi e José Hernández e passa pela paródia do também argentino Estanislao del Campo. Essa nova orientação crítica tem em Ricardo Rojas um de seus nomes mais significativos.

O historiador, frente à intensa imigração que chegava à Argentina, no final do século XIX, dedicou-se a pensar a reestruturação da nação por meio da política, da educação e da literatura⁵⁸. Contrariando a tese de Sarmiento, que ainda predominava no pensamento argentino, para Rojas a questão nacional não deveria ser pensada em termos disjuntivos. Segundo ele, a civilização precisava ser proposta a partir da história da Argentina, o que implicava considerar não só a cultura dos descendentes de espanhóis que nela nasceram – *los criollos* – e dos imigrantes que chegavam, mas, inclusive, a presença indígena, expressiva, sobretudo, em diferentes regiões da Argentina. Com tal perspectiva, o pensador organiza, em 1933, uma *História de la literatura argentina*, (1922-1925), onde expõe o que segue:

[...] mi concepto de la literatura no es sino el de un idioma en función estética o en función científica. La literatura abarca todo el contenido de la conciencia como expresión y del universo como representación. [...] El estudio de la literatura debe abarcar, así, todo el logos del hombre, desde el folklore hasta el parnaso, desde el arte del rústico hasta el del culto. Por eso he sumado en mi obra, a la bibliografía poética, la poesía anónima; y a la prosa literaria, la literatura científica, desde Azara hasta Ameghino. (ROJAS, tomo I, 35)

Essa ousada proposta, contudo, conforme avalia um de seus críticos⁵⁹, organiza-se sobre a base da literatura gauchesca que, para Rojas, é onde reside a Argentina por excelência. À voz dissidente de Rojas, que romperia com o predomínio crítico de sua

⁵⁸ Ricardo Rojas (1882-1957) foi um dos nomes mais importantes para a mudança na orientação crítica de sua época, segundo Graciela Liliana Ferrás. Rojas, argentino da província de Tucumán, publica em 1909 o livro *Restauración nacionalista*, em que trata da educação no país e sua relação com a intensa imigração na Argentina de sua época, no âmbito da cultura e da política. Rojas torna-se professor de literatura argentina na Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires, além de assumir a carreira política a partir da década de 30. A partir de 1915, ele dirige as edições da Biblioteca Argentina. Entre suas obras, destacam-se: *El país de la selva* (1907), *El alma española* (1907), *Cosmópolis* (1908), *La piedra muerta* (1912), *La Argentinidad* (1916). E ainda as que apresentam propostas para o desenvolvimento de uma filosofia americana: *Eurindia* (1924), *Historia de la literatura argentina* (1922-1925) y *El santo de la espada* (1933). Ver dados em FERRÁS, Graciela Liliana. Ricardo Rojas: inmigración y nación en la Argentina del Centenario. *Memoria & Sociedad* - v. 11 No 22 Enero - Junio de 2007, p.5-17. Acessível em: www.revistas.javeriana.edu.co/index.php/.../article/.../6405

⁵⁹ GRAMUGLIA, Pablo Martínez. Ricardo Rojas: una modernidad argentina. Acessível em http://www.cehsegreti.com.ar/archivos/FILE_00000339_1316805766.pdf

época, somar-se-ia à de Leopoldo Lugones, com *El payador* (1916)⁶⁰ e, posteriormente, a de Ezequiel Martínez Estrada, com *Radiografía de la Pampa* (1933).⁶¹ O entendimento da gauchesca como uma composição espontânea, decorrente da poesia do *payador* e portadora de uma consciência popular, desencadeado por Rojas, liga-se à discussão aberta por Lugones e Estrada acerca do papel da tradição e do escritor na pretendida modernização da nação argentina.

Mas seria Jorge Luis Borges, quer se dedicando aos estudos da poesia gauchesca, quer produzindo milongas⁶², poesias, contos⁶³ e ensaios quem reverteria a perspectiva de leitura e revitalizaria os debates acerca do gênero.

Borges, especialmente, a partir dos ensaios – "La poesía gauchesca" e "El escritor argentino y la tradición" – que publica em seu livro *Discusión* (1932)⁶⁴ que, reconhecendo a singularidade do gênero e seu valor, discorda da perspectiva aberta por Rojas e Lugones. Para Borges,

Derivar la literatura gauchesca de su materia, el gaucho, es una confusión que desfigura la notoria verdad. No menos necesario para la formación de este género que la pampa y que las cuchillas fue el carácter urbano de Buenos Aires, y de Montevideo. Las guerras de Independencia, la guerra del Brasil, las guerras anárquicas hicieron que hombres de cultura civil se compenetraran con el gauchaje; de la azarosa conjugación de esos dos estilos vitales, del asombro que uno produjo en otro, nació la literatura gauchesca. (BORGES, 1989:179)

Logo, ele distingue a poesia popular *de los gauchos* da poesia gauchesca. Sob essa perspectiva, Borges reflete acerca da condição artificial do gênero gauchesco, natureza afinal de toda a arte, e do papel da tradição na formação dos escritores argentinos, duas teses tratadas pelos pensadores anteriormente aqui citados. Refutando tanto a tese de que a tradição argentina reside na poesia gauchesca quanto afirmações de outros pensadores, que a vinculam à tradição da literatura espanhola ou a um isolamento

⁶⁰ Para Lugones, a obra de Hernández, Martín Fierro, é um poema épico de ascendência greco-latina e deve ser tomado como o livro nacional dos argentinos. LUGONES, Leopoldo. *El payador*. Acessível em: <http://www.letras.edu.ar/elpayador.pdf>

⁶¹ Ezequiel Martínez Estrada escreveu *Radiografía de la pampa* (1933), *Muerte y transfiguración de Martín Fierro; ensayo de interpretación de la vida argentina* (1948), *El mundo maravilloso de Guillermo Enrique Hudson* (1951) e *El hermano Quiroga* (1957). Neste trabalho, refiro-me apenas a sua primeira obra.

⁶² Ao referir-me à milonga, remeto à obra *Para las seis cuerdas* (1965). In: BORGES, Jorge Luis. *Obras Completas*. Barcelona: Emecé, 1989, p. 331-349. Composição que seria musicalizada por Astor Piazzolla e resultou no LP *El tango*, gravado também em 1965 com o quinteto de Piazzolla e vozes de Edmundo Rivero e Luis Medina Castro, pela Poligram, na Argentina.

⁶³ Dentre outros, destaco dois contos que integraram sua obra *El Aleph* (1949), "El fin artificios" (1944) e "Biografía de Tadeo Isidoro Cruz" (1829-1874). In: BORGES, Jorge Luis. *Obras Completas*. Barcelona: Emecé, 1989.

⁶⁴ Ver artigos In: BORGES, Jorge Luis. *Obras Completas*. p. 179-197; p. 267-274.

por sua condição de país novo, Borges manifesta: “Creo que nuestra tradición es toda la cultura occidental”. (BORGES: 1989, 272)

Para Borges, a literatura argentina e, por extensão, toda a literatura na América Latina, funda-se a partir de um diálogo potencial com todas as culturas, o que o afasta do pensamento dos intelectuais anteriormente citados. Eles coincidem por entenderem esse diálogo mediante a palavra escrita, ou seja, pela capacidade da cultura letrada de representar e incorporar a palavra e o pensamento do outro.

Por um caminho mais amplo, segue a proposta de Ludmer, em relação ao trato com a gauchesca. A pesquisadora propõe o estudo do gênero não só a partir da leitura de obras literárias, mas também de outros gêneros discursivos e textualidades⁶⁵. Para ela, a gauchesca ainda envolve as leituras realizadas em torno do gênero: biografias dos escritores, panfletos políticos, relatos diversos, descrição de batalhas, tratados de paz, leis, cartas, petições, testamentos, avisos, jogos de truco, ameaças, burlas, despedidas, insultos, bailes, festas e até felicitações de aniversário.

Ao focar a produção ficcional, Ludmer destaca que seu surgimento pode ser visto a partir de duas categorias principais: uma delas reside no uso que a cultura letrada faz da cultura popular.⁶⁶ Ao recorrer a essa voz, a cultura letrada logra uma acumulação de sentidos, um mundo outro que não é o daquele de onde escreve nem tampouco aquele a que se refere o texto. É esse uso da cultura oral pela cultura letrada o que define e nos permite pensar o gênero, aponta a pesquisadora. A perspectiva adotada reconhece a tradição de leitura da gauchesca aberta por Borges, concebida por Rama como “cultura letrada” (1984)⁶⁷, estendendo-a para o entendimento da literatura latino-americana de modo geral.

A segunda categoria para se pensar o surgimento do gênero, segundo Ludmer, é a emergência, enquanto advento e também necessidade urgente de uso do mesmo. A

⁶⁵ Ver os vínculos da proposta desenvolvida por Ludmer com a de Ramón Coni.

⁶⁶ No trabalho citado, ao tratar da gauchesca, ela delimita-a enquanto cultura do campo, uma cultura folclórica e popular que se diferencia da cultura urbana e encontra-se à margem da considerada “alta” cultura. Ver Ludmer, p.17.

⁶⁷ Para Rama, na base do processo de independência da América Latina, forjou-se “una política de representación” na qual os letrados investidos da autoridade do conhecimento instituíram as culturas nacionais, submetendo outras culturas de ordem oral aos seus interesses. Nesse sentido, para Rama, *La ciudad letrada* será cega não só para as expressões orais e cultura popular, mas também para “lo que ocurre dentro de la misma ciudad donde se prolonga la producción oral mezclandose con la escrita y dando lugar a nuevos lenguajes...”. (RAMA, 1998:74)

ilusão da primeira vez, quando o gênero ainda não era aceito, as categorias verbais utilizadas propunham um vínculo indissociável com seus referentes.

Ludmer chama atenção para o fato de que a leitura do gênero é diferente, dependendo da adoção das categorias de uso e emergência. E, por sua vez, tanto o uso quanto a emergência movimentam-se no tempo e na diversidade de objetos literários.

Considerando tais aspectos, a pesquisadora afirma que, a cada momento, o corte é lido desde outros, ou seja, “Hidalgo desde Castañeda, desde Hernández; *La vuelta* desde *la ida*, desde Borges, desde Hidalgo; *La ida* desde la ‘Biografía de Rosas’, de Luis Pérez y esta desde la de Ángelis; todo el género desde Fausto, y desde la literatura argentina presente. (LUDMER, 2000:19)

Mas, se Ludmer aponta que o gênero constitui-se do diálogo entre a produção ficcional e a absorção de discursos múltiplos no ficcional, ela considera também o papel que a crítica literária desempenha na construção do gênero. A pesquisadora observa que todo o trabalho crítico move-se entre seus limites e a definição de seu objeto. Objeto “es lo que se lee en la escritura otra o de otros” (LUDMER, 2000: 19); essa definição coloca em evidência a matéria que se recorta ou se constrói para ler e, por consequência, o sentido atribuído a esse recorte está indissociado de sua construção. Afinal, conforme ela considera, definir um objeto é sempre restringir e construir sentidos.

Outra categoria apontada por Ludmer é a de limite: do objeto e da crítica. Salienta a pesquisadora que o que define a crítica como instituição é sua referência à escritura do outro, a um corpus outro e, assim, “las dos fronteras se tocan; de un lado los objetos se leen, del outro lado las posiciones para la construcción y lectura de esos objetos...”. (LUDMER, 2000: 20) Destaca ainda que a história dessa relação está vinculada à tradição crítica inaugurada com o conceito de transculturação, de Fernando Ortiz e chega ao conceito de subalternidade. Para ela, trata-se de histórias que coincidem.

Assim, considerando a importância da tradição do pensamento latino-americanista para os estudos do gênero, a pesquisadora amplia a possibilidade de

leitura, fundamentando-se no âmbito dos Estudos Culturais⁶⁸. Conforme se pode observar, por um lado, Ludmer reconhece o amplo papel da cultura letrada na construção do gênero, não só no âmbito da criação ficcional, mas também na tradição de leitura, uma vez que ela interfere tanto sobre a criação quanto sobre a recepção do gênero. Por isso, o papel desempenhado pela produção crítica é reconhecido, por Ludmer, como integrante do próprio gênero.

Mas a pesquisadora destaca ainda a importância de se considerar também outros discursos e textualidades, os quais constituem e revitalizam o gênero. Afinal, se a leitura do gênero, conforme ela sinaliza, pode ser feita pelos processos de transculturação, que movimentam a cultura letrada, também pode ser entendida a partir de outros saberes que não passam pela letra, tais como o jogo de truco e os bailes. Isso porque, para ela, “en el género está toda la época y no solamente la literatura de la época. O que el género es el único que deja leer la época”. (LUDMER, 2000: 42)

A perspectiva hermenêutica proposta por Ludmer, ao ampliar o entendimento do objeto, conseqüentemente, dilata o entendimento do gênero e distancia-se da crítica clássica até então orientadora da leitura do gênero gauchesco. Tal fato evidencia-se não só pela diversidade discursiva e textual proposta por Ludmer, mas também porque aponta a mobilidade temporal do gênero: “todo el género desde Fausto, y este desde la literatura argentina presente”. (p. 19)

Cabe observar, no entanto que, se a pesquisadora ampliou o entendimento do objeto, manteve-o circunscrito ao âmbito hispano-americano. Afinal, apesar de na

⁶⁸ De acordo com a taxonomia proposta por John Beverley (2001), o campo dos Estudos Culturais latino-americanos durante os últimos dez anos dividiu-se em quatro projetos diferentes, mas que se complementam. São eles:

1. los estudios sobre prácticas y políticas culturales en la línea de Néstor García Canclini, George Yúdice, Jesús Martín Barbero y Daniel Mato;
2. la crítica cultural (deconstructivista o neofrankfurtiana) en la línea de Alberto Moreiras, Nelly Richard, Beatriz Sarlo, Roberto Schwarz y Luis Britto García;
3. los estudios subalternos en la línea seguida por él mismo, Ileana Rodríguez y los miembros del Latin American Subaltern Studies Group;
4. Y, finalmente, los estudios poscoloniales en la línea de Walter Dignolo y el grupo de la «modernidad/colonialidad», entre quienes se cuentan Edgardo Lander, Aníbal Quijano, Enrique Dussel, Catherine Walsh, Javier Sanjinés, Fernando Coronil, Ramón Grosfoguel, Freya Schiwy, Nelson Maldonado e Castro Gomes. In: CASTRO GOMES, Santiago. La poscolonialidad enseñada a los niños. Colombia: Editorial Universidad del Cauca. Instituto Pensar, Universidad Javeriana, 2005, p. 11. Observo que essa taxonomia, aliás, como toda classificação, limita o olhar. Contudo, tal proposta me permitiu aproximar e organizar um primeiro panorama sobre os princípios que norteiam os estudos de diferentes pesquisadores no âmbito do pensamento latino-americano atualmente e será por mim retomado em capítulo posterior.

introdução da primeira edição de sua obra, em 1988, Ludmer apontar a existência de uma gauchesca no Brasil, destaca que não se dedicará a ela.

O desconhecimento, a omissão e a falta de interesse por parte de críticos hispano-americanos acerca de possíveis relações entre a literatura produzida na Argentina, Uruguai e Rio Grande do Sul é dominante, salvo raras exceções.⁶⁹

As poucas exceções a essa postura, por parte da fecunda crítica argentina, restringem-se também à gauchesca, conforme apontam os três trabalhos aqui elencados. O primeiro foi a obra do argentino Emílio Ramón Coni, *El gaucho: Argentina – Brasil – Uruguay* (1945). Nela, Ramón Coni desenvolve sua tese acerca da origem dupla do gaúcho: hispânica e portuguesa. Ele traça uma história do gaúcho a partir do estudo dos costumes, vestuários e vocabulário utilizados em Buenos Aires, nas províncias do litoral argentino e nas fronteiras entre Argentina, Brasil e Uruguai, na busca pela voz do mesmo. Nesse amplo trabalho sobre a gauchesca, o autor provoca grande polêmica entre a crítica e desencadeia publicações em torno do tema por ele tratado.

O segundo foi a reflexão do crítico de literatura Félix Weinberg⁷⁰, que inclui a poesia popular brasileira do Rio Grande do Sul “de carácter gauchesco” nos estudos que faz de poesias argentinas. Abarcado pelo subtítulo “La gauchesca riograndense”, o crítico afirma que:

La tematica de la poesia *gaúcha* es de una variedad y riqueza sorprendente para quienes no la han frecuentado y revela interesantes analogías con las composiciones de factura rioplatense. Así encontramos cantos que idealizan la vida primitiva del gaucho, el nomadismo sin atajos, el coraje personal y el espíritu de aventura. (WEINBERG, 1974: 17)

Na mesma linha de Weinberg, mas a partir de outro *corpus*, destaco o artigo "Trama literária y trama política: construcción del enemigo en la gauchesca rioplatense y brasileña del siglo XIX", de Maria Lauro Romano.⁷¹ Com base nos aportes de Rama e

⁶⁹ Destaco as pesquisas de Sabine Schllikers e em especial sua obra: *Que yo también soy poeta – La literatura gauchesca rioplatense y brasileña* (siglos XIX -XX) Madrid: Iberoamericana, 2007.

⁷⁰ WEINBERG, Félix. Una etapa poco conocida da poesia gauchesca: de Hidalgo a Ascasubi (1824-1851). Revista Iberoamericana, vol. XL, Num 87-88, abril-septiembre, 1974, p. 352-391. Acessível em <http://revista-iberoamericana.pitt.edu>

⁷¹ ROMANO, Maria Lauro. *Trama literária y trama política: construcción del enemigo en la gauchesca rioplatense y brasileña del siglo XIX*. Revista del Departamento de Letras. p. 143-155. Acessível em: www.lettras.filo.uba.ar/exilibris

retomando pressupostos de Weinberg, a pesquisadora desenvolve uma leitura crítica do texto *Paulino Lucero*, de Hilario Ascasubi, e do *Cancioneiro Guasca*, de Simões Lopes Neto. Considerando que os dois textos foram produzidos em situação de guerra, ela analisa como cada um deles configura a imagem do inimigo político e também de seu coletivo de identificação. Assim, recorrendo a um estudo filológico, ela apresenta uma interessante reflexão a respeito da construção de “nosotros” e do “nós” nas referidas obras.

No que se refere ao texto de Ascasubi, a pesquisadora considera que a “convivencia” obrigada com o outro, durante a tomada de Montevideú, leva o autor à recorrência a “nosotros”. No *Cancionero Guasca*, por sua vez, ela entende que “la inestabilidad del ‘nós’ podría asociarse con los avatares del proceso de constitución de la identidad regional riograndense”. (ROMANO, s/d, p.143)

Assim, comparando as duas obras, a pesquisadora considera que a pluralização do pronome de enunciação, nos dois casos, “cuestionan la creencia en la plenitud de las identidades políticas (y militares) y, como contrapartida, ponen de manifiesto la alteridad que marca al sujeto del lenguaje”. (ROMANO, s/d, p.153)

Ao revisar a produção crítica de pesquisadores uruguaios acerca de relações entre a literatura da região, encontro uma situação mais enriquecedora.

Partindo da tensão entre a produção crítica desenvolvida nas primeiras décadas do século XX, no Uruguai, posso, em parte, entender o (des)interesse de intelectuais de pensar acerca de uma literatura que problematiza as relações culturais entre o Uruguai e o sul do Brasil. Há, nesse momento, por um lado, uma perspectiva crítica que, à luz de uma pretensa busca pela realidade nacional, volta-se a um nativismo e, conseqüentemente, retoma a gauchesca. Existe, contudo, também uma vertente crítica que desvalorizava tudo o que estivesse marcado pelo rural e pelo campo e, portanto, também pelo gênero gauchesco. Buscarei aqui retomar de modo sintético tais posições, a fim de melhor entender e mostrar como isso repercutirá na falta de percepção e de interesse da crítica para a multiplicidade da literatura de fronteira na contemporaneidade.

A primeira perspectiva a que me refiro pode ser observada no pensamento crítico de Alberto Zum Felde e sua proposta de uma “americanidade poética”. O crítico, voltando-se contra a perspectiva modernista⁷², especialmente de influência francesa, que orientava a literatura da época, manifesta que:

Hay que quemar las marionetas literarias con que se ha estado jugando para infundir el soplo del arte en el barro originario de la vida. Hay que dejar de mascar el papel impreso de los libros, para nutrirse con los frutos de la tierra... Los poetas latinoamericanos son los parásitos del libro francés, las sanguijuelas de la revista de ultramar. Su error es no operar con elementos propios, con la materia virgen que tienen bajo las palmas de sus manos. (ZUM FELDE, 1967: 3)⁷³

Esse foco de pretensão busca pela realidade nacional, a partir de uma arte “nativista”, manifesta-se em propostas diferentes e complementares, como a de Fernán Silva Valdés, com um “criollismo artístico”, e a de Pedro Leandro Ipuche, com “gaucho cósmico”. Iniciativas que, segundo a avaliação feita por Fernando Aínsa, é “El nacionalismo ingenuo, lo regional y presuntamente genuino criollo, esgrimidos con orgullo en otros territorios americanos, es aquí vulnerable a todo nuevo estilo o influencia”. (AINSA, 1977:38)⁷⁴

Assim como a ficção, também a crítica evidencia a defesa de uma perspectiva nacionalista que, ao ler as relações com a fronteira brasileira, privilegia as histórias políticas de tensões, enfrentamentos e desqualificação da língua e da cultura do outro, elementos que contribuíram para a formação de um imaginário da nação uruguaia.

Veementemente contrários a essa tendência ficcional e crítica, também se manifestaram jovens pensadores uruguaio dos anos trinta, seguidos pela “geração de 45”. Para eles, a resistente ficção gauchesca, agora identificada com literatura realista rural do século XIX, era responsável pela limitação do desenvolvimento da literatura moderna no Uruguai do século XX. Sobre essa base crítica, muitos pensadores, dentre os quais Juan Carlos Onetti e Mário Benedetti, manifestam uma forte crítica ao caráter

⁷² Esclareço que modernismo, na perspectiva hispano-americana, remete a mais do que um movimento literário surgido no século XIX na América, a partir de escritores como José Martí, Jose Henrique Rodó, Ruben Darío, mas a uma atitude cosmopolita que, sem excluir tendências internas, abriu-se a todas as influências europeias, especialmente francesa e inglesa. Considerando a história da literatura brasileira, desenvolvia-se, no Brasil, no mesmo momento, o parnasianismo, o simbolismo e o pré-modernismo.

⁷³ ZUM FELDE, Alberto. *Proceso intelectual del Uruguay*. 3ª ed., Montevideo: 1967.

⁷⁴ AÍNSA, Fernando. *Tiempo reconquistado* — siete ensayos sobre literatura uruguaya. Acessível em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/tiempo-reconquistado-0/html/p0000001.htm>

passadista e repetitivo do gênero e propunham o desenvolvimento de uma narrativa urbana, em consonância com uma nova realidade social.

Este mismo momento de la ciudad que estamos viviendo es de una riqueza que pocos sospechan. La llegada al país de razas casi desconocidas hace unos años: la rápida transformación del aspecto de la ciudad, que levanta un rascacielos al lado de una chata casa enrejada; la evolución producida en la mentalidad de los habitantes — en algunos, por lo menos, permítasenos creerlo — después del año 33; todo esto tiene y nos da una manera de ser propia. (ONETTI, 1978: 28)

Benedetti, ao tratar do tema, avaliou que “para muchos escritores que viven en la ciudad (no importa que yan nacido en ella o en el interior) el tema del campo, en vez de ser un modo de arraigo, es t n sólo un signo de evasión”⁷⁵. (BENEDETTI, 1988:110)

Seria Ángel Rama, a partir dos anos sessenta e, em especial com *Los gauchopol ticos rioplatenses* (1974) que, atento  s reflex es de outros pensadores latino-americanos, como o peruano José Mari tegui, o cubano Juan Marinello e o chileno Ricardo Latcham, em torno da import ncia da cultura popular e folclórica, retomaria os estudos da gauchesca. Na "Introdu o"   referida obra, Rama considera que as novas gera es críticas precisam:

a la luz del desarrollo de la renovada creación literaria, perciba las simultaneas y muy variadas subculturas que se elaboran en las diferentes áreas de América Latina (y que aún dentro de ellas admiten construcciones autónomas superpostas) con lo cual no sólo dispondríamos una serie de un mapa de culturas regionales sino que además dentro e cada una de ellas detectar amos una serie de estratos culturales distintos. (RAMA, 1998:12)

Também   luz de sua rela o com o pensamento brasileiro de Darcy Ribeiro, Gilberto Freyre e Antonio Candido, conforme apontei anteriormente,   que Rama sobrepassa a dicotomia literatura do campo e da cidade, propondo uma perspectiva integradora. O crítico uruguaio destaca a coexistência e as aproxima es entre diferentes “orientaciones literárias” (p.28) e alerta para a necessidade de estudá-las em suas individualidades, mas também em suas possíveis rela es. Um exemplo paradigmático e que também reforça a carência de estudos, para ele,   o caso das chamadas literaturas gauchescas, que “se asemejan a las folclóricas por la libertad en el uso dialetal regional (...) por la utilización de formas metricas comunes a la producción popular...” (p.28), mas que, conforme já foi observado por críticos como o espanhol

⁷⁵ BENEDETTI, Mario. La literatura uruguaya cambia de voz. In: _____. Literatura Uruguay - Siglo XX. Montevideo: Arca, 1988. A primeira publica o deste texto deu-se originalmente em 1962, em apresenta o no Encontro de Escritores da Universidad de Chile.

Amado Alonso, em 1953⁷⁶, “estamos en presencia de un movimiento típicamente literario, con autores individuales de cierto nivel cultural, con una actitud creadora adecuada a esos niveles, con una muy notória opción de público”. (RAMA, 1998: 29)

Desde esses fundamentos e considerando processos históricos de trânsito entre o Uruguai e a Argentina, Rama articula em sua obra *Los gauchipolíticos* rioplatenses um conjunto de artigos que, desde o início dos anos sessenta, vinha desenvolvendo acerca da literatura gauchesca enquanto “área hispanoamericana”. E assim, compilando e articulando suas reflexões em torno do gênero, já a partir da introdução do trabalho citado, apresenta duas questões fundamentais: a leitura da gauchesca como transformação de uma poesia de ordem política para uma poesia de forte tensão social; ao entendimento de sistema literário em função não só do literário, mas também de seu público leitor.

Contudo, se a infrutífera dicotomia entre literatura do campo e da cidade foi apontada por Rama, seria somente a partir de seu clássico *Transculturação narrativa en América Latina* (1982) que ele viria a ampliar a sua concepção de área *pampeana* para a literatura do Rio Grande do Sul, conforme já pontuei anteriormente.

Essa questão em torno do nativismo, do regionalismo e da gauchesca, entretanto, já era uma etapa superada para o pensamento crítico uruguaio; afinal, como avalia recentemente Pablo Rocca,

[...] hablar de nativismo en Uruguay significa salir de una atribución generica de los artistas preocupados por lo “próprio” identificado con el nativo-criollo. Se trata de un grupo muy concreto que asoma en los albores de la década de veinte y quienes se involucran con las técnicas de escritura poética de las vanguardias puesta a servicio de revisión de la gauchesca, o si se quiere, que se empeñaron en la representación de los sujetos sociales típicos americanos (el gaucho, el negro, el indio) y de los objetos concebidos como nacionales apelando a los nuevos recursos técnicos. (ROCCA, 2006: 43)

Por isso, talvez, o pensamento crítico de Ángel Rama, no tocante às relações da literatura da região sul, não teve muita atenção no Uruguai até recentemente, quando pesquisadores como Rocca e Rosário Peyrou⁷⁷ por ele têm se interessado. Ao que pese as interessantes reflexões da pesquisadora e jornalista Peyrou, neste momento,

⁷⁶ Rama refere-se à seguinte obra: ALONSO, A. *Americanismo en la forma interior del lenguaje*. Madrid, Gredos. Estudios Lingüísticos. Temas hispanoamericanos. Madrid: Gredos, 1953.

⁷⁷ PEYROU, Rosário. Las fronteras como espacio de mestisaje cultural. *Revista Agulha*. Fortaleza — São Paulo, janeiro-fevereiro 2009. Acessível em <http://www.revista.agulha.nom.br/ag67bieniopeyrou.htm>

interesse-me por percorrer as contribuições de Rocca devido especialmente ao conjunto de sua obra em torno das relações entre o pensamento crítico brasileiro e o hispano-americano.

Estudioso do pensamento de Rama e de Emir Monegal, Rocca, a exemplo do que mostra sua tese doutoral, realizada junto ao programa de Pós-Graduação da Universidade de São Paulo, tem desenvolvido uma série trabalhos relacionados a temas e problemas da literatura brasileira. Ele, inclusive, tem colaborado com o grupo de pesquisa proposto por Ligia Chiappini, conforme revelam algumas de suas publicações em torno da gauchesca e de uma pós-gauchesca. Destaco aqui um conjunto de cinco textos do pesquisador, nos quais aborda um estudo do gênero em suas origens e o caráter sucessório da pós-gauchesca no regionalismo do sul. Neste momento, detenho-me em dois artigos escritos por ele, a fim de aproximar-me de sua abordagem em torno dessa literatura.⁷⁸

Em "Encruzilhadas e fronteiras (do rio da Prata ao Rio Grande do Sul)" (2002), Rocca apresenta um percurso de leitura acerca da literatura gauchesca desenvolvida durante o século XIX no Uruguai e na Argentina, bem como suas influências na literatura do Rio Grande do Sul.

Partindo de uma reflexão acerca da língua na gauchesca, o pesquisador retoma apontamentos do linguista uruguaio Rona⁷⁹, para quem o gênero tem “modelos

⁷⁸ Destaco um conjunto de cinco textos de Pablo Rocca a serem considerados:

ROCCA, Pablo. "Encruzilhadas e Fronteiras da Gauchesca (do rio da Prata ao Rio Grande do Sul)". In: MARTINS, M. Helena. *Fronteiras Culturais*. Porto Alegre: 2002, p. 73-92.

_____. *Poesía y política en el siglo XIX* (Un problema de fronteras). Montivideo: Ediciones de La Banda Oriental, 2003.

_____. "A narrativa pós-gauchesca: limites e abrangência de um discurso". In: CHIAPPINI, L., MARTINS, M.H., PESAVENTO, S. J. (orgs.) *Pampa e Cultura*. Porto Alegre: UFRGS, 2004, p. 77-93.

_____. José Monegal, um narrador fronteiriço. CHIAPPINI, L.; MARTINS, M. H.; PESAVENTO, S. J. (orgs.) *Pampa e Cultura*. Porto Alegre: UFRGS, 2004, p.135-151.

_____. Dos lados de la misma frontera (Javier de Viana y Simões Lopes). In: CHIAPPINI L. e MARTINS M. H (orgs.) *Cone Sul*. São Paulo: Hucitec, 2006. p. 91-108.

_____. *Ángel Rama, Emir Rodríguez Monegal y el Brasil: dos caras de un proyecto latinoamericano*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2006.

_____. *Ángel Rama, Literatura, cultura e sociedade en América Latina*. Antologia, prólogo y notas de Pablo Rocca. Montevideo: Trilce, 2006.

⁷⁹ O linguista uruguaio Pedro Rona foi o primeiro a dedicar-se ao estudo das relações entre o espanhol e o português na fronteira e a apontar a existência de um dialeto fronteiriço. Sua pesquisa apresentada no I Congresso de Deatologia e Etnologia, em Porto Alegre, no ano de 1958, foi posteriormente publicada como: "La frontera lingüística entre el portugués y el español en el norte de Uruguay". *Veritas*, 8, 1963, p. 201-221. E teve prosseguimento em *El dialecto fronterizo del norte de Uruguay*. Montevideo: Adolfo Linardi, 1965.

preestabelecidos, formas estereotipadas que segundo se supõe caracterizam a linguagem gaúcha em forma atópica, sem distinção de lugar” (RONA: 1962, apud ROCCA, 2002: 73). Rocca, a partir das considerações de Rona, observa que, devido a essa condição atópica, a língua da gauchesca une e separa.

Em função da condição atópica da língua, segundo Rocca, a gauchesca consegue de modo notável revitalizar-se por dois aspectos. O primeiro deve-se ao fato de que isso dá condições ao gênero de movimentar-se “em um e outro dos elos que a integram”. E depois porque essa literatura “nascida e cuidada no Uruguay e na Argentina, introduziu-se e multiplicou-se bem mais que no Rio da Prata, no Rio Grande do Sul desde fins do século XIX até inícios da anterior centúria”. (ROCCA, 2002: 74).

A partir dos fundamentos expostos, o pesquisador, retomando os estudos de Manoelito de Ornellas (1948) acerca de "Antonio Chimango", poema de Amaro Juvenal e "Santos Vegas", de Hilario Ascasubi, observa que as semelhanças processuais e lexicais colocam em evidência o espaço intersticial onde elas se mantêm. Por isso, para ele, a “gauchesca transformou a férrea fronteira em um espaço poroso” (p.74), que conseguiu ultrapassar os limites instituídos pelos discursos do poder dos estados.

Para além do entendimento do funcionamento da língua no gênero gauchesco, Rocca defende que, nesse “circuito fechado”, o interesse fundamental foi idealizar “os heroísmos ou as misérias do gaúcho, seus costumes, a representação da mulher, a relação entre homem e o cavalo, os motivos da independência, da guerra, da identidade crioula em oposição ao gringo”. (p.75) Segundo ele, foi esse elemento de idealização, desenvolvido pela literatura, que tornou o gaúcho valorizado como tipo humano regional e até nacional.

O pesquisador uruguaio parte de uma reflexão entre as duas tradições críticas acerca do surgimento e do desenvolvimento da gauchesca e, baseado nessa perspectiva, compara o gênero na região — hispânica e brasileira.

Frente à tendência que identifica as origens da gauchesca na poesia dos payadores, no cancionero hispano-português e indígena, Rocca argumenta que, distintamente do ocorrido no Brasil, nos países hispânicos, os cancioneros e outros repertórios populares não foram recolhidos no século XIX. Portanto, tal material não

pode ter sido integrante da gauchesca platina. Opta ele, assim, por outra tendência crítica, que concebe a gauchesca como uma criação do letrado urbano que incorporou e recriou a oralidade do campo.

Retomando, com isso, a afirmação de Jorge Luis Borges acerca do caráter urbano da gauchesca, Rocca entende que: “há que coincidir que a gauchesca é um produto urbano com apropriação de um tipo popular e das hipotéticas configurações de sua fala às que, criativamente transmuda” (idem, ibidem). Para exemplificar a afirmação feita, ele recorre às reflexões da pesquisadora brasileira Maria Helena Martins (1980), relacionadas ao poema "Antônio Chimango". Por tal viés, o pesquisador expõe sua apreciação sobre o gênero: “a invenção letrada que é a gauchesca mantém-se fiel a um modelo: o que emprega uma voz que é própria — enquanto invenção — mas que faz “como se” a tomasse emprestada do povo e faz “como se” a devolvesse ao povo...”. (p.76)

A língua criada pela gauchesca, segundo Rocca, foi a principal responsável pela exclusão do gênero de práticas consideradas cultas e de sua classificação como sublitteratura, por quase todos os críticos literários, dentre eles, o uruguaio José Enrique Rodó. Para Rocca, a posição assumida por Rodó está associada ao pensamento de Domingos José Sarmiento que, a partir de *Facundo, Civilización y Barbárie* (1845), denegriu não somente o gaúcho, mas também o gênero gauchesco enquanto literatura. Contudo, para o pesquisador, foi essa mesma elite de pensadores e políticos que se utilizou da gauchesca “como um veículo muito apropriado para a difusão de ideias republicanas, a abominação do caudilhismo e as práticas que consideravam bárbaras”. (p.78) Fato que se evidencia, para Rocca, na inclusão de poesias “gaucho patrióticas” de Bartolomé Hidalgo nas compilações poéticas argentinas e uruguaias da época. Após demonstrar como Sarmiento mesmo justificou o caráter culto subjacente à criação da gauchesca e, apesar de reconhecer no gênero um ódio ao estrangeiro, utilizou-o a favor da causa liberal, Rocca exemplifica esse uso também em um texto brasileiro. Assim como em "Paulino Lucero", Ascasubi detrata Rosas, no Rio Grande do Sul, Antonio Chimango volta-se contra a administração de Borges de Medeiros. Tal situação, destaca Rocca, evidencia também a pertinência de se retomar a definição de Josefina Ludmer acerca da gauchesca como “um uso letrado da cultura popular”. (LUDMER, 1988: 11 apud ROCCA, 2006: 83)

Dois dos elementos apontados pela crítica como fundacionais do gênero são retomados por Rocca: a negação do estrangeiro, que permeia parte significativa da gauchesca e a apropriação política, que é feita desse recurso ficcional. Assim, considerando os componentes citados, o pesquisador demonstra essa realização em fragmentos de “cielitos”, anônimos, e em poemas como "Los três gaúchos orientales", de Antonio Lussich, e "El gaucho Martín Fierro", de Hernández. Da gauchesca brasileira, ele observa a presença dos mesmos componentes em textos como "Antonio Chimango", assim como no cancionero colhido por Simões Lopes Neto.

Buscando contextualizar tal aversão a estrangeiros, presente nos textos da época, Rocca lembra que, no caso da Argentina, a imigração, fortemente incentivada por Sarmiento, iniciou nas primeiras décadas do século XX; entre esses imigrantes, muitos anarquistas que passam a ser percebidos como ameaça à nacionalidade argentina. Eis, segundo Rocca, um elemento importante pelo qual o gaúcho “se transfigurou em peão de fazenda, assalariado rural, soldado de linha ou um mero desocupado que engrossa os cinturões de miséria nos centros urbanos”, o qual pode, enfim, ser mitificado. (ROCCA, 2002: 90)

O processo de mitificação iniciado na Argentina é assumido também no Uruguai e, segundo Rocca, levou um bom tempo até ser desmontado pela crítica, algo que “no Rio Grande do Sul está chegando nessas últimas décadas”. (p.91)

Em "A narrativa pós-gauchesca: limites e abrangência de um discurso" (2004), Rocca volta-se para a narrativa surgida no final do século XIX e avalia as razões e as consequências do pouco interesse da crítica uruguaia em tratá-la. Tal omissão, segundo ele, leva a uma imprecisão teórica e a uma instabilidade conceitual entre aqueles que, na segunda metade do século XX, voltaram a tratar do “regionalismo” na América Latina. Observa o pesquisador que, com o esgotamento da gauchesca, “uma produção que, com semelhanças notáveis, pode-se encontrar em uma extensão tão vasta como o Sul do Brasil, boa parte da Argentina e todo o Uruguai”, (ROCCA, 2004: 77) a nova linha narrativa seguiu predominantemente sendo chamada de *gauchesca* e, por vezes, de *crioula*, *nativista*, *criollista* ou *simplesmente campeira*.

Segundo Rocca, após uma extensa prática tanto ficcional quanto crítica, dedicada a temas do campo na região, a qual, assim como em toda a América Latina,

esteve vinculada a uma conquista de autonomia literária, no final dos anos trinta, houve uma forte cisão. Voltando-se à crítica e à ficção no Uruguai, o pesquisador mostra como especialmente Juan Carlos Onetti (1933) questiona a ausência da cidade na ficção da época, aponta a necessidade de busca de novas estratégias para a narrativa e contesta veementemente a linguagem e a representação da nação calcada no enfoque do campo.

Ao dirigir-se para a literatura na Argentina, Rocca observa que já há mais de uma década a crítica argentina havia realizado uma “operação de desmonte do discurso rural” (ROCCA, 2004: 79). Destaca a importância de Robert Arlt, de Jorge Luis Borges e de Güiraldes como três acontecimentos que, embora distintos, mas associados ao clima renovador promulgado por revistas especializadas e ao desenvolvimento da indústria argentina, atuaram como fatores decisivos para a mudança observada.

No caso do Uruguai, segundo Rocca, uma das linhas expressivas dentro das tendências da “geração de 45” é a que soube apropriar-se das lições de Onetti e de Borges. O grupo, adotando como lema o exposto pelo protagonista de Onetti em "El pozo" (1939) — “de trás de nosotros no hay nada. Un gaucho, dos gauchos, treinta y tres gauchos” —, empenhou-se em criar uma literatura urbana.

Retomando o pensamento de um dos mais expressivos críticos do momento, Emir Monegal (1968), Rocca considera que a “geração de 45” expressa “a fronteira entre duas épocas”, uma vez que o texto de Onetti funcionou como “atestado de óbito da narrativa campesina e o simultâneo descobrimento da cidade”. (ROCCA, 2004: 80)

Somado à relevância do papel desempenhado por Monegal na transformação do cenário da crítica no Uruguai, Rocca destaca ainda figuras como a de Carlos Martínez Moreno, Carlos Real de Azúa, Mario Benedetti e, em menor grau, a de Ángel Rama. Observa o pesquisador que, apesar da forte investida contra a literatura voltada para o campo, esses críticos, contudo, salvaguardaram a ficção de Francisco Espínola e Mario Arregui e, posteriormente, com fortes ressalvas, também a de Juan José Morosoli, Enrique Amorim e Julio C. da Rosa.

Rocca, no entanto, aponta ainda a existência de outra tendência no âmbito da geração crítica de 45, a qual defendia a literatura de cunho rural, denominada por Arturo Visca como “criollista”.

Se os embates entre as duas tendências evidencia a dicotomia regionalismo/cosmopolitismo, também é certo, segundo Rocca, que “era notória a prosperidade da literatura de ambiente citadino...”(ROCCA, 2004:82), bem como a da produção crítica que depreciava a linha chamada de autóctone. O pesquisador ainda mostra esse embate a partir de duas posições acerca do componente realista na narrativa: a de Benedetti e a de Eliseo Porta. Para o primeiro, o tratamento do real revela no escritor hispano-americano uma “desaconselhável ansiedade”; para o segundo, apesar de reconhecer a repetitividade da narrativa crioula, considera esse componente imprescindível porque permite uma aproximação com a realidade social. No entender de Rocca, contudo, diferentemente do que ocorre com outras iniciativas de ficção ligadas a terra, como as de Juan Julfo – *El llano em llamas e Pedro Páramo* –, as quais romperam com o regionalismo tradicional na América Latina, a narrativa de Porta não alcança modificar as estratégias de cunho romântico no tratamento do campo.

Identificando o ponto crucial do debate, as relações entre ruptura e continuidade no âmbito do regionalismo na literatura, Rocca indica que os grandes transformadores do regionalismo puderam “delimitar uma comarca oral, isto é, uma escrita que afunda suas raízes nas tradições populares e, portanto, orais da América Latina” (ROCCA, 2004:83). O pesquisador reconhece, então, a importância de Antonio Candido ao tratar do tema no artigo "Literatura e subdesenvolvimento" (1972), em que enfoca as relações entre regionalismo e “super-regionalismo”. Para Rocca, a importância dos apontamentos de Candido reside no fato de que ele mostra como os escritores superaram o naturalismo dominante e incorporam recursos advindos das vanguardas europeias. Contudo, o limite de Candido, para Rocca, está no fato de que é “generalizador e até certo ponto esquemático, já que se ajusta a um questionamento excessivamente rígido e dualista”. (ROCCA, 2004: 83) Afinal, conforme o pesquisador e diferentemente das reflexões de Candido, narrativas de escritores uruguaios como Morosoli, Espínola, Yamandú Rodrigues e até Zavala Muniz, mesmo tendo sido atraídos por esse homem da terra, tiveram “uma sabedoria técnica que superava o puro efeito naturalista e uma capacidade de criar mundos não miméticos expressivamente válidos por si mesmos”. (p.84)

Foi com *Transculturación narrativa en América Latina* que Rama amplia o entendimento das relações entre o popular e o culto na cultura latino-americana e ativa

os estudos entre as relações da região, ensina Rocca. O pesquisador questiona-se, contudo, se essas buscas de integração já não estavam presentes nas narrativas crioulas e cita dois pesquisadores que igualmente tratam dessa possibilidade: Bernal Herrera (2001) e Ligia Chiappini.

Avaliando a importância da obra de Rulfo para os escritores uruguaios, Rocca observa que, no interior da tendência rural, foram somente os escritores Morosoli, Arregui, Espínola e Dossetti que refletiram acerca da relação entre a forma e o representado. Os demais escritores e críticos permaneceram, segundo ele, sob o argumento da falsa oposição entre campo e cidade, relacionando o *ser nacional* com o *crioulo*, minimizando a importância dos elementos compositivos e lidando com um realismo nos moldes do século XIX. Nessa perspectiva, para o pesquisador, eles não conseguiram enxergar as relações entre as propostas dos uruguaios e dos argentinos como Juan Carlos Dávalos, que incide sobre a obra de Serafín Jota García, Güiraldes, Guillermo House nem tampouco com a dos rio-grandenses Darcy Azambuja, Erico Verissimo e Cyro Martins.

Retomando as apreciações de Rama, o pesquisador considera que essa tradição construiu “ao longo de mais de cem anos formas estabelecidas de poderosa incidência no público”. (RAMA, 1961 apud Rocca, 2004: 87) Por isso, na visão de Rocca, essa atenção para com o público fez com que os escritores mantivessem um vínculo com a tradição ou buscassem romper com ela “e alimentar a sensibilidade de um novo grupo de receptores” (87), tal como fez Onetti, Alfredo Mario Ferreiro e Felisberto Hernández.

Observa Rocca que o mais interessante dos anos vinte e trinta é que, enquanto o país e mesmo a região voltava-se para a capital, onde se acentua o poder do estado, a “maior parte dos escritores prefere situar suas narrativas no meio rural”. Fato que, de modo semelhante, observa o pesquisador, também ocorre na Argentina. Por todo o exposto, considera descabido chamar de gauchesca uma literatura que:

começa a ser escrita por volta de 1920 e que representa os acontecimentos narrados em um período que parte da revolução de Venâncio Flores contra o governo federal em 1868 até a contemporaneidade estrita, e que também não pode contemplar a presença de gaúchos, nem de índios, porque então uns e outros foram exterminados (ROCCA, 2004:88)

A condição de sistema lograda pela literatura gauchesca mantém-se devido à rígida codificação dessa literatura, que pode ser reconhecida também como uma

literatura rural culta, afirma Rocca. Tal observação deve ser considerada para a literatura que a sucede, ainda que ela trate de outra coisa. Alguns chamaram essa nova narrativa de “nativista”; outros, de “gauchismo cósmico”, fato que, segundo o pesquisador, atuou, sobretudo, no fortalecimento do interior do sistema.

Assim, para fechar suas reflexões, Rocca retoma e distingue literatura gauchesca e pós-gauchesca. De acordo com ele, “a literatura gauchesca tem como centro a personagem do gaúcho, seus costumes, seus ambientes, suas hipotéticas linguagens, seus sentimentos e uma suposta visão de mundo comum”. (p. 90). A pós-gauchesca, por sua vez, “reconhece esse caráter sucessório e rejusta ou moderniza os meios expressivos da gauchesca em consonância com as transformações econômicas, políticas, sociais e, talvez, em último lugar, estéticas”. (p. 91)

Outro pesquisador uruguaio que destaco é Jorge Carlos Guerrero⁸⁰. Assumindo como uma de suas principais linhas de pesquisa as relações entre ficção e história, ele se dedica a obras de escritores dos países que integram o Mercosul. No que se refere ao Brasil, nesse campo de estudos, o pesquisador desenvolveu leituras de obras de Claudio Manuel da Costa e Cecília Meireles. Percorrendo sua produção, no entanto, deduzo que seu principal foco de interesse volta-se para narrativas da região de fronteiras, situando-se entre Brasil, Uruguai, Argentina e Paraguai. Dessa linha de pesquisa, destaco dois relevantes trabalhos, apresentados a seguir.

Um que estuda as relações entre literatura contemporânea e reescritura da memória no âmbito dos discursos de integração do Cone Sul, cujo resultado foi o livro *La literatura en las cartografías regionales del Cono Sur* (2010). Nele, o pesquisador, baseado na posição de dois pensadores, Santiago Kovadloff e Alberto Methol Ferré, considera que o Mercosul é, a partir dos anos noventa, a maior expressão do empenho integracionista latino-americano. Segundo Guerrero, tal constatação, dentre outros motivos, levou-o a circunscrever seus estudos em uma série de discursos em torno da integração do Mercosul. O pesquisador desenvolve sua leitura a partir de dois conjuntos discursivos: um constituído por cartografias artísticas e discursos de intelectuais, cujo motivo principal é a integração cultural e política da região; e outro, composto de diversos textos ficcionais, também contemporâneos, que tematizam conflitos

⁸⁰ Jorge Carlos Guerrero, professor da Universidade de Ottawa, Canadá.

interamericanos em espaços de fronteira. Mediante uma leitura detalhada dos discursos citados, em suas propostas e contradições, Guerrero conclui que tais discursos “imaginan una comunidad regional transnacional en el Cono Sur” e concebem o Mercosul como um modelo fundacional com vistas a promover uma unidade de todo o continente. Nesse afã, segundo o pesquisador, “El futuro de unión se basaría en un pasado cultural e histórico común que las historias nacionales han empañado”. (GUERRERO, 2010: 163)

Nessa mesma linha de pesquisa, outro trabalho foi desenvolvido com a professora Aimée Bolaños, da Universidade Federal do Rio Grande, e resultou na publicação do livro *Ficciones da história: reescrituras latino-americanas*. (2013). Dentre os artigos em andamento no conjunto dessa linha de pesquisa, está “Un héroe nacional entre fronteras: Don Frutos, de Aldyr Schlee”, escritor cuja obra também é objeto de meu estudo.

Atenta às mencionadas reflexões críticas acerca das relações entre a literatura contemporânea no Cone Sul, a reescritura da memória e as condições, contraditórias, de um regionalismo transnacional, gestado em condições de globalização, interesse-me por narrativas ficcionais que, ao tratarem do território simbólico de fronteira no sul do Brasil com a Argentina e o Uruguai, também problematizam a construção desse imaginário.

1.3 Entrecruzando o imaginário da crítica

Conforme esbocei, com os exemplos resenhados anteriormente, revigoram-se, nas décadas finais do século XX, especialmente no âmbito da crítica brasileira, preocupações teóricas e estéticas acerca da produção literária desenvolvida na fronteira do Cone Sul.

No que se refere à crítica hispano-americana, há, como creio ter demonstrado, pouco interesse por investigar as relações da literatura do universo hispânico com a literatura do Rio Grande do Sul. Por parte da tradicional e prolífera crítica argentina em torno do tema da gauchesca aparece, com Ramón Coni (1945), Weinberg (1974), Romano (s/d), uma exígua bibliografia que inclui a literatura brasileira da região sul. Ao

revisar uma obra mais recente e de profundo estudo sobre essa perspectiva imaginária da região *El género gauchesco - un tratado sobre la patria* (1988), de Josefina Ludmer, aponto que a pesquisadora apenas menciona – em sua introdução – a existência de práticas culturais do Rio Grande do Sul, semelhantes às estudadas por ela na Argentina e Uruguai, mas às quais ela não se dedicaria naquele momento.

No caso da crítica uruguaia, destaquei o interesse recente de Rosário Peyrou, Jorge Carlos Guerrero e de Pablo Rocca . Centrando-me nos estudos deste pesquisador, observo que ele desenvolve trabalhos desde 2003, em torno da literatura de toda a região, voltando-se especialmente para a vertente da literatura gauchesca do século XIX e a “pós-gauchesca” no século XX.

No âmbito brasileiro, contudo, levantei no campo acadêmico um interesse significativo de estudos que relacionam a literatura do Rio Grande do Sul a do Uruguai e da Argentina, mas preferi centrar-me na trajetória das duas pesquisadoras. Tal escolha deve-se ao fato de ambas apresentarem, ao longo de mais de quarenta anos de pesquisa, um interesse predominante pela literatura da região. Conforme apontei anteriormente, inicialmente essas pesquisadoras situaram suas leituras da literatura do Rio Grande do Sul no campo da literatura nacional; contudo, a partir do início dos anos noventa, ampliaram suas leituras e releituras da ficção da região em suas relações com as literaturas uruguaia e argentina.

O conjunto de leituras literárias, críticas e historiográficas a que Masina e Chiappini se referem e/ou compartilham indicia o empenho pela construção de uma posição crítica a partir de onde ler a América Latina. Suas vidas acadêmicas, inicialmente vinculadas à Tania Carvalhal e a Antonio Candido, respectivamente, e, em especial, marcadas pela recorrência aos mesmos fundamentos epistemológicos em suas trajetórias, levam-me a supor a construção de uma linha crítica que acaba por atuar de modo significativo no imaginário predominante sobre a literatura de fronteira do Cone Sul.

Conforme espero ter posto em evidência, as leituras das pesquisadoras, realizadas sob perspectiva comparatista, que almeja reconhecer uma mesma estrutura temática constituída por relações transculturais, acaba por apresentar uma visão homogeneizada da ficção da fronteira do Cone Sul. Nesse processo, ambas orientam-se,

predominantemente, por categorias críticas como sistema literário (CANDIDO, 1959) e super-regionalismo (CANDIDO, 1964), transculturação e comarca *pampeana* (RAMA, 1982), *ciudad letrada* (RAMA, 1984), evidenciando o vínculo e as contribuições das pesquisadoras com uma perspectiva do pensamento latino-americanista que vem sendo articulado a partir da segunda metade do século XX. Assim, apesar de sinalizarem a partir do conceito de polissistema (CIORANESCU: 1964), a existência de comunidades inter-literárias ao tratarem da região, estudam e promovem fundamentalmente a literatura gauchesca.

O desafio de pensar o objeto – América Latina e sua cultura – desde reflexões críticas que reconheçam e tensionem o espaço intervalar entre o local e o global, foi o elemento-chave para a articulação e o desenvolvimento do pensamento latino-americano, especialmente a partir da década de sessenta. Com relação a esse desafio podemos, dentre outros exemplos, retomar as palavras de Candido, na abertura do I Congresso da ABRALIC, já citada anteriormente neste trabalho. Ou ainda seguir as considerações de Rama acerca de sua exposição no VII *Congreso Internacional de La Comparative Literature Association*, em Montreal, 1973⁸¹.

Correlacionando os ideais expressos pelos dois críticos a respostas mais concretas no campo da crítica e da história da literatura, destaco que um dos marcos resultantes dessa iniciativa integradora foi a publicação de *América Latina en su literatura* (1972), organizada por César Fernandez Moreno. Outro foi uma série de encontros, debates e reuniões de intelectuais e escritores de diferentes países, entre eles Antonio Candido, Ángel Rama, Jacques Leenhardt, Beatriz Sarlo, Roberto Schwartz, Cornejo Polar, Roberto Fernandez Retamar, os quais resultam nas obras *La literatura latinoamericana como proceso* (1985), *Hacia una historia de la literatura latinoamericana* (1987), organizadas por Ana Pizarro, todas com o apoio da UNESCO e essas duas últimas também com o da Associação Internacional de Literatura Comparada. O empreendimento, agregando também outros pensadores, converge na produção da antologia crítica intitulada *América Latina, Palabra, Literatura e Cultura*, igualmente organizada por Pizarro, em três volumes, entre 1993 e 1995. E, claro, a já

⁸¹ Em uma entrevista concedida no mesmo ano de sua morte, 1983, Rama afirmava que “La fundamentación de un discurso crítico cabalmente ‘latinoamericano’ para leer las literaturas de Nuestra America fue un problema que me preocupó a comienzo de los sesenta y trate de abordarlo en el VII *Congreso Internacional de La Comparative Literature Association*, en Montreal, 1973...” Congresso em que compartiu a mesa também com Antonio Candido. Ver tese de Rocca, anexo II, p. 443.

citada fundação da ABRALIC, no contexto de um seminário latino-americanista, realizado em Porto Alegre, em 1986.

Do conjunto das obras citadas, alguns de seus artigos já comentei ao longo deste trabalho; contudo, parece-me ainda oportuno destacar o texto de introdução à *Palavra, Literatura e Cultura na América Latina* (1993), escrito por Ana Pizarro.

Nesse texto introdutório, a pesquisadora, ao tratar da formação do cânone colonial no novo mundo, apontava que o surgimento das literaturas em relação gera fronteiras culturais. Ela sublinha, por isso, no caso da América Latina, a necessidade de reconfigurar o cânone a partir de uma perspectiva comparada. Afinal, para Pizarro, a dominação e a submissão forjaram um cânone literário com base no modelo peninsular, que excluiu toda possibilidade de alteridade. Assim, ao questioná-lo, muitas pesquisas e seus consequentes resultados poderiam colocar em evidência, dizia Pizarro, a incompletude do cânone e sua necessidade de revisão, a qual não poderia mais prescindir do *corpus* ausente, e nesse deveria ser considerado também outras produções simbólicas, para além da letra.

Quanto à literatura brasileira, a autora chamava atenção para o fato de que houve, por razões diferentes, uma omissão da tradição luso-brasileira em favor da hegemonia de um *corpus* hispano-americano na configuração de uma literatura latino-americana. A afirmação é exemplificada, por ela, com a inexistência, entre os trabalhos que foram incorporados ao livro antes citado, de estudos relativos às inter-relações culturais do universo do sul – norte da Argentina, sul do Brasil e Uruguai.

Essa carência de estudos apontada por Pizarro (1993), a que Rama (1982) havia se referido, ao que pese o interesse por parte de pesquisadores brasileiros desde então, é ainda notada por Chiappini: “O que está pouco estudado é a relação entre elas”. (CHIAPPINI, 2004: 255). E é nesse espaço que pretendo atuar com minha pesquisa.

Como aqui procurei demonstrar, o empreendimento de natureza comparatista que estuda a literatura latino-americana das fronteiras da região do Prata – Argentina, Brasil e Uruguai – foi assumido em especial pela crítica literária no âmbito brasileiro e, mais recentemente, vem sendo considerado por críticos hispano-americanos, conforme evidencia a exígua bibliografia anteriormente citada.

A delimitação do espaço de leitura e do repertório crítico traçado pelos pesquisadores é apenas ou, sobretudo, uma posição assumida a partir de onde mirar a nação, a América e o mundo. Já os pressupostos teóricos advindos de sistemas explicativos universais eram reconhecidamente pouco produtivos para se pensar uma cultura marginalizada pelas culturas centrais. O empenho para trocas, intercâmbios e a construção de produções coletivas com vistas a construir categorias operativas decorrentes de uma produção cultural própria foi fecundo, sobretudo a partir dos anos sessenta, e atuou de modo decisivo sobre pesquisadores brasileiros na leitura da literatura da região sul, conforme demonstrei.

Considerando o trabalho de alguns desses pesquisadores, o que se pode perceber é uma postura hermenêutica que, ao selecionar a tradição ficcional da região, tanto maneja criticamente uma acumulação teórica latino-americana em torno dessa ficção quanto aporta pressupostos críticos ao debate. Tal postura evidentemente contribui para um imaginário da região, afinal junto ao imaginário ficcional, está também o de sua interpretação. A crítica fez suas seleções, desenvolveu leituras, fundou cânones e viabilizou uma perspectiva de uma literatura transnacional no Cone Sul.

Nesse caminho, posso reconhecer que os pesquisadores dedicados a pensar as relações da literatura da fronteira do Cone Sul voltam-se predominantemente para um mesmo conjunto de obras literárias que se repete ao longo de suas pesquisas, constituindo um repertório em comum entre os investigadores. A recorrência às mesmas obras e autores contribuiu para a formulação de um sistema literário da região, algo que se pode constatar nos projetos de pesquisas e nos textos aqui resenhados. Vinculada à delimitação do corpus, há a predominância de um estudo em torno de uma personagem, o gaúcho e/ou de um tema – em especial, a violência, o contrabando –, em seus vínculos com o espaço e com a história da região. Como decorrência da seleção estabelecida e da perspectiva comparatista empreendida, essa “comunidade interpretativa”, logra, no conjunto de seus trabalhos, apresentar e promover uma enriquecedora releitura crítica da vertente literária denominada literatura gaúcha ou gauchesca. E até, como sugere Rocca, a leitura de uma pós-gauchesca, que se entretetece no diálogo com a tradição do gênero.

Essa iniciativa crítica tem promovido, especialmente a partir dos anos noventa, uma visão transnacional da literatura produzida na região do Cone Sul. Afinal, ao considerar as trocas, os intercâmbios, os influxos e a transitividade da literatura de

escritores da região, os críticos colocam em destaque um imaginário interligado, transgressor da concepção de literaturas nacionais, conforme sugeriu Candido (1964) e apontaram Rama (1982), Pizarro (1993) e Carvalhal (1994). E, ainda nesse caminho, demonstraram as pesquisas de Masina, Chiappini e Rocca. A referida prática, além de desestruturar a pretensa homogeneidade das histórias nacionais e iniciar uma descolonização das histórias locais, propõe-se também a pensar as relações entre identidade e diferença em um mundo pretensamente globalizado.

Ainda atentos às transformações do gênero no âmbito da literatura, os pesquisadores sublinham a necessidade de estudar a migração dos símbolos da gauchesca para outras linguagens, como o cinema, a telenovela, a música e as artes plásticas. Na busca por ultrapassar a perspectiva da “ciudad letrada” não só enquanto criadora do gênero, mas também da própria crítica que nele atua, há indicativo, especialmente por Ludmer (1988) e por Masina (2012), para que se amplie o estudo do gênero gauchesco para textualidades de ordem popular, como os jogos, os bailes, as carreiras, os festivais de música, etc. São tais aberturas, alertada já por Pizarro, no início dos anos noventa, e reafirmadas pelos críticos, que seguem iluminando o caminho de novos pesquisadores acerca do gênero, alguns deles orientandos dos pesquisadores aqui citados.

Assim, pensado em seu conjunto, considero que o processo hermenêutico empreendido pelos pesquisadores aqui retomados revela uma revitalização do próprio sistema – entendido enquanto ficção e enquanto construção crítica – ambos se revigorando mutuamente. Afinal, como já destaquei, a relação entre objeto e seus leitores também tem implicações na configuração do próprio objeto.

É interessante observar, ainda, que outras contribuições para o entendimento da literatura da região advêm também de apontamentos recentes que os pesquisadores fazem acerca das insuficiências, lacunas e limites dos estudos realizados. Dentre tais apontamentos, destaco, inicialmente, a advertência de Rocca na direção dos riscos da imprecisão dos termos utilizados para tratar do gênero – criolismo, nativismo, regionalismo, gauchesca –, a que eu acrescentaria também o de pós-gauchesca, utilizado pelo próprio pesquisador. Creio que a mencionada imprecisão não somente reflete as transformações por que passa o modelo da gauchesca – o circuito fechado, mencionado

por Rocca –, mas, sobretudo, indicia a existência de outros textos literários que não se ajustam a esse modelo.

Assim, assumindo o “espaço da dúvida”⁸², considero que compreender a literatura de fronteira do Cone Sul na contemporaneidade requer não apenas empreender uma releitura da gauchesca ou atentar para as transformações a que o modelo foi capaz de motivar, mas também desarticular a homogeneização a que foi submetido o imaginário em torno da literatura da região. Para isso, é necessário primeiramente reconhecer a coexistência de outras vertentes narrativas na região, etapa já aberta.

Mediante a longa trajetória de pesquisa de Masina e Chiappini e reconhecendo os apontamentos recentes da primeira quanto às modalidades do regionalismo no Rio Grande do Sul, e ainda a sugestão de Chiappini, segundo a qual existem “diversas faces dessa fronteira sul”, posso deduzir que, ao longo de seus estudos, as pesquisadoras apenas sinalizaram a pluralidade da literatura de fronteira do Cone Sul na contemporaneidade, sem, contudo, terem a ela se dedicado.

Por isso, para que sigamos descolonizando as histórias locais, é necessário observar a pouca atenção dada para fraturas internas da memória dessa região, em que mulheres, negros, nativos e árabes constituem alguns dos sujeitos que, incorporados ao espaço da ficção fronteira, revelam tanto o jogo da memória como inscrição social, quanto a pluralidade de ordem temática, discursiva e imaginária da ficção.

O produtivo empenho por interpretar as relações da região e reconfigurá-la frente ao mapa das nações imaginadas não poderia ter caído na cilada da homogeneização do local em torno de essencialismos de uma identidade única, especialmente quando tratamos de pensar a literatura de fronteira do Cone Sul, no âmbito da América Latina, um espaço eminentemente fronteiro.

Quanto aos limites dos fundamentos críticos que se forjam pela iniciativa de diferentes intelectuais a partir dos anos sessenta, não posso deixar de ressaltar que, na

⁸² Não me refiro aqui diretamente aos três mestres da suspeita destacados pela filosofia tradicional – Marx, Nietzsche, Freud – e suas contribuições para a desconstrução da ilusão do sujeito sobre si mesmo e o mundo, mas busco fazer uma alusão à hermenêutica reflexiva, desenvolvida por Ricoeur, e como ela tem sido tomada por mim nesse processo de pesquisa. Compreender algo é também compreender-se no que queremos compreender; por isso, precisei “desconfiar”, perder-me e, nesse longo processo, encontrar/criar outro caminho interpretativo.

base da transculturação narrativa, estão outros conceitos elementares do discurso crítico da modernidade, como o de mestiçagem e o de sincretismo, que favorecem uma assimilação do outro, conforme registrei anteriormente.

Associando-me a uma das principais leitoras da obra de Rama, Mabel Moraña (1997)⁸³, destaco que o pensador uruguaio criou um espaço de transitividade teórica em que conceitos, categorias e correntes de pensamento foram potencializados e refuncionalizados, oferecendo novos modos de entendimento da cultura latino-americana. Ao longo deste capítulo, tratei de destacar as contribuições de Rama para a ampliação do cânone e a reconfiguração da historiografia na América Latina. Carências que, conforme sinalizei antes, em consonância com o pensamento do crítico, foram destacadas pelas palavras de Pizarro (1993) e atenuadas pelo trabalho realizado pelos diferentes pesquisadores que aqui resenhei. Contudo, é também Moraña quem adverte, na obra de Rama, a submissão das relações de culturas diversas à cultura letrada (MORAÑA, 1997). Ou seja, um dos limites do conceito de transculturação narrativa, conforme proposto pelo crítico uruguaio, está no fato de que seu foco tende a entender as relações culturais como um processo que culmina na criação de um terceiro objeto, intermediado pela cultura letrada.

Se em *Transculturación narrativa en América Latina*, a autoridade intelectual se impõe enquanto importante papel político e histórico para a revisão e a ampliação do cânone literário, é, sobretudo, em sua última obra – *La ciudad letrada* (1984) –, que Rama desdobra e justifica a posição assumida. Questionando a propriedade privada com que a letra foi tomada historicamente na América Latina e aspirando a que o ensino e a democracia desestabilizem esse poder, Rama apostava no papel do intelectual para incorporar e harmonizar as diversas culturas existentes. Assim, a soberania que a letra adquire no processo de transculturação literária na América Latina foi entendida por Rama como parte do trabalho do intelectual frente à modernidade.

As dúvidas relativas à incorporação e à harmonização de culturas implicadas na proposta de Rama foram alvo de questionamento, já na década de oitenta, por Antonio

⁸³ MORAÑA, Mabel. Ideología de la transculturación. In: _____. Ángel Rama y los estudios latinoamericanos. Pittsburgh, Serie Críticas, 1997,137-146. MORAÑA, Mabel (org.) *Nuevas perspectivas desde / sobre América Latina*. 2a ed. Pittsburgh: Mabel Moraña Editora / IILI, 2002.

Cornejo Polar.⁸⁴ Ele observava que a transculturação “... bien puede ser el emblema mayor de la falaz armonía en la que habría concluido un proceso múltiple de mixturación”. (CORNEJO POLAR, 2002: 867)⁸⁵

Por sua vez, Santiago Castro Gomez, em seu artigo “Los vecindarios de la ciudad letrada” (1977), observa que a apreciação de Rama acerca do papel desempenhado pelos intelectuais no âmbito do que o crítico uruguaio denominou *Ciudad Letrada*, foi demasiado monolítica. O filósofo aponta que é necessário considerar os interstícios de *la ciudad letrada*, pois tal olhar nos possibilitará compreender que nem todas as práticas da escritura realizaram uma função hegemônica, além do que o papel dos considerados letrados e até da própria letra, historicamente, transforma-se.

Considerando minhas leituras dos textos ficcionais, o estudo da crítica literária sobre a literatura da região sul e também os argumentos de Polar, Moraña e Castro Gómez em torno do pensamento crítico de Rama – seguido como paradigma interpretativo para a leitura da literatura da região –, entendo que a pluralidade da literatura de fronteira no Cone Sul está invisibilizada: problema que alguns pensadores detectam, mas ao qual poucos pesquisadores têm se dedicado.

A partir da leitura de textos ficcionais de escritores contemporâneos que estão produzindo na região, percebi que há uma discrepância entre a diversidade do imaginário ficcional e o da crítica predominante em torno da literatura da região. Por isso, empreendi uma leitura crítica de um conjunto de narrativas ficcionais de fronteira, produzidas a partir dos anos oitenta, centrando-me, nesse momento, na ficção do escritor Aldyr Garcia Schlee .

A ficção do escritor selecionado também fratura a configuração das literaturas nacionais, ao inserir-se em uma tradição ficcional de imaginar a região em uma condição transnacional. Suas narrativas fazem emergir dentro do território

⁸⁴ Antonio Cornejo Polar, nos anos oitenta, desenvolve a categoria de heterogeneidade para pensar os diferentes elementos constitutivos das literaturas heterogêneas da América Latina e suas relações com o sistema cultural. Tal categoria foi ampliada posteriormente em CORNEJO POLAR, Antonio. *Escribir en el aire*. Ensayos sobre la heterogeneidad socio-cultural en las literaturas andinas. Lima: Horizonte, 1994.

⁸⁵ CORNEJO POLAR, Antonio. Mestizaje e hibridez: los riesgos de las metáforas. Apuntes. *Revista Iberoamericana*, Vol LXVIII, Núm. 200, Julio-Septiembre, 2002, p. 867-870. Artigo originalmente exposto no XXXI Congresso de LASA, Guadalajara, abril de 1997.

tradicionalmente vinculado à literatura gauchesca, um território outro: o das cidades de fronteiras e, com elas, personagens e histórias outras. São ex-peões, changadores, embarcações, domésticas, prostitutas, estudantes, homossexuais, jogadores, travestis, proxenetas, músicos, imigrantes. Mas esse espaço também está habitado por personagens que, frequentemente, assumem a condição autoral dos textos que narram. Recorrendo a repertórios culturais diversificados, suas narrativas expandem-se para além da historiografia e da ficção da região, uma vez que dialogam com outros discursos criativos, como o do cinema – dos filmes clássicos de Hollywoodianos aos melodramas mexicano e italiano – da música – entre a milonga, o chamamé, o bolero, o e o tango – e de histórias cotidianas –, com uma forte interlocução com gêneros orais.

Por isso, o imaginário em torno dessa região, marcada tradicionalmente pela memória de uma cultura gauchesca e cujos símbolos da tradição em renovadas leituras são tomados como signos de resistência a uma pretensa identidade globalizada e desterritorializada, carece também de estudos de outras memórias inscritas no imaginário da literatura de fronteira. É um universo conflitivo, que povoa a criação de cidades como Jaguarão, Rio Branco, Mello e, eventualmente, Montivideo e Buenos Aires na obra do escritor. Cidades com nomes registrados estão vinculadas a uma referencialidade geográfica, que as situa nas fronteiras entre Brasil-Uruguai-Argentina. Essa orientação geocultural mobiliza significados fecundos na criação do espaço ficcional do escritor, uma vez que traz consigo tanto as memórias inscritas na história da região quanto suas inter-relações com outras histórias no resto do mundo.

Por todo o exposto anteriormente, destaco que pensar a literatura de fronteira da região sul exige-me questionar também os pressupostos epistemológicos de sua leitura. Afinal, apesar da relevância da percepção de uma literatura transitiva e da configuração de um sistema literário que, tradicionalmente, o imaginário crítico vem chamando de *comarca pampeana*, a literatura da região carece de ser lida em sua diversidade enquanto literaturas de fronteira do Cone Sul, atitude que também implica um olhar mais amplo sobre a construção da região.

Assim, se no início de minha investigação, eu buscava entender a relação entre o imaginário ficcional contemporâneo e o imaginário crítico dominante, no caminho, desdobrando minha inquietação, passei a perguntar-me sobre os fundamentos epistemológicos que nortearam o imaginário da crítica na configuração feita da

literatura da região. A partir do reconhecimento dos alcances, mas também da percepção dos limites da posição hermenêutica assumida por essa tendência crítica, início, na sequência, uma reflexão acerca dos fundamentos epistemológicos da leitura que pretendo empreender.

Parece-me importante retomar aqui aquela advertência de Kaliman, já referida neste capítulo: É necessário um desnudamento dos princípios epistemológicos que orientam cada trabalho. Afinal, conforme apontou o crítico “la conciencia de la diferencia ayuda a aceptarla”. (KALIMAN, 1996:125)

CAPÍTULO II

2. Por um Pensamento de Fronteira: os lugares de onde falo, as fronteiras em que me situo

¿Por qué se hace de la crítica una institución que crea cánones
y no una comunidad que formula problemas?
(MARIACA ITURRI, 2007: 132)

Pensar a ficção de fronteira da região sul exigiu-me também uma reflexão relativa às possibilidades de abordagem do meu próprio processo interpretativo, uma vez que a relação estabelecida entre a perspectiva crítica adotada e o objeto de leitura eleito (re)cria imaginários, conforme procurei demonstrar no primeiro capítulo deste trabalho.

Sem a pretensão de tratar dos múltiplos caminhos teóricos da crítica na América Latina, procurei situar os estudos da ficção de uma região de fronteira do Cone Sul em sua relação com um dos mais expressivos aportes epistemológicos atuantes na criação do imaginário dominante sobre essa região cultural: o paradigma transcultural e um conjunto de categorias a ele articulado, como comarca pampiana, cultura letrada, regionalismo, super-regionalismo, subdesenvolvimento.

Os pesquisadores dedicados à leitura da ficção entre o sul do Brasil, o Uruguai e parte da Argentina, recorrendo a categorias crescidas no âmbito do pensamento latino-americanista, atuaram na configuração de uma unidade cultural para essa região. Destacar a relevância do empenho realizado por tais pesquisadores e o mérito da fundação de um espaço cultural que mobiliza um imaginário transnacional da região é algo necessário. No entanto, imprescindível também é reconhecer que a perspectiva adotada, em certa sintonia com a tendência homogeneizadora do pensamento da modernidade, resulta na criação e na manutenção reiterada de um imaginário que se limita à literatura/cultura gauchesca.

A crítica literária no Brasil, dedicada à leitura da “condição ex-cêntrica da fronteira”, marcou/marca uma relação entre a condição da literatura sul-rio-grandense

estar fora do centro com a busca de suas “essências”. Por isso, ressaltando diferenças no âmbito brasileiro, ela trata dos vínculos dessa literatura com a do Prata, mas se restringe à cultura gauchesca, reforçando, assim, a figura do gaúcho – o “outro” – no conjunto da literatura da nação brasileira. Com essa perspectiva, a crítica tem desconsiderado a diversidade interna da própria região cultural que configura.

Atenta a tal limitação, junto à reflexão acerca do pensamento crítico na América Latina desenvolvida por mim, neste trabalho de tese, realizo a leitura de obras ficcionais que fazem emergir outras experiências históricas da memória social que foram/são obliteradas pelo imaginário gerado em torno dessa região cultural e, em especial, não têm sido consideradas pela crítica literária a ela dedicada.

Parece-me importante destacar que *“una región no es nunca solo una circunscripción en el continuo del espacio. Es siempre también una circunscripción en el tiempo”*. (KALIMÁN, 2012: 2). Portanto, estar atenta a essa relação indissociável me permite ter uma visão mais abrangente do espaço a que me dedico. Evidentemente, conforme também sinaliza o crítico, tal relação é proposta por sujeitos sociais, que produzem e convalidam intersubjetivamente seus critérios de escolha na criação de uma realidade cultural.

A ciência das relações entre espaço-tempo-sujeitos, sugerida acima, levou-me, por um lado, a perguntar-me a respeito das implicações dos critérios do pensamento crítico que, ao rastrear, delimitar, interpretar e elaborar um sistema cultural/literário de uma região geopolítica, atuou/atua na criação de um imaginário transnacional entre o sul do Brasil, o Uruguai e parte da Argentina, a partir, sobretudo, do final da década de oitenta. Questão sobre a qual refleti na primeira parte deste capítulo.

Por outro, diante das limitações da perspectiva crítica adotada na configuração que fez/faz do imaginário dessa região, por seu descompasso frente à diversidade da produção ficcional, bem como pelo insulamento com que interpreta a região cultural em destaque, entendo que interpretar o imaginário da ficção local requer também outra perspectiva de leitura.

Não pretendo, na presente trajetória, portanto, tratar de mais uma vertente da ficção produzida na região nem tampouco de um polissistema que poderíamos

considerar literatura de fronteira de uma região do Cone Sul, uma vez que meu propósito não é apontar/ler ou debater acerca de possíveis sistemas literários que integrariam o imaginário da região cultural em questão, mas sim entender como uma posição crítica atua na construção desse imaginário. Desnudar a relação entre o espaço em que o leitor se situa e a criação que dele faz é imprescindível não só para o diálogo/debate produtivo entre diferentes perspectivas de leitura, mas, sobretudo, para que as múltiplas realidades construídas, assim como as obstruídas, possam emergir.

Se a origem da condição transnacional da literatura dessa região cultural é marcada pela construção simbólica de uma cultura gauchesca – que, em minha apreciação, mantém-se como uma das tendências expressivas da ficção local – há também outros imaginários que se gestam a partir de experiências vividas, imaginadas, e ficcionalizadas na história cultural, demandando, assim, outras interpretações da região. Por isso, tanto a leitura que venho realizando da ficção dessa região do Cone Sul quanto a leitura crítica da crítica que a tem delimitado e interpretado exigiu-me buscar um caminho outro de leitura dentro da diversidade do pensamento desenvolvido na América Latina. Afinal, por um lado, o empenho dos pesquisadores e suas realizações ensinaram-me a importância de postular modelos interpretativos a partir de especificidades de uma cultura; por outro, suas escolhas, exclusões e omissões indicam que toda leitura, inevitavelmente, é parcial e historicamente localizável e, como tal, produtivamente deve se reconhecer.

Em decorrência do exposto e reafirmando a epígrafe de Mariaca Iturri, que abre este capítulo, tratei, na primeira parte do presente trabalho, da construção, dos aportes e dos limites de uma perspectiva interpretativa. Agora, na sequência, opto por situar-me em outro caminho de leitura, que vem sendo desenvolvido a partir da América Latina, qual seja, o *Pensamiento de frontera* (MIGNOLO, 2000). Essa perspectiva de leitura, ao problematizar a tradição crítica no âmbito da América Latina, assim como suas possíveis relações com outras perspectivas críticas ao redor do mundo, mobiliza-me a pensar o imaginário local em sua diversidade, bem como atentar para as lutas simbólicas que a ficção trava e medeia não só com o poder local, mas também com os diferentes modos de imaginar a modernidade globalizada.⁸⁶

⁸⁶ Importante esclarecer que, ao referir-me à globalização e sua implicação em uma totalidade, não pressuponho uma relação convergente entre um possível todo e suas partes, nem tampouco postulo uma

É importante tornar claro, portanto, que trabalho, especialmente, com dois conceitos de fronteira: um que se constitui enquanto construção do pensamento crítico e proposta hermenêutica; e outro, partindo da concepção de espaço enquanto fundação político-cultural-simbólica, interpreta a ficção narrativa produzida entre uma região de fronteiras do Cone Sul – do Prata –, a fim de refletir acerca do imaginário ficcional e de sua relação com a construção dessa região.

Chamar a atenção entre a construção do lugar e a elocução tem sido uma das principais questões dos estudos de hermenêutica e eu, devido à natureza ficcional dos textos com que trabalho, considero importante, no âmbito dessa tradição, destacar a perspectiva de Paul Ricoeur, uma vez que sua teoria da interpretação⁸⁷, sobretudo a partir dos anos setenta, está profundamente vinculada à interpretação de textos literários.

A literatura, para Ricoeur, especialmente por sua natureza simbólica, tem a capacidade de eclipsar a referência ostensiva, o que leva a uma tensão entre duas orientações, já presentes na linguagem comum, mas que se intensificam no texto poético: por um lado, a linguagem parece se exilar do mundo; por outro, parece acentuar sua potencialidade de inter-relacionar-se com a realidade. Essa natureza bidimensional do símbolo, apontada pelo filósofo em *Teoria da interpretação* (1976), exige do leitor um movimento entre o sentido literal e um sentido segundo, uma vez que a construção do segundo só será possível através de uma relação estabelecida com o sentido primeiro.

Ricoeur estuda tal potencialidade do símbolo e sua relação com o processo interpretativo a partir de três campos de investigação: da psicanálise, da religião e da poética. Ao longo de seus trabalhos investigativos, ele observa a simultaneidade de

relação dialética entre “o próprio e o alheio”, que marcou o pensamento dos anos setenta, mas sim um entendimento segundo o qual o todo se constitui por uma pluralidade que, se tem algum grau de relação com os centros de poder, nem sempre é de subordinação, podendo, inclusive, tomar caminhos diferentes e desenvolver alternativas para o viver alheias às decisões dos centros. Devo essa compreensão a um debate a que assisti entre Enrique Dussel e Ramón Grosfóguel, intitulado *Descolonización y Geopolítica del conocimiento*, realizado na UNAM em 25 de febrero de 2014. Ver: Site <https://www.youtube.com/watch>

⁸⁷ O pensamento de Ricoeur foi escrito a partir do paradigma filosófico de duas tradições fundidas por ele: a fenomenologia – Husserl e Heidegger – e a hermenêutica filosófica de Gadamer. Contudo, um dos aspectos significativos que afastam Ricoeur desses filósofos é seu entendimento da tarefa hermenêutica como um processo que articula explicação e compreensão. Afinal, a condição histórica implicada na historicidade dupla, da obra e do leitor, na interpretação revela que, para Ricoeur, a hermenêutica não pode ser erigida como um método universal. Ver: Daniel Frey e Nicola Greish, editores da obra *Escritos e Conferências 2 – hermenêutica*. São Paulo: Loyola, 2011, nota 37, p. 25.

funções que pode assumir um símbolo e desenvolve diferentes abordagens para cada uma de suas dimensões.

Em meu trabalho tomo, especialmente, as reflexões do filósofo acerca das relações entre símbolo e discurso poético, presentes em alguns textos, dentre os quais aqueles que me servem de base: *Teoria da interpretação*, que integra um conjunto de conferências realizadas em Paris, em 1973, cuja publicação em português deu-se em 1996, e *O problema da hermenêutica*, também uma série de conferências realizadas em Florença, no ano de 1988, integradas ao livro *Escritos e Conferências 2 – hermenêutica*, publicado no Brasil, em 2011. E também uma de suas últimas obras, *Memória, história, esquecimento* (2000), na qual reflete sobre a memória, a história e sua relação com os processos de escrita e de leitura. Dessa obra considero, sobretudo, os capítulos “Memória e imaginação” e “Memória Pessoal, Memória Coletiva”.

A contribuição da hermenêutica ricoeuriana reside em seu aporte metodológico ao entendimento da relação entre a criação poética e a leitura. Para o filósofo, a interpretação realiza-se enquanto processo dinâmico que envolve a compreensão e a explicação. Afinal, a tarefa da interpretação exige uma compreensão do significado poético, baseada no sentido literal eclipsado, ou seja, a compreensão é mais dirigida à unidade de intenção do discurso poético, enquanto a explicação volta-se aos elementos compositivos do texto ficcional. Por esse viés, a proposta ricoeuriana mobiliza o leitor a movimentar seu olhar e, conseqüentemente, seu discurso interpretativo, entre a compreensão e a explicação. É nessa perspectiva que a hermenêutica literária desenvolvida por Ricoeur promove um entendimento comunicativo da literatura, no qual texto e leitor, historicamente localizados, interagem na (re)construção de novos modos de ser no mundo.

Tomando tais ensinamentos de Ricoeur e situando-me historicamente na tradição do pensamento crítico na América Latina, realizo uma leitura de obras ficcionais de uma região do Cone Sul a partir de um *Pensamiento de frontera* (MIGNOLO, 2000), orientando-me, para tanto, especialmente pelas propostas que vêm sendo desenvolvidas pelo grupo *Modernidad/Colonialidad*.

Ciente de que o grupo tem como princípio organizativo a problemática da geopolítica do conhecimento⁸⁸, oriento-me pela construção de um pensamento crítico situado na América Latina para refletir sobre o imaginário de uma região de fronteiras do Cone Sul. Entendo que minha opção epistemológica mobiliza-me a ir além das “essências, particularidades e especificidades” da região e, diferentemente do pensamento latino-americanista que predominou nos anos setenta, pensar a partir de uma localização específica para dialogar horizontalmente com saberes múltiplos, internos e externos à América Latina.

Por isso, metodologicamente, empreendo dois movimentos para interpretar o imaginário da região cultural em que habito⁸⁹: inicialmente, entendendo a região de modo mais amplo, busco acompanhar, apreender e ponderar acerca do pensamento crítico na América Latina. E, assim, construindo e assumindo minha posição teórica enquanto lugar de enunciação⁹⁰, questão a que me dedico nesta primeira etapa, desenvolvo, no próximo capítulo da presente tese, uma interpretação do imaginário de uma região do Cone Sul, a partir da narrativa ficcional de um escritor.

Com tais propósitos, apresento, na sequência, os fundamentos, o percurso e as principais propostas abertas pelo grupo *Modernidad/Colonialidad*.

É em um ambiente de profunda autocrítica e produtivo debate, desencadeado especialmente a partir das décadas finais do século XX, que o pensamento na América Latina tem sido repensado em sua alteridade. Dentre as múltiplas propostas – Estudos Feministas da diferença, Estudos Culturais na América Latina, Estudos Subalternos Latino-Americanos, Estudos Pós-Coloniais Latino-Americanos –, que dialogam

⁸⁸ Como bem destacam dois pensadores dessa rede de pesquisadores, Ramón Grosfóguel e Santiago Castro Gómez, do mesmo modo que os Estudos Culturais e Pós-Coloniais, o grupo “modernidad/colonialidad reconoce el papel fundamental de las epistemes, pero les otorga un estatuto económico, tal como le propone el análisis del sistema mundo”. Ver: Prólogo: Giro decolonial, teoría crítica y pensamiento heterárquico. In. GOSFÓGUEL, Ramón. *El giro decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007, p.16.

⁸⁹ Reitero, assim, que “habitar” não se limita a uma referência de ordem territorial, geográfica, em que me situo, mas, sobretudo, a uma delimitação do espaço epistêmico ou, mais precisamente, ao posicionamento de meu locus de enunciação, fato que implica anunciar, como tenho feito desde o início deste trabalho, quem imagina, o quê imagina, a partir de onde e por que o faço.

⁹⁰ A referir-me a locus de enunciação, explico que o tomo na acepção do termo sugerido por Santiago Castro Gómez, como uma *posicionalidad geo-ideológico-cultural*. (CASTRO GÓMEZ/ E. MENDIETA: 1998). E nesse sentido relaciono-o a minha condição de “habitar” um lugar, conforme expliquei anteriormente.

criticamente com essa tradição heterogênea de pensamento, destaco a perspectiva aberta pelo grupo *Modernidad/Colonialidad* acerca de um *Pensamiento de frontera*. (MIGNOLO, 2000)

Essa “comunidad de argumentación”⁹¹, conforme denomina Arturo Escobar (2003), retoma criticamente diferentes caminhos interpretativos abertos pela tradição de pensamento latino-americanista e propõe uma contribuição a um “paradigma otro”⁹² para (re)pensar a América Latina e suas inter-relações com o mundo. Longe de se enquadrar em uma história linear de paradigmas e epistemes, o grupo *Modernidad/Colonialidad*, pautado por um princípio de descolonização da produção do conhecimento, mobiliza a articulação de um *Pensamiento de Frontera*. Para isso, cientes da construção discursiva e estratégica do que o pensamento moderno “em” e “sobre” o chamado novo continente concebeu como América Latina⁹³, essa “rede de investigadores”, em suas proposições, promove um diálogo não só com outras propostas epistêmicas contra-hegemônicas no mundo, mas também com outros modos de saber, de sentir e de ser, que foram desconsiderados, invisibilizados ou subsumidos por parte do pensamento latino-americanista precedente.⁹⁴

⁹¹ O primeiro artigo, que traça uma genealogia e um percurso do grupo, é desenvolvido por Arturo Escobar, no âmbito da proposta da temática do Congresso CEISAL – Amsterdam 2002, sob o título, “Mundos y conocimientos de otro modo – El programa de investigación de modernidad/colonialidad latinoamericano”. Tal artigo foi publicado posteriormente em *Tabula Rasa*. Bogotá-Colômbia, No. 1: 51-86, enero-diciembre de 2003. A genealogia e a história do grupo pode ser acompanhada em inúmeros outros trabalhos e entrevistas, por membros da rede de debate. Destaco aqui as obras *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica mas allá del capitalismo global* (2007), compilada por Santiago Castro Gómez e Ramón Grosfoguel e *Inflexión decolonial: fuentes, conceptos y cuestionamientos* (2010), realizada por Eduardo Restrepo e Axel Rojas que são, especialmente, consideradas em meu trabalho.

⁹² A noção de “pensamiento otro”, como aponta Mignolo vem do conceito “une pensée autre”, desenvolvido pelo pensador árabe-islâmico Abdckebir Khatibi (2001) acerca das histórias de resistência à colonização francesa em Magreb. O pensador marroquino, em diálogo com o pensamento de Franz Fanon, segundo Mignolo, trata da necessidade de “situarse según un pensamiento otro, un pensamiento quizá increíble de la diferencia”. In: MIGNOLO W. “Prefácio a la edición castelhana ‘Un paradigma otro’ colonialidad global, pensamiento fronterizo y cosmopolitismo crítico”. In: _____. *Historias Locales/Diseños Globales: Colonialidad, Conocimientos Subalternos y Pensamiento Fronterizo*, 2003, p.19-43.

⁹³ Se em *La invención de América Latina*, O’gorman rebate o termo “descobrimento” em favor de “invenção”, critério evidentemente compartilhado por Mignolo, como aponte em nota anterior, a nova perspectiva do processo de colonização que essa mudança implica carrega consigo a condição histórica e, portanto, mutável, do que podemos conceber como América Latina. Devo essa reflexão à Eurídice Figueiredo, em seu artigo “O conceito de América Latina”. Ver: Figueiredo, E. *Representações de etnicidade: perspectivas interamericanas de literatura e cultura*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010, p.43-51.

⁹⁴ Destaco aqui a importância do trabalho realizado por Catherine Walsh tanto na Universidad Andina Simon Bolívar quanto no Programa de Doctorado em Estudos Culturais, em sua constante interlocução com os movimentos indígenas no Equador e na Bolívia. No âmbito dessas relações, a pesquisadora analisa as distintas acepções de interculturalidade, entendida enquanto projeto político, social, epistêmico

Por esse viés, o grupo de pesquisadores, atento à persistência e à reinstalação do que Edgardo Lander aponta como “tendências eurocêntricas del saber nas universidades latino-americanas” (LANDER, 2000), em tempos de políticas de globalização e transnacionalização, reavalia e revitaliza o pensamento na América Latina em sua heterogeneidade/alteridade e propõe sua participação em um “paradigma otro”⁹⁵. Nesse caminho, o grupo põe em debate o caráter limitado de uma expressiva linha integrante da tradição do pensamento latino-americanista que, vinculado a princípios monovalentes da modernidade, obliterou modos de pensar, sentir e construir o que chamamos de América Latina.

Frente à limitação de uma tendência predominante do pensamento latino-americanista, em sua convergência acerca de mestiçagens, sincretismos, transculturações e hibridismos aqui ocorridos, o grupo *Modernidad/Colonialidad* propõe a abertura a outros saberes e experiências coexistentes nesse espaço geocultural⁹⁶. Pelo princípio adotado, os pesquisadores promovem o diálogo com perspectivas do pensar e do sentir não só desenvolvidas por centros acadêmicos, mas também desencadeadas no âmbito dos movimentos sociais. Nesse sentido, o *Pensamento de fronteira* surge como uma opção epistemológica que resulta

e ético, e passa a dedicar-se, especialmente, às dimensões pedagógicas da interculturalidade, em especial, seus significados enquanto formas de entender as relações entre tradições culturais. Ver: WALSH, Catherine. Interculturalidad, plurinacionalidad y razón decolonial. In: GROSGOUEL, R.; ALMANZA HÉRNANDEZ, R. Lugares descoloniales - espacios de intervención en las Américas. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2012, p. 95-118. No Brasil, a interlocução de membros do grupo dá-se em especial com a Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN). Ver mais em [HTTP://WWW.ABPN.ORG.BR/REVISTA](http://www.abpn.org.br/revista). E em grupos de pesquisa como o aberto pelo antropólogo brasileiro Gustavo Lins Ribeiro, da UNB, e Arturo Escobar. Na Bolívia, vale destacar, *Mujeres creando*, grupo feminista, fundado em 1992, na Bolívia. Ver: www.mujerescreando.com, para citar alguns.

⁹⁵ Mignolo chama atenção sobre a distinção entre um “otro paradigma” e um “paradigma otro” na obra *Historias locales/diseños globales: colonialidad, conocimientos y pensamiento fronterizo* (2003). Na primeira acepção, reside a ideia de um novo paradigma, que se acrescentaria aos anteriores enquanto um “paradigma otro” é um pensamento crítico que, partindo das histórias e experiências marcadas pela colonialidade, propõe-se à diversidade de pensamentos, sobretudo, dos que foram negligenciados, negados pelo pensamento moderno. Tal perspectiva é amplamente exposta no prefácio que o autor faz à edição castelhana de sua obra. Nela, Mignolo aponta “En suma, ‘un paradigma otro’ en su diversidad planetaria está conectado por una experiencia histórica común: el colonialismo; y por un principio epistémico que ha marcado todas las sus historias: el horizonte colonial de la modernidad. Esto es, la lógica histórica impuesta por la colonialidad del poder”. (p. 23)

⁹⁶ Convém destacar que uma visão anti-hegemônica do pensamento latino-americano pode ser visualizada, dentre outros modos, pelos apontamentos desenvolvidos por Cornejo Polar, em sua contraposição à visão transculturadora que passa a dominar a crítica latino-americana de modo geral, situação já anteriormente referida por mim, na p. 90 deste trabalho. Em sua reflexão relativa ao caráter heterogêneo da cultura, Polar destaca que “la idea de transculturación se há convertido cada vez más en la cobertura más sofisticada de la categoría de mestizaje”. CORNEJO POLAR, Antonio. Mestizaje e hibridez: los riesgos de las metáforas. Apuntes. *Revista Iberoamericana*, Vol LXVIII, Núm. 200, Julio-Septiembre, 2002, p. 867. Artigo originalmente exposto no XXXI Congresso de LASA, Guadalajara, abril de 1997.

primeiramente de um questionamento pela alteridade do que vimos denominando pensamento latino-americano.

Cabe ressaltar ainda que, conforme destaca Catherine Walsh (2005)⁹⁷, o fortalecimento de um pensar a partir do local não lida apenas com as fronteiras internas, mas também com a abertura a um diálogo com experiências desenvolvidas em outras regiões do globo, em especial com aquelas que, empenhadas na construção de outros modos de pensar, saber e viver, leem a modernidade a partir de sua própria *colonialidad*⁹⁸.

Assim, indo além da tradição predominante do pensamento latino-americanista organizado nos anos setenta, o grupo *Modernidad/Colonialidad* já não está empenhado em distinguir as particularidades de uma “cultura própria”, mas sim em pensar e atuar, a partir de uma localização específica e de um diálogo horizontal, com saberes múltiplos, que também promovam a *decolonización*⁹⁹ dos modos de entender, conceber e atuar no mundo onde vivemos.

⁹⁷ WALSH, Catherine. Introducción – Re pensamiento crítico y (de) colonialidad. In: WALSH, C. (ed.) *Pensamiento crítico y matriz decolonial*. Reflexiones latinoamericanas. Bolivia: Ed Abya-Yala. Quito, 2005, p.13-35.

⁹⁸ Como um exemplo de pensamento “outro”, desenvolvido por Kathibi e retomado por Mignolo, em um projeto de sociedade que parta de outros princípios políticos, éticos, econômicos e epistêmicos distintos dos construídos pela Modernidade, convém aqui destacar o conceito de interculturalidade, adotado por Walsh. Ela observa que o conceito de interculturalidade retoma o conceito de buen vivir, de sumaka kauasy ou de vivir bien, dos Aimara, apresentado pelo movimento indígena equatoriano como um “princípio ideológico”. A pesquisadora, partindo dessa acepção, passa a dedicar-se especialmente aos estudos de interculturalidade epistêmica, como um modo de atuar no processo de decolonização do pensar e do viver. Ver: WALSH, C. “interculturalidad, plurinacionalidad y razón decolonial”. In: CASTRO GÓMEZ, Santiago; GOSFÓGUEL, Ramón. *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007, p. 47-62.

⁹⁹ Walsh é quem propõe a supressão do “s” uma vez que considera que “Suprimir la s y nombrar decolonial no es promover una anglicismo. Por el contrario, es marcar una distinción con el significado en castellano del des. No pretendemos simplemente desarmar, deshacer o revertir lo colonial; es decir, pasar de un momento colonial a uno no colonial, como si fuera posible que sus patrones y huellas desistieran de existir. La intención, más bien, es señalar y provocar un posicionamiento – un apostura y una actitud continuas – de transgredir, intervenir, in-surgir e incidir. Lo decolonial denota, entonces, un camino de lucha continuo en el cual podemos identificar, visibilizar y alentar *lugares* de exterioridad y construcciones alternativas”. WALSH, Catherine. Interculturalidad, plurinacionalidad y razón decolonial. In: GOSFOGUEL, Ramón e ALMANZA H. Roberto. *Lugares descoloniales: espacios de intervención en las Américas*. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2012, p.95.

A opção pela construção de um Pensamento de Fronteira, reconhecendo o profundo valor de uma hermenêutica *pluritópica*¹⁰⁰, para pensar e criar outros modos de estar no mundo, organiza-se, assim, enquanto discurso *inter-epistêmico*, ou seja, em um diálogo aberto e produtivo com outros modos de saber e pensar, não eurocêntricos.¹⁰¹ Por tal princípio, a crítica ao pensamento eurocêntrico não pressupõe a negação de categorias desenvolvidas na Europa, no Canadá ou nos Estados Unidos¹⁰², mas sim a pretensa universalidade – abstrata e soberana – do conhecimento desenvolvido pela

¹⁰⁰ Com relação ao conceito de hermenêutica pluritópica, parece-me oportuno destacar que, na esteira de Chakrabarty (2001), Mignolo manifesta que “...la comprensión de ‘nuestra’ tradición, en la que descansa el fundamento de la hermenéutica discursiva filosófica, implica que la tradición que debe conocerse y los sujetos de conocimiento son uno y el mismo; una tradición universal es entendida por un sujeto universal que, al mismo tiempo, habla por el resto de la humanidad. En contraposición a la comprensión monotópica de la hermenéutica filosófica, la semiosis colonial presupone más de una tradición y, por tanto, demanda una hermenéutica diatópica o pluritópica...” *AdVersus: Revista de Semiótica* Año II,- N° 3, agosto 2005. Disponível em <http://www.adversus.org/indice/nro3/articulos/articulomignolo.htm>

¹⁰¹ Por esse princípio, observamos sua articulação produtiva com o que Boaventura Souza Santos, nos marcos do Fórum Social Mundial, denomina “Epistemologia do Sul”. Paradoxalmente, partindo de um conceito construído pela ciência moderna – epistemologia como um discurso sobre as ciências –, Santos subverte essa concepção ao apontar “Epistemologias do Sul” como uma epistemologia geral de saberes múltiplos, a qual nega qualquer possibilidade de soberania epistêmica. Por tal viés, o sociólogo português afirma que “O Sul é aqui concebido metaforicamente como um campo de desafios epistêmicos que procuram reparar os danos e impactos historicamente causados pelo capitalismo, na sua relação colonial com o mundo. Esta concepção de Sul sobrepõe-se em parte com o Sul geográfico, o conjunto de países e regiões do mundo que foram submetidos ao colonialismo europeu...”. SANTOS, Boaventura S. e MENESES, Maria Paula. *Prefácio*. In: _____. (orgs.) *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 19.

¹⁰² Destaco o projeto *Escrituras plurales*, uma linha de investigação coordenada pelo professor Eduardo Ramos-Izquierdo, no âmbito do *Séminaire Amérique Latine*, o eixo dos estudos de literatura latino-americana do *Centre de Recherches Interdisciplinaires sur les Mondes Ibériques Contemporains - Séminaire Amérique Latine* - CRIMIC/SAL, - na Université Paris IV-Sorbonne. O grupo de pesquisa destaca a dimensão conceitual da expressão “escrituras plurales”, bem como seu caráter funcional. Partindo do reconhecimento da pluralidade da literatura latino-americana e da exigência de uma diversidade crítica de suas abordagens, o grupo de pesquisa do CRIMIC/SAL, organiza-se a partir de cinco eixos de investigação: estudos teórico/críticos, abrindo-se tanto a reflexões desenvolvidas na Europa na atualidade quanto na América Latina, Canadá e Estados Unidos; dedica-se a pensar os conceitos de espaço e tempo como posição geocultural e geopolítica sua implicação em um debate sobre latinoamericano, iberoamericano, hispanoamericano, bem como a relação dessas construções com a literatura e cultura em condições transnacionais e de globalização; trata de gêneros discursivos e suas variantes no âmbito da criação artística/ficcional; reflete sobre o estudo das relações entre a criação do autor e as percepções e práticas do leitor; estudos de tema a partir de temas canônicos e/ou atuais como são o poder, a violência, a memória em múltiplos contextos de transformação social. Meu trabalho de investigação doutoral, que tem como um de seus principais desafios pensar sobre as possibilidades de abordagem crítica desenvolvidas em e sobre América Latina e sua relação com a construção de espaços de poder, viu no espaço criado pelo CRIMIC/SAL, especialmente, pelo questionamento aberto em torno da existência de uma crítica em América Latina – “existe un modelo teórico hispanoamericano distinto de los modelos europeos?” (CRIMIC/SAL, 2014) –, uma oportunidade para aprofundar minha reflexão. Com esse intuito participei, durante três meses, com bolsa PDSE/CAPES, dos debates realizados no âmbito do projeto *Escrituras plurales*. Situada no âmbito dos estudos latino-americanos e, mais especificamente a partir de propostas dos Estudos de Fronteira (MIGNOLO: 2000), que têm como princípio uma hermenêutica pluritópica, vivenciei, nesse ambiente de pesquisa, uma interação aberta e produtiva. Tal experiência colaborou sobremaneira para os caminhos de minha tese e, em especial, para minha formação acadêmica.

maioria de seus pensadores, afinal, como aponta o sociólogo portorriquenho Ramón Grosfóguel, “Si rechazáramos las aportaciones de europeos o euro-americanos estaríamos invirtiendo el fundamentalismo eurocêntrico con un fundamentalismo tercermundista antieuropeu [o indianista o afrodescendiente].” (GROSFOGUEL, 2007: 334)

Considerando meus propósitos aqui já referidos, exponho as reflexões do Grupo *Modernidad/Colonialidad*, recorrendo a suas fontes, a suas principais propostas e conceitos a partir, especialmente, de duas obras que compilam e analisam o trabalho do grupo: *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica mas allá del capitalismo global* (2007), organizada por Santiago Castro Gómez e Ramón Grosfóguel e a outra, *Inflexión decolonial: fuentes, conceptos y cuestionamientos* (2010), organizada por Eduardo Restrepo e Axel Rojas. Recorro ainda a obras individuais de pesquisadores que integram essa rede, como *Historias locales/diseños globales: colonialidad, conocimientos y pensamiento fronterizo* (2003), de Walter D. Mignolo, bem como a outros pensadores/ras que, por caminhos diversos, buscam romper com a perspectiva de um universalismo abstrato, promovido ao longo da modernidade. Nesse caso destaque, sobretudo, os trabalhos de María Lugones, “Colonialidad y Género: hacia un feminismo descolonial” (2012) e o livro de Margareth Rago, *Os prazeres da noite* (2008).

Assim, mediante uma breve contextualização do pensamento do grupo e considerando o princípio intepistêmico que subjaz à proposta, recorro fundamentalmente aos principais conceitos concebidos e/ou desdobrados por membros dessa rede de discussão, mas também a outros pesquisadores que, associados diretamente ou não ao grupo, desafiam-me a repensar o imaginário da região a partir da criação simbólica que a literatura faz dela, como é o caso de Paul Ricoeur e também de María Lugones, Claudia de Lima Costa e Margareth Rago. Se a relevância da perspectiva do filósofo já foi anteriormente aqui destacada, cabe ressaltar também os aportes das três pesquisadoras latino-americanas. As filósofas Lugones e Costa por tratarem das relações entre colonialidade e gênero, favorecem-me um olhar acerca de propostas do *Feminismo da diferença* e sua potencial relação com o pensamento do grupo *Modernidad/Colonialidad*; a terceira, Rago, historiadora, tanto por suas reflexões em torno dos feminismos da diferença e de suas relações com a tradição do pensamento

feminista quanto por seus incontornáveis aportes acerca da prostituição na região do extremo sul da América.

Cabe ainda ressaltar que o reconhecimento do caráter homogeneizador sobre o qual tem sido construída a cultura ocidental, em todas as suas práticas discursivas, tem mobilizado a revisão, a emergência e a criação de propostas hermenêuticas a partir de diferentes lugares¹⁰³. A assunção de que há diferentes modos de ler a realidade e que cada um implica a construção da própria realidade que se interpreta leva também a que reconheçamos que todas as opções têm implicações ideológicas. Por isso, assumir um caminho interpretativo, como bem alerta Grosfóguel, é sempre tomar uma posição em relação ao conhecimento.

É justamente considerando tal implicação que o grupo *Modernidad/Colonialidad* parte de uma retomada crítica do que tem sido tratado no âmbito da América Latina, pelo pensamento, entre outros, de José Mariátegui, Edmundo O’gorman, Leopoldo Zéa, Darcy Ribeiro, Angel Rama, Cornejo Polar, Aníbal Quijano, Enrique Dussel, Paulo Freire, Roberto Fernandez Retamar, Rodolfo Kusch, uma vez que o pensamento crítico por eles desenvolvido sinaliza “una búsqueda de autodeterminación intelectual a través de la construcción de modelos regionales de conocimiento, proponiendo la cultura popular como alternativa de la metropolitana, para romper por esas vías, con los lazos del colonialismo intelectual”. (MARIACA ITURRI, 2007:?).

Nesse percurso avaliativo, o grupo coloca em evidência que “cuestiones que se vienen problematizando en esas latitudes desde mucho tiempo atrás sin eco ni gravitación alguna” (PALERMO, 2001: 177) são apresentadas atualmente como novidades no âmbito dos Estudos Pós-Coloniais, desenvolvidas em centros acadêmicos privilegiados. Para Zulma Palermo, o fato só demonstra que, apesar do que já se construiu, segue em vigor, em grande medida, a dependência intelectual.

¹⁰³ Parece-me importante reconhecer que, a partir das décadas finais do século XX, no campo do saber acadêmico, quer a partir de uma lógica pós-moderna, quer de uma lógica Pós-Colonialista, em suas múltiplas práticas teóricas, desprendem-se perspectivas epistemológicas significativas para a desconstrução da hegemonia do saber construído pela modernidade ocidental. O Pós-Modernismo, em suas variações Pós-Estruturalista, Desconstrucionista, Pós-Marxista, entre outras, tem debatido em torno dos saberes hegemônicos criados pela centralidade do pensamento europeu. A perspectiva Pós-Colonial mediante os Estudos Feministas, Estudos Pós-Coloniais, Estudos Subalternos, Estudos Culturais, Pensamento de Fronteira, entre outras, requer a abertura do lócus de enunciação para saberes produzidos por aqueles que viveram a dominação colonial.

Por todo o exposto, reitero que, para pensar a ficção contemporânea de fronteira na região sul, recorro a uma via de leitura fundamentada no que Walter Mignolo cunhou por *pensamiento fronterizo* (MIGNOLO: 2000), cuja premissa é a pluriversalidade do pensamento e dos saberes e seu horizonte, uma opção *decolonial*.

Considerando que o debate do grupo não se propõe a ser um método acabado, nem tampouco se destina à aplicação, mas que parte de um corpus básico de conceitos e autores, apresento, neste momento, princípios que sustentam a proposta apontada por Mignolo, os quais vêm sendo desenvolvidos por membros dessa comunidade de argumentação, bem como por outros pesquisadores, que partem das perspectivas abertas pelo grupo. Por tal viés, pretendo expor os fundamentos da proposta crítica aberta pelo grupo e traçar meu caminho de leitura, que deverá aprofundar-se ao longo das leituras dos textos ficcionais.

2.1 A perspectiva decolonial na/da América Latina - O percurso de uma posição crítica

O grupo *Modernidad/Colonialidad*, proposto no final dos anos noventa¹⁰⁴, com base, principalmente, no pensamento de Enrique Dussel, Aníbal Quijano e Glória Anzaldúa, desencadeia a articulação de uma *Epistemología de Frontera* (MIGNOLO: 2003), como uma opção crítica frente ao pensamento hegemônico criado pela modernidade.

Com um olhar crítico em relação ao que vem sendo tratado na e sobre a América Latina – bem como em outras regiões do globo –, essa rede de pensadores apresenta conceitos-chave, como o de *colonialidad*, desenvolvido pelo peruano Aníbal Quijano,

¹⁰⁴ Há dois eventos, realizados em 1998, que são apontados como marco de constituição dessa rede de debate: 1. Organizado na Universidad Central de Venezuela, Caracas, pelo sociólogo Edgardo Lander, que teve como convidados o peruano Aníbal Quijano, o filósofo argentino-mexicano Enrique Dussel, o semiólogo argentino Walter Mignolo, o antropólogo colombiano Arturo Escobar e Fernando Coronil. 2. O *Congreso Internacional Transmodernidad, capitalismo histórico y colonialidad: un dialogo postdisciplinario*, organizado pelo professor costarricense Ramón Grosfoguel e o estudante Agustín Lao Montes, em dezembro de 1998, em Binghamton, Estados Unidos. O evento contou com a participação de Quijano, Dussel, Mignolo e do sociólogo norte-americano Immanuel Wallerstein. Em entrevista mais recente, concedida a Nelson Maldonado Torres (2007), Mignolo afirma que foi a partir desses congressos que ele se intera do pensamento de Quijano, o qual viria a ser medular no desenvolvimento do pensamento dessa comunidade argumentativa.

transmodernidad, pelo argentino Enrique Dussel, e Teoria de Fronteiras, desenvolvida pela chicana Gloria Anzaldúa.

O conceito de “colonialidad” é desenvolvido por Quijano a partir da relação que o sociólogo estabelece entre colonialismo e as categorias de classe, raça e nacionalidade, na obra *Colonialidad del poder, eurocentrismo y América latina* (1992). Para ele, a *colonialidad* é um padrão de poder que tem sua matriz no colonialismo exercido pela Europa sobre a América. Enquanto o colonialismo estrutura-se na dominação e na exploração de determinado povo sobre o outro, a partir de um controle de autoridade política, como ocorreu em relação à América entre os séculos XVI e XIX, a *colonialidade*, gerada a partir de relações de colonialismo, não se restringe a essa relação formal de poder. Engendrada no âmbito do colonialismo moderno, ela se naturaliza no imaginário social do Estado-Nação como uma perspectiva eurocêntrica de domínio do pensamento, que perpassa todas as dimensões materiais e subjetivas de existência cotidiana e social daqueles que foram colonizados¹⁰⁵. É, portanto, algo mais profundo e extenso do que o colonialismo, chegando, inclusive, aos nossos dias.

Segundo Quijano, a *colonialidade* foi forjada com base em dois eixos de poder, que se estruturam a partir da conquista da América: a ideia de raça, construída como pressuposto de superioridade dos conquistadores sobre os conquistados; e a constituição de uma nova estrutura de controle do trabalho e dos recursos, com a escravidão, a servidão e a produção mercantil para um mercado mundial.

É sobre uma base racial, classificatória da população de todo o planeta, que o pensamento europeu engendrou um padrão de poder e, com ele, uma forma de dominação social. No que se refere à América Latina, esse padrão de poder permaneceu fortemente arraigado no imaginário das elites locais. Haja vista que a criação das nações na América Latina, como um projeto inerente à modernidade, firmou-se sobre uma perspectiva homogeneizadora que, conduzida pelas elites locais, teve como principal ideologia a mestiçagem enquanto aspiração de aprimoramento da “raça”¹⁰⁶. É, enfim,

¹⁰⁵ E, nesse sentido, pensar o conceito de colonialidade a partir da história do colonialismo local não significa que tal categoria possibilite pensar apenas a América Latina, uma vez que a extensão colonialista, como a outra cara da modernidade, para utilizar uma expressão de Mignolo, atingiu a diferentes comunidades ao longo do globo.

¹⁰⁶ A palavra “raça” é entendida como uma construção social e, sobretudo, política, por Quijano e, para marcar o caráter imaginário dessa categoria, o sociólogo a salienta com aspas. É, portanto, tomando-a nessa acepção que reitero a marcação. Para melhor acompanhar o pensamento do sociólogo em relação a

esse racismo estrutural engendrado em nossas repúblicas que se mantém ainda hoje no âmbito econômico, político, social e cultural.

A submissão das diferentes subjetividades a um padrão de existência leva à *colonialidad del ser*, uma vez que, junto ao estabelecimento de uma perspectiva única do conhecimento, fundamentada na razão, forjou-se desqualificando outras racionalidades epistêmicas, bem como a outros modos de conhecimento que ficaram fora dos marcos estabelecidos por centros de poder. Quijano ressalta que a colonialidade do poder atua na colonização de imaginários do mundo de modo geral, visto que, a partir do século XVIII, a Europa submete amplamente os imaginários – religiosos, artísticos, administrativos, epistemológicos, entre outros – a parâmetros criados pela razão ilustrada. Sendo assim, o colonialismo não se constitui apenas em um fenômeno econômico e político, já que comporta também uma dimensão epistêmica, vinculada ao nascimento das ciências humanas, tanto no centro quanto na periferia do mundo moderno. (QUIJANO, 2005:20) No caso da América Latina, apesar da independência colonial no século XIX, a *colonialidade* atravessa todos os aspectos da vida, mantendo-se e desdobrando-se ainda em nossos dias.

Entendendo a *colonialidade* como o outro lado (sombrio) da modernidade, o grupo reflete acerca da colonialidade do poder em diferentes dimensões sociais, especialmente em relação ao saber e ao ser. Nesse sentido, os aportes iniciais de Walter Mignolo¹⁰⁷ (2003) e, sobretudo, de Nelson Maldonado-Torres com relação à colonialidade do ser ponderam acerca dos efeitos da colonialidade na experiência vivida tanto pelos sujeitos colonizados quanto por aqueles que se imaginam superiores. Maldonado-Torres, partindo das reflexões de Mignolo e retomando os estudos de Levinas (1969)¹⁰⁸, Henrique Dussel (1977), Franz Fanon (1973) e de Du Bois (1903)

essa construção, ver “Colonialidad del poder y clasificación social”. In: *El giro decolonial...* Obra citada, p.93-126.

¹⁰⁷ O conceito de *colonialidad del ser* foi sugerido por Walter Mignolo em um debate realizado no âmbito do grupo, em 1995. Seu percurso pode ser acompanhado, revisado e ampliado, em “Os esplendores e as misérias da ciência: colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistêmica”. In: BOAVENTURA, Souza Santos (Ed). *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado*. Lisboa: Edições Afrontamento, 2003, p. 631-671.

¹⁰⁸ Dussel, que foi aluno de Ricoeur e de Levinas, destaca especialmente a importância das reflexões desse filósofo em sua concepção entre ética e o lugar da filosofia. Levinas soube partir da filosofia tradicional e do pensamento semita para desenvolver, aportar outra perspectiva à filosofia. Contando com esse ensinamento, Dussel desenvolve sua *filosofia de la liberación*, a partir dos anos setenta. Ver: Dussel, Enrique. *La ética, filosofía primera*. Entrevista de Fernando Gómez, Ver. Casa de las Américas 216, Julio-septiembre, 1999, Cuba, 137- 144.

aponta que “en el contexto de un paradigma que privilegia el conocimiento la descalificación epistémica se convierte en un instrumento privilegiado de la negación ontológica o de la sub-alterización” (MALDONADO-TORRES, 2007: 145) Considerando essas relações, podemos entender como a colonialidade do poder, do saber e do ser invisibilizam e, até mesmo inviabilizam, outros modos de existir ainda hoje.

Outro conceito básico nas reflexões do grupo, conforme já apontei anteriormente, é o de *transmodernidade*. Dussel, avançando em suas reflexões iniciadas a partir de meados dos anos sessenta, acerca das relações histórico-culturais em nível mundial, mobilizadas no processo da modernidade, mas ainda buscando afastar-se de uma visão eurocêntrica, aponta que “la "realización plena" del concepto de Modernidad exigirá su "supera-ción" (proyecto que denominaremos de "Trans-Modernidad")”.¹⁰⁹

Tal proposta foi desenvolvida ao longo de diferentes textos de Dussel e ganharia maior precisão em seus apontamentos relativos à importância de reconhecermos a existência de universos culturais construídos anteriormente à conformação do sistema-mundo¹¹⁰, momento em que a cultura europeia começa a impor-se como centro de uma pretendida cultura universal. Pelo viés escolhido, Dussel propõe uma leitura do arco da Modernidade, em sua coexistência com diferentes universos culturais desenvolvidos tanto antes quanto durante o longo processo da Modernidade. O caráter autônomo que tais universos culturais tinham, sua permanência na marginalidade frente à imposição de uma cultura moderna, bem como as modulações que as culturas em questão passam a assumir mediante as tensões do processo de homogeneização da Modernidade exigem

¹⁰⁹ Tal questão é abordada na quinta conferência apresentada por Dussel, em Frankfurt, no ano de 1992, intitulada "Crítica del mito de la Modernidad". Contudo, aqui tomo a publicação em que o autor reúne o conjunto de suas conferências e as integra na obra *El encubrimiento del Otro - hacia el origen del "Mito de la Modernidad"*. Bolívia, La Paz, Colección Académica de la Facultad de la Humanidad y Ciencias de la Educación de la Universidad Mayor de San Andrés. Plural Editores, 1994, p. 69.

¹¹⁰ O conceito é desenvolvido por Immanuel Wallerstein, a partir da obra *The modern world-system* (1974). Tendo em sua base a perspectiva de longa duração, do historiador Fernand Braudel, e aportes da Teoria da Dependência, desenvolvidos por inúmeros pensadores latino-americanistas, o sociólogo norte-americano rompeu com a perspectiva unidirecional com que tradicionalmente se entendia o capitalismo. Sua concepção de sistema-mundo aponta o conjunto de redes e circuitos comerciais surgidos com as conquistas dos séculos XV e XVI, colonialismo comercial do Atlântico, que abre o foco para a concepção de uma “história mundial”. O livro mostra ainda como tais relações guindaram a Europa a uma posição central no mundo. A obra de Wallerstein tornou-se uma referência para a crítica ao eurocentrismo de modo geral. Já o grupo Modernidad/Colonialidad parte da concepção de sistema-mundo, desenvolvida por Wallerstein, para refletir sobre a relação entre capitalismo-poder e sua implicação nas epistemologias, agregando ainda uma reflexão acerca dos discursos raciais entranhados nas referidas relações, questões não consideradas na concepção original de sistema-mundo.

outra leitura em busca de alternativas para nossos dias. É assim, com uma perspectiva histórica ampla, que o filósofo aponta:

el concepto estricto de “*trans-moderno*” quiere indicar esa radical novedad que significa la irrupción, como desde la Nada, desde Exterioridad alternativa de lo siempre Distinto, de culturas universales en proceso de desarrollo, que asumen los desafíos de la Modernidad, y aún de la Post-modernidad europeo-norteamericana, pero que responden **desde otro lugar**, *other location*. Desde el lugar de sus propias experiencias culturales, distinta a la europeo-norteamericana, y por ello con capacidad de responder con soluciones absolutamente imposibles para la sola cultura moderna. (DUSSEL, 2005: 17)

Com base no conceito de *transmodernidade*, o grupo Modernidad/Colonialidad destaca que já nas formas de exploração e dominação praticadas a partir do século XVI com a invasão da América, momento em que são construídos os fundamentos da superioridade étnica, bem como as condições econômicas para o desenvolvimento da Europa, residem as origens de um imaginário cuja naturalização dá-se na modernidade do século XVIII e o qual arrastamos até a atualidade. Assim, articulado ao conceito de *colonialidade*, desenvolvido por Quijano, temos o conceito de *transmodernidade*, proposto por Enrique Dussel.

Partindo do entendimento de que a modernidade “no es un fenómeno que pueda predicarse de Europa considerada como un sistema independiente, sino de una Europa concebida como centro” (DUSSEL, 1997:156), o filósofo aponta a existência de uma primeira fase da Modernidade, anterior ao século XVIII. Conforme lembra Dussel, a chamada Europa Medieval não é senão “una civilización *periférica, secundaria, aislada*, enclaustrada, sitiada por y ante el mundo musulmán más desarrollado y conectado con la historia del Asia y el África hasta 1492” (DUSSEL, 2012: 13). Portanto, ela não era o centro da história mundial até meados do século XVIII. Para Dussel, a razão moderna, fundamentada na construção histórica da “Ilustração”, é uma posição geopolítica do conhecimento que, desenvolvida a partir do norte da Europa, criou um imaginário de Europa como centro de todo saber. Imaginário que, alternando-se com as “conquistas” norte-americanas, ainda predomina em nossos dias.¹¹¹

¹¹¹ Dussel considera que a primeira fase da Modernidade deu-se entre os séculos XVI e fins do XVII. Afinal foi, sobretudo, a partir do protagonismo da Península Ibérica, conquistado não só pelo domínio do desenvolvido mundo muçulmano no sul da Europa, mas, em especial, pela efervescência das descobertas do quarto continente, que abriu debates envolvendo questões como civilização, o estatuto ontológico dos “índios”, a guerra justa e tantos outros tópicos que se tornam o centro das reflexões da filosofia moderna do século XVI ao XXI. A descoberta de um “novo mundo” provocou uma crise no antigo paradigma epistemológico – árabe-latino do medieval – e, segundo Dussel, os debates desenvolvidos nesse contexto impulsionaram os primeiros passos para uma filosofia moderna na Europa, que viria a ser desenvolvida

O filósofo argentino-mexicano chama atenção para o fato de que, a partir desse momento histórico, o imaginário acerca de raças é criado e disseminado em nível mundial como um padrão classificatório das populações, e a posição hegemônica da Península Ibérica teve um papel preponderante no processo¹¹². O acontecimento marcou profundamente o estatuto do ser, não só daquele que foi colonizado, mas também do branco europeu. A partir daquele momento, estabeleceram-se hierarquias tanto para a produção de ordem econômica e política quanto para o reconhecimento de saberes, afetando, assim, todos os campos do imaginário. Por isso, Dussel afirma que “No hay modernidad sin colonialismo y no hay colonialismo sin modernidad porque Europa sólo se hace «centro» del sistema-mundo cuando constituyó a sus colonias de ultramar como «periferias»”. (DUSSEL,1999:147)

Essa perspectiva mais ampla da Modernidade, defendida por Dussel, abre outra compreensão referente ao conceito, às origens e ao desenvolvimento da Modernidade e, conseqüentemente da Pós-Modernidade, uma vez que, conforme afirma o filósofo:

Hablar en cambio de «Trans»-modernidad exigirá una nueva interpretación de todo el fenómeno de la Modernidad, **para poder contar con momentos que nunca estuvieron incorporados a la Modernidad europea**, y que subsumiendo lo mejor de la Modernidad europea y norteamericana que se globaliza, afirmará «desde-fuera» de ella componentes esenciales de sus propias culturas excluidas, para desarrollar una nueva civilización futura, la del siglo XXI. (DUSSEL, 2001: 390)

O paradigma eurocêntrico da Modernidade estrutura-se epistemologicamente a partir da lógica das ciências desenvolvidas nos séculos XVIII e XIX¹¹³, mas, como aponta Dussel, tem na sua base tanto a expropriação territorial e econômica que a

por Spinoza e Descartes, a partir de fins do século XVII. Momento em que se dá a mudança do poder do centro político do sul da Europa – Espanha, Portugal, Itália – para novas potências hegemônicas – Holanda, Inglaterra, França. Por isso Dussel sugere que “el nuevo paradigma” tem outras fontes históricas, entre elas a de filósofos ibero-americanos do século XVI, como os professores universitários de filosofia de Salamanca, Valladolid, Coimbra e Braga, uma vez que tais pensadores não foram simples repetidores das ideias da Idade Média. Esse momento, que no campo filosófico é reconhecido como segunda escolástica, contou com a experiência de muitos de seus alunos, que transitavam pelo “novo mundo” e tratou tanto da renovação dos métodos de ensino de filosofia quanto de temas como raças, os “benefícios” da civilização, a dúvida sobre as verdades do saber, etc. Foi assim, nesse “ambiente filosófico del siglo XVI que, un cierto escepticismo de lo antiguo abría las puertas al nuevo paradigma filosófico de la modernidad del siglo XVII”. (DUSSEL, 2012:28)

¹¹² Afinal, se o discurso da pureza de sangue tem sua origem na Idade Média cristã, é na expansão e conquistas da Península Ibérica, com o debate acerca da humanidade dos índios e, posteriormente, acerca dos africanos escravizados, que se cria um parâmetro classificatório racial, atingindo proporções mundiais.

¹¹³ Como bem aponta Wallerstein, em sua obra *Abrir las ciencias sociales* (1996), a visão das ciências modernas foi marcada por diversos modelos, como o newtiano, o cartesiano, o darwinista, o positivista, cada um deles forjando estruturas de conhecimento que pressupunham um conhecimento verdadeiro e objetividade.

Europa promoveu em todas as suas colônias quanto a invisibilidade e a submissão de outros imaginários aos padrões europeus¹¹⁴, ao longo de toda a Modernidade. Por isso, o conceito de *transmodernidade* propõe a que pensemos a Modernidade não em uma perspectiva universal eurocêntrica, mas sim como um fenômeno global com distintas localidades e temporalidades e em relação com sua outra faceta: a colonialidade.

Tal postura implica, segundo o filósofo Maldonado-Torres, pensarmos “desde posiciones y de acuerdo con las múltiples experiencias de sujetos que sufren de distintas formas la colonialidad del poder, del saber e del ser”. (TORRES, 2005: 162) Por esse viés, o grupo *Modernidad/Colonialidad* propõe um “giro decolonial”, expressão cunhada por Maldonado-Torres (2005), para expressar o empreendimento crítico de subversão e resistência à lógica dominante, bem como a proposição de uma *transmodernidade*, que potencializa uma abertura ao diálogo e aos saberes múltiplos.

Se esses conceitos-chave nos permitem ler realidades sócio-políticas, econômicas, culturais, bem como suas implicações na construção de subjetividades na América Latina, foi especialmente com o reconhecimento e a integração do pensamento da chicana Gloria Anzaldúa que a proposta de descolonização do pensamento assume mais explicitamente aportes de teorias feministas. Afinal, se os efeitos do colonialismo na sociedade contemporânea têm sido tratados pelas ativistas e críticas feministas¹¹⁵,

¹¹⁴ Destaco aqui dois textos de Dussel que, ao tratar da multiculturalidade excluída no processo de construção da hegemonia europeia, toma como principal exemplo a importância da China até o século XVIII, mas também se refere às culturas hindu, muçulmana, bantu, às originárias das Américas, bem como às experiências desses universos culturais na atualidade, lembrando, assim, que cada uma delas seguiu se desenvolvendo e, inclusive, dando respostas diferentes frente ao horizonte da modernidade europeia. Tal fenômeno, assim exemplificado, nos leva a pensar, com Dussel, a partir de uma perspectiva *transmoderna*. Ver: DUSSEL, E. *Sistema-mundo y “transmodernidad”*. In: BENERJ, Ishita; DUBE, Sarabh; MIGNOLO, Walter. (Eds). *Modernidades Coloniales*. Editorial El Colégio de México. México, 2004. DUSSEL, E. *Transmodernidad e interculturalidad*. (interpretación desde la Filosofía de la Liberación). México City, 2005. In: www.afly.org/transmodernidadinterculturalidad.pdf

¹¹⁵ É nos anos setenta, considerados a segunda fase do feminismo, que o movimento, retomando a perspectiva de Beauvoir (1949), rediscute as diferenças entre homens e mulheres e aponta suas implicações na hierarquia social, concebendo a diferença entre sexo e gênero. A socióloga britânica Ann Oakley (1972) foi a primeira a considerar a categoria de gênero no âmbito do feminismo, apontando que enquanto o sexo está vinculado à divisão biológica entre homem e mulher, o gênero, para ela, resulta da desigual divisão social em feminino e masculino. Tal apontamento, ao que pesem as diferentes tendências do feminismo, a partir dos anos setenta, passa a nortear os estudos de gênero como construção social e a refletir sobre sua relação com estruturas de poder em torno das quais se ergue a sociedade. No entanto, nos mesmos anos setenta, a francesa Nicole Claude Mathieu (1973) chamava atenção para que a diferença entre homem e mulher deveria ser entendida como classes de sexo, em que as relações podem ser entendidas no âmbito de sistemas de produção e reprodução e por isso expressam, sobretudo, uma perspectiva ideológica estabelecida pela sociedade. Tal perspectiva tem sido retomada recentemente, e o debate emerge a partir das norte-americanas Christin Delpy (2005), Judith Butler (2011) e, em especial, pela visão das “feministas da diferença”. O movimento, iniciado pelo que se chamou *Black Feminism*,

pelo menos desde os anos setenta, é com a integração do pensamento de Anzaldúa que a proposta epistemológica do grupo *Modernidad/Colonialidad* abre-se para considerar as relações entre colonialidade do poder e colonialidade de gênero.

A escritora chicana, considerando sua experiência pessoal, inicialmente como filha de trabalhadores migrantes entre as empresas rurais no sul do Texas, estudante tanto nas escolas da região quanto nos programas de graduação e pós-graduação nos EUA, professora de inglês e militante dos movimentos feministas e lésbico, desenvolve no conjunto de sua obra¹¹⁶ um *pensamiento fronterizo* e, com ele, sua Teoria de Fronteiras, proposta que seria articulada, por Mignolo, aos debates da proposta decolonial.

Se como coeditora da antologia *This Bridge Called My Back: Writings Women of Color* (1981) Anzaldúa reúne diferentes vozes de mulheres chicanas, indígenas, afro e asiáticas, pondo em evidência as implicações da dominação racial da sociedade norte-americana sobre as “mulheres de cor”, descortina também o sistema de dominação heterossexual e patriarcal imperantes, inclusive, no feminismo tradicional¹¹⁷.

não só discute os limites do conceito de gênero, por se fundamentar na diferença sexual, mas propõe ainda “desuniversalizar” o conceito de mulher, questão que implica, entre outras iniciativas, repensar a sexualidade bem como as “raças”. É nesse contexto que a obra de Anzaldúa, enfatizando a configuração de seu lócus de enunciação, nos anos oitenta, aponta a necessidade de se pensar a sexualidade em sua complexidade e, portanto, em relação móvel com outros modos pelos quais as sociedades têm se imaginado e se assumido. Questão que, no âmbito do feminismo da diferença, María Lugones (2008) propõe para pensar a consubstancialização entre raça, classe, gênero e sexualidade e suas relações mútuas com a colonialidade do poder. Para traçar sinteticamente a genealogia da crítica feminista, recorri especialmente aos seguintes textos: LOBO, Luiza. A dimensão histórica do feminismo atual. In: RAMALHO, Christina. *Literatura e feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas*. Rio de Janeiro: Elo, 1999, p. 40-51. COSTA, Claudia de Lima. O sujeito no feminismo – revisitando os debates. *Cadernos Pagu*. Campinas. Pagu/ Unicampi, 2002, p.59-90. LUGONES, María. Colonialidad y género: hacia un feminismo descolonial. In: MIGNOLO, Walter (comp.) *Género y Descolonialidad*. 2ª. ed. Buenos Aires: del Siglo, 2014, p. 13- 42.

¹¹⁶ ANZALDÚA, Glória e MORAGA, Cherríe. *This Bridge Called My Back: Writings by Radical Women of Color*. Pittsburgh: Persephone Press, 1981. Essa antologia é considerada um marco para o feminismo e, em especial, para o pensamento antirracista, porque contribui profundamente com os debates acerca do feminismo da diferença. Dela destaco dois artigos de Anzaldúa “*La Prieta* The dark one” ; “*El mundo zurdo: The Left-handed world*”. *Borderlands/La frontera* (1987); *Making Face, Making Soul/Haciendo Caras: Creative and Critical Perspectives by Feminists of Color* (1990); *This Bridge We Call Home: Radical Visions for Transformation*. (2002)

¹¹⁷ O feminismo fundamentado na noção de sexo/gênero centrou seu debate nas diferenças entre mulheres e homens e acabou unificando o gênero “mulher”, ao buscar conhecer e teorizar em torno dela. Contudo, em meados dos anos oitenta, a partir dos questionamentos de feministas não brancas, muitas delas não participantes das academias universitárias – e provenientes de distintas classes sociais –, o feminismo nas Américas começa a apontar as diferenças múltiplas entre as mulheres, tanto em termos sexuais e raciais quanto econômicos. É com esse contexto que a obra de Anzaldúa interage e abre caminhos para se pensar a questão de gênero em múltiplas conexões com o campo social. Para melhor compreender a história da

Sua perspectiva, contudo, ganha maior abrangência e visibilidade mundial a partir especialmente de *Borderlands/La frontera: The New Mestiza*, (1987).¹¹⁸ Com essa obra, Anzaldúa, ao narrar, refletir e poetizar acerca da dupla consciência do sujeito mestiço,¹¹⁹ não só desenvolve uma forte crítica ao imperialismo cultural estadunidense e, inclusive, às imposições de suas culturas de origem no México, mas, sobretudo, promove um questionamento acerca das dicotomias sexuais e suas consequências no âmbito das relações de poder.

Construindo uma posição epistemológica a partir de sua experiência vivida, Anzaldúa problematiza a sujeição da mulher indígena, negra, mestiça e branca a uma cultura sexista e patriarcal. Mas também alerta para o fato de que os homens, até mais do que as mulheres, estão presos a papéis de gênero. Demonstra ainda que a compreensão histórica da construção de uma categoria “mulher” implica a relação a vários outros modos de pensar e agir que a sociedade construiu, tais como classe, raça, sexualidade, nação, entre outras. Pondo as referidas questões em debate, ela provoca, nos interstícios do feminismo tradicional, as tensões e os limites do movimento, mas também chama atenção para a pluralidade de perspectivas com que o mesmo precisaria ser enfrentado.

crítica feminista e como o “feminismo da diferença” promoveu o debate acerca da homogeneização do feminismo, destaco os textos de María Lugones e Claudia Lima Costa.

¹¹⁸ Na obra citada, escrita por Anzaldúa, temos a expressão desses entrecruzamentos: no que se refere à língua, a obra é escrita predominantemente em inglês, mas também em espanhol e chicano, com algumas passagens em *náhuatl*, bem como pela incorporação de diferentes gêneros discursivos – cantos, canções, ditos populares, poesia. Há fragmentos, alusões e reflexões de cunho histórico, filosófico, sociológico, psicológico e literário, de pensadores como Marx, Vasconcelos, Said, Freud, Nietzsche, Juan Rulfo, Foucault, Habermas, Du Bois, Octavio Paz, Jung, Carlos Castañeda, entre outros, evidenciando zonas de contato e também de fortes divergências de pensamento de Anzaldúa com relação às mencionadas referências. *Borderlands/La frontera*, uma obra híbrida de poesia, autobiografia, prosa e pensamento crítico, foi escolhida como um dos 100 Melhores Livros do Século pelo Hungry Mind Review e Utne Reader. Não há, no entanto, tradução dessa obra para a língua portuguesa, salvo dois artigos que a integram, realizada pela UFSC. Tal situação levou-me a empreender, em parceria com duas outras profissionais, uma brasileira e uma mexicana, a tradução do inglês e do espanhol para o português de *Borderlands/ La frontera*, de Anzaldúa, trabalho que estimo seja concluído em breve.

¹¹⁹ É importante observar que a identidade de “la nueva mestiza”, proposta por Anzaldúa em um contexto norte-americano, adquire um significado de resistência, diferenciando-se do que se concebeu como mestiçagem na América Latina. Haja vista que no contexto estadunidense prevaleceu sempre a perspectiva do *one drop rule*, que marca a hipodescendência, enquanto no latino-americano a mestiçagem foi um dos mecanismos ideológicos de homogeneização que atuou – com sua perspectiva de branqueamento – na formação dos estados nacionais. Para Mignolo, esse conceito, conforme desenvolvido por Anzaldúa, associa-se a outros semelhantes, como “dupla consciência”, de Du Bois (1903), “creolité” (1952), de Fannon e “pensamento outro”, de Khatibi (2001), em sua apreciação, nenhuma dessas propostas ignoram o pensamento da modernidade, mas tampouco a ele se submetem. (MIGNOLO, ver ano, p.51)

Para Anzaldúa, considerar a diversidade de pontos de vista e atuar a partir de um pensamento divergente é necessário para (re)existir no contexto das diferentes realidades enfrentadas por cada um. Como estratégia, ela propõe a transgressão de parâmetros identitários de raça e sexualidade e a ruptura com qualquer mito de pureza epistemológica, salientando, contudo, que todo o conhecimento tem implicado uma posição geopolítica. Portanto, considerar práticas e experiências locais diversas é, para ela, fundamental, a fim de que, a partir das identidades múltiplas, busque-se construir alianças, acordos e, assim, seja articulado um projeto epistêmico capaz de subverter a lógica do poder.

É assim que em *Borderlands/La frontera*, a escritora toma a fronteira entre os dois países, bem como o interior dos Estados Unidos como uma metáfora para refletir acerca de diferentes tipos de entrecruzamentos: fronteiras geopolíticas, transgressões sexuais, deslocamentos sociais, fronteiras do saber, fronteiras discursivas e simbólicas. Como bem apontam duas estudiosas da obra da escritora e prefaciadoras de *Borderlands/La frontera*, Norma Élia Cantú e Aída Hurtado, embora Anzaldúa tenha desenvolvido a Teoria das Fronteiras a partir de sua experiência vital, tal teoria serve para refletir acerca de deslocamentos realizados também por outros.

Com essa mesma compreensão, Claudia de Lima Costa¹²⁰, ao refletir acerca da relação entre as teorias pós-coloniais e as teorias feministas da diferença, no âmbito dos movimentos sociais e das reflexões teóricas na América Latina, destaca a importância de Glória Anzaldúa. Para a filósofa brasileira, o trabalho da ativista chicana é de extrema relevância, especialmente porque nele há “uma prática de questionamento de nossas certezas epistemológicas em busca de abertura para outras formas de conhecimento e de humanidade”. (COSTA, 2002: 51)

Foi especialmente o potencial de um pensamento crítico que assume o conflito situado no corpo como base para uma posição epistemológica que levou Walter Dignolo a relacionar a proposta de Anzaldúa de “pensamiento crítico de frontera”¹²¹a

¹²⁰ COSTA, Claudia de Lima. “O sujeito no feminismo: revisitando os debates”. *Cadernos Pagu*, v.9, p.59-90, 2002. COSTA, Claudia de Lima, ÁVILA, Eliana. “Gloria Anzaldúa, a consciência mestiça e o ‘feminismo da diferença’”. *Revista de Estudos Feministas*, Seção Debate. Florianópolis, 13: 320, setembro-dezembro/2005; COSTA, Claudia de Lima. *Feminismo e tradução cultural: sobre a colonialidade do gênero e a descolonização do saber*. Portuguese Cultural Studies, 2012.

¹²¹ Cabe salientar que, para Dignolo, o pensamento fronteiriço tem suas origens no século XVI, com a própria invenção da América, uma vez que ele surge das fraturas daqueles que foram deserdados. Afinal,

uma posição transmoderna descolonial do conhecimento, conforme ele afirma em *Historias locales/diseños globales: colonialidad, conocimientos y pensamiento fronterizo* (2000/2003), em trabalhos posteriores e inúmeras entrevistas. Assim, colonialidade, transmodernidade e pensamento fronteiriço são três conceitos situados na base da proposta *decolonial* que o grupo Modernidad/Decolonialidad mobiliza.

É partindo das premissas do projeto decolonial e relacionando-o a fontes teóricas dos feminismos da diferença, que María Lugones (2008)¹²² desenvolve uma crítica às limitações com que Quijano¹²³ concebe as relações entre gênero e colonialidade. Para ela, se Quijano oferece marcos gerais para entender os entrelaçamentos entre raça e gênero na matriz de poder constituída ao longo da modernidade, sua avaliação esbarra não só na perspectiva binária – da heterossexualidade – com que o sociólogo entende a questão de gênero e no caráter generalizador com que assume o conceito de mulher, questões que os feminismos da diferença já debateram amplamente, mas também em sua desconsideração das implicações mútuas entre sistema de gênero moderno/colonial e a manutenção do poder. Logo, ela considera que “Quijano no ha tomado conciencia de su propia aceptación del significado hegemónico del género”. (TABULA RASA, n. 9, 2008:78)

A perspectiva de Quijano, no que se refere às relações entre gênero e colonialidade do poder na sociedade moderna mobiliza uma leitura crítica dos sistemas de controle patriarcal e de produção que, certamente, incluem a produção de conhecimento e de autoridade sobre a sociedade, promovendo, assim, uma importante

reflexões e propostas decorrentes daqueles que viveram, sofreram/sofrem opressões de colonização sempre existiram; retomá-las e considerá-las tira-os da condição de objetos de estudo para a condição de sujeito. De acordo com Mignolo, traçar a genealogia desse pensamento requer retomar textos de Waman Puma Ayala, Cugoano, assim como, mais recentemente, os de Du Bois, Rigoberta Menchú, Franz Fanon, Aimée Cesaire, entre outros exemplos. Ver ano, p. 28.

¹²² Lugones trabalha as relações entre raça, gênero, sexualidade e classe social para pensar a cartografia do poder, situando-o enquanto sistema de gênero moderno/colonial. Por isso ela tem sua base de reflexão nos aportes dos feminismos da diferença – entendido como “a los feminismos de mujeres de color de Estados Unidos, a los feminismos de mujeres del tercer mundo y a las versiones feministas de las escuelas de jurisprudência Lat Crit y Critical Race Theory” (LUGONES, 2008: 15) – e articula-os ao enfoque desenvolvido por Quijano acerca da colonialidade do poder.

¹²³ Ela debate as ideias de Quijano a partir especialmente dos seguintes textos: “Colonialidad del poder y clasificación social”. Obra citada. “Colonialidad del poder, eurocentrismo y America Latina. *Perspectivas Latinoamericanas*”. In: LANDER, Edgardo. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires, Argentina. Julio de 2000. p. 246. Disponível em WWW <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/quijano.rtf> ; “Colonialidad del poder y democracia”. Revista de ciencias sociales de la Universidad autónoma de Nueva León. Año 4, Nos 7 y 8.

interpretação do lado visível/claro da modernidade/colonialidade, segundo Lugones. Contudo, para ela, “El sistema de género tiene un lado visible/claro y uno oscuro/oculto” (p.42). A leitura do lado escuro implica reconhecer/conhecer uma situação mais violenta ainda, fato que as pressuposições de Quijano deixam ocultas. Ao entender a raça como eixo axial da sociedade moderna e limitar sua interpretação do gênero às disputas pelo controle sobre o sexo, seus recursos e seus produtos, o sociólogo “... se ajusta a la reducción del alcance de la dominación de género”. (p. 29) Para uma visão mais abrangente, é indispensável, como alerta Lugones, pensar a questão de gênero consubstancializada à raça, à sexualidade e à classe social e, assim, enfrentar a cumplicidade da colonialidade do poder.

Assumir a inseparabilidade das categorias – a *entretrema*, para usar um conceito de Lugones – permite-nos perceber a inter-relação entre elas; desse modo, conseguimos ler também experiências de mulheres não brancas e de outras, marginalizadas, estigmatizadas que, colocadas no limiar de raças – como é o caso de mulheres serventes, lavadeiras, empregadas, amantes, migrantes, prostitutas¹²⁴ –, chamam atenção para as relações entre *trabajo, el sexo y la colonialidad del poder* até o presente.

Tendo aqui traçado a genealogia de um pensamento crítico na América Latina, busquei também esclarecer minha posição de leitura enquanto a construo no percurso da própria investigação que desenvolvo.

Conforme procurei deixar evidente, desenvolver minha leitura do imaginário de uma região do Cone Sul no âmbito dos estudos críticos na América Latina é, para mim, um modo de reconhecer a construção do imaginário local em um conjunto mais amplo de relações. Por isso, pensar a partir do local, ou acerca das razões e consequências de memórias interditas de um espaço delimitado, bem como o lugar da crítica e da criação ficcional no processo em foco, leva-me a optar por uma perspectiva de leitura a partir do Pensamento de Fronteira, aqui exposto, brevemente, em seus principais fundamentos.

Pensar a inter-relação desses territórios simbólicos – geocultural, ficcional e epistemológico – permite-me não apenas problematizar a homogeneização a que o imaginário de uma região de fronteira do Cone Sul tem sido submetido, mas,

¹²⁴ Lugones sublinha o fato de que “aunque que seamos todos/as racializados y asignamos género no todos somos dominados o victimizados por ese proceso. El proceso es binario, dicotómico y jerárquico”. (LUGONES, 2008:21)

especialmente, abrir uma reflexão mais ampla, para que se pense novas relações possíveis – e necessárias – para se (re)imaginar e atuar nela. Questão fundamental para minha atuação profissional, conforme sugeri na introdução deste trabalho.

CAPÍTULO III

3. Ficções schleerianas - *performance* autoral e criação de um espaço simbólico

Los verdaderos creadores representan a su época sólo contradiciéndola.
(SAER, 2012: 283)

Tal qual o reposicionamento de imaginários feito por Torres García, em sua tela *Norte-Sur* (1936)¹²⁵, Aldyr Garcia Schlee, em *Linha divisória* (1988) inverte uma máxima que se construiu lentamente ao longo da Modernidade e calou profundamente no imaginário de muitos de nós ao redor do mundo. Se, para o pintor uruguaio, a orientação que ele propõe é necessária “... porque en realidad nuestro norte es el sur”, para o escritor brasileiro, pensar “ JAGUARÃO/... E O RESTO DO MUNDO” é também um modo de situar sua leitura do mundo.

Lidando com as próprias regras do jogo – signos, linhas imaginárias, coordenadas geográficas, símbolos, histórias já narradas, histórias mal contadas e aspirações – os dois artistas aqui referidos subvertem convenções estabelecidas, uma vez que não se limitam a representar o espaço em suas criações, mas antes mobilizam, a partir das diferentes linguagens utilizadas, seus leitores a pensarem a relação entre espaço, história, memória e a construção que dele fazemos. Nesses processos criativos e profundamente éticos, descolonizar é, sobretudo, sair de uma dissimulada e pretensa neutralidade da relação espaço-representação e, a partir de uma perspectiva situada, mobilizar a atenção do leitor tanto para as múltiplas experiências locais quanto para suas inter-relações do mundo em que se vive.

Parece-me importante destacar que a dissimulação do lugar epistêmico que norteou a cartografia desde o início da Modernidade¹²⁶, questão com a qual Torres

¹²⁵ A pintura *Norte-Sur* (1936), de Joaquín Torres García pode ser vista no Museo Torres García, em Montevideu, Uruguai, ou no site do museu <http://www.torresgarcia.org.uy>

¹²⁶ A cumplicidade entre a geografia e a epistemologia evidencia-se já desde o Mapa-Múndi medieval, conhecido como T - O , conforme traçado nas Etimologias, de Isidoro Sevilha, no século IX. Tal mapa, considerando um pressuposto de que a terra existente era destinada aos três filhos de Noé, oferece uma tripartição do mundo a partir dessa concepção cristã e de uma posição privilegiada europeia, que é colocada na parte superior dos três continentes que desenha. Perspectiva que, com a descoberta/invasão da América a partir do século XVI e a conseqüente necessidade de ampliação de uma quarta parte de

García evidentemente dialoga, pode ser relacionada à perspectiva de universalidade com que o campo da crítica literária ao longo do processo da Modernidade situou – e muitas vezes ainda hoje classifica – a produção ficcional de escritores ao redor do mundo. As teorias críticas e fundamentações estéticas conduziram por longo tempo a uma perspectiva universalista em relação às obras literárias. Os critérios avaliativos associados a modelos dos quais partiam/partem para a elaboração de tais critérios incidiram fortemente em hierarquias e formação de cânones. A falsa dicotomia entre cânones ditos nacionais e universais, apesar de bastante discutida é, ainda, com frequência, dissimulada, e impera em nosso imaginário de escolhas e valores.

Hoje, no entanto, já desconfiamos que os discursos ditos universais, construídos e validados pelo paradigma da Modernidade, forjaram-se ao longo do tempo em um espaço que Santiago Castro Gómez, conceitua como “hybris del punto cero”. Seguindo o pensamento desse filósofo, podemos considerar que os habitantes desse lugar – propalado universal – criaram um “imaginario según el cual, un observador del mundo social puede colocarse en una plataforma neutra de observación que, a su vez, no puede ser observada desde ningún punto”. (CASTRO-GÓMEZ, 2005:18)

Creio que as obras artísticas aqui citadas anteriormente, ao provocarem um (re) posicionamento de nossos imaginários, chamam atenção para a necessidade do leitor atentar para os *loci* de enunciação implicados em toda a criação humana. É importante considerar que a posição do olhar, do sentir e da voz, sobretudo em produções culturais simbólicas, sempre carrega consigo memórias múltiplas que se inter-relacionam e se refazem enquanto memórias individuais e coletivas, marcadas pelo transcurso de tempos e espaços e também por aspirações. Talvez o valor dessas perspectivas não resida necessariamente em seu potencial de reconhecimento universal, mas antes na capacidade de legitimidade junto a suas próprias comunidades de origem.

Na metade dos anos trinta, Torres García, ao inverter o convencional mapa das Américas, desestabiliza um paradigma fossilizado no imaginário social e, com esse gesto criativo, abre outro entendimento da cartografia que tradicionalmente tem nos representado. Afinal, mais do que uma referência de ordem geográfica, seu traçado

representação do planeta, foi naturalizada no imaginário ocidental pelo *Orbis Universalis Terrarum*, de Ortelius, modelo que passa a dominar até a atualidade. Ver: MIGNOLO, W. El occidentalismo y La ‘americanidad’ de América. Em: _____. *La Idea de América Latina – la herida colonial y la opción decolonial*. Barcelona: Gedisa, 2007, p. 48-58.

simbólico traz outra perspectiva, uma visão de mundo, com fortes implicações de ordem política, cultural e artística. Schlee, no início da década de sessenta¹²⁷, em consonância com esse gesto, também chama atenção para o fato de que pensar a partir do que lhe é próprio – por sua condição de ficcionista, *sureño* e fronteiriço – é criar a partir desses *loci*. Por isso, tencionando múltiplos discursos – político, econômico, epistemológico e, sobretudo, cultural-simbólico – o escritor promove outras possibilidades de se imaginar, criar e entender a região em que vive. Afinal, como veremos ao longo de sua obra, viver-escrever em uma região de fronteira do Cone Sul, a partir de fronteiras, implica situar-se em espaços específicos, mas ainda assim móveis, que se constituem em contínuo diálogo entre os mundos que o escritor co-habita, entre eles, o da arte.

O desnudamento do processo de criação e a frequente posição autoral assumida por seus narradores sinalizam para a natureza ficcional de seus textos, processo que se entrecruza com o empenho do escritor em (re) criar a memória de uma região cultural específica, ao longo de toda sua obra. É dessa tensão entre múltiplas referências sociais – inclusive a de sua própria vida – e a criação do discurso simbólico que Schlee compõe seu “território literário”.

Nesse sentido, os artistas, situando suas perspectivas criativas a partir de posições geoculturais – Sul, Cone Sul, Sul do Brasil – apontam para múltiplas memórias que coexistem e se inter-relacionam na configuração desses espaços, e põem em evidência, por suas estratégias criativas, o que poderia ser óbvio para todos nós: a criação sempre se dá a partir de um lugar; é, portanto, local. Tal entendimento não significa desconsiderar a pretensão potencialmente universal de toda cultura, mas sim, uma reafirmação da diferença. Reconhecer tais posições e suas consequentes implicações nos permite ter uma visão plural e enriquecedora do mundo em que vivemos, sem deixar cairmos em "regionalismos", nem tampouco em novos "universalismos", presentes hoje na retórica da globalização.

¹²⁷ A obra *Linha divisória* integra duas coletâneas de contos: *Jaguarão e o resto do mundo*, premiada com menção honrosa em concurso promovido, em 1964, pela Divisão de Cultura do Estado do Rio Grande do Sul e *Jaguarão Universo*, também premiada com menção honrosa, com o prêmio José Lins do Rego, promovido pela prestigiosa editora José Olympio, do Rio de Janeiro, em 1968. Ambas coletâneas, no entanto, não haviam sido publicadas e acabaram sendo integradas à terceira obra publicada pelo escritor.

O escritor, atento à tradição regionalista¹²⁸, mas com uma concepção muito mais ampla na criação do espaço, uma vez que na obra dele, esse é entrecruzado por muitos lugares, evidenciado tanto pela presença de memórias de diversos grupos sociais quanto pela inter-relação com múltiplas formas de pensamento e saberes. Considerando as questões apontadas, posso afirmar, com Palermo que " Hay sin duda una enorme diferencia entre habitar un lugar desde esa perspectiva y vivir en un lugar y estar determinado por el". (PALERMO, 2009:17)

Ciente dessas posições e retomando o pensamento de Paul Ricoeur, destaco que há muitos modos de se viver e imaginar a realidade, entre outros, a razão, a sensibilidade e a fé, os quais nem sempre são passíveis de separação. Por essa perspectiva, o processo de significação imagética do real constitui-se tanto por uma dimensão cognitiva, de ordem semântica, quanto afetiva, adquirindo, assim, sua configuração nos símbolos. Entender a questão em pauta é importante para percebermos as razões pelas quais os artistas aqui apontados - Torres Garcia, Garcia Schlee - optam, em suas criações, por desnaturalizar imaginários simbólicos acerca de uma região, investindo, sobretudo, no desnudamento do olhar que a imagina, lê e (re)cria. Nesse caminho, seus textos abrigam e promovem um diálogo, não necessariamente ameno, com múltiplos discursos que integram suas/nossas realidades. Tal processo de criação, por um lado, evoca uma memória cultural individual e coletiva que se configura em torno do que se conta/cria e de quem conta. É, assim, um diálogo intertextual que vai além do universo meramente discursivo, uma vez que os artistas põem em evidência o quanto as linguagens são mediações poderosas pelas quais construímos o mundo. Por outro, a dimensão social entretida nos textos desses artistas atua como um núcleo ativo à memória e à interpretação de cada um de nós, seus leitores.

¹²⁸ Um estudo sobre a relação da obra de Schlee com o regionalismo sul-rio-grandense, a partir de uma seleção de contos das três primeiras obras do escritor, foi desenvolvido por Fabiane Resende em sua dissertação de mestrado. Ver: <http://repositorio.furg.br/> Posteriormente, em sua tese de doutorado, Resende amplia sua leitura da obra de Schlee, comparando-a com contos do também escritor brasileiro Sergio Faraco e dos escritores uruguaios Juan Capagorry e Eliseo Porta. Assim, com o objetivo de oferecer um panorama diacrônico, ficcional e crítico da obra dos referidos escritores, no "processo de formação humana e identitária da fronteira", ela desenvolve seu trabalho de tese. Ver: <http://www.lume.ufrgs.br/> Também nessa mesma perspectiva comparatista de leitura destaco as dissertações de Sílvia Niederauer Xavier, intitulada *Gaúchos e castelhanos – sem linha divisória* (a imagem do castelhano na literatura sul-rio-grandense), e a de Angelise Fagundes da Silva, *Aldyr Schlee e o entrelugar: a questão da fronteira em Uma terra só*, de ambas desenvolvidas no programa de pós-graduação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) Ver : <http://cascavel.cpd.ufsm.br/>

Considerando os aspectos citados e retomando os princípios de Paul Ricoeur em torno do universo da leitura, enfatizo que também para mim um texto “é uma partitura musical e o leitor, como o maestro da orquestra que segue as instruções da notação”, com suas aspirações pessoais e experiências de formação, assume também seus próprios caminhos para interpretá-lo. Assim, ciente de que “compreender não é apenas repetir o evento do discurso num evento semelhante, é gerar um novo acontecimento, que começa com o texto em que o evento inicial se objetivou” (RICOEUR, 1996: 87), dedico-me a interpretar o imaginário da ficção região em que habito.

Reitero, assim, que habitar expressa não só meu lugar de vivência e experiência particular de um lugar, mas, sobretudo, o espaço a partir de onde eu interpreto, ou seja, minha opção teórica por uma via de leitura que, rompendo com a pretensão de qualquer pureza epistemológica, propõe-se como um *Pensamiento de Frontera*, conforme exposto anteriormente.

3.1 Um território de fronteiras: o sul que nos habita

A literatura é a possibilidade de exprimir o que é difícil, ambíguo, impossível. A literatura é sempre, aliás, uma procura de impossíveis. A situação do mundo cria novos campos para o exercício literário. Não se trata de fazer uma literatura aplicada, mas de ser sensível ao que se passa no mundo, detectar, no que chamo de *caos-mundo*, as variações e as invariantes.

(GLISSANT, Édouard:1995)

Centrando-me na obra ficcional de Aldyr Garcia Schlee, destaco que, em *Linha divisória*, o escritor divide essa coletânea em dois conjuntos de contos cujo princípio de seleção evidentemente parte de coordenadas territoriais: Jaguarão;... e o resto do mundo, conforme já apontei.

A precisão do primeiro espaço parece contrapor-se à imprecisão do segundo; contudo, quando relacionados, expressam não só a posição a partir de onde o escritor concebe e desenvolve seu universo criativo, mas também as razões para tal escolha. Jaguarão é um território ficcional que se ergue na leitura feita pelo escritor de uma região de fronteira do Cone Sul, bem como da inter-relação desse espaço com outros lugares no mundo. Conforme demonstro ao longo das leituras que aqui desenvolvo da

obra de Schlee, é nesse espaço fronteiro, móvel, imaginado e recriado a cada texto, que se articulam e se desenvolvem seus contos. As razões para tal posição, se bem podemos perceber, compreender e interpretá-las ao longo de suas criações narrativas, explicitam-se em uma das epígrafes da terceira obra publicada por Schlee. Isso porque, compartilhando o lugar de enunciação com Torres García, o escritor apresenta a justa dimensão de seu lócus criativo, ao complementar com uma paráfrase do texto do artista uruguaio¹²⁹ o expressivo subtítulo de *Linha divisória*: “... O RESTO DO MUNDO em que vivemos é todo sul sem norte”. (SCHLEE, 1988:57)

Por isso, o escritor, compartilhando e subvertendo imaginários dominantes acerca da região, e movimentando-se em uma ampla temporalidade, assume seu território como um norte criativo. Tal proposição está também marcada pelo título de sua obra *Uma terra só* (1984), que evoca não somente o isolamento da região em relação às nações às quais diferentes cidades estão vinculadas historicamente, mas, em especial, a interdependência cotidiana gerada entre elas, frente a tal desamparo.

Por esse viés, Jaguarão, enquanto território imaginário schleeriano, emerge de um olhar descolonizador sobre a cidade homônima – conhecida historicamente pelo epíteto de “a cidade heroica”. É no contraponto de histórias que dividem a região, não só decorrentes de políticas centralizadoras dos governos nacionais, mas também dos poderes locais – cujo epônimo auferido à cidade evidencia a tentativa de vínculos entre ambos os poderes –, que se desenvolve o território ficcional do escritor. Nessa perspectiva, ele opta, em sua criação, por pensar “na contramão”, posição que, recorrendo a reflexões críticas do escritor com relação a sua obra, não seria possível “se não abordasse a contrapelo aquilo que usualmente nos identifica”. (SCHLEE, 2004: 49)

A produção ficcional do escritor, artista plástico, jornalista, tradutor e professor universitário Aldyr Garcia Schlee é composta pelas seguintes obras: *Contos de sempre* (1983); *Uma Terra Só* (1984); *Linha divisória* (1988); *El dia en que el papa fué a Melo* (1991); *Cuentos de fútbol* (1997); *Contos de verdades* (2000); *Os limites do impossível – contos gardelianos* (2009); *Don Frutos* (2010); *Contos da vida difícil* (2013),

¹²⁹ O texto verbal que acompanha o Mapa é: “*He dicho Escuela del Sur; porque en realidad, nuestro norte es el Sur. No debe haber norte, para nosotros, sino por oposición a nuestro Sur. Por eso ahora ponemos el mapa al revés, y entonces ya tenemos justa idea de nuestra posición, y no como quieren en el resto del mundo. La punta de América, desde ahora, prolongándose, señala insistentemente el Sur, nuestro norte*”. Joaquín Torres García. *Universalismo Constructivo*, Bs. As.: Poseidón, 1941.

Memórias de o que já não será (2014) e *Fitas de cinema* (2015)¹³⁰. Além da criação ficcional, Schlee traduziu dois clássicos da literatura argentina: *Facundo – civilização e barbárie*, de Domingos Faustino Sarmiento (1996) e *Dom Segundo Sombra*, de Ricardo Güiraldes (2011). E da literatura uruguaia traduziu narrativas de Eduardo Acevedo Díaz, organizando a antologia *Pátria uruguaia*, (1997) e, em parceria com o também escritor Sergio Faraco, a antologia de contos *Para sempre Uruguai* (1990). No campo da autotradução¹³¹, destacam-se *Contos de futebol* (1998) e *O dia em que o Papa foi a Melo* (1999), ambas originalmente escritas em espanhol. Preparou ainda a edição crítica da obra do escritor pelotense João Simões Lopes Neto, trabalho que comporta três partes: a edição comentada e atualizada de *Os contos e lendas*; livro com verbetes do léxico simoniano e livro de lembranças, composto por depoimentos e leituras da obra de Lopes Neto. Foi editado em 2006 e reeditado em caixa comemorativa ao centenário do escritor pelotense, no ano de 2012.

No âmbito das artes plásticas, além de conceber algumas das capas de suas obras, Schlee atuou profissionalmente como planejador gráfico de diferentes jornais no estado do Rio Grande do Sul desde sua adolescência e é reconhecido ainda como o criador do uniforme da seleção brasileira, a partir de 1953. Nascido em Jaguarão, no ano de 1934, Schlee vive atualmente em Capão do Leão, pequeno município, localizado entre sua cidade natal e Pelotas.

Sem a pretensão de dar conta do conjunto da obra de Schlee, porque fugiria aos objetivos desta tese, mas buscando entender como o escritor constrói o que ele aponta como seu “território literário” (SCHLEE, 2004:52), privilegio aqui alguns textos narrativos do escritor ao longo de sua produção ficcional, centrando-me na obra *Contos da vida difícil*. Se, com a seleção de contos pretendo entender e promover, de modo

¹³⁰ As obras ficcionais do escritor que não são objeto de leitura nessa tese são: *El día en que el papa fue a Melo*; *Cuentos de fútbol*; *Don Frutos*; *Memórias de o que já não será* e *Fitas de cinema*.

¹³¹ Com relação ao trabalho de tradução e autotradução do escritor, recomendo os seguintes textos: GOMES, Mitizi Miranda. *Traduções de fronteira, fronteiras da tradução*: Aldyr Garcia Schlee e o pampa. CELPCYRO, 2008. <http://www.celpcyro.org.br/>; *Revista Organon*, v.18, n.37, 2004. Estudos de literatura e cultura: tendências contemporâneas. ULTRAPASSANDO FRONTEIRAS: UM ESTUDO DAS INTER-RELAÇÕES CULTURAIS ENTRE ACEVEDO DÍAZ, EUCLIDES DA CUNHA E SEUS TRADUTORES – ALDYR GARCIA SCHLEE E BENJAMÍN DE GARAY. <http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/search/authors/>. Destaco ainda a dissertação de Fernanda Lisboa de Siqueira (2010), intitulada *A tradução de Aldyr Garcia Schlee: El día en que el Papa fue a Melo/O dia em que o Papa foi a Melo*. Ver: <http://www.lume.ufrgs.br>

mais amplo, o conhecimento do processo criativo do escritor na criação de seu espaço simbólico, a escolha de *Contos da vida difícil* permite-me retomar um dos motivos recorrentes na literatura de Schlee na configuração desse espaço: o imaginário da prostituição.

Foi no processo inicial de leitura da produção ficcional do escritor, a partir de 2006, que comecei a perceber que seu caminho criativo ao criar a região distanciava-se daquilo que a crítica, ao tratar da literatura da mesma região destacava, fato que me motivou a empreender uma leitura de sua obra.

Alguns questionamentos desprenderam-se dessa percepção inicial em relação à obra de Schlee: Como o escritor imagina, concebe a região? Em que consiste a diferença de imaginar a região em sua produção literária em relação ao que a crítica literária imagina/aponta como expressiva de um sistema literário (trans) regional? Como pensar a relação entre a configuração de um narrador, personagem autoral, recorrente na obra do escritor e a construção do espaço em sua obra? Que implicações há entre a poética visual do artista plástico Torres García e a criação do espaço ficcional pelo escritor e também artista plástico, Garcia Schlee?

Orientada por tais questionamentos iniciais, realizei uma leitura da obra do escritor. Nesse processo, algumas de minhas indagações foram sendo esclarecidas; outras se desdobraram, reformulando-se. Elegi, na leitura do conjunto de sua obra, alguns contos porque propiciam visualizar nesse percurso o modo como o escritor constrói seu espaço literário e como tal construção implica pensar o lugar que, socialmente, reconhecemos como fronteiras geopolíticas de uma região do Cone Sul.

Entendo que já em suas duas primeiras publicações, Schlee manifesta o princípio criativo que mobilizaria toda sua obra literária: o entendimento de uma região cultural como um espaço que se constrói não só por demarcações legais, mas, sobretudo, por diversas memórias coletivas implicadas nele, as quais são, antes, experiências e configurações particulares. Por isso, lidando com múltiplas perspectivas implicadas na construção do lugar, o escritor traz as tensões e os (des)caminhos que levam a uma terra só: caminhos histórico-sociais, culturais simbólicos e políticos que, paradoxalmente, atuam na aproximação e afastamento dessa região.

No processo em questão, o escritor problematiza os limites da criação ficcional e de sua própria memória na construção que ele faz desse espaço, marcando, assim, a partir do texto ficcional, a natureza indissociável entre o universo narrado e o modo como ele é narrado. Por esse viés, sua obra problematiza também o lugar da ficção como um dos importantes espaços da palavra na criação do espaço onde se situa. Um exemplo disso eu destaco do conto “Manuela”, da obra *Os limites do impossível* – contos gardelianos:

A história de Manuela não seria uma história que servisse para um conto, se Manuela não pudesse habitar com o leitor essas páginas; se aqui ainda continuasse impedida por nossa imaginação de romper o silêncio que a acompanhou toda a vida, cercado seus atos de segredo e mistério - não tendo sido suficiente nossa memória para guardar mais que esse segredo e esse mistério. (SCHLEE, 2009:111)

Também a compreensão da importância do tempo na significação do espaço evidencia-se por vários caminhos, na obra de Schlee. As marcas temporais com que ele nomeia os dois conjuntos narrativos da obra *Contos de sempre* (1983) – "os de ontem e os de hoje" – são compassos de tempos atuantes na configuração de um espaço que o escritor delinea já desde essa primeira obra e põe em evidência na segunda, *Uma terra só* (1984).

Na primeira parte de *Contos de Sempre*, a sucessão de guerras, disputas e acordos políticos na região do Cone Sul, no século XIX, é incorporada à ficção como signos de uma cultura histórica, política e social, cujas contradições e distorções permanecem na atualidade. No contexto de afirmação das nações na América Latina, o escritor recorre às principais referências pelas disputas de poder na região de fronteiras entre o sul do Brasil e os países do Prata: a guerra fratricida entre *blancos* e *colorados*, no Uruguai, – a “Cruzada Libertadora” – e o papel que ocupou o Brasil no cerco de *Paysandu*, na matança de Quinteros e na constituição da Tríplice Aliança contra o Paraguai e, conseqüentemente, no reconhecimento do território uruguaio como nação.

Sob essas amplas e fragmentadas, mas pontuais coordenadas temporais acerca da configuração do poder, os textos de Schlee fazem emergir momentos determinantes que atuam no imaginário da região. Por vezes, as narrativas remetem a conflitos da demarcação móvel dos espaços entre as nações. Em outras, ao descompasso entre projetos políticos nacionalistas, traçados pelos governos das diferentes nações – e muitas vezes fora delas, na Europa – e acordos locais, alicerçados por interesses

comerciais, vínculos familiares, disputas locais pelo poder, ou mesmo por razões de simples sobrevivência dos que estão fora dos círculos do poder, devido à distância dos centros de poder de cada nação. Tais coordenadas emergem, a partir de fragmentos, da inclusão de perspectivas distintas com relação aos mesmos eventos, estratégia compositiva que tensiona a relação entre a palavra – pensada, dita, escrita, imaginada – e seus múltiplos referentes, apontando para a necessidade de reflexão não só do passado da região, mas, sobretudo, de sua relação com a condição – e aspirações – da região na atualidade.

Esses referentes, incluídos os da tradição ficcional, que também estão implicados nos imaginários sobre e na região, nos contos de Schlee, no entanto, confundem-se, entrecruzam-se e desdobram-se a partir de histórias individuais. Essa relação entre histórias íntimas, individuais, e sua relação com um sentido coletivo da história, potencializa questionamentos em torno de como o indivíduo experimenta, atua e significa uma realidade social, impelindo o leitor a busca de outras possibilidades para re-imaginar a região.

Para tanto, o escritor investe ainda em duas outras estratégias compositivas: uma relacionada à construção de suas personagens e a outra, à de um narrador que questiona o universo narrado e, frequentemente, situa-se como criador. Esse caráter metaficcional, ainda sutil, mas pontual em suas primeiras narrativas, intensifica-se ao longo de sua produção ficcional, conforme poderemos acompanhar.

Quanto às personagens, trata-se especialmente de histórias individuais, dos que vivem e se enfrentam com os descaminhos das decisões e da (im)compreensão do que é o poder, as quais são postas em tensão por uma estratégia discursiva que promove uma reflexão sobre a alteridade de experiências. No conjunto de contos denominado "os de ontem", – integrante da primeira parte do livro – "Verdina", "A luz do alvorecer", "Don Sejanos", "Secreto segredo", "Como uma parábola", "A viúva de Quinteros" –, todos têm como protagonistas personagens que estão à margem dos sistemas de poder¹³². São peões, soldados sem galardão e mulheres, que transitam *allá* e *acá* das fronteiras geopolíticas, em grande parte pelos interesses oscilantes e convenientes do poder

¹³² Com relação a esse tem em uma das obras de Schlee é relevante considerar a dissertação de mestrado de Natália Moreira Viana intitulada *Os pobres desse mundo em O dia em que o Papa foi a Melo*. www.ppgletrasfurg.br

administrativo; noutras, burlando tais decisões, pela mais imperiosa necessidade de sobrevivência. A opção preferencial por personagens destituídas de poder, associada aos comentários e questionamentos do narrador, mobiliza o leitor para além da(s) história(s) contada(s), já que abre uma reflexão acerca do sistema de exclusões sobre o qual se deu a formação da região desde suas origens.

Desse conjunto narrativo, destaco o conto "A viúva de Quinteros" – não somente porque problematiza a relação entre a história do poder e a construção do espaço em sua dimensão política, como o escritor também faz nos demais textos aqui referidos, mas porque ele vincula essa relação com o poder exercido também pela palavra no âmbito do sistema patriarcal.

A participação feminina na história política da região, relegada pela historiografia, tem algum espaço na memória local, especialmente, pela criação de ficcionistas da região, ainda que, muitas vezes, por um viés misógino. Presença, no entanto, que a crítica literária dedicada à ficção da região pouco atentou.

Em "A viúva de Quinteros", Schlee problematiza essa exclusão histórica da memória da região, mas também alude a textos ficcionais que incluíram personagens femininas, sejam históricas ou imaginadas, em suas narrativas. É no interstício entre o não contado e o que a ficção já contou que ele tece sua narrativa, apontando caminhos outros para se pensar as razões e as consequências dessa exclusão.

No mesmo conto, as coordenadas históricas tanto orientam o leitor para vínculos indissociáveis entre a região da fronteira do Cone Sul quanto indiciam as contradições e as omissões dos discursos em torno desse processo e, em consequência, dos próprios limites para um maior entendimento da região ainda hoje. A assertiva do narrador em relação aos referentes de ordem histórica e o seu questionamento evidenciam o caminho adotado por ele para lidar com o tema: "Mas isto é pura História. / E o que se conta?". (SCHLEE, 2013: 77)

Assim, a poética narrativa do escritor ergue-se a partir desses dois núcleos articulados, marcados pela constante voz do narrador/criador. Para além de discursos historiográficos excludentes, cujos referentes são incluídos na narrativa, e de histórias ficcionais de possíveis traições e vinganças de ordem política – marcadas no texto pela

impessoalidade e pluralização da forma verbal "contam-se" –, o narrador/criador prefere abrir outro caminho com sua ficção. Isso porque, para ele, o que se conta é insuficiente para justificar a condição paradoxal da região: "tantas coisas em comum e tão dividida". Logo, ele trata do que não se conta, ou do que "Prefiro crer" (SCHLEE, 2013: 77); como nos alerta o narrador, é a existência de outras razões. É sobre essas outras possíveis razões – dissimuladas ou solenemente ignoradas – que o narrador assume sua condição de criador do universo que narra: é um dar a ver-se que marca a relativa autonomia daquele que interpreta, significa e cria a narrativa.

Então, em um universo eminentemente masculino, no qual a lógica moderna da defesa do território fundiu-se com a conquista do poder local, com um significativo reforço no domínio da esfera privada, seria impensável, segundo o narrador-autor, entender o que apontavam as mulheres: "que todo aquele ódio não tinha sentido". (p.78).

Considerando a perspectiva adotada, o escritor traz à tona o que o discurso historiográfico tradicional, com seus valores baseados no sistema patriarcal¹³³, buscou reprimir e não quis reconhecer: a capacidade feminina de não se resignar frente ao sem sentido das guerras, ao sofrimento familiar e às perdas que envolvem os conflitos bélicos.

Por tal viés, Schlee aproxima-se e afasta-se de outros textos ficcionais que reconheceram a participação de mulheres em diferentes lutas na região¹³⁴. Se essa ficção

¹³³ O conceito de patriarcado toma diversas acepções no heterogêneo campo de estudos feministas, os quais, buscando distanciarem-se do conceito patriarcal do patriarcado, passam a entendê-lo como uma construção social. Eu, ao me referir a sistema patriarcal, comparto reflexões desenvolvidas no âmbito do feminismo da diferença, o que me leva a entendê-lo em suas múltiplas articulações, ou seja, como um dos principais eixos do sistema de poder que, ao controlar as relações sociais de gênero, logrou não só o controle do sexo, seus recursos e produtos, mas também se impôs enquanto autoridade sobre modos de viver e do saber na sociedade.

¹³⁴ Destaco aqui um trabalho crítico precursor, que atentou para esse importante foco na ficção da região. A pesquisa de Lélia Almeida, além de apresentar um panorama em que aponta lacunas e equívocos por parte da crítica literária com relação ao tema, em especial desenvolve uma enriquecedora leitura de narrativas ficcionais da região de fronteira. Na leitura que realiza de textos de escritores como Javier de Viana, Acevedo Díaz, Simões Lopes Neto, Alcides Maya, Erico Veríssimo, Luis Antonio de Assis Brasil e Deonísio da Silva, bem como de canções anônimas decorrentes da Guerra do Paraguai, ela aponta que, apesar do silêncio por parte da historiografia e da crítica literária, os ficcionistas da região deram espaço a essas memórias. Na obra desses escritores, conforme aponta Lélia Almeida, há, sobretudo, mulheres pobres, renegadas, as chinas, as negras, as índias, as curandeiras, as cativas, as prostitutas, as vivandeiras que participaram ativamente nas inúmeras lutas entre e da região. Ver: ALMEIDA, Lélia. *Elas Brigam Como Bichos e Morrem por Amor: As Vivandeiras, Uma leitura de Personagens Femininas na Literatura do Sul*. Revista de Estudios Literarios, n.31, 2005/1 Universidad Complutense de Madrid. <http://www.ucm.es/info/especulo/numero31/index.html>

lida predominantemente com personagem femininas que estão à margem de qualquer poder – mulheres pobres, renegadas, as chinas, as negras, as índias, as curandeiras, as cativas, as prostitutas e as vivandeiras –, ele opta nesse conto por uma personagem que, embora tendo outras condições sociais e, talvez, maior possibilidade de escolha, prefere ainda assim se enfrentar com o sem sentido do poder.

Por isso, sobre o *topos* da violência, especialmente das inúmeras guerras que marcam a história da região, o conto "A viúva de Quinteros" ergue-se com base no que seria impossível imaginar a respeito desses conflitos bélicos: a participação ativa das mulheres de todas as classes sociais: “e se tornaria exagero de mentira, coisa de nenhum índio sério acreditar, se a viúva mesmo pegasse em arma de homem e saísse pela campanha estocando gente à traição”¹³⁵. (p.77).

O escritor, ao eleger mulheres que – em suas desgraças, indignações e em suas poucas alegrias – lutaram, ou poderiam ter lutado, de diferentes modos, mobiliza a ressignificação do universo já contado. Nesse sentido, para o narrador do conto “A viúva de Quinteros”, se “a mulher de preto que não foi encontrada no rancho”, ainda que seja impensável crer, em um universo eminentemente masculino, ele imagina “... a viúva de Quinteros, desvairada, perdida por onde tenha andado (...). Vejo-a cega, sem distinguir entre os de divisa branca e os da colorada, sem saber mais nada” (p. 82). Porque, para além das oscilações dos acordos políticos para garantir o poder masculino na região, estava a defesa de sua família, bem como da sua própria integridade física.

Por sua vez, se essa personagem ganha singularidade e individualidade na narrativa, o narrador a toma como núcleo ativo no texto para apontar também a presença de outras mulheres, pois “dizem que” também participaram ativamente da história da região.

No caminho empreendido, o texto schleeriano vai apontando as possibilidades para uma história que, para além das exclusões e silenciamentos produzidos pelo poder patriarcal, permita pensar a participação das mulheres na construção da região, questão pouco considerada até então. Com isso, o texto aponta um elenco feminino de mulheres históricas, mas que raramente são mencionadas pelos textos da historiografia: a mulher

¹³⁵ Essa abordagem do tema também é adotada pelo escritor uruguaio Ignacio Olmedo, em sua obra *La venganza de la Diosma*. Montevideo: Trilce, 2004.

que atuou em Coquimbo; a mulher de preto que queimou a bandeira imperial em Montevideu, a possível *María*, a mulher, da qual se diz, que falava português¹³⁶, ou mesmo Dona Mariquita Flores¹³⁷ que, em contraponto às anteriores, lutava, com suas armas, pela manutenção do poder do marido. Tais personagens enfrentam a imensa solidão e uma violência estrutural de exclusão e submissão, mas também desestabilizam esse poder: pela sedução, pela loucura, por intermédio da dissimulação, por atos diferenciados de traição e, inclusive, pelo enfrentamento frontal – a unhas, punhal, tesoura ou mesmo com armas de fogo.

Tal postura encaminha o leitor a buscar essas outras histórias dispersas na memória local, assim como a pensar a relação entre essa exclusão/ausência das mulheres na história da região e suas significações no imaginário dominante na e sobre a região ainda hoje. Nesse sentido, a dimensão política de todo ato de narrar, tanto pela exclusão do âmbito da historiografia quanto pelas escolhas por parte da ficção local, incluindo a do próprio escritor, torna-se, assim, um dos eixos do conto “A viúva de Quinteros”.

Considerando o conjunto da obra de Schlee, destaco, contudo, que a temporalidade sobre a qual se ordena seu primeiro livro publicado não segue, de modo igual, ao longo da trajetória criativa do escritor, uma vez que – “os de ontem” –, conjunto de contos criados com fortes vínculos com os tempos de fundação da região, na primeira parte de *Contos de sempre*, seguiria de forma mais expressiva em outras poucas obras futuras, como, por exemplo, em *Os limites do impossível* – contos gardelianos (2009) ou no romance *Dom Frutos* (2010)¹³⁸. Isso porque a obra de Schlee tem seu ritmo temporal centrado especialmente em uma época mais recente, nas décadas iniciais do século XX, momento de urbanização da região e de forte reconfiguração de imaginários da Modernidade em todo o mundo.

¹³⁶ Alusão à participação da brasileira Ana de Maria Jesus Ribeiro, conhecida posteriormente como Anita Garibaldi, em suas ações junto ao italiano Giuseppe Garibaldi, no Uruguai.

¹³⁷ Referência à María Josefa Barbat, esposa do coronel Jacinto Barbat, líder político de Tacuarembó, que lutou ao lado do general do partido blanco, Manuel Oribe.

¹³⁸ Diante da preferência de Schlee, ao longo de sua obra, por personagens situadas à margem do poder, uma linha de interesse de trabalho seria refletir sobre a opção do escritor por duas personagens históricas que estiveram no centro do poder no Uruguai: o polêmico Fructuoso Rivera, primeiro presidente do referido país, e Carlos Escayola, líder político da região. No entanto, embora a figura de Escayola eu trate mais diretamente na sequência deste trabalho, não é esse o viés de minha pesquisa no momento.

O espaço predominante na obra de Schlee é um espaço que se urbaniza nas primeiras décadas do século XX: o trânsito fluvial internacional pelo rio Jaguarão (1904), a construção da ponte internacional Barão de Mauá (1927-1930), o movimento da linha férrea (1932). Além dessas vias de ligação com Montevideu e Buenos Aires, também os cabarés, os prostíbulos, os cinemas, as ruas e os casarões das pequenas cidades, como Jaguarão, Rio Branco e, eventualmente, Pelotas, Rio Grande e Melo, ditam o compasso temporal de "os de hoje". Esse espaço simbólico de um pretense progresso, em uma região que se modernizava, adquire significados pela vivência de personagens como ex-peões, changadores, desempregados, jogadores de futebol, donas de casa, empregadas domésticas, prostitutas, proxenetas, cafetinas, entre outros, e ainda pela presença, por vezes tangencial e, em outras, central, de uma diversidade étnica que emerge em suas narrativas. Assim, há, em diversos contos, a presença de ou a referência a personagens de origem palestina, "os turcos", franceses, alemães, poloneses, "as polacas", ingleses, decorrentes de imigrações permanentes e/ou de passagens voluntárias ou forçadas. Portanto, ainda que poucas tenham protagonismo na obra do escritor, a presença de tais personagens abre uma reflexão sobre a diversidade étnica e cultural no jogo da memória como inscrição das formações sociais da região.

Em seu conjunto, tais escolhas poéticas trazem consigo os vínculos de urbanização dessa região cultural em função do processo de modernização por que passava o mundo ocidental de modo geral – desenvolvimento tecnológico, econômico, alterações políticas, migrações – e, por sua vez, traz também a contraface do processo de modernização, especialmente, em âmbito local. A obra de Schlee trabalha com as contradições do processo de modernização por que passa a região, desnudando-as a partir de possíveis memórias individuais do viver cotidiano, muitas vezes também estas contraditórias. Por isso, o jogo intertextual – com a inclusão de referências de ordem histórica, cultural, social – ganha significados a partir da percepção de histórias íntimas, de experiências individuais locais, que mobilizam a escritura do autor em uma tensão contínua, na criação do espaço ficcional.

Nesse caminho, sua obra, situando-se predominantemente em "os tempos de hoje", carrega consigo um processo de acumulação temporal, de tempos já vividos, do que se vive no ato da escrita e do que se poderá viver como processo interpretativo. Na ficção de Schlee, a voz do narrador, geralmente, situando o presente de sua escrita em

tempos mais recentes, percorre, mediante diferentes recursos, múltiplos momentos do passado, convertendo-os em parte de seu ato de contar e de criar, assim como empreende um pretense diálogo com seu leitor, estratégia que mobiliza o que se conta – e o que não se conta – ao presente de cada leitura.

Os signos da mobilidade e de possível prosperidade da região, na narrativa do escritor, contrastam, assim, com novas formas de exclusão, conforme bem aponta o narrador de um de seus contos: “Passaram-se anos e anos. Tudo mudou; mas na verdade nada mudou”. (SCHLEE, 1984: 28)¹³⁹

A relação entre propriedade privada, controle de poder político e as precárias condições sociais, em um tempo expressivo de desenvolvimento e urbanização da região¹⁴⁰, pode ser percebida, sentida e pensada no centro da elaboração estética feita pelo escritor em sua produção ficcional. A escolha, por parte dele, de um momento histórico das primeiras décadas do século XX, quando se acentuam as realizações e potencialidades de desenvolvimento da região e as contradições daí decorrentes, mobiliza o leitor também a tomar outro norte para imaginar a região¹⁴¹. Afinal, se o leitor considerar a posição temporal do narrador e sua interlocução recorrente com o narratário, estratégias marcantes da poética comunicativa do escritor, bem como a data de lançamento de suas obras, em um momento em que se discute fortemente no Brasil os problemas de desenvolvimento da região da campanha do Rio Grande do Sul, além da importância estratégica de toda a região para a criação de projetos do Mercosul,

¹³⁹ "Estação Rio Branco". In: SCHLEE, Aldyr Garcia. *Uma Terra Só*. São Paulo: Melhoramentos, 1984, p.21-28. Todas as demais citações serão da edição referida; portanto, lançarei apenas o número da página.

¹⁴⁰ Convém destacar que, no que se refere a toda região da campanha no Rio Grande do Sul, houve um precoce índice de urbanização nos anos vinte, momento em que a taxa de urbanização da região, da atualmente chamada "metade sul", era similar à da região mais industrializada do estado. Ver: Projeto RS 2010. Núcleo de Desequilíbrios Regionais. Fundação de Economia e Estatística do RS; Fapergs/Metroplan. Porto Alegre, 1998.

¹⁴¹ Como não relacionar a "miséria da metade sul", tão debatida em todos os âmbitos da sociedade brasileira nas últimas décadas do século XX, e as novas propostas econômicas para o desenvolvimento da região, vinculadas à afirmação do Mercosul. Dentre os exemplos, aponto o amplo projeto de corredor ferroviário <http://www10.iadb.org/intal/intalcdi/PE/2012/10157f.pdf>. Mas, sobretudo, não deve escapar de nosso olhar o desafio aberto no campo da educação como estratégia fundamental para o desenvolvimento e a integração dos países participantes do Mercosul, a partir da criação de um setor de educação, em 1991. <http://edu.mercosur.int/es-ES/mercosul-educacional/instancias/55>. Nesse âmbito, destaco tanto o projeto *Escuelas Interculturales bilingües de Frontera*, lançado em 2004, pelos países-membros, quanto o de criação de universidades, por parte do Brasil. A mim interessa especialmente pensar sobre o papel das universidades públicas criadas na região a partir das décadas iniciais do século XXI, caso da Universidade Federal do Pampa (2006), Universidade Federal da Fronteira Sul (2008) e a Universidade Federal da Integração Latino-Americana (2010), cujos princípios estão expostos em sua missão institucional: o desenvolvimento, a inclusão social e a integração da região, e ainda os projetos educacionais de modo geral na região.

poderá perceber que o debate proposto pela ficção não se restringe ao local. Mas esse, talvez, seja apenas um importante ponto – espacial, histórico e criativo – a partir de onde podemos pensar o nosso mundo.

É assim que, a exemplo do que ocorre na segunda parte de *Contos de Sempre*, em *Uma terra só*, predomina um espaço urbano no qual o ritmo temporal oscila entre as primeiras décadas do século XX e o tempo de um narrador/criador que situa sua voz no presente.

Do conjunto citado, destaco dois de seus contos: “Estação Rio Branco” e “O Barco das Ilusões”, ambos integrantes do livro *Uma terra só*.

O primeiro porque, recorrendo a uma focalização dupla, em que a voz do narrador, sem abandonar a focalização externa em primeira instância, associa-se à perspectiva de uma personagem, movimenta um conjunto de assuntos, de motivos, que seriam tratados posteriormente em distintos contos, ao longo de toda a obra de Schlee, tais como: a modernização do espaço de circulação de mercadorias e pessoas entre a região e as capitais do Prata; o movimento de imigrantes de distintas nacionalidades da Europa; a presença de um sistema de prostituição em escala intercontinental, questões diretamente ligadas à manutenção e à concentração de renda e poder nas mãos de uma elite local que se recicla, reconfigura e segue imperante, bem como à reiteração da miséria na região, ao longo do tempo.

É importante ainda destacar que, a partir do conjunto de contos que integra *Uma terra só*, o escritor avança nas reflexões sobre seu processo criativo, procedimento iniciado na primeira parte de seu primeiro volume, conforme mencionei anteriormente. Essa importante estratégia, que tanto desnuda um princípio individual do escritor, qual seja, de como ele imagina a realidade quanto tensiona as relações entre o ficcional e o referencial, mobiliza o leitor a outra concepção da realidade. Ou seja, diferentemente do espaço dominante na literatura regional, na obra de Schlee não temos o pressuposto de um mundo dado, mas sim de uma realidade que precisa ser re-imaginada e reconstruída.

Em "Estação Rio Branco", a história da ferrovia confunde-se com a história do “homem de gorro magro e velho” e com as reflexões do narrador que, provocativamente, sentencia: “Tudo mudou; mas na verdade, nada mudou”. A estação é

estabelecida como um importante espaço simbólico que carrega consigo uma longa história de intercâmbios econômicos das cidades da região, das relações do poder e de sua capacidade de reiteração em novas formas. Converte-se, assim, em um espaço acumulado de tempos, a partir de onde o narrador mira o lado de cá, no caso, a Cuchilla, no Uruguai, e o lado de lá, Jaguarão, no Brasil.

As histórias entrecruzadas pelo narrador provocam, contudo, não apenas uma reflexão sobre a situação de decadência de ontem, marcada no texto pela expectativa, realização e frustração decorrentes da construção da estação, da implantação da ferrovia, da ponte e de um pretenso desenvolvimento das cidades da região por parte da personagem, mas, especialmente, uma provocação ao leitor de hoje.

Afinal, por um lado, “A estação ferroviária de Rio Branco, na Cuchilla está ali, está ali como no dia em que toda a enorme lida acabou” (p. 23) e, com a ferrovia, explicita o narrador, “os trens foram e vieram, as máquinas acabaram se tornando nada mais do que umas escuras e comportadas locomotivas sem importância”. (p. 24)

O narrador marca, ainda, o fluxo de imigrações e do comércio que aí se desenvolveu, sinalizando outros indícios da modernização da região. Com a ampliação da mobilidade, possibilitada pelos meios de transporte, também “As mulheres vieram, vieram os turcos; apareceram automóveis e gramofones, surgiram negócios e empregos, construíram casas e fortunas. A grande ponte foi feita...” (p. 25) E, apesar de tudo, “o homem de gorro magro e velho não fora de atravessar o rio para os cabarés iluminados a luz elétrica (...). Nem tampouco jamais entrara numa das grandes lojas surgidas da noite para o dia. Nem comprara em tenda de turco” (p. 26). Nenhum dos ícones da transformação do que se poderia reconhecer como desenvolvimento da região – do lado de cá ou de lá – ao longo do tempo, tocou-lhe: Afinal, “O homem de gorro só está mais velho, e magro”; finalmente, nos adverte o narrador: “Em trem, em vagão de passageiro jamais entrou”. (p.28)

No conjunto estabelecido de pontos de referências da economia da região e da transformação social por que a mesma passava, o narrador, situado em um tempo atual, parte especialmente de dois símbolos do progresso: a ferrovia e a ponte. Ambas foram construídas nas primeiras décadas do século anterior e marcam um significativo processo de urbanização que está associado à transformação do poder político das

tradicionais elites campeiras da região. Se as inúmeras guerras de fronteiras e lutas civis dos tempos passados implicavam disputas de poder entre as elites locais e enfrentamentos com as lideranças nacionais, agora, a estratégia para a manutenção do poder na região reconfigura-se. A acessibilidade para os países do Prata e a infraestrutura adquirida frente a negociações junto aos dois governos das nações diretamente implicadas, permitia a modernização da região em toda a sua complexidade, cujo centro parece seguir sendo os negócios e os interesses das elites¹⁴².

Em "Estação Rio Branco", o narrador toma alguns desses pontos históricos para refletir sobre a situação em que se manteve o "homem de gorro", o "foguista de cara suja" porque, apesar do propalado e almejado progresso, o que resultou, afinal, foi "nada mais do que o mesmo pobrerio de sempre", do lado de cá ou do lado de lá. É, assim, uma memória individualizada dos que sofrem com o desmando do poder político e econômico; logo, também memórias coletivas, sugeridas pela voz do narrador, que o inquieta, tornando-se, provocativamente, um elemento central de toda a narrativa: "Aqui a gente se perturba: e daí?" (p. 24)

A inquirição voltada para dentro da narrativa resulta o motivo/razão para a própria escrita que lemos e marca uma imagem autoral. Mas, além disso, a inquirição dirige-se, também, para fora do texto e, nesse caso, o leitor precisará fazer suas próprias conjecturas, buscas e ligações. Atitudes a que o questionamento final do narrador, desafortadamente, provoca: "(...): e daí?"

No conjunto da obra schleriana, todos esses motivos que relacionam estratégias de controle e manutenção histórica do poder político e econômico aqui elencados e as condições sociais da região são centrais na configuração que o escritor faz do seu "território ficcional". As estratégias de reflexão sobre o processo e os limites de sua criação e as de provocação ao leitor intensificam-se ao longo da produção e, quando associadas aos motivos anteriormente mencionados, tornam-se orientações

¹⁴² Essa relação entre diferentes etapas de modernização, manutenção do poder político e pobreza da região é apresentada em diferentes estudos de historiadores, sociólogos e economistas que tratam da região. Destaco aqui artigos, de duas historiadoras uruguaias, os quais oferecem um breve, mas pontual histórico das relações do intercâmbio, do desenvolvimento econômico e dos afastamentos entre o Uruguai e o sul do Brasil, favorecendo, assim, um entendimento do paradoxo que se acentua na região. 1. OFICALDEGUI, Marta. "Las relaciones comerciales Uruguay - Brasil 1888-1914". Consultado en <http://cdn.fee.tche.br/jornadas/1/s7a4.pdf/> 2. CLEADE, Isabel. LA REGIÓN DE FRONTERA URUGUAY-BRASIL Y LA RELACIÓN BINACIONAL: PASADO Y PERSPECTIVAS. Revista Uruguaya de Ciencias Políticas [online]. 2010, vol.19, n.1, p. 165-184.

fundamentais para que pensemos, também a partir de outro norte, alternativas de desenvolvimento para a região e talvez não somente para ela.

Eu poderia elencar um conjunto de contos, à semelhança dos que aqui tratei antes, para pensar mais diretamente essas relações entre geopolítica, história e criação literária na obra do escritor. Porém, meu interesse nesse momento de reflexão é entender, na escolha da diversidade de motivos e estratégias compositivas da literatura schleeriana, qual é a configuração do território ficcional na obra do escritor e suas implicações no espaço a que se refere. Minha opção de leitura movimenta a escolha que aqui faço pelo próximo conto.

“O Barco das Ilusões” é um texto singular no conjunto da obra de Schlee, pois embora em muitas outras narrativas¹⁴³ o escritor tenha estabelecido relações com o cinema e, por esse viés, promovido também a construção de um imaginário cultural cinematográfico como parte de seu território literário, talvez, em nenhum deles, sua experimentação compositiva tenha alcançado tão alto grau de complexidade criativa.

Schlee, ao lançar mão de um repertório filmico como *Show boat* (1936), *A noiva de Frankenstein* (1935), *Frankenstein* (1931), *O homem invisível* (1933), todos do diretor James Whale; *Cantando na Chuva* (1952), de Stanley Dole, *Sinfonia de Paris* (1951), de Vicent Minelli, tece uma rede intertextual (e interdiscursiva) que leva o leitor de "O barco das Ilusões" a múltiplos espaços culturais e, especialmente, a seu território ficcional. Utilizando-se do recurso conhecido como *mise en abyme*, o escritor promove semelhanças e contrastes entre os argumentos desenvolvidos por cada um dos filmes citados e histórias de sua região¹⁴⁴.

¹⁴³ No conjunto da obra de Schlee, há inúmeros contos que se referem a filmes que circulavam ou poderiam ter circulado nos cinemas de Jaguarão, Rio Branco e Pelotas. Por vezes, o escritor compara suas personagens a personagens filmicas; em outras, toma o argumento de algum filme como motivo de sua criação ficcional e, com muita frequência, suas personagens frequentam o cinema. E também frequentemente as estratégias de contar de uma e outra linguagem entrecruzam-se produtivamente na poética do escritor. Dentre algumas narrativas que contribuem para a construção de uma experiência memorial a partir de um repertório filmico no território literário criado pelo escritor, destaco os contos “Ida e volta”, de *Linha divisória*, “Missa por Rolando Vergara”, “A última viagem” e “Os guris do Ipa”, de *Contos de verdades* e, o texto final do livro *Contos da vida difícil*, que apresenta uma leitura criativa e recriadora do filme *Seducida e abandonada*, do diretor Pietro Germi (Itália-França, 1964) e mais recentemente a obra *Fitas de cinema* (2016). Tal linha criativa do escritor fica aqui em aberto para futuras leituras de sua obra.

¹⁴⁴ O impacto do surgimento do cinema na formação de muitos escritores tem sido estudado por diferentes profissionais. Baseio-me aqui na pesquisa desenvolvida na Tese de Doutorado de Roberta Previtera, profissional que integra o grupo de pesquisa Escrituras Plurales, no âmbito do Centro de Estudos

No conto, o narrador-personagem, ao assistir emocionado na “sessão da tarde”, na televisão, ao filme *O barco da Ilusão* (*Show boat*, 1951)¹⁴⁵ lembra que, certa vez, ainda em sua infância em Jaguarão, chamou-lhe atenção um cartaz no cinema Apolo. Embora na ocasião não tivesse visto plenamente o cartaz e muito menos assistido ao filme, parece-lhe o mesmo anunciado naquele antigo cartaz. Mas, como conta o narrador, o que mais chamou a atenção do menino foi a presença de um ex-peão de campo, embarcado dos iates de sua família, na entrada daquele cinema. Com as duas recordações justapostas – fragmentos de memória –, suscitadas pelo filme de Georg Sidney, a que assistia agora adulto, o narrador comenta partes do filme, relacionando-as à sua própria emoção diante dessa versão filmica e à possível interpretação feita por aquele ex-peão, frente ao filme original de James Whale.

Logo, a história de como um ex-peão poderá ter visto e sentido um filme na Jaguarão de sua infância está inserida em uma história primeira: a de como o narrador poderia escrever tais histórias. Já no início da narrativa, o narrador manifesta: “Não sei como contar essa história – que são duas, ou três, ou tantas!...” (p. 125), tornando, assim, a estratégia metaficcional fecunda no processo criativo.

A narrativa, dialogando com outra arte, cuja grande capacidade de contar histórias a aproxima da literatura, ergue-se tanto pelo rico imaginário fílmico que o texto integra quanto pelo processo de leitura e escritura que tematiza. Essa estrutura especular abre várias possibilidades de interpretação, dentre elas, a que poderíamos seguir em torno do processo compositivo do texto que lemos, em sua relação com a linguagem do cinema ou com a rede de histórias que o texto evoca a partir dessas

Iberoamericanos – CRIMIC-SAL, da Universidade Sorbonne, Paris IV, coordenado pelo professor Eduardo Ramoz-Isquierdo. Segundo a pesquisadora, a partir de seu estudo dedicado a escritores argentinos, a presença do cinema na literatura é marcada, em um primeiro momento, pela citação, alusão e comparação de personagens e temas de filmes na narrativa literária, o que acaba marcando o repertório cinematográfico na formação dos escritores; um segundo, denominado de “novelização”, em que se dá a criação de textos literários a partir do argumento de algum filme; e um terceiro momento, em que os textos literários revelam uma apropriação e incorporação de estratégias narrativas já desenvolvidas pelo discurso cinematográfico. PREVITERA, Roberta. *Le cinema dans la fiction Hispano-Américaine* - Université Paris Sorbonne - Ecole Doctorale IV - Laboratoire de recherche CRIMIC, 2014. Tese recebida da autora.

¹⁴⁵ O filme *O Barco das Ilusões* (*Show Boat*, 1951) foi dirigido por George Sidney, com roteiro de John Mahi. O elenco do filme foi protagonizado por Ava Gardner, Kathryn Grayson e Howard Keel. Essa foi a terceira versão para o cinema do romance homônimo de Edna Ferber (1926). Primeiramente, o romance foi adaptado como musical na Broadway, com música de Oscar Hammerstein II e Jerome Kern. A primeira versão filmica foi realizada em 1929, sem grande repercussão, algo que alcançaria em sua segunda versão, com o título de *Magnólia – Show boat* (1936), sob a direção de James Whale. Filme acessível em: <http://cinemaclassico.com>

inclusões. Ou ainda, das relações entre a literatura, a produção clássica cinematográfica e a produção televisiva, o que poderia abrir-se também para pensarmos as transformações do expectador/leitor mediante essas distintas linguagens. Diante dessa espécie de labirinto de possibilidades, a estratégia autorreflexiva de que lança mão o escritor indicia o caráter seletivo de toda leitura, ao oferecer um caminho inicial: “O que terá feito um ex-peão de estância transformado em embarcação e jogador, engasgado de dúvida e emoção?” (p.133).

O narrador, em seu ato interpretativo, imagina que o negro, ex-peão, embarcação, deve ter se confundido com o protagonista do filme, Ravenal, e, assim como eles mesmos, narrador e personagem, ele também deve ter chorado prantos diante da beleza de Ava Gardner e do olhar imaginativo da criança sobre a paternidade de Ravenal. Ou ainda, diante da voz inesquecível do negro Paul Robeson, como Joe, que “canta e transforma nosso iate em reluzentes barcos de rodas, o velho rio Jaguarão se alarga, o povo vai esperar no cais o anúncio do grande show” (SCHLEE, 1984:129). O narrador, assim, relaciona sua emoção, decorrente de uma experiência estética de expectador/leitor, com a possível experiência de outros diante da arte: a do ex-peão diante do filme; a de Ravenal diante do canto de Joe. E a dele mesmo frente a essas múltiplas realidades que imagina.

Assim, entre as histórias narradas – e as por serem narradas pelo ato criativo implicado em toda leitura – temos a do narrador que, emocionado, assiste a um filme em sua casa, a de como um ex-peão poderá ter recebido o mesmo filme, a história das inúmeras experiências fílmicas do narrador – que, se, por um lado, são pessoais, por outro, também constituem uma memória fílmica de uma época e de uma região –, sem mencionar a história da criação do conto que lemos.¹⁴⁶

E é nesse processo interpretativo, de histórias justapostas, que o narrador promove comparações, confunde um barco com outro, um rio com outro, traça paralelos entre objetos, entre espaços, entre histórias de vida de personagens e amplia o jogo de rupturas entre ficção e realidade, implicado em toda criação artística. Isso porque, da

¹⁴⁶ Destaco aqui a enriquecedora leitura do texto "O barco das Ilusões e o imaginário fílmico em O barco das ilusões", apresentada pelo professor João Manuel dos Santos Cunha, da UFPel, na I Semana Acadêmica integrada da UNIPAMPA, campus Jaguarão, em 2007. No referido evento tivemos a oportunidade de participar do diálogo aberto por essa apresentação com as considerações do escritor Aldyr Garcia Schlee, também presente ao evento. Parte do texto apresentado pelo professor na ocasião pode ser lido, em versão ampliada, na Revista Nonada, Rio de Janeiro, UniRitter, n.13, 2009.

comparação entre versões filmicas, entre diferentes produções cinematográficas que circulavam nos cinemas de sua região, o narrador passa para relações entre vidas imaginárias, não só das personagens, mas também a dele com a do escritor Aldyr Garcia Schlee. Os inúmeros dados da vida do escritor, disseminados ao longo da narrativa, promovem vínculos entre o narrador-escritor e o autor do texto, atuando na configuração de uma imagem ficcional, especialmente no que se refere a uma *performance* criativa enquanto intérprete de cinema, de literatura, de uma região cultural, da vida, enfim: “Eu era um guri que, como o peão de estiva, nunca havia entrado num cinema. Agora é diferente. *It still suits me*”. (p. 129)

Ao trazer para o espaço ficcional uma imagem autoral móvel, o escritor joga mais intensamente com a instabilidade das fronteiras entre o espaço imaginado e o mundo referencial. É nesse processo que transforma uma experiência emotiva, decorrente de uma experiência estética de expectador/leitor em um ato de reflexão interpretativa, capaz de gerar outra experiência estética: a da criação do conto que ora lemos.

Atenta à abertura de significações promovida por "O barco das Ilusões" e, por sua vez, à leitura convergente a que ele também orienta, desenvolvo uma leitura de um dos contos de *Linha divisória* (1988) que, como já mencionei, é a terceira obra publicada, porém, organizada a partir de dois conjuntos de textos criados nos anos sessenta. Minha escolha por "Ida e volta" deve-se ao fato de que também neste conto o autor trata de experiências individuais e sua implicação na construção do lugar. Mas, diferente da narrativa exposta por mim anteriormente, a reflexão sobre essa condição não se desprende de uma experiência estética, senão de um autoquestionamento a que as personagens são levadas acerca de suas possibilidades e opções individuais na construção do lugar em que se vive.

Mas também minha escolha justifica-se porque, se no texto anteriormente exposto, o escritor recorre a um repertório cultural, utilizando-se de justaposição de histórias filmicas, de realidades imaginadas e suas potenciais articulações por uma voz criativa, em "Ida e volta", Schlee explora as fronteiras entre as estratégias de narrar do discurso cinematográfico e da literatura.

Na diegese, um homem retorna à sua antiga cidade, Jaguarão, e nela, assim como em Rio Branco, cidade contígua à sua, busca reconhecer o lugar e as gentes de sua infância e juventude. De seu reencontro com o espaço e com um trabalhador da região, desencadeiam-se novas percepções, dúvidas e incertezas por parte de todos os que estão envolvidos na narrativa e uma abertura para pensarmos o quanto nossas memórias individuais estão ligadas às nossas experiências em âmbito social.

Em seu deslocamento, de bolanta, de Jaguarão a Rio Branco, e de lá a seu retorno ao ponto de saída, o brasileiro vai “interrogando sem respostas as velhas calçadas e os novos calçamentos. Não encontrou os amigos previstos, não identificou os lugares conhecidos, não achou nenhuma das coisas nem nada que esperava” em Jaguarão. (p. 9) Tampouco a outra cidade havia mudado muito, pois se “Rio Branco arrancara com as enormes raízes as árvores de sua rua; e asfaltara tudo. (...)” ao passar “pelo Banco, pela Polícia, pelo Cine Ríó Branco, pela Escuela, pela Igreja e pelo Club Artigas, costeou o rio pela Boca do Tigre e viu os guris n’água e o cemitério sobre o cerro na outra margem”. (p.10), tudo o demais permanecia do mesmo modo.

O narrador heterodiegético, como se fosse uma câmera, movimenta-se de um dissimulado olhar externo para, em discurso indireto livre, deixar fluir a percepção da personagem sobre o espaço e as pessoas do lugar. Abre, com isso, uma temporalidade encapsulada e contrastiva, o narrador assume a perspectiva, o des-viver da memória da personagem, como um espaço de consciência gradativa sobre os espaços em que ele se desloca: “Estava ali a seu lado aquele castelhano de ontem. Ele era o que já não havia, com seus dois cavalos e a velha bolanta e sua capota de lona desbotada”. (p.13)

Nessa dinâmica, o narrador situa também a outra personagem, o cocheiro que leva o viajante em seus percursos: “Passava por ali pitando, no balanço da bolanta e ia se deixando levar pelo blanco e pelo zaino, a passo, despacio” (p.10). A perspectiva descritiva sobre a personagem, marcada inicialmente por sua indiferença inicial em relação ao espaço, ao tempo e a todo o resto que sua rotina tornara invisível, é rompida pela presença desconcertante do brasileiro. Tal presença torna-se motivadora da reflexão do até então inadvertido cocheiro, e o narrador rompe com a continuidade de uma perspectiva para adotar outra. Pelo caminho traçado, assume a perspectiva do cocheiro, deixando fluir a busca reflexiva por parte da personagem: “a que vinha um

sujeito daqueles se meter numa bolanta de roupa inteira (...). Isto: conhecido. Era, tinha que ser”. (p.10)

É desse estranhamento sobre o lugar e as pessoas que se abre a recordação em cada um deles, em fragmentos de tempos alternados; em conjecturas; em associações, e o movimento constante do narrador, em uma estratégia narrativa que propicia uma dimensão profundamente visual e subjetiva do espaço por onde se deslocam todos os que nele estão envolvidos.

Afinal ganhamos, também por um discurso indireto livre, a perspectiva do cocheiro sobre o lugar, sobre as relações de um tempo expandido para trás, mas também sobre o tempo atual, o que acaba por propiciar outro olhar sobre ambas as personagens. Essa abertura pode ser acompanhada, por exemplo, com a seguinte passagem:

O mancarrão dera para bostear logo agora, quase aos pés do brasileiro. O brasileiro estava ali, ao lado, e tinha que ser mesmo um daqueles guris do cinema. Ou então era do colégio, que vinha desfilar o 18 de Julho ou no 25 de Agosto. Ou do time de soldados que uma vez arranjaram para enfrentar o Artigas. Ou talvez fosse um dos bacanas que vinham se meter nos bailes do Remanso. (p.12)

Se a perspectiva do brasileiro torna-se interrogativa à medida que ele avança pelo curto espaço, que observa as pessoas pelas quais passa e percebe os múltiplos tempos implicados em seu trajeto, a perspectiva do cocheiro abre-se a partir de um ponto: a presença daquele brasileiro, e expande-se sobre si mesmo.

Nesse processo, tomamos conhecimento da infância do cocheiro – de vendedor de balas, de *chocolatines*, competines, *manís*, picolés – ao passo que esse retorno leva também o leitor ao olhar avaliativo da personagem sobre os meninos, os rapazes e os rapazotes brasileiros. Essas considerações são indiciadoras dos motivos de seu profundo desconcerto frente à presença tão inusitada em sua bolanta hoje.

Assim, o narrador de "Ida e volta"¹⁴⁷, sem se sobrepor à perspectiva de qualquer das personagens, por vezes, apenas descreve externamente; já em outras, assume de

¹⁴⁷ Esse conto foi escolhido por meus alunos da UNIPAMPA para integrar o áudio-livro *Fronteira Sul em Contos*, volume 2, produzido no âmbito do projeto *Perspectivas de fronteira*, com apoio do Ministério da Cultura – PROEXT/MINC – edital 2008. A principal razão para tal escolha baseou-se na capacidade da voz narrativa que, em sua movimentação, construiu imagens do lugar. A experiência decorrida do lançamento do áudio-livro, com a apresentação do conto “Ida e volta”, ao vivo, na Secretaria de Cultura de Jaguarão, para pessoas da comunidade local foi impactante. Tal fato deve-se não só à *performance* dos

modo plural a perspectiva de cada uma das personagens, fundindo-se a um e a outro, deixando fluir as percepções e as recordações das personagens sobre o lugar compartilhado e sobre si mesmas.

Tal dinâmica, de pluralização de perspectivas e de múltiplos tempos encapsulados, mas em um mesmo espaço que permanece quase imutável, promove um efeito de simultaneidade, estratégia discursiva que também caracterizou o cinema moderno dos anos sessenta.¹⁴⁸ Assim, da descrição do espaço e das personagens, essa voz heterodiegética desloca-se como se fosse uma câmera – para a captação do interior de cada personagem, oferecendo uma cena que flui a partir do modo como cada personagem vive, sente e percebe o lugar socialmente compartilhado. A memória, então, revela-se por sua significação individual, singular, a que cada um confere ao lugar que é coletivo. Por esse caminho, a narrativa potencializa uma dimensão visual mais profunda do espaço por onde todos nos deslocamos no processo de leitura do lugar, do texto e delas mesmas.

Esse movimento entre o que se percebe pelo olhar descritivo e afetivo, por sua vez, incita o leitor a pensar, a ponderar sobre a subjetividade implicada em cada olhar, passando da experiência individual de cada um no espaço para a implicação dessas experiências na construção coletiva que fazemos do espaço onde vivemos.

Nesse sentido, para além do maniqueísmo na avaliação de um tempo ou espaço anterior melhor do que o de hoje, que poderia ser sugerido pela busca do brasileiro, ou, do enfrentamento entre classes sociais, que poderia advir do contraponto oferecido pela perspectiva do cocheiro, a narrativa põe em tensão, o conflito de ambas as interpretações e o modo como naturalizamos a realidade cotidiana. É com a ruptura dessa realidade – cotidiana, repetitiva – via tensionamento de percepções individuais, parciais de cada personagem, que a narrativa abre-se à reflexão do leitor. Recordar torna-se, assim, um modo de tensionamento de diferentes perspectivas implicadas na construção do lugar: de descobertas, de avaliações.

músicos, que realizaram uma leitura do texto em ato de lançamento dos áudios-livros, mas justamente pelos recursos visuais do conto, que provocaram comoção na plateia durante toda a apresentação. O relato dessa experiência realizada entre pesquisa, extensão e produção cultural quer destacar a ampliação do acesso aos textos de escritores da região e um modo de incentivo à leitura, bem como sua atuação na formação de leitores.

¹⁴⁸ Ver: STAM, Robert. *Introdução à teoria do cinema*. 2ª. Ed. Campinas/SP: Papirus, 2003.

EISESTEIN, S. M. Um curso sobre tratamento. In: XAVIER, Ismail. *A experiência do cine*. Rio de Janeiro: Graal/Embrafilme, 1983.

A pergunta pelo lugar da infância por parte dessa personagem leva-o a uma fronteira outra: a social. A narrativa põe em tensão duas experiências do viver em uma mesma circunscrição espaço-temporal: a de um velho cocheiro e a de um experiente viajante que retorna a seu lugar de origem – mobilizando o olhar do leitor não apenas para o espaço localizado, de fronteira entre o Uruguai e o Brasil, no qual os personagens transitam, mas também com o que convivemos cotidianamente.

Em olhar contrário e complementar a esse, como descoberta da outra face do mesmo, a perspectiva do brasileiro é avaliativa e: “O cocheiro era um homem sério e sofrido e talvez lhe pudesse contar muitas coisas dali. Seria blanco ou colorado, (...), mas mais pueblera do que campeiro, mais cordoeiro que guitarreiro, mais tanguero que milongueiro”. (p.13)

Também essa uma estratégia recorrente na experiência do cinema político dos anos sessenta, em suas buscas por articular as conquistas da linguagem moderna às possibilidades de provocar uma reflexão crítica acerca do entorno.

O contexto histórico do cotidiano enquanto espaço físico, mas, sobretudo, humano, evocado pelos dois olhares, pelo que lembram, pelo que imaginam um do outro, pelo que avaliam, sugere que o que os separa e os distancia não é o espaço em que conviveram, mas sim a naturalização com que viveram, experimentaram e internalizaram, em suas memórias, a ordem histórica, econômica e social vigente. Por isso, ainda que estejam, hoje, lado a lado na bolanta, na entrada do cinema ou na beira do campo de futebol, em outras épocas, apesar de compartilharem um mesmo lugar, suas experiências expressam diferentes modos de percepção e vivência em um mesmo espaço, modos tão conflitivos quanto revelam suas perspectivas narradas.

Marcada pelo ritmo lento da bolanta, a alternância de perspectivas assumida pelo narrador, entre a sua e a das personagens, pela utilização do recurso do discurso indireto livre, permite um movimento crescente entre o sentimento, a percepção e o olhar autorreflexivo. Tal perspectiva acaba sendo incorporada pelo narrador que, em determinados momentos, confunde sua voz, embaralhando-a com a perspectiva inquiridora, apreciativa e avaliativa do brasileiro, conforme evidencia a seguinte passagem: “a gente sai por aí, anda pelo mundo, vê tudo, pensa que sabe, mas não sabe e não vê mais que o próprio mundo”. (p. 11)

O conflito das interpretações em relação ao lugar encontra seu centro na experiência que ambos têm do espaço; logo, esse não se dá apenas no passado das recordações, mas também enquanto memória atualizada, compartilhada e significada no enfrentamento do (re)encontro. Dessa relação, unem-se os espaços individuais que se constroem dos enfrentamentos entre um e o outro. É do encontro de suas experiências individuais compartilhadas, em tensão, que a narrativa abre possibilidades para pensar além de cada individualidade, um espaço social, coletivo. Afinal, o conflito estabelecido por recordações e memórias estendidas à situação atual, apesar de poder seguir gerando abismos intransponíveis, também pode possibilitar a todos os envolvidos outro modo de compreender o vivido, de ressignificá-lo e atuar no mundo, outro modo de habitá-lo. A cena final da narrativa deixa em aberto tais possibilidades.

Encerrada essa viagem da personagem viajante, o narrador também regressa a sua posição, como quem retorna de uma longa e sofrida aprendizagem. Assim, quando em silêncio absoluto e de olhos baixos, a personagem do viajante brasileiro já não tem o que ver, mas apenas um modo de refletir acerca do lembrado, do visto, do não vivido, o narrador – talvez, também ele transformado – reassume sua individualidade para focalizar a personagem em sua nova e penosa travessia: “Ele desceu então da bolanta e saiu em direção à ponte, sem se voltar. Como se fosse culpado de tudo. Como se fosse culpado de tudo aquilo”. (p. 14)

Se a obra ficcional de Schlee, como destaquei em minha leitura, mantém expressivas relações com textos e estratégias narrativas da historiografia, da tradição literária e do cinema, fazendo-se memória e criação do lugar, também revela a importância dos discursos orais em seu imaginário.

É interessante como a construção discursiva da obra do escritor, a partir predominantemente de uma linguagem coloquial, movimenta-se pela voz de um narrador que marca, por múltiplas estratégias, seu interlocutor; frequentemente, manifesta contar o que todos já sabem; repete fragmentos inteiros já enunciados na narrativa e, eventualmente, afirma já ter relatado determinada situação ou informação em um texto anterior, dinâmica que, relacionada à reiterada assunção do processo estético dos textos, sinaliza uma *performance* autoral de quem habita os “interstícios de la ciudad letrada”.

Diferentemente do que apontava Rama, para quem "la literatura, al imponer la escritura y negar la oralidad, cancela el proceso productivo de ésta, y la fija bajo las formas de producción urbana" (RAMA, 1998: 74), muitos escritores souberam encontrar uma relação aberta e enriquecedora com a palavra que circula por fora da escrita.¹⁴⁹ É o caso da obra de Schlee. Inserido no importante ensinamento de certa vertente do regionalismo na América Latina e, em especial, da tradição da gauchesca sulina¹⁵⁰ que, ao articular a voz do narrador à das personagens mobilizou também uma atitude receptiva por parte de seus interlocutores à heterogeneidade da esfera social, o escritor também ficcionaliza a oralidade.

Tanto a escolha de motivos quanto por sua interação com as estratégias discursivas apontadas anteriormente, na criação do espaço, evidenciam a profunda relação que o escritor promove entre literatura escrita e gêneros orais ao longo de toda a sua obra. No entanto, é em *Contos de verdades* que essa relação está tematizada enquanto princípio compositivo.

A referida obra é composta por um conjunto de quatorze/quinze contos, cujo motivo, em cada narrativa, está baseado em possíveis histórias cotidianas da região, "chismes", mexericos, dizeres, cantigas, quadrinhas, jogos e brincadeiras infantis, entre outros. Trata-se novamente de jogo da memória, diversa e própria, que é integrado à construção do espaço social, cultural, a partir de um lócus de enunciação cuja mediação estética é assumida.

A leitura crítica de cada um dos textos que compõem a obra poderia nos permitir entender mais profundamente sua relação com a tradição aberta por Simões Lopes Neto, em especial com os "causos", ou refletir sobre a inclusão de histórias orais periféricas e suas estratégias discursivas como motivo de criação literária bem como sua implicação

¹⁴⁹ Como aponta o crítico boliviano Guillermo Mariaca Iturri, em suas reflexões sobre a importância que adquire a oralidade no sistema comunicacional, "la oralidad, como escritura, es un modo de producción que determina todos los procedimientos simbólicos de apropiación social de la naturaleza y de la historia y de producción de futuro". (MARIACA ITURRI, Guillermo. *Los refugios de La utopia* - Apuntes teóricos para una política Inter-cultural. La Paz: Ed. Sierpe, 1999: 19)

¹⁵⁰ Interessante salientar o reconhecimento sempre renovado por parte de Schlee da importância da obra de Simões Lopes Neto, questão que alcança maior visibilidade na primorosa edição crítica que ele realizou de *Contos gauchescos e Lendas do Sul* (2006), bem como no livro preparado em torno da trajetória do escritor, intitulado *Lembranças* (2010). Assim como Schlee destaca a originalidade do escritor sul-rio-grandense resalta também a relação de Lopes Neto com a literatura de língua espanhola da América do Sul, dentre elas, *Los tres gauchos orientales*, de Antonio Lussich, *Martin Fierro* de José Hernández, *Santos Vega*, de Hilário Ascasubi, todas de 1872, para citar algumas. Nesse âmbito, também vale lembrar o trabalho de tradução realizado por Schlee, já mencionado anteriormente.

na formação de leitores¹⁵¹, ou, ainda, pensar as relações entre cotidianidade, memórias e ficção, além de outros caminhos abertos pela obra.

Sem desconsiderar esses caminhos de leitura anteriormente assinalados, mas ciente de meus objetivos no âmbito desta tese, aqui elejo o prefácio da obra em destaque, intitulado "As grandes onças brabas". A escolha deve-se ao fato de que o texto, jogando com sua função metatextual de orientar o leitor em relação à obra que anuncia, converte-se em um texto ficcional cujo tema é o princípio compositivo do conjunto ficcional intitulado *Contos de verdades*.

No texto introdutório de *Contos de verdades*, o narrador apresenta os jaguares ou as onças que habitam o rio Jaguarão a partir de diferentes versões e perspectivas. Nesse repertório variado, os jaguares são como seres mitológicos que, metamorfoseados, “metade tigre, metade peixe – que deram nome ao rio. Eram como sereias, com os seios, o jeito, o encanto de mulher” (SCHLEE, 2000: 9)¹⁵², para uns. Para outros, as grandes onças brabas “não passam de lenda”; para outros ainda, a lenda foi inventada pelos jesuítas como ritual de iniciação dos indígenas, com o objetivo de afastá-los do pecado; para outros, as grandes onças brabas estão associadas a “um rosário de prostíbulos na beira do rio”. (p. 10)

Essas versões do mito decorrem das múltiplas perspectivas que convivem e se inter-relacionam no texto. A dinâmica com que o escritor compõe seu discurso narrativo é marcada por duas estratégias: uma destaca-se pela recorrência a verbos impessoais e pluralizados da narrativa – “*Dizem que..., Conta-se que..., Há quem diga ..., Houve quem dissesse...*”, que põem em relevo tanto a imprecisão das origens quanto a coexistência de diferentes interpretações relativas ao mito; a outra, está relacionada a um discurso em que o narrador-personagem assume sua condição de escritor de ficção. Ambas as estratégias põem em evidência uma simultaneidade de versões que se interseccionam, mas que não são subordinadas à perspectiva autoral. Afinal, a consciência do exercício ficcional em lidar com a complexa construção de um

¹⁵¹ Há uma linha de reflexão em torno das potenciais relações entre os recursos da oralidade, a literatura e a formação do leitor, em trabalhos desenvolvidos pela professora Vera Medeiros, da UNIPAMPA, dentre os quais, destaco: MEDEIROS, Vera. Quando a voz ressoa na letra: conceitos de oralidade e formação do professor de literatura. *Organon*. Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v.21, n.42, jan.-jun. 2007.

¹⁵² SCHLEE, Aldyr Garcia. *Contos de verdades*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000. Todas as demais citações serão da mesma edição; portanto, lançarei apenas o número da página correspondente, no corpo do texto.

imaginário social é assumida como uma perspectiva discursiva – múltipla e aberta – do prefácio que lemos. Estratégia que sinaliza também a concepção dos demais contos que esse texto primeiro anuncia como *Contos de Verdades*.

Ao marcar-se na voz e na pessoalização do verbo – “Eu vos digo” –, o narrador evidencia, não sem evocar novamente toda uma tradição na qual se inscreve, sua condição de criador, sua posição no mundo que cria. A imagem de ouvinte/leitor que assume o ato criativo, integra e visibiliza as partes implicadas em todo processo interpretativo: conhecer a voz – vozes – do outro em sua diferença, deixando-a aberta, ainda que também significando-a produtivamente, inscrevendo-se, assim, leitor-criador. Essa performance criativa desenvolvida na diegese configura uma orientação não só para a leitura desse texto, mas também para o conjunto que constitui *Contos de verdades*, conforme já sugere o título.

Em "As grandes onças brabas", o narrador-criador, como se houvesse percorrido ruas, realizado entrevistas e inventariado na região acerca da lenda, assume novamente o jogo da memória como inscrição das formações sociais e revela-se personagem autoral. Contudo, tal narrador não submete as diversas vozes à sua, senão que as incorpora à diegese a partir de uma marcação de múltiplas vozes que contam versões do mito dos jaguares/ões: trata-se de versões de domínio público, de versões pouco conhecidas e de versões personalizadas acerca dos seres que habitam ou teriam habitado o rio Jaguarão.

A dinâmica discursiva, em que o narrador coloca-se como um ouvinte e produtor de significados sobre aquilo que ouve, por um lado, descortina um processo de criação e, por outro, fomenta no leitor a busca – e mesmo a criação – de outras possíveis versões não constitutivas da diegese, estratégias que abrem o processo interpretativo. Tal configuração marca a autonomia de "As grandes onças brabas" como mais um conto no conjunto ficcional de *Contos de verdades*, cuja leitura poderia ser realizada independentemente dos demais. Contudo, tanto a posição introdutória do texto quanto a simulação do processo de escritura orientam um modo produtivo de leitura, não somente do texto que se lê, mas da obra como um todo, integrando-o, assim, ao conjunto.

Tal qual a mobilidade da enunciação, que se conjuga por múltiplas vozes e ampla temporalidade, por onde transita o mito e suas interpretações plurais, "As grandes onças brabas" oferece as fontes e, sobretudo, as estratégias de criação da obra. Assumindo-se enquanto imaginação, memória e criação, a narrativa articula eventos, histórias, espaços e dizeres locais que se integram ao imaginário simbólico tanto do texto que ora lemos quanto dos demais contos que integram o conjunto dessa obra. Assim como o mito, a lenda e o caso adquirem vitalidade pela multiplicidade de adaptações à voz e à realidade de cada contador, também os demais contos constituintes desse volume, todos de origem pretensamente do cotidiano popular da região¹⁵³, adquirem sentido à medida de sua leitura e recriação, sendo que uma é a que é acrescentada pelo leitor-criador, autor de *Contos de verdades*.

Importante ainda é ressaltar que o texto é assinado pelas iniciais A.G.S., que o vincula ao nome do escritor, ritual que reitera sua condição de prólogo. No entanto, a ambiguidade genérica do texto que lemos ganha maior intensidade se relacionarmos sua autonomia, referida anteriormente, a pontuais informações de identificação na diegese, que associam a figura do narrador-autor à do escritor Aldyr Garcia Schlee. Tal *performance* de autorrepresentação, inclusive, nos permite pensar essa estratégia autoficcional¹⁵⁴ no texto e suas consequências sobre todo o processo narrativo de *Contos de Verdades*.

¹⁵³ É interessante destacar como essa obra em especial provocou, em meus alunos dos cursos de Pedagogia e Letras, da UNIPAMPA, um grande interesse em buscar, pela cidade, personagens, nomes de ruas, casas e espaços com os quais a obra lida. Entrando e saindo do jogo ficcional, a obra tornou-se uma diversão inclusive nos intervalos de aulas, em cafês, padarias e casa de xerox, por onde se conseguiu o livro antes de sua reedição. Eu mesma, uma vez que não sou do lugar, fui alvo de esclarecimentos acerca desses tópicos por alunos e outras pessoas da comunidade, que insistiam em orientar-me acerca da casa, da rua, ou mesmo de alguma personagem da cidade. O interesse foi mantido por alguns desses alunos, uma vez que levaram a obra inclusive para seus estágios junto às escolas locais, anos mais tarde, como se poderá acompanhar em alguns relatórios de estágio e em cursos de extensão nos arquivos da universidade. O relato dessa experiência de leitura visa, especialmente, deixar em aberto a possibilidade de reflexão sobre a importância das estratégias da oralidade na criação ficcional escrita, bem como sobre sua atuação na formação de leitores.

¹⁵⁴ Diferentes estudos acerca da autoficção apontam que essa prática criativa realiza-se à medida que um autor inventa, em seus textos, uma existência literária que remete a si próprio. Tal prática, apesar de implicar a identificação entre narrador, personagem e autor empírico, como ocorre na criação de cunho autobiográfico, dela se distingue à medida que implica, por parte do narrador, em "una calculada estratégia para auto-representarse de manera ambigua". (ALBERCA: 2007, 130) Desse modo, ao afetar a correspondência na representação do narrador e do autor empírico, a autoficção diferencia-se de uma visão pretensamente totalizadora dos sujeitos ficcionais e ficcionalizados pela diegese, como geralmente ocorre em uma narrativa autobiográfica. Considero importante os estudos inaugurais de Felipe Lejeune (1975) e Doubrovsky (1977) sobre a autoficção e, em especial, o balanço mais recente feito por Lejeune. Ver: LEJEUNE, F. *El pacto autobiográfico*, veinticinco años después. In: _____. *El pacto autobiográfico y otros ensayos*. Madrid: Megazul, 1994, p.159-171. No entanto, me inclino a seguir para além desses

Na configuração simbólica do ato da leitura criadora do narrador, há um desafio ao leitor para que interaja com o imaginário ficcional e com a experiência cotidiana dos signos articulados pela imaginação popular, cujos significados não se sobrepõem na narrativa e não se excluem, mas se iluminam reciprocamente. O papel de ouvinte, assumido amplamente pelo narrador, é a condição que lhe possibilita integrar, enquanto personagem autoral, as histórias ouvidas, as histórias sentidas, as histórias reprimidas, as histórias não contadas. São histórias que, em seu conjunto, acabam também por atuarem de modo significativo sobre a imagem da personagem autoral.

O conto "As grandes onças brabas" oferece-se, assim, como experiências vividas, privadas na singularidade de cada voz evocada e inscritas na diegese, mas que, ficcionalizadas, aspiram tornarem-se novamente intersubjetivas – socializadas – na leitura que cada um de nós empreende.

A recordação, que atua no campo da imaginação coletiva, abre-se também à individualidade, à singularidade da voz interpretativa de cada leitor e à reapropriação. Esse ato de leitura marca uma interlocução de distintas perspectivas de leitura como processo orientador da escritura, mobilizando, assim, novos e renovados contares a partir da obra. Também a ampla temporalidade implicada na narrativa marca o processo de reatualização do mito e, enquanto linguagem simbólica, promove um novo encontro a partir de cada leitura. Afinal, o narrador – ouvinte/criador – e o leitor, frente ao texto, atuam – também com suas temporalidades –, significando criativamente o texto.

Por isso a dimensão simbólica da literatura – e do mito – promove, em cada ato de leitura, um encontro sempre singular e também coletivo entre autor-leitor e o universo cultural de ambos. É nessa perspectiva que o narrador, investindo ainda em sua *performance* autoral, em "As grandes onças brabas", anuncia solenemente: “Eu vos

aportes com a leitura de Vicent Colonna e Manuel Alberca, não só porque ambos ampliam o marco de entendimento acerca dessa prática ficcional para muito antes da criação do neologismo, mas, também, porque me permitem refletir sobre as funções de tal representação dentro e fora do texto. Ver: Vincent Colonna. *L'autofiction, essai sur la fictionalisation de soi en litt'érature*. Linguistics. Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS), 1989. French. ALBERCA, Manuel. *El pacto ambíguo – De la novela autobiográfica a la autoficción*. Madrid: Ed Biblioteca Nueva, 2007

digo (...) Por tudo, prefiro contar histórias que me contaram como verdadeiras. Contos de verdades. A.G.S.”. (p.11)

Se, em outros tantos prólogos, o escritor assina com as iniciais de seu nome e se, na maioria de seus textos ficcionais, Schlee atribui a seus narradores dados prováveis de sua vida pessoal e reflexões em torno de estratégias poéticas, como as que ele mesmo utiliza, é em “As grandes onças brabas” que essa relação torna-se mais fecunda. No texto em questão, o escritor, ao estabelecer a relação onomástica entre narrador-personagem e o seu próprio, desestabiliza mais explicitamente um protocolo de composição e de leitura a que estamos habituados desde a ilusão realista – e perspectiva positivista – de simular um distanciamento entre autoria e texto.

Embora com a autonomia do texto escrito – em especial dos textos simbólicos –, a intenção do escritor é desbancada pela intencionalidade do próprio texto, isso não significa que as aspirações do autor tenham sido completamente perdidas; afinal, estão implicadas no texto que o escritor dispõe ao leitor. Partindo dessa concepção do pensamento ricoeuriano, em sua teoria da interpretação, e atenta às reflexões acerca da autoficção, entendo que a *performance* autoral movimentada pelo texto schleeriano reitera o jogo da ausência-presença de uma referência fecunda da obra ficcional: a do escritor empírico.

Evidentemente, um elemento importante no processo de interpretação de toda obra é sua historicidade em diferentes níveis – textual, contextual –, os quais precisam ser inter-relacionados no processo de leitura, onde reside também a historicidade do leitor. Nesse sentido, considerando que o texto ficcional não nasce de uma voz em abstrato, um dos elementos importantes de sua historicidade está implicado na representação – assumida ou não – por aquele que cria o mundo que lemos. Creio que, quando a representação de uma ausência cede lugar à representação da presença, ela desnaturaliza nosso olhar e intensifica a permeabilidade das fronteiras entre ficção e realidade social, estratégia recorrente na obra schleeriana, conforme busquei apontar anteriormente.

Em “As grandes onças brabas”, considero que o escritor expõe mais abertamente seu princípio de composição, em especial do conjunto narrativo intitulado *Contos de*

verdades, atitude, porém, que também movimentava uma reflexão, retrospectiva e prospectiva sobre a reiterada *performance* autoral inscrita em toda a sua obra.

Nesse sentido, ainda que o protocolo nominal seja fundamental para que se estabeleça o jogo autoficcional, questão que se dá unicamente em “As grandes onças brabas”, no conjunto da obra de Schlee selecionado por mim, não pude deixar de perguntar-me acerca das estratégias pelas quais o escritor coloca-se, de modo reiterado, como referência fundacional de seus textos. E, especialmente, sobre os significados que esse jogo promove no conjunto de sua obra, questões sobre as quais creio ter trabalhado anteriormente, mas que são retomadas na finalização dessa primeira etapa de leitura da obra do escritor.

No meu percurso de leitura, busquei destacar alguns caminhos temáticos e compositivos da obra de Schlee, a fim de entender o modo como ele constrói seu “território literário”. Apontei o diálogo de sua obra com a história, com a tradição literária da região, com um repertório fílmico de uma época e também com a tradição oral, como modalidades discursivas de um imaginário simbólico que, reapropriadas, atuam de modo significativo na criação da região da fronteira entre Brasil e Uruguai. Como indiquei na abertura do capítulo, essa posição geocultural, assumida na obra do escritor, abre-se enquanto memória e criação.

A memória de uma região cultural, entendida como inscrição das formações sociais locais e sua inter-relação com outros lugares no mundo, dá-se pela apropriação da história cultural que a leitura criativa do escritor faz e promove. É por esse viés que o escritor, ao longo de toda a sua obra, movimentava seus leitores a sentirem/pensarem a relação entre espaço, memória e a construção que dele fazemos. Por isso, o processo de criação é exposto em recorrente reflexão a respeito de suas fontes – escritas, pictóricas, orais – e de seus procedimentos discursivos, questões que envolvem também uma imagem autoral que, por sua vez, remete a poucos, mas precisos dados da vida do escritor. Essa estratégia especular expõe tanto a natureza ficcional do texto que lemos quanto reforça sua condição de recordação, esquecimento, seleção e invenção, na reapropriação que o escritor realiza do passado.

Já nas duas epígrafes de abertura de sua segunda obra – *Uma terra só* –, o leitor é advertido sobre os caminhos do universo da criação do escritor. Se a primeira epígrafe

“Aqui há uma terra só, há só uma gente, seja do lado de cá, seja do lado de lá”, manifesta uma assertiva que remete a uma referência geocultural, a segunda – “Faz de conta que tudo é verdade, faz de conta que a gente se lembra de tudo que podia ter havido de tudo que houve e de tudo que não houve lá e cá” – manifesta um convite, uma proposição ao universo da ficção, a fim de que se realize a pretensa assertiva.

O escritor acentua a natureza ficcional de sua obra, valendo-se de enunciados pragmáticos que fazem referência ao ato de contar, aos tempos da enunciação, à situação enunciativa, à constituição de elementos do texto e, em especial, à figura autoral. Talvez ainda seja necessário lembrarmos que “no hay mimesis sin sujeto, pero no hay sujeto que se constituya al margen de la mimesis del mundo” (POLAR, 1966:22) A obra de Schlee não se limita, assim, a uma representação de determinada realidade, mas privilegia antes a criação de uma realidade e, para isso, aposta no processo de leitura, escritura e imaginação do mundo.

Por tal viés, a palavra schleeriana transpassa uma estratégia de atuação de ordem cognitiva, baseada no saber e no não saber, já que seus narradores manifestam reiteradamente os limites, as incertezas e as possibilidades da memória e da criação enquanto elaboração discursiva. Considerando as reflexões de Ricoeur em torno da memória¹⁵⁵, entendo que Schlee, em suas obras, lida com a memória em um movimento de lembrança individual, que se funda na inter-relação com o outro. Nesse sentido, lembrar de mim é também lembrar de outros(s) e, a partir de uma condição perceptiva-reflexiva em relação à sociedade, é que cada um constrói a sua própria memória.

Esses princípios compositivos são marcados em seus recursos discursivos. Assim, em *Contos de Sempre* a narrativa assume recursos discursivos de um narrador que manifesta uma posição de quem não tem ou não quer ter o controle absoluto sobre o universo que narra, conforme bem indiciam os seguintes exemplos: “Talvez se diga”, “Prefiro crer”, “Imagino que”. Tais recursos, de grande incidência sobre o processo interpretativo do leitor, em outros, seria levado ao limite da ambiguidade, como ocorre em *Contos de verdades*: “prefiro contar histórias que me contaram como verdadeiras”.

¹⁵⁵ Baseio-me, especialmente nas reflexões desenvolvidas por Paul Ricoeur em “Memória Pessoal, Memória Coletiva”. In: _____. A memória, a história, o esquecimento. Tradução: Alain François et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2007, p. 105-142.

Marcando sua estratégia de ouvinte-criador, o escritor provoca a cumplicidade imaginativa do leitor em seu processo interpretativo, chamando atenção para a construção de seu lócus de enunciação, um modo de situar e criar a região.

Ressalto, no entanto que, se já não podemos ignorar a presença autoral – e com ela a autossuficiência do texto que lemos –, no processo de interpretação, tampouco podemos torná-la determinante de nossa leitura, uma vez que ela, inclusa em um texto de ficção, também se ficcionaliza. Inclino-me, por isso, a pensar a autorrepresentação, que assume diferente intensidade em cada texto de Schlee, como um modo de afirmação de um espaço criativo.

Nesse sentido, considero que, assim como a referência geocultural da fronteira entre Uruguai – Brasil, marcada na diegese, inviabiliza uma abstração do espaço e orienta o leitor em seu processo interpretativo, também a *performance* autoral é uma referência fundacional do texto. Tomá-la como tal é considerar essa atuação não somente a partir da seleção de dados de ordem biográfica – extratextual – dispersos ao longo de sua obra e de uma autoimagem criativa – contextual e intratextual – que vai se formando e reafirmando também ao longo de toda a obra do escritor, mas, sobretudo, essa autorrepresentação pode ser compreendida como uma estratégia discursiva por parte do escritor na construção de sua posição autoral. Afinal, frente a “todo um sul sem norte” e mediante uma obra que destaca constantemente os limites e insuficiências da memória e da linguagem para contar, seria incompressível um mundo sem referências. É esse princípio que mobiliza as duas atitudes do escritor: situar e (re)criar o espaço implica também situar e criar quem o imagina.

A partir da leitura do conjunto da obra do escritor, selecionei inicialmente apenas alguns contos por considerá-los suficientes para pensar sobre o processo criativo do escritor na criação de seu espaço simbólico. A variação temática, articulada em um conjunto heterogêneo e dinâmico de motivos, colocou-me frente a múltiplas possibilidades de leitura da obra do escritor. Outros fossem os contos escolhidos, certamente, a outros caminhos de leitura teriam me levado. Afinal por que não escolher temas como o futebol ou a presença do circo, tão presentes em sua obra, ou narrativas que poderiam ser pensadas a partir do novo discurso ficcional histórico, ou ainda contos com vínculo mais expressivos com a literatura gauchesca? Essas e outras possibilidades de leitura procurei deixar em aberto ao longo de minha pesquisa e exposição.

Minha escolha, frente a inúmeras alternativas, deve-se a alguns motivos que prefiro deixar explícitos: primeiramente, a de uma convicção de que, ao lidar com a obra de um escritor, não podemos nos iludir com a pretensão de abarcá-la em sua totalidade. Dela nos acercamos por diferentes ângulos, mas aos poucos, não só pelos limites impostos pelo tempo no exercício hermenêutico, mas, sobretudo, porque deixamos a arena aberta para novos ingressos: os nossos próprios e de outros leitores. Por isso, frente a múltiplas possibilidades, como bem sinalizou o narrador de “O Barco das Ilusões”: é sempre necessário priorizar um rumo de leitura, ainda que incompleto e provisório. Por isso, considere uma etapa fundamental do trabalho sinalizar a variedade temática da produção de Schlee. E a partir da escolha de alguns de seus núcleos, buscar entender quais são as estratégias discursivas recorrentes e os significados que elas mobilizam na criação do espaço simbólico proposto pelo escritor.

Assim, especialmente orientada pelas regras do jogo propostas nos textos do escritor, pude identificar dois princípios compositivos que se reiteram em sua poética narrativa: um relacionado à concepção da memória e da ficção; o outro, pertinente à posição do narrador. Como mostrei anteriormente, tais princípios interligados, na obra do escritor, atuam fortemente na construção de seu “território ficcional” e mobilizam a outra visão da região de fronteira do Cone Sul, tomada como referente. A partir dessa compreensão, consegui pensar mais profundamente sobre o que eu apenas havia colocado sob “suspeita” no capítulo anterior.

No caso da literatura de fronteira a que me dedico, ou seja, parte significativa de um sistema cultural criado entre Brasil, Uruguai e Argentina, eu havia tomado com desconfiança a homogeneização do imaginário simbólico dessa região, predominante no imaginário da crítica a ela dedicada. Mediante a leitura cotidiana de obras de diferentes escritores da região e, aqui dedicada à leitura crítica da obra de um deles, Schlee, entendo que desarticular tal homogeneização realizada pela crítica literária requer ir além da leitura e releitura da literatura gauchesca, conforme evidencia a literatura de Schlee, em sua pluralidade de ordem temática, discursiva e, conseqüentemente, imaginária da região.

3.2 O Imaginário da Prostituição: outra face da Modernidade

Un largo camino falta recorrer para que la idea de comprar personas merezca el mismo repudio que la defensa de la esclavitud o de la supremacía de alguna raza.

(LUGONES, 2008)

la prostitución no es el oficio más viejo del mundo sino la forma de violencia más antigua. (Anónimo feminista)

Assim, alcançado um primeiro objetivo, qual seja, o de entender como o escritor Aldyr Garcia Schlee, ao criar seu espaço simbólico, propõe outro norte para se pensar a região a que se refere, optei por retomar meu caminho de leitura de sua obra, elegendo, um tema específico: o universo da prostituição.

Esse tema recorrente na obra do escritor fronterizo inquietou-me desde a primeira leitura que realizei de seu conjunto narrativo, mas me provocou maior interesse a partir do lançamento de *Contos da vida difícil*, em 2013.

Na obra citada, o escritor, tendo como uma das principais referências para a criação de seus contos o livro *Las rutas de Eros – la trata de Blancas en el Atlântico Sur. Argentina, Brasil y Uruguay (1880-1932)*, (2006), de Yvete Trochon, historiadora uruguaia que pesquisou acerca do tráfico de mulheres da Europa para os países do Atlântico Sul, cria não só contos que têm ligação com a rede de tráfico de mulheres brancas, estudada por Trochon, mas também contos acerca de práticas de prostituição desenvolvidas na região, em função das condições da própria sociedade local.

Essa dinâmica compositiva de *Contos da vida difícil* orientou-me a reabrir a leitura da obra de Schlee em torno do tema do universo da prostituição. Afinal, se o tráfico de mulheres europeias para trabalhar na região é exposto como principal motivo narrativo do livro em estudo, o tema da prostituição está presente ao longo de toda a obra do escritor.

Por isso, desdobrando meus questionamentos iniciais acerca da obra do escritor, passei a perguntar-me: de que modo o tema da prostituição articula-se com a criação do

espaço simbólico que o escritor promove da região? Que outros escritores da região têm trabalhado com a mesma temática?

O primeiro questionamento orienta minha leitura acerca desse tema na obra de Schlee; o segundo, procura, por um lado, perceber a relevância do tema na região e, por outro, deixar caminhos abertos para novas leituras.

Recorrendo à leitura da crítica acerca do tema, além do artigo anteriormente citado de Lélia Almeida, destaco o de Fernando Aínsa “La temática de la prostitución itinerante en Amarin y su inserción en la ficción hispanoamericana” (1988).

O crítico observa a recorrência do tema da prostituição em diversos romances uruguaios e considera que essa produção está inserida em uma constante temática de longa tradição na narrativa latino-americana de modo geral. Ao longo de seu estudo Aínsa aponta e comenta narrativas de diferentes escritores hispano-americanos sobre o tema e ao voltar-se para obras uruguaias destaca: *La carreta* (1932) e *Corral abierto* (1956) ambas de Enrique Amorin, *Sombras sobre La tierra* (1933), de Francisco Espinola e *Junta cadáveres* (1964), de Juan Carlos Onetti. Centrando-se na obra de Amorin, Aínsa salienta alguns tópicos importantes: a abordagem da prostituição itinerante como um tema inédito no âmbito da narrativa americana; o vínculo dessa modalidade à crise do circo itinerante no início do século XX; e o caráter “empresarial” da prostituição. Ou seja, “Todos los componentes de la estratificación prostibularia están dados desde el principio de la novela” (AÍNSA, 1988: 320)

Considerando meu repertório de leitura de algumas das obras citadas e, especialmente, a leitura crítica desenvolvida pelos dois pesquisadores observo que o conjunto narrativo delimitado por Almeida tematizam a prostituição a partir de motivos como concubinato, acoso masculino às “crias da casa”, incesto, a apostas e peleias cujo “objeto” de premiação é a mulher/china e ao trabalho de vivandeiras junto a tropas militares, nos permite visualizar um momento histórico - mas não encerrado - de modalidades vinculadas à prostituição. Se o trabalho de Almeida ainda sinaliza o caráter itinerante das vivandeiras como recurso de autonomia e sobrevivência para as mulheres, é o artigo de Aínsa que ao privilegiar a obra de Amorin, destaca a dimensão comercial, lucrativa, que a prostituição passa a adquirir nas décadas iniciais do século XX. Por um lado Aínsa sinaliza em sua leitura de *La carreta* que as mulheres deixavam de ser objeto

de trocas para elas mesmas também assumirem - ainda que parcialmente - o comércio de seus corpos, por outro que o texto de Amorim trata “una realidad de ‘cruda miseria sexual’” (p.321).

É nesse sentido que o universo da prostituição, enquanto comércio sexual, que implica não só a prostituta, mas também outros que integram esse sistema - o proxeneta, a cafetina, os meninos de recado, as crianças, a família, jogos, música, entretenimento social e a iniciação sexual masculina e, evidentemente, o usuário dos serviços - passa a integrar o argumento central de narrativas ficcionais, fundamentalmente quando os ficcionistas também incluem como motivo literário o processo de urbanização por que passa a região.

Ao fazer um levantamento de obras mais recentemente publicadas, além dos textos do escritor selecionado – Schlee– elenco aqui outras que assumem o tema da prostituição como argumento central de suas poéticas criativas: *La balada de Johnny Sosa*, de Mario Delgado Aparain (1987), *Naná, Punta del Este la noche de los 500 amores*, de Carlos Maggi (1991), o romance *Ivo, El Emperador*, de José Gabriel Ceballos (2002), e seus contos como “Piélagos insondables de Afrodita” (1988), “Cambá Honório se enamora”, (2004), “Uma noche memorable en el Farol Rojo” (2013). De Sergio Faraco, contos como “O voo da pequena garça”, “Dançar tango em Porto Alegre”, o conto “Ese resto de honor”, da escritora uruguaia Glenia Eyherabide. Conforme se poderá perceber, as obras ficcionais acerca do tema aqui destacadas foram por muito tempo tratadas apenas por escritores homens; só recentemente encontro, além do texto de Eyherabide, alguns romances escritos por mulheres, entre eles: *El perfume de Alhucemas* (1999), de Celia Curatella; *Mireya* (1999), de Alicia Dujovne Ortiz e *La Polaca, Inmigración, rufianes y esclavas a comienzos del siglo XX*, de Myrta Schalom (2013), as três, escritoras argentinas.

Saliento que contrastar os imaginários dos escritores e escritoras poderá ser um importante foco de leitura para a continuidade deste trabalho investigativo. Destaco ainda que as narrativas das escritoras aqui citadas, com exceção do conto de Eyherabide, não têm como espaço diegético a região de fronteiras, se não que eminentemente situam suas narrativas entre Buenos Aires e outros lugares de trânsito de suas personagens, as quais em geral estão ligadas ao tráfico internacional de mulheres.

Assim, entrando no imaginário da prostituição a partir da obra de Schlee busco refletir acerca das relações que ele promove entre esse universo e a criação de seu espaço simbólico. Com tal propósito, seleciono e desenvolvo minha leitura do tema da prostituição na obra de Aldyr Garcia Schlee nesta última etapa do meu trabalho.

Considerando o exposto, destaco novamente que, além das fontes teóricas que perpassam minha leitura da ficção até o momento, recorro às reflexões das filólogas María Lugones e Cláudia de Lima Costa, bem como da historiadora Margareth Rago porque, situadas no âmbito dos feminismos da diferença, seus aportes acerca do tema da prostituição possibilitam-me pensar mais profundamente as relações entre esse universo e as distintas relações de poder, questões com as quais o escritor lida em seus textos.

Cabe destacar ainda que, se, na Europa, a contrapartida dos padrões de comportamento social e de base para a família burguesa, conforme aponta Lugones (2008), foi a propagação da prostituição que em determinados históricos obteve pleno aceite e, em outros com reservas, na América Latina, o paradigma instaurado desde o período colonial agravou-se porque tal comportamento forjou-se na desintegração de famílias não brancas e no pleno acesso sexual de mulheres negras e nativas.

Tais situações históricas estão na base do sistema patriarcal. Assim como tal sistema concebeu a mulher como heterossexual, casta, sexualmente pura e passiva, relegando-a ao espaço privado e restringindo também seu conhecimento e autonomia, dissimulou também outra zona de incongruência de tal sistema. Esse jogo de ordem política, de sujeição do saber e do ser agrava-se quando percebemos que a imagem de fragilidade construída em torno da mulher colide com o papel que outras mulheres tiveram que enfrentar como escravas, “crias de casa”, domésticas, prostitutas. Assim se um das faces da questão do lugar que a mulher tem ocupado no âmbito do sistema patriarcal vem sendo visibilizado desde os movimentos feministas dos anos sessenta, há outro lado ainda mais violento desse sistema que permanece encoberto. O das mulheres trabalhadoras que, apesar de não ficarem restritas ao ambiente do lar e labutarem duplamente, foram mais profundamente submetidas ao domínio das relações de poder instituídas socialmente. O feminismo da diferença posiciona seu olhar a partir dessa situação ignorada historicamente, inclusive, pelos estudos feministas clássicos.

Pensar as razões pelas quais ao longo da história da Modernidade as mulheres tronaram-se prostitutas - quer por terem quebrado as normas familiares, quer pela busca de uma alternativa de sobrevivência, ou mesmo pela busca de algum direito sobre seu próprio corpo e prazer - implica em reconhecer as diversas faces de um mesmo sistema social que ainda segue vigente.

Centrando-me no universo da prostituição, que se reconfigura constantemente e atualmente é apontado como o segundo negócio mais rentável do mundo,¹⁵⁶ destaco que diferentes áreas das ciências sociais têm se dedicado à questão. No âmbito das tendências do pensamento feminista há uma linha de reflexão que entende a prostituição como um modo de escravidão e propõem o apoio e /ou a repressão com vistas a extingui-la; há a que reconhece prostituição como uma prestação de serviços e há inclusive a que entende como um trabalho subversivo à ordem social sexista.

Frente às diferentes perspectivas, uma linha como a desenvolvida por Lugones, situada no âmbito de um feminismo da diferença, ou feminismo do sul enquanto metáfora, interessou-me porque ao inter-relacionar categorias como sexo, sexualidade, “raça”, classe e sexualidade, ela potencializa uma reflexão, contextualizada no tempo e no espaço, acerca das camadas de subordinações que se sobrepõem nas distintas relações de poder sobre a qual se (des) equilibra nossa sociedade Moderna.

Como destaquei anteriormente, busquei retomar uma linha que antes de *Contos da vida difícil* está presente, mas dispersa, entre a variedade temática da obra de Schlee, desde seu primeiro lançamento. Em muitos de seus textos anteriores, o escritor integra o motivo da prostituição no desenvolvimento de suas narrativas; no entanto, em alguns casos, o motivo prostibulário é tomado como um ponto de fuga, ficando em aberto na diegese, que se desenvolve por outro caminho criativo. Em outros tantos contos, o escritor torna central o motivo da prostituição. Nesses casos, temos um conjunto narrativo em que o escritor, situando-a predominantemente como um fenômeno urbano, oferece uma perspectiva ampla acerca do universo da prostituição. Assim, além de abordá-la como comércio sexual de mulheres adultas ou crianças, no âmbito de bordéis e “pensões de mulheres”, ele enfoca a questão também pela dimensão social de

¹⁵⁶Dados obtidos a partir do texto: Claves básicas para reflexionar sobre um problema. Espanha: APRAM/Fundación Mujeres, 2005.

convivência em circos, teatros, cafés e cabarés, espaços que se compõem pela oferta de jogos, apresentações artísticas e entretenimento ao público eminentemente masculino.

Do primeiro caso temos, dentre outros, os contos: “Estação Rio Branco”, “Um brilho nos olhos”, “Mañana por la mañana”, “Um caderno de boleros” e “Só Madressilva!...”, da obra *Uma terra Só*; “Braulina”, “Les Rethy”, de *Contos de sempre*; “As grandes onças brabas” e “A amante francesa”, de *Contos de verdade*. No conjunto recortado, o motivo da prostituição é citado e articulado de modo tangencial a outro(s) motivo(s), na composição de um tema central, desenvolvendo-se em torno de protagonistas masculinos.

O segundo conjunto pode ser percebido pelos contos “Como uma parábola”, de *Contos de Sempre*; “Artigas Guichón”, “O fresco e a caftina”, “As costas e a palma da mão”, de *Linha divisória*; os contos intitulados “Rosaura”, “Mulata-flor”, “Berta” e “La Madorell”, de *Os limites do impossível* – contos gardelianos –, além, é claro, de toda a obra *Contos da vida difícil*.

Em ambos os casos, o universo da prostituição emerge associado à modernização por que passa a região e, em especial, no segundo conjunto de contos, predomina uma forte codificação de suas práticas pelo paradigma “francês”, propagado entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX¹⁵⁷.

¹⁵⁷ A França, desde a segunda metade do século XIX, experimentou múltiplas modalidades que conformam o sistema da prostituição, com suas casas reservadas, seus espaços públicos, os cafés-concerto, os teatros, os grandes salões etc. Para uma visão ampla e profunda dessa situação proteiforme da prostituição na França, destaco a magistral exposição “*Splendeurs et misères - Images de la prostitution 1850-1910*”, aberta em Paris, de 22 de setembro de 2015 a 17 de janeiro de 2016, no Musée d’Orsay. A exposição reúne pinturas de artistas como Edgar Degas, Paul Cézanne, Édouard Manet, Pablo Picasso, Toulouse Lautrec, mas também esculturas, fotografias, excertos de filmes pornográficos e de vários outros objetos como mobílias, livros de registro policial, de agendamento de encontros, laudos médicos, entre outros, que fomentam um imaginário em torno do que foi o cotidiano da prostituição em suas diferentes modalidades. Essa exposição foi concebida pelo Musée d’Orsay, de Paris e pelo Van Gogh Museum, de Amsterdã. No Museu d’Orsay, em complemento à exposição, foi recomposto em um de seus espaços um cabaré – Café Polisson –, foram oferecidos concertos musicais, leituras de textos literários e projeção de óperas da época, assim como de filmes sobre o tema. Eu tive a oportunidade, graças à bolsa CAPES, de ingressar algumas vezes durante minha instância em Paris, nesse universo proposto pelo Museu. Para os que não puderem desfrutar o impacto do ambiente produzido pela curadoria, recomendo acercarem-se da exposição pelo catálogo da exposição, que está anexado a meu trabalho, pela leitura do livro *Splendeurs & Misères – images de la prostitution 1850-1910*, Paris, Musée d’Orsay, 2015, Falmmarion; pelo documentário em DVD, intitulado *Cocottes et courtisanes dans l’oeil des peintres*, de Sandra Paugam, Paris, arte editions, 2015 e pelo site do museu - www.musee-orsay.fr, com palestra de lançamento e entrevistas.

No entanto, considero que a abordagem do tema da prostituição, na obra de Schlee, traz consigo outro motivo axial em sua obra: o da violência intrínseca do sistema patriarcal¹⁵⁸ e suas consequências em nossa sociedade.

Se a ele já me referi aqui, ao tratar no conto "A viúva de Quinteros", especialmente pela construção social do poder masculino, que levou a obscurecer a memória local em torno da relevância do papel desempenhado ou que poderiam ter assumido as mulheres na formação da região, poderia elencar inúmeros outros contos ao longo da obra do escritor. Contos que, fora do tema da prostituição, lidam com histórias encobertas acerca do casamento, da sexualidade imposta tanto a homens quanto a mulheres e de padrões de comportamentos sociais que revelam a profunda violência do sistema patriarcal, especialmente, sobre as mulheres, mas também sobre as crianças e, inclusive, sobre os próprios homens.

Porém, aqui, atenta à inter-relação desses dois motivos – prostituição e sistema patriarcal – , desenvolvo uma leitura do imaginário da prostituição na obra de Schlee, a partir de textos anteriormente citados.

Destaco que, se também nessa linha criativa, o escritor, de modo geral, mantém a *performance* autoral como uma referência fundacional do texto e lida com as potencialidades da memória como estratégias para mobilizar o leitor a pensar a região no âmbito das transformações por que passava o mundo moderno, nesse conjunto narrativo, ele integra a seu imaginário o universo da prostituição em diferentes modalidades.

Se o espaço simbólico na literatura de Schlee funda-se no processo de modernização da região da virada do século, cujos símbolos do progresso, marcados pela construção da ferrovia e da ponte internacional, assinalam a abertura de um espaço de circulação mais efetivo de mercadorias e pessoas entre a região e as capitais do Prata, pelo movimento de imigrantes de distintas nacionalidades da Europa, pela mobilização

¹⁵⁸ O conceito de patriarcado toma diversas acepções no heterogêneo campo de estudos feministas, os quais, buscando distanciarem-se do conceito patriarcal do patriarcado, passam a entendê-lo como uma construção social. Eu, ao me referir a sistema patriarcal, comparto reflexões desenvolvidas no âmbito do feminismo da diferença, o que me leva a entendê-lo em suas múltiplas articulações, ou seja, como um dos principais eixos do sistema de poder que, ao controlar as relações sociais de gênero, logrou não só o controle do sexo, seus recursos e produtos, mas também se impôs enquanto autoridade sobre modos de viver, de comportar-se e do saber na sociedade.

de novos imaginários via rede de cinemas¹⁵⁹, oferece também a outra face do progresso, evidenciada pelo aprofundamento da miséria e pela ampliação da prostituição a uma escala intercontinental.

Quem poderia acreditar em Jaguarão que ela fora virgem disputada em São Francisco? Que viera com a mãe da Rússia para a França, da França para a Argentina, da Argentina para os Estados Unidos... e que tinha menos de vinte anos ao aparecer aqui na fronteira... (SCHLEE, 2013:45)

É, especialmente, conforme comentei anteriormente, a partir de uma perspectiva contrapontística, que Schlee constrói seu universo ficcional. Entrelaçando histórias, comparando situações, gentes e lugares, seus narradores transitam constantemente entre inúmeras fronteiras – geopolíticas, culturais, ficcionais, sociais e, inclusive, de gênero –, para buscarem um norte dentro do universo que narram. Assim, na construção de seu espaço simbólico, a obra schleeriana, predominantemente, opta por personagens que estão/ficaram à margem – ontem e hoje – de todo o pretense progresso da região a que se refere.

Se, anteriormente, tratei aqui do apagamento da presença de mulheres na história da região, de um ex-peão transformado em embarcadiço ou em chefe de estação de trens e também de um narrador que insiste em assumir sua posição de criador em relação ao universo que narra, agora, ao voltar-me para o tema da prostituição na obra de Schlee, outros protagonistas emergem. São prostitutas, michês, gigolôs, caftinas, caftens que, também no compasso da modernização, mobilizam o leitor a refletir sobre outro território marginalizado não só pela história e ocultamento de uma memória da região, mas também pelas condições de um sistema patriarcal eurocêntrico que não se restringe ao local.

Por esse viés, as fronteiras com que lida o escritor assumem contornos mais complexos porque o espaço de suas personagens situa-se também na penumbra que envolve os cabarés, os teatros, as pensões de mulheres, os bordéis. Enfim, um universo que, embaçado pelo jogo de cores, ruídos, luzes e perfumaria, constrói seu poder de

¹⁵⁹ A presença de experimentações cinematográficas bem como de espaços de cinema no Rio Grande do Sul a partir de início do século XX ainda é pouco estudada, no entanto, os críticos apontam sua relação com as migrações para a região. Ver: Becker, Tuio (Org.). *Cinema no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre : Unidade Editorial, 1995. (Cadernos Porto & Vírgula, n.º 8). Becker, Tuio. *O cinema gaúcho*. Porto Alegre: Ed. Movimento, 1981.

sedução na ambiguidade do mundo paralelo em que se instaura, reforçando, assim, a dissimulação do lugar que, historicamente, a prostituição tem ocupado na sociedade patriarcal de modo geral.

Conforme já apontei, há um conjunto de contos em que o motivo prostibulário é tomado como um motivo que integra outro(s), ficando em aberto na diegese, que se desenvolve por outro caminho criativo. Desse conjunto elencado, desenvolvo a leitura de alguns contos, expressa na sequência.

Em “Um brilho nos olhos”, Pichón, um filho de prostituta, titubeia, em uma semi-inconsciente produzida pelo álcool, entre seus vínculos afetivos, com uma jovem prostituta que o sustenta, Rosa, e a possibilidade de ser amado por outra jovem de família tradicional. Tal questão sugere ao leitor um drama pessoal, mas que tem suas raízes em profunda violência social. Afinal, a personagem estigmatizada por sua condição, conforme o situa o narrador, “(... o jogadorzinho pequeno que não sabia quem era o próprio pai, mas cuja mãe todos conheciam)” (SCHLEE, 1984:50) levava no corpo e entre seus sentimentos mais profundos, a autocensura e o reiterado desprezo social. O narrador heterodiegético, distanciando-se da personagem, associa-se, pela violência verbal com que descreve e narra as ações do protagonista, às vozes que ecoam na sociedade a seu respeito. “Mas, também o narrador, aproximando-se das dúvidas da personagem, questiona: Por que ela não poderia gostar dele como Rosa? (...) Por que não poderiam casar e ter filhos como toda a gente? Por que ele teria que dar explicações?”. (p.56) O jogo discursivo conflituoso do narrador – semelhante às ações e pensamento do protagonista – é proposto ao leitor. Por esse viés, se a prostituição não aparece como motivo central na narrativa, o leitor é mobilizado – pelo tensionamento – a refletir sobre as ações da personagem, que reforçam sua condição de pária e os questionamentos abertos, que trazem implicados tanto a falta de autoestima por parte da personagem quanto a perversidade decorrente do estigma da profissão, que segue plasmado nos filhos de prostitutas. Essa questão, que aparece também como motivo tangencial em alguns outros contos do escritor, raramente é considerada por outros escritores.

Também no conto “Só Madressilva!...”, a prostituição aparece como um motivo secundário, uma vez que, na narrativa, a voz intradiegética lembra e conta, a partir de vozes sociais – familiares, vizinhos, desconhecidos – a história de um jovem de família

tradicional que se envolve em relação de concubinato com uma moça de família simples. Mediante os argumentos e a persuasão financeira da família do jovem, os pais da “rapariga” levam-na para uma “pensão de mulheres”, a fim de afastá-la do rapaz. A persistência e o sofrimento silencioso do jovem, que jamais se retira da casa em que vivia com a jovem, bem como a ausência da personagem feminina, apenas referida, dá a dimensão do poder familiar. Uma, por levá-la ao prostíbulo, outra por usar todos seus recursos para tentar subjugar o filho as suas normas e padrões. Não só a resignação da moça frente ao destino imposto a ela, senão que sua forte decisão de jamais aceitar novamente o jovem sugerem as consequências de tal submissão para ambos.

Mas a diegese está centrada na resistência silenciosa, por parte do rapaz – incompreensível socialmente para os outros –, de jamais sair de junto da casa onde viveu com a jovem, oferecendo outra perspectiva de leitura dessas relações de poder estabelecidas no âmbito familiar. O texto, longe de levar o leitor aos clichês da fragilidade de jovens de boa família, que sucumbem ao poder fatal de uma mulher, coloca o leitor frente ao poder e à intolerância familiar e suas consequências nas vidas privadas. “Até que um dia vieram contar que Onofre havia deixado aquele rancho de beira de sanga. E foram encontrá-lo perto do prado, agachado em soleira de porta, implorando que ela o deixasse entrar”. (SCHLEE, 1984: 143)

Nesse caso, o texto de Schlee, ainda que abra uma possibilidade de leitura em torno da extrema violência em torno da mulher, privilegia a perspectiva da situação masculina. Nessa direção, o conto mobiliza o leitor a pensar as relações de poder fundadas em um sistema patriarcal, que traz implicado uma concepção de família, de valores morais e de poder financeiro, que podem atuar também com forte violência sobre os homens.

Também em “Braulina”, de *Contos de Sempre*, o argumento narrativo segue o mesmo caminho, já que o tema articula-se entre a possível relação entre jovens e as relações de poder familiar. A jovem Braulina, negra, com seus sedutores olhos azuis, “cria da casa” para todos os afazeres, fica entre a sedução do adolescente da casa que, na descoberta de sua própria sexualidade, sonha em casar-se com ela, e a sugestão, por parte do narrador, do assédio também do senhor da casa, seu possível pai. Nesse ambiente de fragilidade e instabilidade da personagem feminina – também de descoberta de sua sexualidade e provável acosso masculino –, Braulina desaparece por

ter sido vendida pela mãe, prostituta uruguaia, moradora do outro lado da ponte, para casar-se com um militar brasileiro que a teria levado para o norte do país.

O conto, se bem lida com elementos recorrentes na ficção latino-americana contemporânea, que tratam das causas da prostituição no ambiente doméstico – erotismo feminino, descoberta da sexualidade dos jovens, paternidade ignorada, disputa velada entre os homens da casa, sobretudo, sobre as serviçais/empregadas –, elementos com os quais o escritor expõe o ambiente de vulnerabilidade da personagem feminina, acentua essa condição, ao acrescentar a comercialização de Braulina por sua mãe. O motivo, de extrema violência, aduzido ao argumento narrativo, oferece novamente ao leitor a dimensão das margens possíveis de vida a que foram – e ainda são – submetidas muitas mulheres, no âmbito do poder patriarcal. Por sua vez, esse argumento, bem como a localização estratégica em que Schlee situa o conto, ou seja, no capítulo intitulado “os de hoje”, da obra *Contos de sempre*, mobiliza o leitor a ampliar a leitura do espaço-tempo em que a narrativa se desenvolve para uma reflexão acerca de histórias mais recentes: histórias cotidianas que associam repressão sexual feminina, pobreza, comercialização de jovens mulheres e casamentos precoces, noticiadas com frequência em todo o Brasil e, em especial, como um dado da realidade naturalizada no norte do país, ainda hoje.

Como busquei exemplificar com a leitura desses três contos, o motivo da prostituição é articulado a outro(s), na composição de um tema centralizado em torno da violência do sistema patriarcal. Nesse sentido, tanto o estigma que legitima a marginalização e reforça a exclusão quanto a hipocrisia e o poder das relações familiares, problematizadas no texto, potencializam uma reflexão acerca da questão de gênero, não apenas como um problema de ordem feminina, pois ainda que a mulher seja a principal submetida nas relações de poder, também os homens são vítimas de papéis que estão naturalizados em nossa sociedade.

Já na obra *Linha divisória*, o tema da prostituição diversifica-se e ganha a perspectiva daqueles/daquelas que vivem, atuam ou atuaram diretamente nesse universo como um comércio sedutor ou como uma alternativa de vida em uma vida sem muitas alternativas. Tópicos que serão retomados em *Contos da vida difícil* e estratégias discursivas tematizadas em *Contos de verdades*, tal como demonstrei anteriormente:

conto o que me contaram, o que ouvi dizer, e o tudo que se conta assume outras versões, quer pela ficção, quer pelas vozes populares, quer por outras vozes.

No conto “Artigas Guinchón”, o narrador retoma, a partir das lembranças de um velho amigo, toda a magia de um antigo cabaré de sua cidade e, em especial, da figura sedutora de um cáften:

Era Artigas Guinchón. Artigas Guinchón: aquele castelhano alto, que chegava sozinho no seu coupé brilhante e entrava no cabaré ostentando a capa preta como um mágico de revista. (...) Um estalar de dedos aqui, uma piscadela de olhos ali, pronto! tudo mudava no cabaré: o jogo, a música, a iluminação, a magia, e o sonho! (SCHLEE, 1988:18)

A partir dessa aura de glamour, elegância e sedução atribuída ao cáften, o narrador dá a dimensão do requinte também do cabaré, que é reforçado na narrativa pela elegância enigmática das mulheres estrangeiras, recém-chegadas de Buenos Aires. O cabaré em Jaguarão, misto de clube de jogos, de bar e local de encontros, requer um cafetão como Artigas Guinchón para que a alta classe de latifundiários – exportadores de carne e proprietários de palacetes como o que se instaurou o cabaré¹⁶⁰ – da região pudesse estar em sintonia com os mais luxuosos requintes da prostituição que se ofertava em lugares mais desenvolvidos, como Paris, Buenos Aires e Rio de Janeiro, uma das rotas de trânsito das que vinham para a região. Assim, o espaço de sociabilidade elegante, propiciado pela passagem de grupos de mulheres vindas da Europa via portos da Argentina e Uruguai, em direção às capitais brasileiras, é narrado por uma descrição que realça, por um lado, o fetiche em torno das “mercadorias estrangeiras” – mulheres, champagne, jogos – e, por outro, mais lembra a composição de uma cena dos quadros de Toulouse Lautrec ou de Jean Louis Foran.

Ninguém se animava a falar-lhes e elas se localizavam numa mesa com um proxeneta de dinner-jacket com pinta de veado; elas cochichavam e tomavam champagne e reviravam os olhos e fumavam de piteira e lançavam alto a fumaça de seus cigarros e ficavam languidamente olhando a fumaça... (p.17)

A cultura da diversão e do requinte, disseminada pelo paradigma dos bordéis europeus de início do século XX, é cultivada na região com seus papéis bem definidos do cafetão, das prostitutas de luxo como chamariz para os clientes, dos que apenas jogam e olham, em uma espécie *vouyerismo* que realça o status do que está

¹⁶⁰ A relação entre a arquitetura da cidade de Jaguarão e as condições econômicas alcançadas no início do século XX é tratada na dissertação de Lidiane Corrêa Ensslin. Ver <https://www.lume.ufrgs.br/>

ambigualmente exposto. Por um lado é a imagem de uma *performance* dos que vivem da prostituição que ambientam o espaço, mas por outro é também a ausência/presença dos muito poucos da cidade que poderiam pagar por suas fantasias sexuais que se reforça. A hipocrisia dissimulada dos poderosos locais possibilitava a passagem segura do tráfico de mulheres pelas fronteiras da região sul e tanto ganhavam seu retorno a partir de serviços privêis, prestados pelas mulheres, quanto reforçavam sua imagem do poder porque, afinal, todos sabiam os poucos que poderiam pagar: “eram mulheres muito caras que raramente saíam com alguém até porque tinham assinante garantido por fora, e quando chegavam à cidade, já vinham com seus restos de noite ocupados por velhos estancieiros que não se arriscavam a aparecer”. (SCHLEE, 1988: 17)

Se em “Artigas Guinchón” Schlee traz a dimensão social e o requinte do cabaré, no conto “O fresco e a caftina” oferece outra perspectiva: a do estigma social gerado por esse universo. “O fresco e a caftina” desenvolve-se a partir da história de duas personagens que, segundo alguns, quando mais jovens, trabalharam em prostíbulos: um homossexual e uma antiga prostituta, vindos do Uruguai, e agora donos da padaria local.

Pensar os antecedentes das personagens é um dos motivos do conto; a tentativa de recriá-las, o outro. Entrecruzando-os, o narrador informa: “Meu amigo os imaginou em um cabaré. Num cabaré não: em uma pensão de mulheres” (SCHLEE, 1988:22). O narrador, no entanto, privilegiando sua imaginação, abre outro caminho: “não os imagino de outra maneira que não aquela como me lembro que se instalaram em Jaguarão”. Deslocando-se na hierarquia implicada no universo da prostituição, que distancia um cabaré de uma pensão de mulheres, o narrador toma outro espaço e por um viés diferente do que lhe foi sugerido para imaginar suas personagens.

Assim, da descrição em torno do possível cotidiano repetitivo das duas personagens junto à padaria, das fragmentadas lembranças provenientes de diferentes vozes acerca da possibilidade de que tenham efetivamente trabalhado em casas de prostituição no Uruguai, de que fossem de outras nacionalidades ou especulações em torno do que fariam os dois quando a sós, o narrador-criador, incorporando e afastando-se dessas histórias circulantes – “O que disseram e o que se disse de Doña Coca e do Goya não foi brincadeira” (p.27) –, prefere tecer a sua.

Afinal, apesar de todos reconhecerem que “...foi durante um bom tempo a padaria que nunca se teve na cidade, a que faltaria sempre, a que viraria assunto de conversa e ponto obrigatório de todas as gentes”. (p. 24), ninguém a eles se dirigia ou os convidava para qualquer coisa na cidade. “Goya foi enterrado sem que ninguém desse por sua morte” (p.28). É nesse jogo entre o que se conta e o que ninguém diz ou quis perceber, que o narrador cria suas personagens. Por isso, sugerindo a profunda cumplicidade dos dois frente ao isolamento a que foram submetidos por todos, e compreende os motivos pelos quais Doña Coca, sozinha, “morre um pouco de amor à sua maneira”.

O discurso narrativo assumido enquanto perspectiva espacial, social e profundamente humana de criação investe em um tensionamento entre a memória coletiva e a criação pessoal, e expõe o moralismo de uma sociedade, que reforça a exclusão social.

Nos contos a que me ative até o momento, o universo da prostituição emerge a partir de um tópico dominante em cada narrativa e estão dispersos pelo conjunto das coletâneas de Schlee – *Uma terra só, Contos de sempre, Linha divisória, Contos de verdades* –; já em *Os limites do impossível* – Contos gardelianos (2009), a violência do sistema patriarcal emerge em toda sua complexidade e organicidade, em uma mesma obra. Por essa razão, apesar de eleger apenas alguns dos contos dessa obra, considero importante tratá-la em sua integralidade.

Inicialmente, é importante esclarecer que essa narrativa transita entre os gêneros conto e romance e, conforme indicia o título, poderia também ser uma biografia do cantor Carlos Gardel¹⁶¹, ainda que ele não se faça presente como personagem ao longo da diegese.

¹⁶¹ A bibliografia sobre Carlos Gardel consta de mais de 150 obras, assim como de um expressivo conjunto filmico. Para começar a conhecer a lista de trabalhos de e sobre Gardel recomendo ver a biografia de Nelson Bayardo. *Carlos Gardel – a la luz de la historia*. Montevideo: Aguilar, 1999. Posterior ao trabalho desse biógrafo outras obras têm sido publicadas, dentre elas destaque: *Gardel, el muerto que habla*, Eduardo Cuitiño (2012); *De Carlos Escayola a Carlos Gardel*, de Gonzalo Vazquez y más recientemente la película-documental *El padre de Gardel*, dirigido por Ricardo Casas (2014). Neste ano de 2015, foi aberta a exposição "Carlos Gardel, del hombre a mito", no Museo Histórico Nacional de Buenos Aires, organizada pela Fundación de Industrias Culturales Argentinas, proprietária dos objetos e documentos originais do cantor, alguns dos quais pela primeira vez exposto ao público.

Os limites do impossível – Contos gardelianos é composto por um conjunto de doze contos, cada um deles narrados a partir da perspectiva de uma mulher, cujos nomes dão título aos textos. Cabe destacar que, nas orelhas do livro, as mulheres são apresentadas como protagonistas, com suas supostas fotografias. O jogo ficcional que atribui corpo e protagonismo às personagens de cada narrativa, no entanto, também adverte o leitor quanto à natureza do texto, ao preceder o nome da personagem com a condição de sua existência: “*como se fosse ...*” .

Em cada uma das narrativas, diferentes personagens femininas – Clara, Felícia, Juana, Cisa, Blanca, Rosaura, La Niña, Manuela, Mulata Flor, Constantina, Berta e La Madorell – narram suas relações de (des)amor, submissão, infortúnio e também de subterfúgios e resistência frente aos dispositivos do poder do estancieiro, político, militar, cantor, pianista, *guitarrero* e sedutor Carlos Escayola¹⁶². Para umas, “ele era uma antipatia, um nojo, um asco” (SCHLEE, 2009: 20) e, ainda, “um bandido, desavergonhado, depravado maligno” (p.80). Para outras, todavia, “era capaz de sobressaltar e de afetar qualquer mulher com sua finura e sua delicadeza” (p.122). Mas o que nenhuma delas duvidava era de seu poder absoluto sobre a região e sobre elas mesmas.

Sendo assim, embora a obra apresente dois expressivos personagens históricos – Gardel e Escayola –, a criação schleeriana faz emergir ao longo da diegese um significativo elenco feminino, quase todo também histórico, mas tal qual as mulheres de “A viúva de Quinteros”, sem história. Do grupo de mulheres, destaco as personagens criadas “como se fosse” Juana, Clara, Blanca e La Niña – sogra e as três irmãs, sucessivas esposas de Escayola; Berta – “como se fosse” Berthe Gardés, jovem francesa que trabalhou na região, e mãe oficial de Gardel; La Madorell – “como se fosse” Pilar Madorell, soprano espanhola ligada ao movimento teatral que circulou com sua companhia pela América do Sul no final do século XIX, e última amante de Escayola.

¹⁶² Carlos Félix Escayola Oliva (1845- 1915), líder político da região que, requerido por seu cunhado, o general brasileiro Antonio Souza Neto, atua na Cruzada Libertadora aberta pelo General Flores. Participou em 1864 do sítio de Paysandú como secretário de seu cunhado e ainda na Guerra da Tríplice Aliança, contra o Paraguai. Após a morte de Souza Neto, Escayola passou a residir na vila de San Fructuoso, a qual posteriormente seria elevada à categoria de cidade, sob o nome de Tacuarembó. Escayola seguiu participando em inúmeras outras revoltas na região. No campo cultural, foi fundador, em Taquarembó, do famoso cabaré “La Rosada” e do jornal “El Herald”; mandou construir o Teatro Escayola, levando a ele atrações musicais e peças que circulavam por Montevideu e Buenos Aires.

Os relatos tão pessoais, com pontos de ancoragem em referentes da vida dessas mulheres, funcionam como ícones metafóricos, uma vez que evocam consigo múltiplas e reiteradas histórias que se assemelham a outras tantas, não contadas, mas conhecidas acerca das mulheres não só dessa região. A partir das narrativas aparentemente desconstruídas, fragmentadas, mas relacionadas pela imagem que as mulheres fornecem de Escayola, o leitor é mobilizado a integrar essas histórias, e as ler como se compusessem uma novela. De fato, ainda que cada texto possa ser lido individualmente, somente com a leitura em conjunto, o leitor terá a possibilidade de sentir, perceber e conceber o personagem que, embora anunciado no título, está quase ausente: Carlos Gardel.

Mas, nesse processo integrador, motivado pela composição do texto, o leitor poderá perceber, sobretudo, o motivo axial do discurso narrativo: o da violência intrínseca do sistema patriarcal e suas consequências em nossa sociedade. Com isso, refletir acerca das relações de poder que fizeram invisíveis o nascimento de Gardel, ou sobre sua duvidosa origem e nacionalidade, requer considerar, especialmente, a estrutura de poder desse sistema que naturalizou a violência profunda, tanto no âmbito familiar quanto na esfera da cultura sexista sobre a qual se estabeleceu a sociedade moderna.

Os contos centrados em Juana, Clara, Blanca, Maria Lélia – a mãe e suas três filhas – permitem visualizar a dimensão do poder de Escayola no âmbito da família, em tramas discursivas, afetivas e efetivas, que marcam a submissão reprodutiva e a fragilidade emocional a que durante tempos foram levadas as mulheres, bem como seus subterfúgios de sobrevivência, para se manterem dentro dos códigos do que historicamente se naturaliza como família e como base da sociedade moderna.

Enquanto os contos centrados em Rosaura, Manuela, Mulata Flor, Berta y Pilar Madorel oferecem ao leitor as coordenadas de uma sociedade paralela, também naturalizada historicamente, mas destinada ao entretenimento, ao prazer e ao reforço simbólico do poder masculino, situando-se, por isso, à margem da sociedade oficial. Numa zona de “entreditos”, essas mulheres utilizam sua sexualidade para resistir à opressão do sistema patriarcal no qual estão inseridas. Com seus corpos, elas transgridem as normas sociais – como artistas, como servidoras domésticas, como prostitutas, como trabalhadoras, enfim –, na busca de alternativas para sobrevivência e,

talvez, também por algum direito a seu próprio corpo e prazer. Ainda que elas sejam objeto de trocas e regalos entre Escayola e outros tantos homens, suas relações e experiências de vida evidenciam-se especialmente como uma alternativa, uma busca por autonomia, em um espaço que historicamente é concebido à margem: o universo da prostituição.

Nesse sentido, o que nos traz o texto de Schlee são duas faces de uma mesma situação: por um lado, a submissão da mulher à tutela masculina e ao papel que lhe foi imposto na construção social do poder; por outro, sua condição à margem, nas bordas de um sistema oficial, com o qual essas mulheres se enfrentam. Em ambas as situações, o peso histórico de violências é marcado pelo estabelecimento de uma hierarquia de gênero, constitutiva da colonialidade do poder, que leva consigo, por seu turno, várias camadas de subordinações e, ainda em nossos dias, tem um profundo valor simbólico no imaginário masculino e, também, no feminino.

A estratégia compositiva da obra mobiliza o leitor a perceber as “entretramas”, para usar uma expressão recorrente no pensamento da teórica argentina Maria Lugones (2008), entre o lado claro/escuro do que se concebeu como sociedade moderna.

Pensando a partir de algumas chaves/pontos do pensamento de Lugones, creio que *Os limites do impossível – Contos gardelianos* nos leva a refletir sobre a situação da hierarquia de gênero no espaço da família e sua relação com a construção do poder, um aspecto que vem sendo esclarecido nos debates contemporâneos, pelo menos desde os anos sessenta. Porém, convida-nos, sobretudo, a pensar sobre uma situação ainda maior de violência, ainda obscura: as condições e razões daquelas que estão marginalizadas, estigmatizadas por esse mesmo poder, como é o caso de mulheres prostituídas – ontem e hoje –, assim como acerca da natureza dos filhos espúrios¹⁶³, muitos dos quais

¹⁶³ É interessante considerar a história da condição jurídica de filhos espúrios – incestuosos, adúlteros, sacrílegos –, desde as Ordenações Filipinas, Ordenação Afonsina, Código Napoleônico até pelo menos a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), uma vez que orientam legislações em torno da questão. Talvez, nessa leitura cruzada, pudéssemos compreender um pouco como, em nome da garantia da integridade da família, proibiu-se, por muitas vezes, ao longo da história jurídica, a investigação da paternidade de filhos. Questão que ainda hoje repercute no direito que os homens atribuem-se de não responsabilizarem-se pelos filhos que geraram. Recomendo: Gisele Leite <http://www.ambito-juridico.com.br/site/>. Para o caso do Brasil indico também a leitura da legislação brasileira - LEI 8.560 de 29 de dezembro de 1992- que regula a investigação da paternidade dos filhos havidos fora do casamento.

concebidos no interior do que se chama família tradicional. Do conjunto de contos aqui já referidos, destaco dois deles, uma vez que oferecem ao leitor pontos cardinais da obra para refletir sobre tais relações.

No conto intitulado "Blanca", emerge na narração o eixo das razões para o silêncio acerca do nascimento de uma criança – Carlos – e de seu desaparecimento. Fruto de um estupro e de um incesto, de Escayola com Maria Lélia – sua cunhada, afilhada, possível filha de treze anos e a qual se tornaria sua terceira esposa –, a criança passa a habitar o “interdito”, uma zona do que não se fala abertamente em âmbito familiar e social. É a partir de Blanca, segunda esposa de Escayola, que tal motivo é deflagrado, verbaliza-se nos murmúrios e passa a reverberar, reconfigurando-se e reforçando-se ao longo dos demais relatos.

O conto intitulado “Berta” está centrado na francesa Marie Berthe Gardés, que veio de Toulouse para a região em busca de oportunidades junto à *Compagnie Française d’Oro del Uruguay*. De seus trabalhos, não só na dita Companhia, senão também em casas de famílias da região, como passadeira, assim como no cabaré “La Rosada”, é narrado seu último serviço prestado ao coronel Escayola: levar a criança – Carlos – de dois anos de idade para Buenos Aires.

Os motivos, seus antecedentes e desdobramentos aparecem, de modo fragmentado, em cada um dos dois contos; e, quando são associados em seu conjunto aos paratextos que propõem sua integração, motivam o leitor a (re)criar a vida de Gardés/Gardel. Tal imaginação, no entanto, já não poderá deixar de considerar que Carlos Gardel está tradicionalmente concebido no paradigma do poder patriarcal que rege nossas sociedades ocidentais, fato que limita o leitor a pensá-lo meramente no âmbito de questões de ordem familiar ou de discussões acerca de sua nacionalidade.

As fragmentadas, sofríveis e profundas histórias das mulheres na ficção schleeriana oferecem ao leitor pontos de referência para que se pense Gardel para além do modelo patriarcal que tem orientado narrativas acerca do cantor. Isso porque, longe de uma história cronológica sobre ele, a obra toma a lacuna de seu nascimento como uma proposição para pensá-lo em relação fecunda com outras histórias que, tampouco,

têm sido contadas e, em especial, a relação entre o sistema do poder e a ausência dessas histórias.

Nesse sentido, a concepção discursiva de *Os limites do impossível* – Contos gardelianos propõe uma reflexão que não se limita ao nascimento de Gardel, ou a biografia de um líder político da região, uma vez que lida, sobretudo, com o manejo abusivo do poder em todas as esferas, públicas e privadas, e, em especial sobre as mulheres. É assim, no âmbito das relações implicadas no sistema de poder, que a ficção schleeriana sugere histórias encobertas, dissimuladas e naturalizadas no tempo, acerca da instituição do casamento, da sexualidade imposta, da maternidade forçada, da imposição sexual doméstica, dos incestos, da geração de filhos ilegítimos e da utilização do corpo da mulher como mercadoria de prazer, poder e lucro masculino. A obra faz emergir, assim, diversos nós de um sistema social centrado na violência, que ainda segue vigente¹⁶⁴.

Os limites do impossível – Contos gardelianos soam, assim, fora dos limites dos discursos historiográficos acerca de Gardel ou de qualquer pretensão de representar a verdade de um passado; negam-se, inclusive, a converter-se em uma biografia a mais da extensa lista acerca do cantor. As sugestões e o jogo constante entre o que se conta, o que não se quer contar e o que o narrador e o leitor poderiam elaborar, o texto reafirma-se constantemente enquanto espaço ficcional que, por sua natureza, lida com diferentes lutas simbólicas em torno da realidade proposta.

Assim, distante de qualquer ilusão retórica em torno da reconstrução de vidas privadas/individuais, a visão das personagens femininas que o narrador incorpora à sua própria perspectiva, oferecendo como pontos de fuga outras histórias, outras, histórias que ainda são histórias de *bordoneos* e murmúrios, que margeiam a possibilidade da recordação e do contar.

Por isso, no contraponto de discursos, Schlee oferece *Contos da vida difícil* (2013), volume em que retoma essa linha temática presente ao longo de sua obra e

¹⁶⁴ Creo oportuno destacar que, apesar de la implantación de políticas públicas y la promulgación de leyes de defensa de los derechos de las mujeres a partir de las últimas décadas del siglo XX, las denuncias, las investigaciones y las estadísticas revelan que en todo el mundo se han intensificado los mecanismos de coerción y violencia contra a la mujer. Ver: FACIO, Alda. Un nuevo paradigma para eliminar la violencia contra las mujeres. In: Discriminación y género – *las formas de la violencia*. Ministerio Público de la Defensa, Buenos Aires, 2011, p.31-47. www.mpd.gov.ar

intensifica um aspecto que, também presente, ainda não havia nela se expandido. A relação entre as migrações do século XIX para a região do Cone Sul e o tráfico de mulheres pobres da França, Hungria, Polônia, Romênia, Itália e Espanha – “todas francesas” –, que passaram a “civilizar” o ambiente prostibulário até então existente por aqui, conforme afirmam alguns memorialistas da literatura brasileira¹⁶⁵.

Contos da vida difícil é uma obra composta de treze contos e tem como anexo a leitura criativa e recriadora de um filme – *Seducida e abandonada*,¹⁶⁶ –, do diretor Pietro Germi, Itália-França, 1964. A obra abre-se com dois prefácios, entremeados com duas citações: uma do jornalista e escritor Albert Londres¹⁶⁷ e a outra, do filósofo Paul Ricoeur, textos que orientam o leitor.

O primeiro prefácio, intitulado “A difícil vida fácil” segue as funções clássicas do gênero. Nele o escritor, oferece o contexto em que estão situadas as narrativas ficcionais “São velhas histórias jaguarenses que todos fizemos questões de ocultar desde o início do século XX (...) – e até hoje, já vão quase cem anos”; explica as razões para a criação das mesmas e o faz por dois caminhos predominantes.

Por um, o escritor situa os lugares comuns e preconceituosos com que o tema da prostituição tem sido frequentemente tratado, questão que o próprio título indicia. Logo, explicita, no texto, a partir de referências a atitudes sociais cotidianas, os preconceitos /

¹⁶⁵ Para uma leitura da imagem da prostituta “francesa” no imaginário de escritores brasileiros recomendo a leitura de: RAGO, Margareth. LABIRINTOS. In: _____. *Os prazeres da noite - Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)* São Paulo: Paz e terra, 2008, 193-278. E o artigo de WLADMAN, Bertha. *Entre braços e pernas: prostitutas estrangeiras na literatura do século XX*. Rev. Remate de Males, Campinas, 200, v. 22, p. 25-53.

¹⁶⁶ Neste conto, uma novelização de leitura do filme - *Seducida e abandonada* -, Schlee desloca da Itália, na Sicília, para a Cuchilla, em Rio Branco/Uruguay, a protagonista Agnese e sua família, bem como Peppino, do filme de Germi, transformando o personagem do diretor italiano no sedutor Zeca, um filho de fazendeiro rico da cidade de Jaguarão. O escritor modifica o nome de alguns personagens, elege algumas cenas e realiza mudanças, como a do espaço, mas o argumento do filme mantém-se. Ao tratar da hipocrisia e do machismo no âmbito familiar e de toda uma sociedade frente à sedução de Peppino/Zeca a Agnese, Schlee, promove uma reflexão entre os mecanismos de controle das relações sociais de gênero da Sicília dos anos sessenta e as fronteiras de Jaguarão - Rio Branco. Por esse caminho integra sua leitura do filme de Germi à sua obra *Contos da vida difícil*. Cabe destacar que se esse conto é anexo à obra, e posteriormente foi integrado à composição de *Fitas de cinema* (2016). Essa uma obra composta por leituras criativas que o escritor desenvolve a partir de filmes que ele assistiu nos cinemas da região.

¹⁶⁷ Albert Londres repórter e poeta francês de grande prestígio que, nos anos vinte, é enviado pela Liga das Nações para a América a fim de investigar o centro de importação de mulheres da Europa para a América do Sul. Disfarçando-se e ingressando no submundo prostibulário, ele acaba produzindo uma coletânea de ensaios ficcionais, intitulado *Le chamin de Buenos Aires* (1927). Se com a citação de Londres, Schlee orienta para a genealogia de uma produção histórico-ficcional que o tema do tráfico de mulheres brancas tem e, talvez, para um modelo de gênero narrativa com o qual ele dialoga, com a citação de Ricoeur, o escritor orienta seu leitor para a concepção de memória que ele mesmo adota.

prejuizos e seus consequentes prejuízos para lidar com a questão. Crítica, sobretudo, as abordagens melodramáticas e estereotipadas que, ao privilegiarem a violência e a perversidade do universo prostibulário, bem caracterizam “uma sociedade conformada por suas próprias mazelas”.

Por outro, Schlee aponta sua principal fonte de pesquisa para essa criação ficcional bem como o contexto histórico e espacial em que as situa. Destaca, assim, o livro *Las rutas de Eros – la trata de Blancas en el Atlântico Sur. Argentina, Brasil y Uruguay (1880-1932)*, decorrente da dissertação de mestrado de Trochon. Remete a dados sobre a região da fronteira, tais como a importância da circulação fluvial entre Brasil e Uruguai, a partir de 1904, a construção da Ponte Internacional, entre 1920-30, o fluxo migratório para a região nesse período, o desenvolvimento econômico daquele momento em que “naturalmente a cidade se encheu de mulheres, apareceram automóveis e gramofones, surgiram negócios e empregos construíram-se casas e fortunas – era farra e trabalho, trabalho e farra”.

Assim, relacionando dados históricos e referindo-se a memórias seletivas – a dos outros e a suas –, ele explicita as razões para a criação de sua obra, magistralmente, com a citação de Albert Londres: “Mirar lo que nadie quiere mirar”. Assim, cumpriria – quase como um editor – o papel de situar a obra em seu contexto. Talvez porque tenha deixado para seu primeiro conto – “Carnet de divertissement” – orientações mais afeitas a seu estilo de escrever prefácios que são quase prefácios ou mais do que prefácios, sem deixar de sê-lo. São eles, espaços de criação em que o escritor trata do tema da obra que anuncia, mas também da relação entre arte e realidade e, em especial, de seu modo de criá-las. Tal como o faz no prefácio de *Contos de verdades*, anteriormente aqui tratado, ou no de *Os Limites do Impossível – Contos gardelianos*¹⁶⁸.

A partir de “Carnet de divertissement”, sua fonte de pesquisa para a criação é também outra. Recorrendo a um clichê da literatura do século XIX, do livro, diário ou da caderneta, encontrada ou recebida, que motivam um escritor a escrever, é que o

¹⁶⁸ Uma reflexão acerca da função que adquire o prefácio e o posfácio na referida obra pode ser visto em meu artigo “*Cuentos gardelianos: una biografía de la ausencia*”, apresentado na Jornada de Estudios. Escrituras Plurales. Sorbona-Sevilla, em outubro de 2015 e publicado na revista *Les Ateliers Du Sal*, n.7(2015), 132-141. Ver: <https://lesateliersdusalfr.wordpress.com/numeros-precedents/deuxieme-epoque/numero-7/articles-numero-7/>

narrador imagina: “Esse *carnet de divertissement* está aqui diante de mim e me sugere os nomes em torno dos quais esta história poderia se desenvolver e se transformar num conto...” (SCHLEE, 2013:13)

Da referida caderneta mesmo só nomes, sobrenomes, datas e horários marcados em “perfeita caligrafia” entre “muitos mandamais jaguarenses” e mulheres. Assim, ainda que “Se a mulher estava de passagem pela cidade, se os favores e as anotações que ela oferecia ao interessado eram favores pecaminosos e lúbricas as atenções – isso não se sabe –, pois não está escrito no caderno, embora tenha sido imaginado.... ” (p.17), a caderneta é tomada como fonte.

Schlee, situando a condição ficcional do texto que lemos, aponta os caminhos percorridos – históricos e literários de outros e o seu próprio – e abre questionamentos, mobilizando seu leitor a ingressar na obra e indiciando a condição prefacial desse conto e ficcional de todo o conjunto que anuncia.

Dentre os dados históricos, o escritor repete e sugere a intensidade do tráfico de mulheres via Buenos Aires – Uruguai – Jaguarão – Rio Grande para o Rio de Janeiro, entre fins do século XIX e início do XX. Destaca a vulnerabilidade dessas fronteiras e a cumplicidade que “... o coronel fulano, que o doutor cicrano, que o senhor beltrano de tal, este, aquele, aqueloutro, e mais zutano e o gano e o megano, todos; e outro menos bem titulados mas igualmente conhecidos por exemplares chefes de família e reconhecidos cumpridores de seu ofício e palavra todos – ...” em troca de favores, poderes e prazeres, tinham com os proxenetas. Atitude que favorecia o escape dos *caftens* ao cerco policial na capital argentina não apenas pela via de Jaguarão, mas também por outras de nossas fronteiras, como Rivera – Santana do Livramento. E contrastando os espaços de circulação, paragem e recepção das mulheres nessas fronteiras entre Brasil e Uruguai, o escritor situa antigos hotéis, praças e cabarés – aqui o Suzini, o Baroni; lá o Elite, na Praça General Osório, o La Caverna, El Internacional. Tais coordenadas oferecem um mapa amplo – espacial, histórico e cultural da região –, mas o texto também se volta para lugares específicos em Jaguarão: o cabaré do Tomazinho, com localização precisa e descrição arquitetônica minuciosa; os prostíbulos, “*peixes*”, instaurados pela beira do rio, e as “pensões de mulheres” da cidade.

Assim como da leitura da caderneta velha e gasta, por parte do narrador, é motivadora de sua imaginação, também os demais referentes o são. Logo, se o cabaré “... é casa de jogo grosso e de festas galantes, com música, canto e dança: um cabaré fino” (p.17), o narrador havia que imaginar onde elas descansavam, onde elas atendiam seus clientes tão distintos e necessariamente discretos porque “a ninguém ocorria perguntar-se onde ficavam, onde pernoitavam, onde pousavam e repousavam ou onde fornicavam as mulheres que passavam por Jaguarão rumo ao Norte” (p.19). Diante desse e de outros silêncios, o narrador evoca duas personagens: a de uma antiga prostituta, que lhe teria dado a caderneta; e a de um velho dentista, proprietário do *rendez-vous*.

Com relação ainda aos caminhos ficcionais, cabe destacar que, assumindo desde o início a natureza ficcional daquilo que narra, a *performance* autoral não se limita a ponderar sobre o tratamento de seus dados, de suas fontes, de suas referências, mas também a compor sua própria figura enquanto personagem. Com isso, não temos apenas um escritor com mais de quarenta anos escrevendo sobre a (des)memória, as (des)lembanças e os encobrimentos de uma história do comércio prostibulário local, antes e depois de a região ter sido estrategicamente colocada na rota do tráfico internacional de mulheres, mas também a inclusão de dados de um menino que viveu na cidade. De um menino que, como os demais de sua época, teria um dia sido encantado pela sedução da mulher que hoje lhe deu a caderneta, assim como fora paciente do dentista, ainda que “Desse dentista era proibido falar. Dele nunca se quis saber, nem se soube com certeza do envolvimento que teria tido (ou teve) com o tráfico de mulheres e...”. (p.20)

E assim promovendo uma relação entre história, memória e imaginação, o escritor posiciona-se na construção de seu imaginário do universo prostibulário. Posição que tomará nuance em cada um dos contos que se seguem, mas que aponta também a dimensão intercontinental que o motivo da prostituição adquire em cada história particular, vivida ou imaginada.

Contos da vida difícil é composta por, além dos prólogos, dois conjuntos de contos: um que lida com personagens relacionadas ao tráfico de mulheres europeias e o outro, com personagens ligadas ao comércio prostibulário local. Contudo, conforme bem sugere o prefácio, ambos os contos “restritos aos limites do imaginável, situam-se

no plano de uma mesma e permanente realidade...”. Perguntar sobre em que consiste “uma mesma e permanente realidade”, apontada pelo narrador-autor, abre muitos caminhos de reflexão.

Neste momento, parece-me oportuno lembrar que os dados em torno da prostituição atual – agora com o eixo invertido em relação ao fluxo do início do século XX, entre Europa e América Latina –, seguem sinalizando o que sempre tem sido esse universo desde os albores da Modernidade: um comércio sexual, cujo comprador é predominantemente masculino, lá ou cá.¹⁶⁹ Logo, a prostituição é antes de tudo um negócio de homens.

A obviedade da assertiva, no entanto, abre alguns questionamentos: por que – e com que autoridade – os pais vendiam/vendem suas filhas para casamento e/ou prostituição? Ou, por que jovens ontem e hoje se dedicam voluntariamente ao comércio sexual?

Talvez, a desigualdade social e a miséria ontem e hoje justifique em parte tais decisões; talvez o poder pátrio e a repressão da sexualidade feminina outro tanto.

Mas, e por que homens – ontem e hoje – compram sexo?

Um olhar histórico acerca das relações entre prostituição e poder político abre pontos de reflexão e permite sair de uma possível dicotomia que nos situaria entre práticas antigas e modernas. Recuando muito, talvez parte do imaginário contemporâneo em torno do tema esteja relacionado como um dos resquícios da instituição do amor cortês, que privilegiou os interesses político-econômicos da sociedade europeia em detrimento de possíveis relações afetivas entre os casais, decisão

¹⁶⁹ Elenco alguns textos que me possibilitaram traçar um panorama do polêmico debate a partir de diferentes olhares dos movimentos sociais: 1. APUNTES PARA UNA GEOGRAFIA DE LA PROSTITUCION EN BUENOS AIRES, 1904-1936. Instituto Americano de Artes e Investigaciones. Horacio Caride Bartrons, 25 de set. de 2009; 2.O debate organizado por prostitutas pela regulamentação da profissão na Assembleia de Deputados do Rio Grande do Sul. www.camara.gov.br em 12/07/21012; Ver ainda a matéria intitulada PUTA DEI www.cartacapital.com.br dia 15/06/2015. A legislação brasileira reconhece a prostituição pelo código Penal de profissões desde 2002, despenalizando esse trabalho. Desde lá diferentes projetos que visam regularizar a profissão foram propostos e rejeitados pela Câmara de Deputados Federal. Fernando Gabeira projeto de Lei 98/2003 pleiteava que admitir a realidade social seria também regularizar os serviços da prostituição. Seu projeto, no entanto, não foi acolhido pela mesa da Câmara. No ano de 2011, o deputado, Eduardo Valverde apresentou proposta semelhante a de Gabeira. Seu projeto intitulado “Lei Gabriela Leite”, sob o número 4211, busca regularizar jornada de trabalho, aposentadoria e outras questões relativas à profissão, ainda tramita no Congresso Federal.

histórica que resultou na regulamentação da prostituição no século XII; ou mais fortemente pelas consequências da Reforma Religiosa – católica e protestante – no século XVI. Já que esta em seu empenho por moralizar a sociedade, norteia as famílias e passa a prostituição para a clandestinidade¹⁷⁰. Ao longo da história as atitudes alternaram-se por uma ou outra ou entre as duas perspectivas.

Mas como, então, com a “revolução sexual”, dentre outras alardeadas, nos anos sessenta e o redimensionamento das relações afetivas e sexuais antes restritivas, justifica-se a crescente demanda por sexo pago na atualidade? Perguntas às quais não me sinto ainda em condições de responder, mas que se justificam enquanto questionamentos que me possibilitam pensar acerca do tema.

É também importante acrescentar que, apesar da implantação de políticas públicas e da promulgação de leis de defesa dos direitos das mulheres, a partir das últimas décadas do século XX, as denúncias, as investigações e as estatísticas revelam que em todo o mundo os mecanismos de coerção e violência contra a mulher têm se intensificado.¹⁷¹

Nessa linha de reflexão, não posso deixar de retomar os apontamentos de Glória Anzaldúa que, em *Bordelands/La frontera*, anteriormente por mim citada, destaca a importância de refletirmos sobre a heterossexualidade obrigatória e o matrimônio como práticas que conferem legitimidade social às mulheres. A sexualidade imposta e as definições de padrões morais instituídos desde o século XVI foram naturalizados e seguem orientando o imaginário dominante. Por isso, as mulheres que rompem o circuito de normas de comportamento patriarcais têm seu reconhecimento social afetado, e um dos mais frequentes ataques verbais e morais é ser considerada puta ou vadia. Reverter e ressignificar a expressão tem sido a proposta iniciada com a “Marcha das Vadias”.

¹⁷⁰ ROSSIAU, J. A prostituição na Idade Média. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

¹⁷¹ Recomendando dois textos que oferecem ponto e contraponto relativo à violência contra a mulher nas últimas décadas: BARSTED, Leila Linhares. O progresso das mulheres no enfrentamento da violência. In. BARSTED, Leila Linhares, PITANGUY, Jaqueline (org.) *O progresso das mulheres no Brasil 2003-2010*. Rio de Janeiro: CEPIA/Brasília: ONU mulheres, 2011, p.346-382. onumulheres.org.br/wp-content/themes/vibecom_onu/pdfs/progresso.pdf ; FACIO, Alda. Un nuevo paradigma para eliminar la violencia contra las mujeres. In: *Discriminación y género - las formas de la violencia*. Ministerio Público de la Defensa, Buenos Aires, 2011, p.31-47. www.mpd.gov.ar.

Esse movimento, organizado a partir das redes sociais – *Slut walk* –, foi deflagrado em 2011, em Toronto, no Canadá, em protesto à manifestação de uma segurança que, ao ser chamado para orientar sobre estupros que estavam ocorrendo em uma universidade, considerou que “as mulheres deveriam evitar se vestir como vadias, para não serem vítimas de ataque”¹⁷². Segundo indicia seu pronunciamento misógino, as mulheres seriam as culpadas pelas agressões sexuais masculinas.

No Brasil, a “Marcha das Vadias” tem sido organizada como um movimento de enfrentamento, que visa tanto ao fim da culpabilização da mulher pelo estupro, conforme proposto nas origens do movimento, quanto pelo fim da violência doméstica, física, simbólica e sexual.

Assim, se os contos de Schlee situam suas personagens no início do século XX, o ocultamento dessas histórias está associado não somente aos preconceitos de uma época ou lugar específico, mas às condições de uma estrutura de poder que gestada ao longo da Modernidade dinamiza ainda hoje nosso imaginário social. A dissimulação da sexualidade das mulheres para a manutenção da instituição familiar e a transferência dos entraves morais que limitariam também a própria sexualidade do homem para outros espaços talvez expliquem a prostituição como um fetiche masculino que cria e se recria ao longo da Modernidade.¹⁷³

Por isso, pensar essa zona de interditos requer entrar no debate sobre a permeabilidade de outra fronteira – da relação que há entre a criação do universo da família e o da prostituição –, cuja rigidez de sua aparente separação foi construída ao longo da sociedade moderna, no âmbito do sistema patriarcal, ainda dissimuladamente vigente.

A obra de Schlee, como mostro ao longo de minha leitura, potencializa reflexões sobre essas frágeis fronteiras: eis o caso em *Contos da vida difícil*. No volume, temos

¹⁷² A frase em inglês é: "I've been told I'm not supposed to say this – however, women should avoid dressing like sluts in order not to be victimized". Ver <http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/noticias/marcha-das-vadias-chega-ao-brasil/>

¹⁷³ Como aponta Margareth Rago no prefácio à segunda edição de sua obra anteriormente citada, creio que entender “a prostituição como a profissão mais antiga do mundo”, como estamos acostumados a ouvir, é uma posição que colabora para naturalizar um fenômeno que é cultural e histórico. Por isso debatê-la considerando seus contextos históricos nos permitirá enxergá-la como parte de uma realidade social que nos toca a todos nós.

dois conjuntos de contos que, apesar de não estarem separados formalmente, podemos organizar a partir das personagens que integram tais narrativas.

O primeiro conjunto é composto por protagonistas vinculadas ao tráfico de mulheres da Europa: “Uma mulher de passada”, “O que passou com Juan Carlos”, “R.S.” e “Dona Rachel”. O segundo, por personagens que estão no universo prostibulário por razões locais, como é o caso dos seguintes contos: “Viva eu viva ela...”, “La virgencita”, “O sétimo mandamento”, “Adoración”, “Dia 29 de fevereiro”, “Mamá Burnes”, “Dizem que dizem” e “A gorda Violeta”.

No que se refere ao primeiro conjunto, em que o universo prostibulário está relacionado ao tráfico de mulheres europeias pela região, ainda que Schlee componha algumas passagens de seus contos em um ambiente de requinte e luxo, criado em torno das cortesãs “francesas”, sinalizando o prestígio que elas transferiam ao status dos estancieiros da região, elementos que poderiam levar o texto por uma perspectiva “civilizadora”¹⁷⁴, criada no imaginário social acerca das estrangeiras, mas esse não é o caminho adotado pelo escritor para tratar do tema.

No conto “O que passou com Juan Carlos”, tal ambiente é (re) composto para tratar das relações entre a figura do rufião e seu poder de trânsito entre o submundo da prostituição e o glamour e a legalidade dos cabarés. Se o escritor já sugere tal mobilidade em outro de seus contos – Artigas Guinchón, por exemplo –, agora o aspecto político que viabiliza a dupla condição do proxeneta é o motivo principal da narrativa.

O escritor situa a elegância do cabaré, das roupas, dos trejeitos e de toda uma sedução, que sugerem a *performance* experiente das prostitutas em um dos palcos preparados para parte de suas encenações, no já afamado Cabaré de Tomasito/Tomazinho, “que fora construído com exclusividade e preparado com requintado luxo para atender à tão inesperada quanto inexplicada inclusão da cidade na rota daquilo que se chamou de ‘tráfico de escravas brancas’”. (SCHLEE, 2013: 33)

¹⁷⁴ A questão do caráter civilizador da estrangeira europeia, segundo Rago, ganhava mais importância no charme da “francesa” que foi construído no imaginário social em torno de dois temas recorrentes: o de sua maior capacidade de sedução e de seu domínio das regras de comportamento civilizado. Por esse viés, elas – em especial as francesas – conferiam também maior status a seu proprietário momentâneo e tornavam-se parte do paradigma da Modernidade aspirado por aqui. RAGO, M. Obra citada, p.50.

A descrição do local, no entanto, é um declarado procedimento intratextual que retoma a composição do lugar, já feita pelo escritor em outros de seus textos: “Até hoje existe no centro de Jaguarão o palacete onde funciona o cabaré. Ele já foi retratado em outra história: tem sacadas para a rua, uma grande porta em relevo...” (p.34) E assim como a descrição do espaço repete e reitera a imagem de um único ambiente requintado, também, em um recurso de intratextualidade, é refeita a representação do papel da elegância e da “civildade” desempenhado pelas *mademoiselles* na obra do Schlee:

já não há mais lembrança do cabaré, da casa lotada; nem das mulheres recém-chegadas de Buenos Aires e Montevideu com vestidos e cores berrantes e plumas e sapatos de salto bem alto e um pedaço de perna aparecendo (como admitir que ninguém se animasse a falar-lhes; e que elas permanecessem distantes, numa mesa à parte; e que cochichassem e tomassem champagne e revirassem os olhos e fumassem de piteira e lançassem para o alto a fumaça de seus cigarros e ficassem languidamente a olhar a fumaça ...elegantemente, a tentar sabe lá que clientes... (SCHLEE, 2013: 35)

Tal cena descrita/composta já no conto “Artigas Guinchón”, de *Linha Divisória*, ainda que com leves alterações, também movimenta o leitor a duvidar da própria descrição realizada porque, antes “Ninguém se animava a falar-lhes e elas se localizavam numa mesa ...” (SCHLEE, 1988:17), como citei anteriormente.

É nesse jogo de intratextualidade e de armar e desarmar o caminho de memórias e criação que o escritor retoma até mesmo o protagonista do outro conto, como que buscando outro viés de sua imagem magnética, ou como a confundi-lo com um possível irmão, ou mesmo com outro rufião qualquer do universo prostibulário. Procedimento criativo que, semelhante ao tratamento das *mademoiselles*, marca, por um lado, a *performance* assumida pelos rufiões, “Uma figura de cartaz de cinema “; por outro, confere uma dupla dimensão histórica à personagem. “Na verdade, Juan Carlos só terá existido numa outra história, a história de um tal Artigas, do qual nunca se soube mais nada do que se contou dele: desde que se inventou que ele teria ganho aquele auto magnífico como paga por matar um deputado uruguaio...”. (SCHLEE, 2013: 32)

Se no conto “Artigas Guinchón”, como destaquei anteriormente, acentua-se a elegância, o magnetismo que os rufiões vinculados à alta prostituição construíam de sua imagem e as maledicências em torno da personagem poderiam não passar de possíveis especulações, invenções, difamações aqui, a figura do rufião ganha vínculos/contornos históricos mais definidos. Trata-se de sua historicidade enquanto personagem anterior e enquanto provável personagem histórica.

Isso porque, embora como Guichón, Juan Carlos seguisse sendo “Um castelhano alto que aqui impressionava com o brilho do cabelo penteadíssimo, com o traquejo do smoking, com o vinco da calça, a precisão da faixa na cintura, o toque de cravo na lapela” (p.32), agora proxeneta está associado à “... organização de traficantes judeus, chamada Zwig Migdal”. (p. 34)

Por essa associação, o leitor é mobilizado a percorrer os labirintos da história da própria organização internacional do tráfico de mulheres para ir além da percepção do papel ocupado pelos rufiões locais, naturais da região. Se, no âmbito das organizações internacionais, os gigolôs/rufiões poderiam atuar como esposos para legitimar a permanência das mulheres que eram levadas para os grandes centros e distribuídas em torno de diferentes regiões do Cone Sul, ou como administradores em diferentes níveis do universo prostibulário, também eram importantes por abrirem seu círculo de influentes relações locais às organizações internacionais de tráfico de mulheres.

Por isso, Juan Carlos, apesar de, segundo o narrador, constar contra ele inúmeros crimes em seu próprio país, conste ainda ter sido pego na rua carioca, no Rio de Janeiro, por administrar, junto com outros proxenetas internacionais, um estabelecimento comercial de fachada – “Photo Ideal” –, que controlava o comércio de mulheres, e ainda ter “gerenciado por aqui, sim, o cabaré do Tomasinho” (p. 37), seus casos foram esquecidos, ou confundidos com o de algum outro rufião qualquer.

A narrativa, assim, não com pouca ironia, trata aqui menos das caracterizações dos perfis assumidos pelos gigolôs/rufiões no universo da prostituição do que da importância estratégica dessa figura local para o tráfico internacional. Afinal, a mobilidade adquirida entre legalidade e a ilegalidade não se limita à elegância e ao blefe performático por parte desses tipos, mas, em especial, a seus vínculos com o poder local. No caso de Juan Carlos e de outros tantos, “... acho que era nascido em Melo, no Uruguai, de gente – ao que se diz – mui distinguida e respeitada, distribuída em altos cargos e ocupada em altos cargos na República Oriental, do Teatro Solís ao Congresso Nacional”. (p.31)

Se, neste conto, Schlee retoma, amplia e propõe uma reflexão acerca dos rufiões locais e de sua rede de relações de poder, no conto “Dona Rachel”, ele apresenta a figura do cáften imigrante Noé Trauman.

Em “Dona Rachel”, Schlee, jogando com múltiplos referentes históricos, traz, para o ambiente de Jaguarão, Rachel Liberman. Personagem histórica, Liberman foi, entre 1926 e 1930, uma das principais vozes em Buenos Aires a denunciar a rede de tráfico de mulheres, conhecida como Zwi Migdal que, organizada por judeus, teve, entre um de seus principais nomes, Noé Trauman, da qual ela foi refém por anos¹⁷⁵.

O narrador-criador, então, situando sua personagem no início do século XX em Jaguarão e casada com um primeiro judeu instalado na cidade – o alfaiate Jacobo – oferece, por um lado, um olhar sobre a miséria pela qual passava o leste Europeu, em especial a Polônia; por outro, sobre o isolamento dos imigrantes, afinal “... não há testemunha de que o infeliz alfaiate tenha tido cliente suficiente para tanto trabalho” (SCHLEE, 2013: 58). Situando, assim, as condições de pobreza e também de segregação a que eles eram submetidos por parte da comunidade local, “Não há registro onde Jacobo terá sido enterrado. (...), pois quem se animaria a enterrar um judeu em Campo Santo, mesmo entre indigentes?”. (p.58) Por essa dinâmica, o narrador lança também argumentos, justificativas e suposições pelas quais D. Rachel teria buscado auxílio na Sociedade Israelita de Apoio Mútuo Varsóvia quando ficou viúva e desapareceu de Jaguarão, tendo reaparecido, pelas notícias de jornais, anos mais tarde, em Buenos Aires.

Recorrendo aos procedimentos compositivos já expressos nos prefácios, o narrador-criador expressa suas suposições, que o levam a imaginar, mas também ressalta que “Está escrito. Não estou inventando nada. O resto é a história de Dona Rachel, história que não existiria nem seria possível contar aqui se não houvesse esse Trauman”. (p.54)

Diante da afirmação provocativa do narrador: Então, e o que não é invenção? A existência da fundação da Sociedade Israelita de Apoio Mútuo Varsóvia, nome sob o qual se camuflava a rede de tráfico internacional de mulheres Zwig Migdal, com mais de “três mil prostíbulos mantidos por toda Argentina e até no Uruguai...” (p. 55) ; a importância de Noé Trauman na fundação da dita sociedade, seus debates polêmicos com Bakunin, na Rússia, sua relação com intelectuais na Argentina, entre eles o

¹⁷⁵ O romance *La polaca inmigración rufianes y esclavas a comienzos del siglo XX*, da escritora argentina Myrta Schalom, tem Raquel Liberman como protagonista.

jornalista e escritor Robert Arlt¹⁷⁶. Dentre esses e outros dados cruzados com a denúncia feita por Liberman à Organização ou com a descrição de sua foto, com seus dois filhos, é incluída, na narrativa, também a descrição de uma provável fotografia de sua morte, em 1935, sugerindo que ela tenha sido executada pela organização. Afinal, o narrador já havia advertido a seu leitor desde o início “... que, sem esse Noé Trauman, provavelmente não haveria a história a seguir contada e nem se justificaria nestas linhas de tal história a presença da protagonista posta a percorrer como autor e o leitor os descaminhos de sua vida...”. (p.53)

Assim, lidando com personagens históricas, memórias e imaginação, o escritor encaminha uma profunda reflexão acerca das múltiplas relações entre o universo prostibulário intercontinental e o poder local, questões que implicam a ocultação da própria história em torno do tema.

Os outros dois contos que integram a primeira parte – “Uma mulher de passada” e “R.S.” – têm como protagonistas mulheres que, também tendo vindo entre a leva de mulheres que circularam pela região através da rede internacional de tráfico, acabaram estabelecendo-se em Jaguarão.

No primeiro, o narrador, assumindo sua *performance* autoral, anuncia que “se esse não fosse um conto e este um livro de ficção” (p.30), buscaria mais dados que comprovassem as informações pelas quais ele recompôs sua personagem, conhecida em certa passagem de sua infância. A mulher de quem não lembra, mas como uma das tantas que estiveram “de passada pelo Cabaré do Tomasinho”, casou-se com um major do exército, viúvo, que teria inventado para ela uma família, a fim de casarem-se no civil e também como um modo de não se comprometer junto à sociedade local.

Assim, cruzando suas possíveis memórias de infância – dos carnavais, das brincadeiras e jogos, dos comportamentos da sociedade e do ambiente da construção da ponte, o narrador revela sua reserva de memória – de detalhes que, embora não lembrados, nos são inesquecíveis; logo, o narrador, dando sentido a sua imaginação: “É

¹⁷⁶ Os encontros frequentes entre o escritor e o imigrante anarquista Noé Trauman, posteriormente reconhecido como um dos principais responsáveis pelo tráfico de mulheres, em uma confeitaria – Las Violetas –, em Buenos Aires, são identificados publicamente, assim como a inspiração de Arlt para compor seu personagem Haffner, da obra *Los siete locos*, 1929.

verdade que não sei, não soube, nunca pude saber, e jamais saberei como ela terá sido. Mas sempre guardei o desejo secreto de um dia enxergá-la bem...”. (p. 25)

É por esse caminho que também o narrador contextualiza a não inserção da esposa do major Bragantino à cidade, outra lembrança sentida, ainda que não verbalizada: “Vovó não queria ver nem a cara da esposa do Major Bragantino, que lhe era vizinha, duas quadras adiante” (p.26). Assim, a partir de sua imaginação pessoal e de uma memória individual e social compartilhada, ainda que lacunar, fragmentada e evasiva, o narrador a recompõe:

a mulher cuja existência eu precisei manter viva em minha imaginação para entender o significado verdadeiro que tinha o seu sorriso de malícia, na revelação por inteiros de sua extraordinária disponibilidade de fêmea precisada de viver e de gozar a vida. (p.28)

Ao lidar com seu desejo de recordação e de recriação erótica do que não se lembra, o narrador, no entanto, também trata de outras posturas locais frente à história e à memória da cidade:

Nunca houve homem em Jaguarão (...) homem que se animasse a revelar que ela viera a Jaguarão de passada (...) Assim como nunca nenhuma mulher em Jaguarão foi posta ou esteve a par disso, isso que não era admitido pelos homens que eram maridos, irmãos ou filhos dessas mulheres (p.26).

O jogo da ambiguidade entre o desconhecer, o fingimento do não saber, do não querer saber, do não poder dizer e do não dizer torna-se o eixo da narrativa. É nessa relação entre escolhas particulares, dissimulados pactos sociais – por parte de todos/as – e a repressão da memória, exercida no âmbito das relações de poder, que o narrador toma uma posição e o texto abre-se a uma leitura das possíveis relações entre o tráfico de mulheres por Jaguarão – o trânsito, a venda e a permanência – e a própria memória social da cidade.

Pensando na interdição dessa história profunda e recente, não há como deixar de lembrar outros apagamentos apontados anteriormente como, por exemplo, em “A viúva de Quinteros”, primeiro conto que apresentei. E por esse viés, cruzando leituras, transgredindo espaços locais em suas conexões e disjunções com outros, como posso deixar de imaginar as múltiplas articulações do sistema de poder que, ao controlar as relações sociais de gênero, conforme sinaliza Lugones, controla não somente as relações

de sexo, seus recursos e produtos, mas também, com sua autoridade, regula modos de viver, de comportar-se e, inclusive, do que se pode/deve – ou não – saber.

Também em seu conto "R.S"., Schlee, pensando a partir de múltiplos lugares – da escritura, das potencialidades da memória e, inclusive, de uma posição de gênero construída como experiência desses espaços, traz outra perspectiva implicada no universo da prostituição.

Um dos eixos do conto apresenta Sara, uma caftina polaca que, como outras que também passaram pelo Cabaré de Tomasinho, estabeleceu-se na cidade. Mas, se o motivo central da diegese parece organizar-se em torno dessa personagem, de sua falta de lembrança, de sua solidão e de seu grande amor por Ruby, uma atriz de cinema de Hollywood com a qual ela possivelmente viveu, também se movimenta em torno da criação do texto, bem como das relações entre prostituição e o universo da arte.

Schlee retoma tópicos recorrentes da decadência da profissão – envelhecimento precoce, profunda solidão, miséria e degradação social e, inclusive, o do papel da caftina no universo prostibulário: o de zelar por suas meninas. Se tais tópicos poderiam levar a uma vitimização da personagem, ele acrescenta ainda o da pedofilia, da prostituição infantil e a relação afetiva e homossexual entre mulheres, bem como a rejeição ao casamento como um direito ao exercício da sexualidade. Talvez essa “saturação” de motivos no argumento textual seja o principal motivo pelo qual o seu narrador relacione o texto a um “modesto libreto de uma inédita opereta da Broadway ou um velho filme proibido pela lei de decência de Hollywood”. (p.41)

Situando sua personagem Sara como uma puta de uma história irreal, proprietária de uma pensão de mulheres na periferia da cidade de Jaguarão – da tradicional rua Curuzu – alcoólatra, que confunde as três meninas de seu reduzido plantel com o grande amor de sua vida, Ruby, uma atriz de cinema. Recorrendo a estratégias discursivas como “dizem que”, “parece que”, “Soube-se que” e até regressando no tempo para enfrentar a falta de memória da personagem, o narrador, entre suas reminiscências e imaginação, refaz o mapa de circulação e atuação de ambas. Sara, entre a Rússia – Havre, Buenos Aires – São Francisco – Nova Iorque, Buenos Aires – Nova Orleans – Buenos Aires e, um dia, endereçada “a um tal Tomazito, Tomazino, Tomazinho” (p.45), quando ainda estava por volta dos vinte anos. Ruby,

entre seus filmes, produtores, amigos e amores, reais ou imaginados. Ruby é nome original da atriz norte-americana Barbara Stanwyck, que estreou com um filme mudo, *Noites da Broadway*, em 1927. Cruzando dados da biografia de Ruby/Stanwyck¹⁷⁷, tais como seu nascimento em 16 de junho de 1907, o itinerário urbano de sua circulação, a infância órfã, o trabalho junto com a irmã como dançarina em casas de espetáculos, bares, cabarés, instrutora de dança em um bar para gays e lésbicas em Nova Iorque e títulos de filmes em que atuou e de nomes de outros artistas com quem ela contracenou ao longo de sua carreira na Broadway, o narrador imagina a relação entre as duas personagens: S.R. Assim, ambas nasceram no mesmo dia, foram iniciadas sexualmente por volta dos dez anos de idade – uma, por um padrasto; a outra, por um cunhado –, fizeram o possível para sobreviver e conheceram-se na juventude, nos Estados Unidos, conforme balbucia reiteradamente Sara, antes que ela fosse trazida para Buenos Aires e se perdesse de seu grande amor. Antes que suas vidas tomassem rumos tão distintos quando, por muito tempo, estivessem estado tão próximos. Antes que Sara seguisse enredada nos mesmos caminhos que a iniciaram e Ruby conquistasse - redesenhando na mesma teia - sua relativa autonomia - sexual, financeira e de identidade - com o ingresso no mundo da arte.

Como havia advertido o narrador desde o início, “Nem todas as histórias da vida difícil são como esta, aparentemente tão falsa” (p. 41). Assim com duas ou várias histórias em paralelo, as quais se entrecruzam pelos caminhos do universo da prostituição e abrem possibilidades de leitura, eu, temporariamente, assumo um desses caminhos. Pensar em Sara, retomar seu trânsito entre países, seu longo percurso por esses quarenta anos no universo da prostituição é também pensar em Ruby/Barbara Stanwyck. E com elas é pensar também em outras tantas artistas que, a exemplo das duas, tiveram poucas alternativas, como Sara Bernhardt, Edith Piaf, Joan Crawford... Mas que, diferentemente de Sara, conseguiram jogar com essas poucas alternativas para transgredir todas as normas e tornarem-se admiradas por suas performances como atrizes, cantoras e por todo um imaginário que criaram em torno de si. Ainda que, talvez, também tenham se sentido tão sós quanto “a nossa Sara”.

Se, no conjunto de contos apresentados anteriormente, Schlee lida com protagonistas vinculadas ao tráfico intercontinental de mulheres e movimenta o olhar do

¹⁷⁷ <http://thehairpin.com/2013/03/scandals-of-classic-hollywood-the-many-faces-of-barbara-stanwyck/>

leitor para a amplitude do universo da prostituição em suas diferentes faces, no segundo conjunto, lidando com outras personagens que integram esse imaginário, ele acentua o olhar para os múltiplos espaços e personagens locais, bem como para a interrelação dessas histórias locais com histórias de outras localidades do mundo em que vivemos, como as apresentadas aqui anteriormente.

Tomando os contos em seu conjunto – “Viva eu viva ela...”, “La virgencita”, “O sétimo mandamento”, “Adoración”, “Dia 29 de fevereiro”, “Mamá Burnes”, “Dizem que dizem” e “A gorda Violeta” –, destaco que o escritor traça uma cartografia de prostíbulos de diferentes níveis vinculados ao espaço de fronteira. É no trânsito de trocas de mulheres entre prostíbulos e entre as cidades, que emerge um elenco variado de prostitutas, além de outras figuras ligadas ao universo prostibulário local, pela voz de um narrador que se movimenta com mais parcimônia nesse espaço ficcional.

Se a *performance* autoral é predominante na criação schleeriana, conforme pontuei anteriormente, neste segundo conjunto de *Contos da vida difícil*, o narrador, em uma condição intradieгética assume, enquanto testemunha direta ou indireta, o universo que narra. Apenas em dois contos – “Viva eu Viva ela...” e “Dia 29 de fevereiro” –, o narrador destaca a condição ficcional da narrativa, sem, no entanto, comentar os procedimentos criativos, como o faz frequentemente nos textos anteriores.

É a partir desse movimento discursivo que a cartografia das cidades e dos tipos de casas de prostituição são sinalizadas e configuradas enquanto espaço dieгético nesse conjunto ficcional. Assim, junto ao traçado espacial pela linha de fronteira, é sugerida uma variedade de construções e seus status dentro do que costumamos chamar prostíbulo, bem como alguns nomes de suas proprietárias ou administradoras, em geral mulheres, as cafetinas. Dentro do que podemos considerar a baixa prostituição na região, são apontados inúmeros espaços: os quinchos da Mansa Isabel, os quilombos das galegas, entre as cidades de Trinta e Três, Melo e Rio Branco; a pensão de mulheres em Vergara em Trinta e Três; as pensões e os baiolongos e milongueiras em Montevideu; os “peixes” da volta do Rio em Jaguarão, como os da Mamá Burnes e o da Pochoncha, sem mencionar as pensões da Rua dos Prazeres. Estabelecimentos que contrastam com outros espaços como o cabaré do Tomasinho, uma vez que esse foi preparado para receber e ofertar “suas estrangeiras cobertas de rímel” (p.77),

associando-se e contribuindo para a renovação do plantel dos cabarés Mangacha, na cidade do Rio Grande, e do Haidée, em Pelotas.

É nessa cartografia dos espaços do comércio sexual e da dimensão sócio-cultural sugerida, que os textos apresentam um elenco também variado de prostitutas, mas onde, assim como as mulheres do grupo anterior, “poucas tinham uma história diferente para contar” (p.78). Como aponta o narrador de *La Virgencita*, “havia as postas na vida pelos namorados (...) e as oferecidas pelos pais, ou por uma tia ou uma avó” (p.78). Se estas compõem a maioria do grupo, podendo ser vendidas ou trocadas entre os estabelecimentos, havia também as voluntárias, como a “Alzira, casada com um maracheiro que passava a vida numa bolanta, nas granjas” (p.80); “como a Petiça, que vinha somente de noite, acertada com um, dois a três soldados”, trazendo seus michês, ou ainda as viúvas como Bonita, que diziam “até lhe pago, se for preciso, mas quero quedar-me por aqui...” (p.79). Mas se essa variedade de procedências é marcada ao longo dos textos, também o é a presença de crianças: “Antes, até criança cabia na casa, para quem gostava mais de criança” (p.79).

Se essa descrição didática, que não corresponde à realidade da construção discursiva, já que as coordenadas para uma cartografia estão dispersas ao longo dos contos, permite relativizar a homogeneização em torno dos motivos que parecem levar ao universo da prostituição – como é o caso de personagens citadas acima ou de D. Manuelita, do conto “O Sétimo Mandamento” – também chama atenção para a presença de crianças, já citada ou aludida em diferentes contos.

Assim como em “R.S.” – conto que tratei anteriormente – uma das descrições mais marcantes da diegese é a do aliciamento infantil em torno dos nove, dez anos, pelo padrasto de Sara, pelo cunhado de Ruby, aqui, neste segundo conjunto de contos, em “A louca Inez”, temos a “pequena Inez” iniciada pelas mãos de uma vizinha. Contrastar as duas descrições nos permite imaginar a presença de crianças no universo prostibulário, presença que, se citada ou aludida em diferentes contos, nesses dois movimenta um forte impacto visual, sensitivo e cognitivo.

Nós até podemos voltar no tempo e trazer-lhe a reminiscência de um escuro hotel no Havre (...) o padrasto chegava da rua ia tirar o casaco diante do espelho então a enxergava, pelo espelho; aí virava-se para ela, olhava-a sorrindo, dava dois passos até a cama, vinha, sentava-se, desabotoando-se a camisa, e a afagava a mimava e pegava-lhe a levantar o vestidinho, a dizer

que queria ver como ela era, como era, como ali embaixo, ali no meio das pernas, e ia apalpando-lhe com as mãos lisas e delicadas de quem só andava de luvas; ia e ia tocando-lhe de leve com os dedos, depois apertando carinhosamente, chegando-lhe o próprio corpo, agarrando-a com cuidado (...) – ela ali sem vestidinho, nuinha, e sem alcançar a saber, sem perceber, sem entender direito aquilo, aquele homem (o padrasto) chegando-se ali, encostando-se ali, acomodando-se ali, pondo-se ali, firmando-se ali metendo-se ali, enfiando-se ali com jeito, com cuidado, carinhoso, em querer lastimá-la, beijando-a, beijando-a, beijando-a... (SCHLEE, 2013: 42)

Em "A Louca Inez",

veio-lhe a vizinha, para ajudar na cura – mas ficava a passar-lhe a mão pelos bicos dos tetinhos, a mostrar-lhe que eles eriçavam num arrepio gostoso e a dizer-lhe que ali no meio das pernas ela tinha uma mina de outro que era para servir de depósito na falta de mulher que tinham os homens casados e que, no mais havia a língua como que se podia atender igualmente os homens faltados e ainda deixá-los loucos para eles mesmos se encarregarem de lambar a gente no meio das pernas, assim e assim e assim. E a vizinha, lambendo-a mais que fomentando-a com unto de sabão com arnica e folhas de alho macho, foi enlouquecendo com aquilo a pequena Inez (...) e virando-a logo em mulher antes mesmo que ela pudesse se imaginar ou ser vista como moça. (SCHLEE, 2013: 65)

A prostituição infantil é um motivo raramente tratado pela historiografia, que se voltou para o “tráfico de escravas brancas” e, tampouco, é frequente no argumento ficcional de textos literários que tematizam a prostituição ainda hoje. No entanto, cabe lembrar que, conforme aponta Cristina Schetini Pereira, em seus estudos acerca dos debates relativos à regulamentação da prostituição e às experiências de trabalho sexual em Buenos Aires e no Rio de Janeiro, no fim do século XIX¹⁷⁸ (2005) “em Buenos Aires, uma quantidade de crianças argentinas eram ‘conchavadas’ por seus pais em casas de prostitutas – ou seja – alugadas por pagamentos mensais”. (PEREIRA, 2005: 31)

E se atentarmos para biografias como as de Sara Bernhardt¹⁷⁹, ou de Edith Piaf¹⁸⁰, por exemplo, encontraremos, tais como nas vidas de “nossa Sara”/Ruby, e da “pequena” Inez, relações entre aliciamento, precocidade sexual e prostituição.

¹⁷⁸ PEREIRA, Cristina Schetini. Lavar, passar e receber visitas: debates sobre a regulamentação da prostituição e experiências de trabalho sexual em Buenos Aires e no Rio de Janeiro, no fim do século XIX. *Caderno Pagu*, v.25. , Julho-dezembro, Unicampi, 2005.

¹⁷⁹ Ver: BERNHARDT, Sara. *Eu, Sarah Bernhardt*. Tradução Gulnara Lobato de Moraes. Jose Olympio, 1ª. ed. [1949], 1988.

Se os contos de Schlee nos remetem a práticas de aliciamento de crianças em diferentes localidades do mundo, no início do século XX, e os estudos de Pereira situam a problemática em dois contextos específicos da mesma época, a leitura de ambos – a partir da arte e a partir da pesquisa – mobilizam o leitor a refletir sobre aliciamento infantil e exploração sexual no âmbito da situação atual. Nesse sentido, destaco que o I Congresso Mundial sobre exploração sexual e comercial de crianças, realizado na Suécia, em 1996¹⁸¹, foi um marco histórico para se traçar um panorama amplo do problema, pensar propostas integradas internacionalmente e mobilizar ações específicas em cada nação para enfrentar a questão em nível mundial.

Considerando a discussão da questão no Brasil, destaco que foi só na década de oitenta, após o período de ditadura militar, que organizações não governamentais começaram a dar visibilidade às relações entre violência doméstica e abuso sexual infantil¹⁸². Tal questão, nos anos noventa, passa a ser também reconhecida em seus vínculos frequentes com exploração comercial, o que deflagrou, por parte do governo brasileiro, a busca de ações públicas para entender e combater as diversas faces desse problema.

Um dos trabalhos de pesquisa de maior impacto sobre a opinião pública, e que se somou ao que algumas organizações estavam apontando, foi o do jornalista Gilberto Dimenstein, do jornal *A Folha de São Paulo*. Dimenstein, mediante uma investigação realizada entre 1985 e 1995, publicou uma série de reportagens acerca da exploração sexual de meninas na região norte e nordeste do país, ligando tal condição à convivência das famílias, à miséria e ao trabalho escravo.

A pesquisa, divulgada ao longo de reportagens no jornal, foi também lançada no livro *Meninas da noite: a prostituição de meninas escravas no Brasil* (1992)¹⁸³. Em uma

¹⁸⁰ Ver: BUQUE, Carolyn. *Piaf, uma vida*. Tradução Cecília Gianetti, São Paulo: LeYa Brasil, 2011. Ver também filme biográfico *Piaf - Um Hino Ao Amor*, direção de Olivier Dahan, 2007. Título original: *La Môme*.

¹⁸¹ A partir desse primeiro Congresso, realizado em Estocolmo, na Suécia, foram realizados mais dois, um em Tóquio, no Japão, no ano de 2001, e outro no Brasil, em 2008. http://www.unicef.org/brazil/pt/activities_13277.html

¹⁸² LIBÓRIO, Renata Maria Coimbra; SOUZA, Sônia M. Gomes. *A exploração sexual de crianças e adolescentes no Brasil: reflexões teóricas, relatos de pesquisa e intervenções psico-sociais*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

¹⁸³ DIMENSTEIN, Gilberto. *Meninas da noite: a prostituição de meninas escravas no Brasil*. São Paulo: Ática, 1992.

das passagens de seu livro, o autor denuncia o papel da própria família para o caminho da prostituição, mas alerta para as relações entre essa atitude e a extrema desigualdade social – miséria – no Brasil: "A garota trabalha, em geral, de vendedora de chiclete ou bala. Mas é obrigada a levar uma determinada quantia para casa, sob pena de apanhar. Sem dinheiro, às vezes, ela se entrega aos homens para voltar para casa com a quantia exigida. O furto é outra alternativa, porém mais arriscada". (DIMENSTEIN, 1992: 22)

Já na entrada do livro, Demenstein situa a questão do âmbito nacional para uma visão mais ampla, ao relacioná-la à mercantilização humana em escala mundial: "Convido o leitor a dividir comigo essa viagem pelas rotas do tráfico humano...". (p. 11)

Evidentemente, tal pesquisa, entre outras destacadas na época, incidiu em um forte impacto da imagem internacional do Brasil, apontada, inclusive, nos congressos anteriormente mencionados, e também mobilizou, no âmbito nacional, uma série de políticas públicas para lidar com tal situação. Uma das faces mais emergenciais da questão – a miséria extrema – tem sido enfrentada com vários programas sociais do Governo Federal, dentre eles o Bolsa Escola, o Bolsa Alimentação e, mais recentemente, o Bolsa Família, como alternativas de amparo às famílias. Outra face mais profunda da questão seria a abertura de um amplo debate acerca do lugar que a prostituição tem ocupado na história social brasileira e mundial ao longo da Modernidade. Essa possibilidade, no entanto, no Brasil, apenas se esboça, a partir da proposição do Projeto de Lei Gabriela Leite, no Congresso Nacional, cujo teor tem provocado, em diferentes setores da sociedade, ao menos alguma inquietação.

A questão em torno das razões e alternativas frente à situação atual da prostituição tem tomado vários rumos na sociedade moderna, especialmente, com o ingresso, no debate, das vozes de quem têm vivido essa experiência no corpo. Frente às denúncias de criminalização estatal, segregação social e requisição de reconhecimento do trabalho sexual, por parte das mulheres que atuam na prostituição, a sociedade tem assumido diferentes perspectivas.

Em linhas gerais, as perspectivas críticas e as legislações de diferentes países, em torno da prostituição, têm se dividido em quatro posturas distintas: a proibicionista que, ao associar prostituição com tráfico de pessoas, estipula a punição; a regulamentarista, em que o Estado regulamenta a profissão, mas não oferece direitos

trabalhistas; o modelo laboral ou trabalhista, no qual a prostituta é reconhecida como trabalhadora sexual e tem seus direitos trabalhistas previstos; e a perspectiva abolicionista, que vincula a prostituição à sociedade sexista e vê a exploração sexual e a prostituição como sinônimos, considerando, por isso, a troca de sexo por dinheiro uma violência.¹⁸⁴

Sem me deter na especificidade e nem em possíveis entrecruzamentos estratégicos de algumas das perspectivas sumariamente aqui apontadas, reitero que toda a posição crítica, epistemológica está sempre marcada pelos distintos lugares sociais que nos habitam, por nossa formação social, mas também por nossa capacidade de abertura ao debate, à possibilidade de ponderar a partir do ponto de vista do(s) outro(s). É nessa relação de diálogo - não isento de tensões - que podemos reconhecer que há muitos pontos de vista, mas que também podem dar respostas à questão, segundo seus contextos e localizações.

Longe de um relativismo, considero que o problema central está em reconhecer que, frente à profunda desigualdade social, a prostituição tem sido um modo de subsistência para muitas mulheres, mas também em reconhecer que a prostituição tem sido historicamente um fetiche eminentemente masculino. Perguntar-nos as razões pelas quais – e são variadas – alguém vende a intimidade do seu corpo ao prazer do outro é importante, mas, sobretudo, é necessário refletir acerca das razões pelas quais alguém o aluga/compra. Não me proponho aqui a refletir mais amplamente sobre tais razões e sua implicação no imaginário social de modo geral, mas venho tratando de algumas facetas da questão ao longo de minha leitura da obra ficcional de Aldyr Garcia Schlee.

¹⁸⁴ Na América Latina, destaco os casos do Brasil, Uruguai e Argentina: o Brasil adotou a perspectiva regulamentarista, ou seja, não criminaliza a prostituição, mas sim os que a induzem ou a controlam. O Uruguai, o laboral, em que não só reconhece o trabalho sexual, mas também estabelece medidas de regulamentação profissional – Lei 17.515. A Lei tanto prevê segurança social às trabalhadoras quanto proporciona espaços de capacitação para outras áreas de atuação profissional às que queiram deixar a prostituição. Já a Argentina tem uma postura abolicionista: mantém a lei promulgada em 1936 – Lei 12.331 –, que proíbe o estabelecimento de casas ou de locais de prostituição, assim como sanciona a quem explore a prostituição alheia. Na Europa, países como Espanha, França, Inglaterra e Suécia têm adotado a perspectiva abolicionista; nesse sentido, consideram a prostituição como uma forma de exploração e violência. A Suécia, no entanto, foi o primeiro país que passou a criminalizar o consumidor de serviços sexuais. Já os Estados Unidos são um país proibicionista, situando a prostituição como um delito.

Buscando ajustar as pontas de algumas das reflexões anteriormente expostas, destaco, para finalizar, que, no âmbito desse complexo e necessário debate em torno da prostituição, ingresso nele a partir da leitura que realizei da literatura de um escritor de uma região. Nesse processo, como creio ter demonstrado, o universo da prostituição na obra de Schlee está atravessado por múltiplas relações sociais e, em especial, por fortes relações de poder. Relações que, na obra do escritor, podemos ver, por exemplo, configuram-se – de modo mais explícito – entre o poder econômico e político local e aqueles que articulam o tráfico de mulheres para a travessia regional. Questão que nos permite imaginar outros conluíus ao redor do mundo para que se desse/dê o tráfico de seres humanos; mas, em especial, as relações de poder na obra do escritor estão marcadas, de um modo não tão explícito, por uma forte hierarquia de gênero. Tal hierarquia, por um lado, controla não só as possibilidades de recurso e autonomia da mulher, mas também a sexualidade feminina, deliberando sobre sua vida, a partir de uma autoridade socialmente construída do poder paterno, do esposo, do irmão, de uma sociedade patriarcal, enfim; por outro lado, aposta na sua vulnerabilidade social e econômica, historicamente promovida, questões que reforçam o poder simbólico masculino na sociedade. É nesse sentido que perceber a hierarquia de gênero como constitutiva da colonialidade de poder, na acepção conferida por Lugones, nos permite ver que essas relações carregam consigo várias camadas de subordinações que não se restringem a uma questão local.

No conjunto da obra do escritor, dois aspectos reiteram-se: a miséria e a hierarquia de gênero. Ambos os tópicos associados sugerem os modos pelos quais a vulnerabilidade social da mulher é construída. Em especial na obra *Contos da vida difícil*, a prostituição aparece ligada mais diretamente ao tráfico de mulheres, mas se desenvolve também vinculada a questões locais. Assim, o universo da prostituição emerge em múltiplas variações, ou seja, enquanto tráfico de pessoas, comércio sexual, pedofilia, serviços domésticos, sexualidade, meio de subsistência, problemática social. Em todos os casos, as personagens femininas, predominantemente, ingressam nesse universo devido à miséria, encaminhadas por suas famílias ou por uma decisão própria de sobrevivência, ou seja: “poucas tinham uma história diferente para contar”. (p.78)

Ao buscar entender como Schlee constrói seu “território literário”, destaquei anteriormente que tanto a referência geocultural entre Brasil – Uruguai – Argentina

quanto à autorrepresentação inscrita ao longo de sua obra geram seu espaço simbólico. Esse espaço de fronteiras, contudo, não é entendido isolado nem tampouco em abstrato, mas se configura pela inscrição de múltiplas formações sociais locais, bem como por sua inter-relação com outras localidades no mundo.

Assim, assumindo o seu espaço de enunciação enquanto posição estética, que se articula entre uma posição geocultural específica e uma *performance* autoral, o escritor cria seu espaço simbólico. Tal posição de significativa permeabilidade entre ficção e realidade social traz consigo uma ampla temporalidade, cujas coordenadas concentram-se nas décadas iniciais do século XX – momento de urbanização da região e de forte reconfiguração de imaginários da Modernidade em todo o mundo –, mas também incluem os tempos móveis do narrador enquanto processo de leitura, memória e criação.

Assim, se os tempos de modernização na obra narrativa schleeriana são marcados por desenvolvimento tecnológico, econômico, cultural e alterações no campo político, ele oferece também sua contraface: aprofundamento da desigualdade social, migrações¹⁸⁵ e a prostituição, ontem e hoje.

Na literatura schleeriana, descolonizar a memória local implica tanto lidar com tramas dos textos culturais que a constituem quanto trazer memórias cotidianas ocultas, interdidas, para o centro de sua imaginação, criação ficcional. Nesse sentido, a memória, enquanto lembrança individual que se funda na inter-relação com o outro, é um princípio criativo na obra do escritor. Sua concepção de memória enquanto lembrança, seleção e imaginação que mobiliza outros contares e outras histórias desconsideradas e/ou escamoteadas, cruza-se com seu outro princípio criativo: o lugar, singular, de quem a cria. Por esse viés, sua compreensão da indissociabilidade entre o universo narrado e o modo como ele é narrado conjuga-se com uma composição de ponto e contraponto, que tanto desestabiliza qualquer pretensão de unicidade e

¹⁸⁵ Talvez valha a pena lembrar que as “francesas” eram, de modo geral, do Leste Europeu, especialmente, polonesas. Perguntar-nos sobre esse deslocamento histórico requer lembrar que nos albores da Modernidade os enfrentamentos da Alemanha com a Polônia diante da criação da República Weimar (1919), bem como o apoio da União Soviética acabaram incidindo na desintegração da região e sua miséria, em constantes migrações durante o período em 1939. Talvez um olhar cruzado entre esses enfrentamentos e os tratados de aliança mútua entre a França e a Polônia expliquem, em parte, esse trânsito migratório via cultura e portos franceses. Talvez o lugar das referidas mulheres na história desses enfrentamentos bélicos e/ou na manutenção de suas famílias lá precise ser contada. Ou, talvez, já estejam sendo escritas por escritoras como Myrta Shalom ou Alicia Dujovne Ortiz, mas essa investigação configuraria outra tese. Questões que nos levariam a pensar o “sul” dentro do norte, pelas desigualdades que também ele abriga.

fechamento em torno do que é contado quanto questiona o uso de poder na interdição e ocultamento da memória.

Em Schlee, a experiência espacial realiza-se, assim, por meio de sua escritura. É a escritura um lugar de enunciação que afeta as interpretações naturalizadas acerca do cotidiano, das memórias e histórias, não só local, mas também de outras localidades com as quais esse espaço está inter-relacionado.

Minha leitura do tema da prostituição na obra do escritor permitiu-me perceber – e expor – que essa inter-relação não se limita a que a região comparta de um processo de urbanização e desenvolvimento tecnológico da virada do século XX, com seus ícones da época, como luz elétrica, gramofone, início do cinema, carros, construção de vias de acesso aos portos do Prata e, desde aí, para a Europa. Isso porque, junto com o desenvolvimento tecnológico e realinhamentos de poderes políticos locais e mundiais da Modernidade, a região comparte, com outras localidades, as mesmas desigualdades sociais e, conseqüentemente, problemas semelhantes. Por isso, se as relações que ele estabelece via filmes, histórias políticas e econômicas, permitem ao escritor pensar e imaginar como as pequenas elites locais, seguindo e beneficiando-se da mesma concepção desenvolvimentista e valores de um sistema patriarcal que marca a Modernidade em todas as suas instâncias, tem, reiteradamente, subordinado diversos grupos sociais e exercido um domínio em todas as ordens do poder, inclusive pelo ocultamento de histórias, também permitem outro olhar sobre o “Norte Global” .

A rota da prostituição Europa – Estados Unidos – América do Sul, mesmo hoje com sua inversão, tematizada na obra de Schlee, sinaliza uma perspectiva mais ampla de “sul”. A literatura schleeriana, como também mostrei, está centrada no pequeno espaço simbólico onde transitam suas personagens; contudo, se tal delimitação permite ao escritor lidar com as múltiplas memórias sociais que a integram, também possibilita situar sua leitura porque como ele já anunciou desde o princípio de sua obra “... E O RESTO DO MUNDO em que vivemos é todo sul sem norte”. (SCHLEE, 1988)

CONSIDERAÇÕES FINAIS - O INTERVALO

Entendendo a literatura como um espaço que lida com múltiplas lutas simbólicas e cujo processo criativo permite compreender de modo mais abarcador a complexidade de um imaginário social, destaquei, neste trabalho de tese, que meu principal objetivo é o de aproximar-me do imaginário da região em que trabalho a partir de sua literatura.

Com tal intuito, já a partir de 2008, dei início, na universidade em que trabalho – UNIPAMPA –, a um projeto de preparação de um acervo de obras literárias de escritores contemporâneos – argentinos, brasileiros e uruguaios –, intitulado *Perspectivas de fronteiras*. Conhecer e fomentar a divulgação de escritores e fazer circular obras às quais temos pouco acesso foram as principais intenções dessa iniciativa. Se a dificuldade de acesso, por um lado, está vinculada aos limites dos mecanismos de distribuição na região, está também à carência de avaliação e legitimidade dessas obras, devido ao pouco interesse das academias em relação ao que se move fora dos grandes centros urbanos das capitais, como Porto Alegre e Buenos Aires. Por isso, a inserção de um novo espaço de saber, como é o caso de uma nova universidade, requer conhecer a região – o que implica também nela intervir – a partir de diferentes ângulos e práticas. Eu, na condição de professora de literatura, entendi que deveria começar por aproximar-me da obra ficcional daqueles que aí escrevem. Nesse processo, alguns textos dos referidos escritores tornaram-se o centro de meus estudos e de meus alunos, tendo resultado em trabalhos de conclusão de curso de alunos, em diferentes campi da instituição; outros circulam em estágios junto às escolas locais; alguns seguem em pesquisas de programas de pós-graduação, que vêm sendo abertos na universidade, em todos os níveis.

Frente a uma universidade que recém se estrutura e a um corpo docente ainda pouco experiente, pouco se fez, mas caminhos estão abertos, haja vista o número de projetos de pesquisa, de extensão e de ensino propostos, conforme registra o site da UNIPAMPA.

Do conjunto de obras identificadas a partir do trabalho com o acervo, interessou-me estudar narrativas ficcionais que situam seus lugares de enunciação, predominantemente, nas fronteiras do sul do Brasil com a Argentina e/ou Uruguai, uma vez que criam, com essas coordenadas referenciais, com suas temáticas, figuras, símbolos, linguagens e discursos, um espaço imaginário de complexas trocas culturais. Um dos resultados desse trabalho pode ser considerado na seleção de textos que integram os dois volumes dos áudios-livros – *Fronteira sul em contos* –, produzidos no âmbito da pesquisa e da extensão, com o apoio do Ministério da Cultura, lançados em 2010, em espaços culturais do Brasil, Argentina e Uruguai, e distribuídos tanto para escolas da região quanto para centros latino-americanistas em diferentes países.

Assim sendo, com vistas a dar continuidade e aprofundamento aos meus estudos acerca do imaginário de fronteira na região do Cone Sul, julguei pertinente, nesse importante momento de minha qualificação profissional, prosseguir na leitura de narrativas ficcionais de escritores da região. Minha intenção, no entanto, não tem sido criar outro sistema ou destacar um conjunto ficcional que pudesse provocar ruptura no cânone local. Isso porque julguei mais importante problematizar uma situação: o imaginário homogêneo acerca da literatura de fronteira da região. Com tal propósito, além dos primeiros critérios de seleção já estabelecidos, acerca de narrativas ficcionais cujos lugares de enunciação referem-se a essa região geocultural, considerei relevante eleger três escritores, um de cada país, com uma produção literária significativa. Atitude que, se trazia implicada uma perspectiva nacionalista, possibilitaria – talvez – uma visão mais contrastiva do imaginário da região.

Efetivamente, iniciei com o propósito de trabalhar com três escritores, conforme consta em meu projeto original de tese. No entanto, mediante uma primeira leitura em conjunto da obra dos escritores, conforme apresentei em meu trabalho de qualificação exposto em 2014, deparei-me com a exigência de eleger uma narrativa de cada um deles ou de realizar uma leitura mais longitudinal e orgânica da obra de um dos escritores. Frente a esse impasse aqui declarado – situação de uma pesquisa que assume plenamente seu processo de construção, com incertezas e decisões necessárias –, optei por trabalhar com apenas um escritor.

Elegi, assim, a obra do escritor fronteiriço Aldyr Garcia Schlee, que, na época de início das pesquisas, apesar de suas premiações em nível nacional, era um escritor como

outros tantos que escrevem na e sobre a região, alvo de pouca atenção por parte da crítica e do público leitor. Destaco ainda que Schlee é um escritor que escreve e publica tanto em português quanto em espanhol. Obras como *Cuentos de Fútbol* e *El día en que el papa fué a Mello*, por exemplo, foram escritas e publicadas em espanhol, no Uruguai, e, posteriormente, via autotradução, no Brasil. Há obras em que, além das duas citadas, seu espaço diegético, assim como suas personagens, são eminentemente uruguaios e/ou argentinos, como é o caso de *Os limites do impossível* – contos gardelianos. Assim, sua concepção de espaço é móvel, já que o mesmo se constitui em contínuo diálogo entre os mundos que o escritor coabita, entre eles, o da arte. Por tudo isso, em seu conjunto, a obra do ficcionista lida com um imaginário altamente diversificado.

No que tange a esse aspecto, creio importante destacar que a diversidade da obra de Schlee está profundamente vinculada à escolha de suas personagens. Sua opção estética, em certa continuidade com a linha aberta pela literatura gauchesca, privilegia personagens que estão à margem do poder. Mas à diferença dessa linha criativa, em que as personagens estão vinculadas ao campo, a narrativa schleeriana volta-se predominantemente para o meio urbano, opção que o mobiliza a lidar com múltiplas inscrições sociais desse espaço. Ainda que o escritor também tenha um expressivo repertório de narrativas vinculadas ao campo e à formação política do território, conforme apontei em “A viúva de Quinteros” e em outros textos, no conjunto de minha leitura. Nessa linha, lidando com a história política, com os oscilantes conflitos e acordos de fundação da região, o escritor investe na possibilidade de ressignificar a história passada a partir do tensionamento de múltiplas perspectivas implicadas na construção do lugar, mas que foram obliteradas pelos discursos do poder, ao longo da história da região. Por esse viés, Schlee dialoga e atua na revitalização da literatura gauchesca. Também relacionadas a essa linha criativa, mas em diálogo mais direto com as estratégias do novo discurso ficcional histórico na América Latina, estão narrativas mais longas como *Don Frutos* e *Os Limites do impossível* – contos gardelianos. A vertente vinculada à literatura gauchesca é a mais frequentemente estudada dentre a produção ficcional do escritor, conforme indiciam alguns dos trabalhos de pesquisa que registrei, em notas de rodapé, ao longo de minha tese.

Porém, para além da vertente criativa citada, segundo apresentei na leitura desenvolvida de algumas de suas obras, neste trabalho, e deixei em aberto, com a

sugestão de leitura de outras, Schlee desenvolve outros núcleos criativos. Considerando as transformações da matriz política e econômica do poder, tratada no núcleo anteriormente apontado, o escritor centra sua perspectiva do narrar em personagens que estão à margem de uma sociedade em processo de urbanização. É no descompasso entre o desenvolvimento e o progresso sinalizado pelo processo de modernização da região e a continuidade da miséria, da exclusão e dos conflitos de valores sociais, que o escritor situa suas personagens e cria seu espaço simbólico. A partir desse amplo núcleo, sua narrativa diversifica-se, voltando-se, por vezes, para questões mais locais, como, por exemplo, um significativo conjunto de textos relativos a memórias cotidianas da região, motivo temático que, geralmente, está associado às relações entre a oralidade e as possibilidades de criação ficcional. Mas também e em outros tantos textos, o escritor desenvolve temas que sinalizam continuidades e semelhanças com ocorrências em outros lugares no mundo. Nesses casos, o expressivo conjunto ficcional schleeriano, relacionado às narrativas filmicas, é muito revelador. No âmbito de relações entre cinema e sua criação ficcional, o escritor desenvolve caminhos discursivos associados às conquistas da linguagem do cinema; em determinadas narrativas, sugere a relação entre suas personagens e as filmicas e, em outras, inclusive, apropria-se do argumento narrativo ou de um dos motivos que integram a narrativa filmica e o adapta ao seu texto. Na base desse conjunto de relações promovidas pelo escritor, está o fato de que, afinal, o processo de modernização por que passa a região tem consequências e tratamentos semelhantes de exclusão, marginalização e ocultamento de histórias e memórias que também ocorreram/ocorrem em outras localidades. Por isso, os argumentos dos filmes, quando integrados em diferentes graus de intensidade à narrativa ficcional schleeriana, mobilizam leituras entrecruzadas e viabilizam uma abertura maior, para que se leia a região e sua inter-relação com o mundo em que vivemos.

Na breve retomada da leitura da obra do escritor, evidencio a diversidade de seu imaginário, uma vez que Schlee, com uma perspectiva situada, não só pela permanente referência a um espaço geocultural, mas, também pelo exercício de uma *performance* autoral, assume a criação do seu espaço simbólico a partir da coexistência de múltiplas experiências locais, muitas delas inter-relacionadas com situações históricas também de outras localidades do mundo. Tais princípios criativos mobilizam, assim, um questionamento não só em relação à alteridade externa à região, mas, sobretudo, interna.

Partindo dessa diversidade, priorizei, neste trabalho, no entanto, a linha criativa que o escritor desenvolve acerca do universo da prostituição porque tal escolha tanto me permitiu percorrer os principais núcleos criativos da produção ficcional, elencados anteriormente, quanto entrar em um debate importante que ainda tem pouca visibilidade no campo dos estudos feministas. Foi na intersecção das múltiplas relações sociais de poder implicadas no universo da prostituição – cerceamentos da sexualidade da mulher, fortes vínculos com a desigualdade social e econômica, hierarquia de gênero e, inclusive, um histórico desinteresse intelectual sobre o tema –, que percebi mais profundamente a dissimulação e o escamoteamento da memória social, não apenas como uma postura local.

Se, ao longo do trabalho, destaquei a diversidade criativa da obra schleeriana, tendo priorizado a que se desenvolve em torno do tema da prostituição, tratei também de um princípio criativo de sua produção simbólica: a relação entre referência geocultural e *performance* autoral. Afinal, é lidando com estratégias de autorrepresentação narrativa que o escritor desnuda o olhar de quem imagina, lê e recria a região, potencializando também a memória e a interpretação por parte de seus leitores. Nesse processo de leituras entrecruzadas, percebi a concepção superposta do conceito de fronteira presente na obra do escritor, cujo trânsito perpassa fronteiras geopolíticas, sociais, culturais, de gênero, criativas, simbólicas, enfim.

Eis as principais razões pelas quais decidi delimitar, neste momento, a pesquisa à obra desse escritor e priorizar um tema específico de seu imaginário ficcional. É a partir de onde estimo também poder dar continuidade ao projeto, com obras de outros escritores da região, com a mesma profundidade dedicada à de Schlee.

Do contraste entre o conjunto de minhas primeiras leituras de obras de escritores contemporâneos e a leitura da crítica que se dedica à literatura da região, desencadeou-se o primeiro problema de todo o processo desta pesquisa: o descompasso entre a leitura da crítica, cuja perspectiva limita-se a um imaginário vinculado à cultura gauchesca, e uma produção ficcional que lida com um imaginário diversificado da região.

Cabe destacar que, também nesse âmbito, deparei-me com um impasse: recorrer a críticos que, esporadicamente, dedicam-se à literatura da região ou tomar como critério pesquisadores com uma trajetória mais extensa. Partindo do pressuposto de que

um papel mais efetivo por parte da crítica literária pode resultar em uma interferência mais profunda na construção do imaginário da região e também considerando meu interesse em percorrer as genealogias do pensamento – ficcional, crítico –, optei pelo segundo critério. O fato me levou a refletir sobre os fundamentos de abordagem utilizados por duas pesquisadoras brasileiras, dedicadas ao tema por mais de trinta anos: Lígia Chiappini e Léa Masina. Ambas, associando a perspectiva da Literatura Comparada e o paradigma da transculturação, empreenderam, a partir de meados dos anos noventa, uma (re)leitura da literatura produzida entre o sul do Brasil, o Uruguai e a Argentina e primaram por atuar na construção de um sistema da literatura gauchesca.

Creio, nessa etapa do trabalho, ter conseguido também configurar um panorama significativo das contribuições e limites dos estudos realizados pelas duas pesquisadoras brasileiras, no que se refere ao imaginário ficcional da região.

Considerando a perspectiva sinalizada pelas duas pesquisadoras brasileiras, tratei de revisar o olhar por parte de críticos hispano-americanos em relação a esse espaço cultural. Destaquei o prolífero estudo por parte de argentinos e uruguaios acerca do gênero gauchesco, como nos mostra a longa tradição desenvolvida desde Ricardo Rojas, Leopoldo Lugones, Martínez Estrada, Jorge Luis Borges, Angel Rama até Josefina Ludmer. No entanto, observei também a pouquíssima atenção à presença da literatura produzida no sul do Brasil por parte dos estudiosos hispano-americanos, tendo conseguido destacar apenas trabalhos dos argentinos Emilio Ramón Coni, Félix Weinberg e Maria Lauro Romano e dos uruguaios Fernando Aínsa, Pablo Rocca e Jorge Guerrero, que se desenvolvem pela vertente da gauchesca e/ou ou dos conflitos bélicos na formação da região.

Evidentemente, ao elaborar essas considerações finais, percebo – e por isso destaco – que, enquanto em minha reflexão sobre a crítica brasileira me foi possível traçar uma trajetória longitudinal e, creio, mais orgânica dos estudos das pesquisadoras, no que se refere à crítica no âmbito hispano-americano, minha leitura parece ter ficado mais variada. No entanto, o levantamento dos principais estudiosos argentinos e uruguaios, que seria a etapa inicial, permitiu-me visualizar que, se o sistema do gênero gauchesco tem suas origens na cultura argentina e uruguaia, a maioria deles desconsidera a presença do gênero na literatura do sul do Brasil. A constatação talvez tenha sido o principal motivo pelo qual eu não tenha selecionado também apenas dois

pesquisadores para um estudo mais longitudinal de seus trabalhos, a exemplo do que fiz com os estudos no Brasil. A percepção dessa ausência carecia de outras perguntas da minha parte e, talvez, exigisse outro andamento do meu trabalho. Porém, buscando não me enveredar para o estudo da literatura gauchesca, as possíveis perguntas ficaram suspensas porque preferi manter-me no estudo do imaginário ficcional da região, meu principal objetivo. Nesse percurso, distingo o papel dos críticos brasileiros e dos argentinos e uruguaios no surgimento desse imaginário da comarca pampeana; porém, também observo que alguns deles, ao tratarem a literatura da região, ora se referem ou recorrem ao paradigma da transculturação, ora o articulam ao âmbito dos Estudos Culturais e dos Estudos Subalternos. Perspectivas críticas sinalizadas também pelas estudiosas brasileiras, ainda que não tenham se orientado por tais propostas.

Assim, buscando entender o princípio epistemológico que tem orientado predominantemente os críticos latino-americanos dedicados a essa região cultural, busquei rastrear as origens e o percurso, a genealogia do paradigma transcultural, no âmbito do pensamento crítico na América Latina. Situação que me mobilizou a refletir acerca dos fundamentos da tradição crítica no pensamento latino-americano que, sobretudo a partir dos anos sessenta, tem investido de modo mais orgânico na construção de modelos regionais de leitura, com vistas a romper com a dependência intelectual que domina os estudos de nossa cultura.

Nesse caminho, retomei o pensamento de alguns importantes pesquisadores, como Gilberto Freire, Darcy Ribeiro, Fernando Ortiz, Picón Sallas, Antonio Candido, Angel Rama, Ana Pizarro, Tania Franco Carvalhal e conceitos, como miscigenação, *transculturación*, sistema literário, comarca, super-regionalismo, *ciudad letrada*, mostrando como suas propostas confluíram na criação do paradigma da transculturação, proposta de leitura que tem sido a base da construção do imaginário da comarca pampeana.

Percorri, assim, as linhas de conformação de um pensamento crítico; observei sua profunda importância enquanto perspectiva de leitura situada e elaborada com vistas à autodeterminação intelectual, uma vez que fundamentada na construção de um modelo de leitura baseado na história cultural latino-americana; o paradigma transcultural buscou romper com uma histórica dependência intelectual. No entanto, percebi e destaquei também que, tendo em sua base conceitos como mestiçagem e sincretismo,

essa perspectiva de leitura acabou contribuindo para a homogeneização da complexidade cultural latino-americana. Se a perspectiva transcultural viabiliza a possibilidade de entendermos e promovermos certas relações culturais no âmbito da cultura latino-americana, seu princípio de unidade, vetor máximo do pensamento da Modernidade, convergiu para um imaginário homogeneizador, inclusive, sobre o pensamento crítico na América Latina.

Esse foi o segundo problema que enfrentei diretamente neste trabalho de tese: ciente de que o reconhecimento intelectual está relacionado não só às estruturas do saber, mas também às do poder, segui empenhada em situar minha perspectiva de leitura no âmbito de pensadores latino-americanistas. Entretanto, convicta da importância de também situar meu lócus de enunciação, mas ciente do caráter limitador e ilusório de um pensamento latino-americano unificador, passei a questionar-me diuturnamente: quais seriam os fundamentos epistemológicos de minha leitura?

Por isso, retomando o caminho e atenta ao ambiente de produtiva crise epistemológica, desencadeada especialmente a partir das décadas finais do século XX, busquei revisar os principais caminhos da crítica que promovem vínculos com a tradição do pensamento na América Latina. Atenta aos críticos anteriormente estudados, inicialmente, interessaram-me duas tendências de suas propostas, que vêm sendo adotadas pelo menos desde a década de noventa, no âmbito latino-americano: Estudos Culturais na América Latina e os Estudos Subalternos Latino-Americanos.

Então, inicialmente, orientada pelos debates conduzidos por Raul Antelo, no âmbito do VI Congresso da ABRALIC (1998), entre pesquisadores como Roberto Schwartz, Silviano Santiago, Nestor García Canclini, Beatriz Sarlo e outros, situei-me nas principais discussões e tendências ali divulgadas. Seus questionamentos acerca dos critérios unívocos de abordagem da literatura, bem como suas propostas de articulação com distintas áreas do conhecimento, propunham a leitura da literatura a partir de diferentes parâmetros – locais, étnicos, políticos... Em uma de suas versões, a dos Estudos Subalternos, os pesquisadores, já menos preocupados com a densidade das produções artísticas, passam a valorizar, sobretudo, a diversidade da enunciação e apostam, assim, na voz das minorias e dos excluídos, a fim de destacar a diversidade cultural e estética da América Latina.

O distanciamento entre sujeito e objeto, outro bordão da Modernidade, é posto em xeque, e as possibilidades de abertura e transformação do campo epistemológico, tanto pela desestabilização entre áreas de conhecimento quanto pelo reconhecimento das múltiplas relações implicadas na construção do saber, da arte, das práticas cotidianas e do pensamento, enfim, sinalizam novos caminhos e constituem questões fundamentais para mim.

Do processo de inserção no tema, passei para os debates conduzidos por Catherine Walsh, a partir especialmente do livro *Estudios Culturales Latino-Americanos* (2003). Sem a pretensão de síntese de suas propostas de transformação epistemológica, nem de retomada do percurso histórico desse campo desde suas origens, nos anos sessenta, com Stuart Hall, na Inglaterra, sua expansão para os Estados Unidos, nos anos oitenta, e sua incorporação, a partir dos anos noventa, na América Latina, passei a desconfiar – com Zulma Palermo – que já muitas das propostas estavam sendo desenvolvidas no âmbito das linhas do pensamento latino-americano desde os anos vinte do século passado.

Talvez o debate desse novo campo de estudos, denominado Estudos Culturais, e as variantes assumidas em diferentes universidades latino-americanas – como Estudos da Cultura, Sociologia da Cultura ou Estudos Culturais mesmo – possa promover mais articulações, não só entre os intelectuais, mas também entre estes e os ativistas dos movimentos sociais. Tal caminho pode favorecer pensar outras possibilidades de descolonização do pensamento e das práticas humanas em todas as instâncias de nossa sociedade, conforme destacam muitos dos que ingressam no debate.

Frente a essas probabilidades e questionamentos – reflexão que assumi de modo precedente à elaboração do segundo capítulo desta tese, mas que o perpassa –, optei por posicionar-me junto a uma “comunidade de argumentação” que se autodenomina Modernidad/Colonialidad e vem se articulando em torno de uma *Epistemologia de Frontera*. (MIGNOLO, 2000)

Considerando que tal grupo tem como princípio organizativo a problemática geopolítica do conhecimento, a busca que empreendi no âmbito do pensamento crítico na América Latina para delimitar meu espaço epistêmico foi a mais profunda aprendizagem nesse processo de tese. “Aprender a desaprender” demandou-me revisar,

buscar organizar e valorar a relevância de saberes precedentes, produzidos com vistas à afirmação de nossa autodeterminação, mas, sobretudo, essa leitura crítica da crítica latino-americana desafiou-me a empreender uma busca por outros saberes e sentires aqui coexistentes, porém, invisibilizados pelo próprio pensamento crítico dominante. Por sua vez, pensar a partir de um lugar específico, primar pela fecunda alteridade interna do pensamento na América Latina exigiu-me também a atenção para outras propostas anti-hegemônicas no mundo.

Se uma *Epistemología de Frontera*, proposta por Mignolo, no interior dos debates do grupo Modernidad/Colonialidad, constrói-se como uma opção crítica frente ao pensamento hegemônico criado pela modernidade, a recuperação da intervenção nesse debate, por parte do campo do feminismo, especialmente do feminismo da diferença, cujas duas das principais vozes são Glória Anzaldúa e Maria Lugones, abriu-me possibilidades mais apropriadas para refletir sobre as relações entre gênero e colonialidade porque foram princípios fundamentais para refletir acerca do universo da prostituição, na obra de Schlee.

Ainda devido à natureza simbólica dos textos ficcionais com os quais trabalho e ciente de que a relação entre a construção do lugar e a elocução tem sido uma das principais questões dos estudos de hermenêutica, julguei importante orientar-me também pela perspectiva de leitura de Paul Ricoeur. Destaco que promover essa relação foi a tarefa mais difícil para mim, já que as propostas teóricas pareciam colidir. No entanto, sem negar a possível tensão, entendi que a proposta interepistêmica defendida pelo grupo Modernidad/Colonialidad e a concepção comunicativa da literatura requerida por Ricoeur, segundo a qual texto e leitor, historicamente, devem ser localizados, a fim de que se realize o processo de interpretação, possibilitaram-me articular as propostas de leitura.

Logo, essa trajetória continuamente questionadora – e até oscilante – levou-me a desestabilizar meus próprios imaginários sobre a crítica na América Latina e a equacionar o estranhamento que eu tinha em relação a um imaginário ficcional de uma região de fronteira específica do Cone Sul, lugar de minha vivência; abrir, com isso, novos caminhos de leitura.

Nessa trajetória, a ruptura com um universalismo abstrato, a problematização geopolítica do conhecimento e a abertura a um diálogo horizontal com diversidade vozes – sem negar eventuais contradições e diferenças – viabilizou-me compreender mais abertamente a pluriversalidade do mundo em que vivemos. Por sua vez, mobilizou-me a pensar o imaginário local em sua diversidade, bem como atentar para as lutas simbólicas que a ficção aqui produzida trava e medeia não só com o poder local, mas também com diferentes modos de imaginar a modernidade globalizada.

Hoje é interessante poder rever parte de meu percurso nas inúmeras versões de projeto que insisti, ao longo de quase três anos, em atualizar e atualizar, passar pelo estágio de qualificação até chegar à escrita da versão final da tese, com um percurso investigativo e uma perspectiva de leitura. Mas implica também reconhecer que essas preocupações me acompanham de longa data e esboçaram-se desde minha especialização em *Pensamiento Filosófico Latinoamericano*, realizado na Universidade Marta Abreu, de Las Villas, Cuba (1998), aprofundaram-se em minha dissertação de mestrado, com uma reflexão sobre o discurso ficcional histórico na América Latina, desenvolvida junto à Fundação Universidade Federal de Rio Grande (2002-2004) e entrecruzaram-se com uma preocupação, talvez, mais recente, sobre o imaginário ficcional de uma região mais delimitada, quando ingressei como docente na Universidade Federal do Pampa. Porque pensar o imaginário criado pela narrativa ficcional produzida em uma região geopolítica específica – as fronteiras sul do Brasil com Uruguai e Argentina – exigiu-me também refletir sobre o imaginário crítico que vem sendo construído acerca desse espaço cultural.

A tese aqui apresentada expressa, assim, um longo percurso de aprendizagem, que alcançou seus principais objetivos propostos – com o apoio da PUC/RS, onde realizei meu doutorado – ao passo que também sinaliza desafios em aberto, para a continuidade de trabalho.

Pensar o mundo a partir de meus espaços – de mulher, de cidadã, de educadora, de professora de literatura, de *sureña*, de latino-americana ... –, como me estão sinalizando vários artistas – dentre eles Garcia Schlee –, requeriria assumir uma posição geopolítica do conhecimento. O capítulo intitulado “Por um *Pensamiento de frontera*: os lugares de onde falo, as fronteiras em que me situo” oferece a síntese de percursos –

do grupo Modernidad/Colonialidad e o meu mesmo – na construção de uma perspectiva de leitura.

Para finalizar, destaco que o exercício de descobrir, construir e colocar a descoberto o espaço em que opto por localizar minha voz fundamenta-se, sobretudo, na convicção de que há muitos modos de ver e entender o mundo e que me situar no “sul” é, antes, um modo de buscar uma orientação – um norte, lembrando Torres García – para minha prática acadêmica, razão primeira do desenvolvimento desta tese.

REFERÊNCIAS

- TEÓRICA, HISTÓRICA E CRÍTICA

ANZALDÚA, Gloria. *Borderland/La frontera: The New Mestiza*. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

AÍNSA, Fernando. *Tiempo reconquistado — siete ensayos sobre literatura uruguaya*. Acessível em <http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/tiempo-reconquistado-0/html/p0000001.htm>

AÍNSA, Fernando. “La temática de la prostitución itinerante en Amorin y su inserción en la ficción hispanoamericana”. In: ____ (coord.). *La carrreta/Enrique Amorim, edición crítica*. Madrid, París, México, Buenos Aires, São Paulo, et al: ALLCA XX, [1988], 1997.

ALBERCA, Manuel. *El pacto ambíguo – De la novela autobiográfica a la autoficción*. Madrid: Ed Biblioteca Nueva, 2007.

AGUIAR, Flávio; RODRIGUES, Joana. *Ángel Rama: um transculturador do futuro*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.

BAJTÍN, Mijail. *Problemas literários y estéticos*. La Habana: Editorial arte y literatura, 1986.

BALDERSTON, Daniel. *Gaúchos da fronteira: Uruguay e Rio Grande do Sul nas obras de Borges*. Acessível em: <http://www.borges.pitt.edu/sites/default/files/Balderston%20in%20Moreira.pdf>

BARSTED, Leila Linhares. O progresso das mulheres no enfrentamento da violência. In. BARSTED, Leila Linhares, PITANGUY, Jaqueline (org.) *O progresso das mulheres no Brasil 2003-2010*. Rio de Janeiro: CEPIA/Brasília: ONU mulheres, 2011, p.346-382. onumulheres.org.br/wp-content/themes/vibecom_onu/pdfs/progresso.pdf

BENEDETTI, Mario. La literatura uruguaya cambia de voz. In: _____. *Literatura Uruguaya - Siglo XX*. Montevideo: Arca, 1988. A primeira publicação deste texto deu-se originalmente em 1962, em apresentação no Encontro de Escritores da Universidad de Chile.

BUENO, Raúl. *Escribir en hispanoamerica: ensayos sobre teoria y crítica literaria*. Lima/Piuttsburb, 1991.

CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. São Paulo: Martins Editora, 1962.

_____. Literatura e subdesenvolvimento. In: FERNANDEZ MORENO, Cesar. *América Latina em sua Literatura*. Tradução Luis João Gaio. São Paulo: Perspectiva, 1979, p.343-362.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. *La poscolonialidad explicada a los niños*. Colombia: Editorial Universidad del Cauca. Instituto Pensar, Universidad Javeriana. Primera edición: noviembre de 2005.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón. *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global* (compiladores). Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central. Instituto Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Los vecindarios de la ciudad letrada. Variaciones filosóficas sobre un tema de Ángel Rama. In: MORAÑA, Mabel. *Ángel Rama y los estudios latinoamericanos*. Pittsburgh: Editora IILI, 1997. 123-133.

CÁSTRO-GÓMEZ, Santiago y MENDIETA, Eduardo. *Teorías sin disciplina* (latinoamericanismo, poscolonialidad y globalización en debate). México: Miguel Ángel Porrúa, 1998. <http://ensayo.rom.uga.edu/critica/teoria/castro>

CESAIRE, Aimée. *Discurso sobre el colonialismo*. Madrid: Akal, 2006.

CARVALHAL, Tania Franco. Comunidades Inter-literárias e Relações entre Literaturas de Fronteira. In: ANTELO, Raúl (org.). *Identidade e representação*. Florianópolis: Pós-Graduação em Letras, UFSC, 1994, p.93-102.

_____. (org.) *O discurso crítico na América Latina*. Porto Alegre: IEL, São Leopoldo: UNISINOS, 1996.

_____. Dez anos de ABRALIC (1986-1996): elementos para sua história. *Organon*, vol. 10, n. 24. Porto Alegre: UFRGS, 1996.

_____. A tradição discursiva na América Latina e a prática comparatista. In: BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva. *Literatura Comparada: teoria e prática*. Porto Alegre: Sagra, 1996, p. 198-207.

_____. Limiares culturais: as complexas relações sul/sul. *Revista Iberoamericana LXIV*. Nums. 182-183, Enero-Junio Pittsburg, USA, 1998, p. 97-106.

_____. O comparatismo nas fronteiras da crítica e a crítica de fronteiras. *Caderno de Letras*, vol.1, n.7, Universidade Federal de Pelotas, RS, 1999, p.13-24.

_____. *Culturas, contextos, discursos – limiares críticos no comparativismo*. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

_____. Lugar e função da literatura comparada nos processos de integração cultural. *Glauks Revista de Letras e Artes*. Viçosa, Minas Gerais, v. 3, n. 4, 2000.

_____. *O próprio e o alheio – ensaios de literatura comparada*. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.

CÉSAR, Guilhermino. *História do contrabando no sul do Brasil*. Porto Alegre: Globo, 1956.

_____. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1956.

CLEADE, Isabel. LA REGIÓN DE FRONTERA URUGUAY-BRASIL Y LA RELACION BINACIONAL: PASADO Y PERSPECTIVAS. *Revista Uruguaya de Ciencias Políticas* [online]. 2010, vol.19, n.1, p. 165-184.

COUTINHO, Eduardo. Sentido e função da Literatura Comparada na América Latina. In: _____. *Literatura Comparada na América Latina - Ensaio*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2003, p. 11-29.

CORNEJO POLAR, Antonio. Literatura regional, nacional latinoamericana. In: PIZARRO, Ana. *Hacia una historia de la literatura latinoamericana*. Mexico: El Colegio de Mexico, 1987.

_____. *Escribir en el aire*. Ensayos sobre la heterogeneidad sócio-cultural en las literaturas andinas. Lima: Horizonte, 1994.

_____. Mestizaje e hibridez: los riesgos de las metáforas. *Apuntes. Rev. de Crítica Literaria Latinoamericana*, XXVI, 47, 1999, Lima-Bekerley, p. 7-11.

_____. *O condor voa*. Literatura e cultura latino-americanas. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

CHIAPPINI, Ligia. *Regionalismo e modernismo: o caso gaúcho*. São Paulo: Ática, 1978.

_____. Literatura e história: da literatura na história e da história na literatura à literatura fazendo-sendo história. *Anais do II Congresso da ABRALIC, Literatura e Memória Cultural*. Vol I, 1990, p.472-477.

_____. Velha praga? Regionalismos Literário Brasileiro. In: PIZARRO, Ana (org.) *América Latina: Palavra, Literatura e Cultura*. São Paulo: Memorial da América Latina/Campinas, 1994, p. 665-702.

_____. Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura - região, sertão, nação. In: *Estudos Históricos: história e região*. Rio de Janeiro: vol. 8 , n. 15,1995. p.153 -159.

_____. *No entretanto dos tempos: literatura e história em João Simões Lopes Neto*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

De Fausto a Fausto: o gaúcho na ópera. IN: LOBO, Luiza (org.). *Modernidad y modernización cultural y literatura en Latinoamérica*. Equador, Quito: Abya Yala, 2000, p. 47-80.

_____. Martín Fierro e a cultura gaúcha do Brasil. In: Martín Fierro - Edición Crítica. LOIS, Élica Lois e NUÑEZ, Ángel. Vol. 51 de Collection Archivos - ALLCA XX, California/USA: Editorial Fondo de Cultura Económica, 2001.

_____. O modernismo no Rio Grande do Sul: revisitando uma pesquisa dos anos setenta. *Revista Literatura e Sociedade*. Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, n. 7, 2003-2004, p. 256-265.

_____ et al. *Pampa e cultura: de Fierro a Netto*. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Instituto Estadual do Livro, 2004.

_____. Identidade Nacional – questão regional e cultural. In: KOHLHEPP, Gerd (org.). *Brasil: modernização e globalização*. Iberoamericana/ Vermert, Madrid/ Frankfurt AM Main, 2005, p.91-105.

CHIAPPINI, Ligia e MARTINS, Maria Helena (orgs.) *Cone sul: fluxos, representações e percepções*. São Paulo: Hucitec, 2006.

_____. Literatura e Fronteiras Culturais: Pampa e Amazônia. In: GALLINATI, Carla et al. *Fronteiras da integração: dimensões culturais do Mercosul = Fronteiras de La integración: las dimensiones culturales del Mercosur*. Porto Alegre: Território das Artes. 2011, p. 396- 431.

_____. Texto Regionalismo(s) e Regionalidade(s) num mundo supostamente global, apresentado na ABRALIC, 2012. Email, no dia 18 de agosto de 2014.

COSTA, Claudia de Lima. “O sujeito no feminismo: revisitando os debates”. *Cadernos Pagu*, v.9, p.59-90, 2002.

COSTA, Claudia de Lima, ÁVILA, Eliana. “Gloria Anzaldúa, a consciência mestiça e o ‘feminismo da diferença’”. *Revista de Estudos Feministas*, Seção Debate. Florianópolis, 13: 320, setembro-dezembro/2005;

COSTA, Claudia de Lima. Feminismo e tradução cultural: sobre a colonialidade do gênero e a descolonização do saber. *Portuguese Cultural Studies*, 2012

COLONNA, Vincent. L'autofiction, essai sur la fictionalisation de soi en littérature. Linguistics. Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS), 1989. French.

CORONA, Ignácio. ?Vecinos distantes? Las agendas críticas pósmodernas en hispano America y en Brasil. *Revista Iberoamericana*. Vol. LXIV. Nums 182-183, Enero-Junio, 1998, p. 17-38.

DIMENSTEIN, Gilberto. *Meninas da noite: a prostituição de meninas escravas no Brasil*. São Paulo: Ática, 1992.

D'INCAO, Maria Estela; SCARBATOLO, Eloisa (orgs.) *Dentro do texto, dentro da vida - Ensaio sobre Antonio Candido*. São Paulo: Companhia das Letras, Instituto Moreira Sales.

DUSSEL, E. *Sistema-mundo y "transmodernidad"*. In: BENERJ, Ishita; DUBE, Sarabh; MIGNOLO, Walter. (Eds). *Modernidades Coloniales*. Editorial El Colégio de México. México, 2004.

DUSSEL, E. *Transmodernidad e interculturalidad*. (interpretación desde la Filosofía de la Liberación). México City, 2005. In: www.afly.org/transmodernidadinterculturalidad.pdf

ECO, Umberto. *Os limites da interpretação*. Trad. Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. *Lector in fábula - a cooperação interpretativa nos textos narrativos*. São Paulo: Perspectiva, 2004, 2ª. ed. 1ª. reimpressão.

EISESTEIN, S. M. Un curso sobre tratamento. In: XAVIER, Ismail. *A experiência do cine*. Rio de Janeiro: Graal/Embrafilme, 1983.

FACIO, Alda. Un nuevo paradigma para eliminar la violencia contra las mujeres. In: *Discriminación y género - las formas de la violencia*. Ministerio Público de la Defensa, Buenos Aires, 2011, p.31-47. Acessível em: www.mpd.gov.ar.

FERRÁS, Graciela Liliana. Ricardo Rojas: inmigración y nación en la Argentina del Centenario. *Memoria & Sociedad* - v. 11, No 22 Enero - Junio de 2007, p.5-17. Acessível em www.revistas.javeriana.edu.co/index.php/article

FOFFANI, Enrique y MANCINI, Adriana. Más allá del regionalismo: la transformación del paisaje. In: JITRIK, Noé. *História crítica de la literatura argentina*. Buenos Aires: Emecé, 2000.

FREYRE, Gilberto. (1952) "Manifesto Regionalista de 1926". *Boletim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais*. Recife, v.1, n.1:21-43. Texto disponível na Biblioteca Virtual Gilberto Freyre, acessado em: 25 de maio de 2014.

GLISSANT, Edouard. Poétique de la relation. In: _____. *Le discours antillais*. Paris: Éditions du Seuil, 1981, p. 189-201.

GLISSANT, Edouard. *Poétique de la relation*. Paris: Gallimard, 1990.
MILAN, Betty.

GUERRERO, Jorge Carlos. *La literatura en las cartografías regionales del Cono Sur*. Frankfurt/Madrid: Iberoamericana & Vervuet, 2010.

GUERRERO, Jorge Carlos & GONZÁLEZ BOLAÑOS, Aimée. *Ficções da história: reescrituras latino-americanas*. Rio Grande: Editora da FURG, 2013.

GRAMUGLIA, Pablo Martínez. Ricardo Rojas: una modernidad argentina. Acessível em http://www.cehsegreti.com.ar/archivos/FILE_00000339_1316805766.pdf

GROSGOUEL, Ramón; HERNÁNDEZ, Roberto Almanza. *Lugares descoloniales: espacios de intervención en las Américas*. Bogotá: Editorial Universidad Javeriana, 2012.

GOULART, Catia. (org.). *Fronteira Sul em Contos*. Perspectivas de fronteira em audiolivro, volumes 1 e 2. Porto Alegre: Disc Press, 2009.

GOULART, Catia. Perspectivas de Fronteira e Pensamento Latino-americano. Anais do XIII Congresso Internacional de Literatura Comparada - ABRALIC- Campina Grande, Pernambuco, julho de 2013, volume 1, N.2. Acessível em <http://www.abralic.org.br/anais/?pagina=10&ano=2013>

_____. As grandes onças brabas: memória e imaginário. ANAIS DO XVIII SEMINÁRIO DE CRÍTICA LITERÁRIA BRASILEIRA, XVII SEMINÁRIO DE CRÍTICA LITERÁRIA DO RIO GRANDE DO SUL, v. 1, p. 71-83, 2012.

GOULART, Cátia, BOÉSSIO, Cristina Pureza e MARINS, Ida Maria. Currículo do Curso de Letras: Novas Perspectivas. In: BOÉSSIO, Ana Montano e RIZZÓN, Carlos (Orgs.) *Fronteiras, conceitos e práticas em contato*. Curitiba: editora Todas as musas, 2014. p 21-40.

_____. FICÇÃO, MEMÓRIA E IDENTIDADES NA AMÉRICA LATINA, UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL - Anais do X Seminário Internacional de História da Literatura, v. 1, 2014. ebooks.pucrs.br/diopus/Ebooks/Web/x-sihl

_____. A FRONTEIRA QUE HABITAMOS NA AMÉRICA LATINA - Revista VOX, Porto Alegre: IEL & CORAG, novembro de 2014, p. 28-31.

_____. POR UM PENSAMENTO DE FRONTEIRA. Anales del III Encuentro de las Ciencias Humanas y Tecnológicas para la integración de la América Latina y el Caribe - SIMPÓSIO 1 – Diálogos en el Conosur: Literatura, História e Fronteiras Sociais - Goiânia, Goiás, 7, 8 e 9 de maio de 2015, p. 05-21.

GOULART, Catia. *Cuentos gardelianos: una biografía de la ausencia*. Revista *Les Ateliers Du Sal*, n.7, 2015, 132-141. Acessível em <https://lesateliersdusalfr.wordpress.com/numeros-precedents/deuxieme-epoque/numero-7/articles-numero-7/>

KALIMÁM, Ricardo J. Un marco (no 'global') para el estudio de las regiones culturales. CONICET - JILAS - Journal of Iberian and Latin American Studies, 5:2, December 1999.

LAMAS, Marta. *Cuerpo, sexo y política*. México: Oceano, 2014.

LEJEUNE, F. *El pacto autobiográfico*, veinticinco años después. In: _____. *El pacto autobiográfico y otros ensayos*. Madrid: Megazul, 1994, p.159-171.

LIBÓRIO, Renata Maria Coimbra, SOUZA, Sônia M. Gomes. *A exploração sexual de crianças e adolescentes no Brasil: reflexões teóricas, relatos de pesquisa e intervenções psico-sociais*. São Paulo: casa do psicólogo, 2004.

LUGONES, Leopoldo. *El payador*. Acessível em: <http://www.letras.edu.ar/elpayador.pdf>

LUGONES, María. Colonialidad y Género: hacia un feminismo descolonial. In: MIGNOLO, .. [et all]. *Género y Descolonialidad*. Buenos Aires: Del Signo, 2014.

LUDMER, Josefina. *El génerogauchesco*. Un tratado sobre la patria sudamericana, Buenos Aires: Livros Perfil S.A, 2000. Acessível em http://www.folkloretradiciones.com.ar/literatura/Elgenerogauchesco_Untratadosobrelapatria.pdf

MARIACA ITURRI, Guillermo. *Los refugios de la utopía*. Apuntes teóricos para una política inter-cultural. La Paz: Ministerio de Desarrollo Sostenible y participación, 1999.

_____. *El poder de las palabras - ensayos sobre la modernidad de la crítica cultural hispanoamericana*. Chile/Santiago: Tajamar editores, 2007. https://www.academia.edu/1443984/El_poder_de_la_palabra

MEDEIROS, Vera. Quando a voz ressoa na letra: conceitos de oralidade e formação do professor de literatura. *Organon*. Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v.21, n.42, jan.-jun. 2007.

MIGNOLO, Walter D. Occidentalización, Imperialismo, Globalización: herencias coloniales y teorías poscoloniales. *Revista Iberoamericana* (p. 170-171):1995.

_____. Herencias coloniales y teorías postcoloniales. B. González Stephan (ed.), *Cultura y Tercer Mundo*. Tomo 1. *Cambios en el saber académico*. Caracas: Nueva Sociedad, 1996. 99-136.

_____. posocidentalismo: las epistemologías fronterizas y el dilema de los estudios (latinoamericanos) de áreas. *Revista Iberoamericana*. LXII (p.176 -177): 679-96 Jul/dec, 1996.

MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais/ projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

_____. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. Em: _____. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales Editorial/Editor, 2005.

_____. (comp). *Descolonialidad del ser y del saber*. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2006. Vol.1.

_____. *Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad*. Argentina: Ediciones del Signo, 2010.

_____. “Os esplendores e as misérias da ‘ciência’: colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistémica”. Em: SOUSA SANTOS, Boaventura de. (ed.). *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ‘ciências’ revisitado*. Lisboa: Edições Afrontamento, p. 631-671.

MIGNOLO, W. *La Idea de América Latina – la herida colonial y la opción decolonial*. Barcelona: Gedisa, 2007.

MILAN, Betty. GLISSANT, Édouard - A cultura da mestiçagem - Entrevista, *Folha de S. Paulo*, 5, fevereiro de 1995.

MOREIRA, Maria Eunice. *Regionalismo e literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Escola de Teologia São Lourenço de Brindes, 1982.

MASINA, Léa. *Percursos de Leitura*. Porto Alegre: Movimento, 1994.

_____. A gauchesca brasileira: revisão crítica do regionalismo. In: MARTINS, Maria Helena (Org.). *Fronteiras culturais: Brasil - Uruguai - Argentina*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002. p. 94.

_____. Tradição, transformação e renovação na literatura sul-rio-grandense (2003) *Organon/Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras*. v. 17, n.1. Porto Alegre: UFRGS, Edição especial dez. 2003, p. 45-51.

_____. Alcides Maya, Cyro Martins e Sergio Faraco: tradição e representações do regional na literatura gaúcha de fronteiras, In: CHIAPPINI, L.; MARTINS, M. H.; PESAVENTO, S. (orgs.) *Pampa e Cultura - de Fierro a Netto*, Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004, p. 95- 107.

_____. *O pampa revisitado: em dia com Alcides Maya*. *Organon*, v. 8, n. 37, 2004. <http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/31180/19355>. Acessado em junho 2013.

_____. Perspectiva para o estudo do regionalismo na América Latina: o romance naturalista na obra de Alcides Maya e Eugenio Cambaceres. In: CHIAPPINI, Ligia e MARTINS, Maria Helena (orgs.). *Cone Sul: fluxos, representações e percepções*. São Paulo: Hucitec, 2006, p.109-119.

_____. Regionalismo étnico no Rio Grande do Sul: síntese de uma proposta conceitual. Artigo acessível em: <http://www.celpcyro.org.br/> Acesso em setembro de 2013.

MORAÑA, Mabel, org. *Nuevas perspectivas desde / sobre América Latina*. 2ªed., Pittsburgh: Mabel Moraña Editora / IILI, 2002.

OFICALDEGUI, Marta. “Las relaciones comerciales Uruguay - Brasil 1888-1914”. Artigo Acessível em: <http://cdn.fee.tche.br/jornadas/1/s7a4.pdf>

PEREIRA, Schettini, Cristiana. *Lavar, passar e receber visitas: debates sobre a regulamentação da prostituição e experiências de trabalho sexual em Buenos Aires e no Rio de Janeiro, fim do século XIX*. Cadernos Pagu, v. 25, Julho-dezembro de 2005, p. 25-54.

PEYROU, Rosário. Las fronteras como espacio de mestisaje cultural. *Revista Agulha*. Fortaleza — São Paulo, janeiro-fevereiro 2009. Acessível em <http://www.revista.agulha.nom.br/ag67bienalpeyrou.htm>

PICÓN SALAS, Mariano. De lo europeo a lo mestizo: las primeras formas de transculturación. In: _____. *De la Conquista a La independencia - tres siglos de historia cultural hispanoamericana*. México: Fondo de Cultura Económica, [1944], 1985, p. 84-85.

PREVITERA, Roberta. *Le cinema dans la fiction Hispano-Américaine* - Université Paris Sorbonne - Ecole Doctorale IV - Laboratoire de recherche CRIMIC, 2014. Tese recebida da autora.

POLAR, Antonio Cornejo. *Literatura y sociedad en el Perú: la novela indigenista*. Lima: Lasontay, 1980.

_____. *Escribir en el aire: Ensayo sobre la Heterogenidad Cultural en las literaturas andinas*. Lima: Horizonte, 1994.

_____. *Una heterogeneidad no dialética: sujeto y discurso migrante en el Perú moderno*. Revista Iberoamericana, 1996:176-177 y 837-844)

_____. *Mestizaje e hibridez: los riesgos de las metáforas*. Apuntes. Rev. Iberoamericana, LXVIII. Num. 200 Julio-septiembre, 2002. 867-870

PIZARRO, Ana. El discurso literario y la noción de América Latina. In: 1º. Seminário Latino-Americano de Literatura Comparada. Porto Alegre: UFRGS, 1986.

_____. Historiografia y Literatura: el desafío de la otra coherencia. In: Anais do 1º. Congresso da ABRALIC. Porto Alegre, v. 1. 1988, p. 275-.

_____. Introdução. In: PIZARRO, Ana (org.) *América Latina: Palavra, Literatura e Cultura - a situação colonial*. Vol. 1. São Paulo: Memorial da América Latina; Campinas: UNICAMP, 1993, p. 19 - 37.

_____. Hispanoamérica y Brasil: Encuentros, desencuentros y vacíos. Acta Literaria no. 29. p. 105 -20, 2004. disponível em <http://www.scielo.cl/pdf/actalit/n29/art07.pdf>

PALERMO, Zulma. El constructo región literaria: problemas y perspectivas. Congreso ABRALIC, 4, 1994. ANAIS. p. 1093 -1110.

_____. El presente de la crítica literaria en América Latina. In: CARVALHAL, Tania (org.) *O discurso crítico na América Latina*. Porto Alegre: IEL, São Leopoldo: UNISINOS, 1996, p. 23-30.

_____. Epistemología fronteriza. Estudios Culturales y epistemología fronteriza en debate. In: COUTINHO, Eduardo (org.) *Fronteiras imaginadas, cultura nacional/teoría internacional*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001, p.174.

_____. Frontera del saber: em/sobre América Latina. *Organon*. Porto Alegre v. 17 - ed especial. dez. 2003, p.121-131.

_____. Geopolíticas literarias y América Latina. In: BITTENCOURT, Gilda; MASINA, Léa e SCHIMIT, Rita (orgs.) *Geografias literarias e culturais: espaços / temporalidades*. Porto Alegre: UFRGS, 2004, p.79-91.

_____. *Desde la otra orilla*. Pensamiento crítico y políticas culturales en América Latina. Córdoba: Alción, 2005.

_____. Revisando fragmentos del “archivo” conceptual latinoamericano a fines del siglo XX. *Tabula Rasa*. n.9, julio-diciembre, 2008, p. 217-246.

_____. El rol de las historias literarias en los proyectos de modernización latinoamericana. *Cadernos de Pesquisa em Literatura*. Porto Alegre, volume 16, n.1, outubro de 2010, p. 7-23.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, Edgardo. (comp.) *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas*. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires, Argentina. Julio de 2000. p. 246. Disponible na World Wide Web: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/quijano.rtf>

RAMA, Ángel. *Transculturación narrativa en América Latina*. México: Ed. Siglo XXI, 1982.

_____. *Los gauchipolíticos rioplatenses, literatura y sociedad*. Montevideo: Arca, 1998.

_____. *Rubén Darío y el modernismo*. Caracas: Ediciones UCV, 1975, p.11. Disponible em: <http://pt.scribd.com/doc/184102364/Ángel-Rama-Ruben-Dario-y-El-Modernismo>. Acessado em: 15 de julho de 2014.

_____. *La ciudad letrada*. Montevideo: Arca, 1998.

RAMOS - IZQUIERDO, Eduardo. «Escrituras plurales: teoría y perspectivas» in *Revista Letral* N°7 (Diciembre 2011) Sección: “Estudios transatlánticos”, p. 1-5. <http://www.proyectoletreal.es/revist...>

RAMOS - IZQUIERDO, Eduardo. « Espace du seuil » In: E. RAMOS-IZQUIERDO, M.-A. BARATAUD, *Les espaces des écritures hispaniques et hispano-américaines au XXIème siècle*, Limoges, PULIM, 2012, p. 7-8.

_____. « De un concepto, de un campo y de una colaboración » in S. SERAFIN, *Escrituras plurales : migraciones en espacios y tiempos literarios*, Venezia, La Toletta edizioni, p. 13-16.

RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite - Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)* São Paulo: Paz e terra, 2008.

RESTREPO, Eduardo; ROJAS, Axel. *Inflexión decolonial: fuentes, conceptos y cuestionamientos*. Colombia: Editorial Universidad del Cauca, 2010.

RESENDE, Fabiane. *Aldyr Garcia Schlee e a linha divisória: homem, terra e literatura*. Dissertação. (Mestrado em História da Literatura). Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande, 2004. Ver: <http://repositorio.furg.br/>

_____. *Puebleros e fronteirços, cuentos e contos de um pampa transfigurado*. Tese. (Doutorado em Literatura Comparada). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012. Ver: <http://www.lume.ufrgs.br/>

ROMERO, José Luis. *Latino-América: Las Ciudades, Ideas*. México, Siglo XXI, 1976.

RICOEUR, Paul. *Teoria da Interpretação - o discurso e o excesso de significação*. Tradução Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1996.

_____. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução: Alain François et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

_____. *Del texto a la acción*. Ensayos de hermenêutica II. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2002.

_____. *Escritos e Conferências 2 - Hermenêutica*. Tradução Lúcia Pereira de Souza. São Paulo: Loyola, 2011.

RIBEIRO, Gustavo Lins e ESCOBAR, Arturo (orgs.). *Antropologías del Mundo*. Transformaciones disciplinarias dentro de sistemas de poder. Colección Clásicos y Contemporáneos en Antropología, México, Editorial del CIESAS, segunda edição revista, 2009.

ROCCA, Pablo. Encruzilhadas e fronteiras da gauchesca (Do Rio da Prata ao Rio Grande do Sul). In: MARTINS, M. Helena. *Fronteiras Culturais*. Porto Alegre: 2002, p. 73-92.

_____. *Poesía y política en el siglo XIX (Un problema de fronteras)*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2003.

_____. A narrativa pós-gauchesca: limites e abrangência de um discurso. Em: CHIPPINI, MARTINS? PESAVENTO (orgs.) *Pampa e Cultura*. Porto Alegre: UFRGS, 2004, p. 77-93.

_____. José Monegal, um narrador fronteiriço. CHIAPPINI, L. MARTINS, M. H. S. J. PESAVENTO (orgs.). *Pampa e Cultura*. Porto Alegre: UFRGS, 2004, p.135-151.

_____. Dos lados de la misma frontera (Javier de Viana y Simões Lopes). En: CHIAPPINI L. e MARTINS M. H (Orgs.). *Cone Sul*. São Paulo: Hucitec, 2006. p. 91-108.

_____. *Ángel Rama, Emir Rodríguez Monegal y el Brasil: dos caras de un proyecto latinoamericano*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2006. Disponível em www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8145/tde-10082007-151634/

ROMANO, Maria Lauro. *Trama literária y trama política: construcción del enemigo en la gauchesca rioplatense y brasileña del siglo XIX*. *Revista del Departamento de Letras*. p. 143-155. Acessível em: www.lettras.filo.uba.ar/exilibris

SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula (orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In:_____. *Uma literatura nos trópicos*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SAER, Juan Jose. *El concepto de ficción*. Buenos Aires: Seix Barral, 2012.

SERRALTA, Carmen Maria. *A fronteira onde Borges encontra o Brasil*. Porto Alegre: Movimento, 2011.

SCHLEE, Aldyr Garcia. Testemunhos e Fronteira. In: Aldyr Garcia Schlee *et all* (eds) *Cultura e identidade regional*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, 93-102.

SCHLICKERS, Sabine. “*Que yo tambien soy pueta*”. La literatura gauchesca rioplatense y brasileña (siglos XIX -XX). Madrid: Iberoamericana, 2007.

SILVA, Angelise Fagundes da Silva. Dissertação. (Mestrado em Estudos Literários) *Aldyr Schlee e o entrelugar: a questão da fronteira em Uma terra só*. Universidade Federal de Santa Maria, 2010. Ver: <http://cascavel.cpd.ufsm.br/>

SOUZA, Eneida; MIRANDA, Wander. Perspectiva da Literatura Comparada no Brasil. In: CARVALHAL, Tania Franco (org.) *Literatura comparada no mundo: questões e métodos*. Porto Alegre: 1997, p. 40.

STAM, Robert. *Introdução à teoria do cinema*. 2ª. Ed. Campinas/SP: Papyrus, 2003.

TROCHON, Yvette. *Las rutas de Eros -La trata de blancas en el Atlántico Sur. Argentina, Brasil y Uruguay (1880-1932)*. Buenos Aires: Editorial Taurus, 2007.

VERDECCHIA, Guillermo. *Fronteras Americanas / American Borders*. Vancouver: Talonbooks, 1997.

VIANA, Natália Moreira. Dissertação. *Os pobres desse mundo em O dia em que o Papa foi a Melo*. (Mestrado em História da Literatura). Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2011. www.ppgletrasfurg.br

WALSH, Catherine (ed.). *Estudios Culturales latinoamericanos*. Retos desde y sobre la región andina. Quito: Universidad Andina Simon Bolívar/ Abya -Yala, 2003.

WALSH, Catherine. Interculturalidad, plurinacionalidad y razón decolonial. In: GOSFOGUEL, Ramón e ALMANZA H. Roberto. *Lugares descoloniales: espacios de intervención en las Américas*. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2012, p.95 -118.

WLADMAN, Bertha. *Entre braços e pernas: prostitutas estrangeiras na literatura do século XX*. Rev. Remate de Males, Campinas, 200, v. 22, p. 25-53.

WEINBERG, Félix. Una etapa poco conocida da poesia gauchesca: de Hidalgo a Ascasubi (1824-1851). *Revista Iberoamericana*, vol. XL, Num 87-88, abril-septiembre, 1974, p. 352-391. Acessível em <http://revista-iberoamericana.pitt.edu>

XAVIER Silvia Niederauer. Dissertação. *Gaúchos e castelhanos – sem linha divisória (a imagem do castelhano na literatura sul-rio-grandense)*. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), 1995. Ver: <http://cascavel.cpd.ufsm.br/>

ZUM FELDE, Alberto. *Proceso intelectual del Uruguay*. 3ª ed., Montevideo: 1967.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

2. OBRAS FICCIONAIS

- Corpus principal de leitura

SCHLEE, Aldyr Garcia. *Contos da vida difícil*. Porto Alegre: Ar do Tempo, 2013.

_____. *Os limites do impossível - Contos gardelianos*. Porto Alegre: Ar do Tempo, 2009.

_____. *Contos de verdades*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 2000.

_____. *Contos de sempre*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

_____. *Linha divisória*. São Paulo: Melhoramentos, 1988.

_____. *Uma terra só*. São Paulo: Melhoramentos, 1984.

- Outros textos

ARLT Roberto. *Los siete locos*. Buenos Aires: editorial Losada, 1929. Acessível em <https://lahistoriadeldia.wordpress.com/2009/11/22/roberto-arlt-los-siete-locos-descargar-libro/>

BORGES, Jorge Luis. *El otro Whitman* (1929). In: _____. *Discusión*, 1932. Obras Completas. Barcelona: 1989, p.206 -208.

_____. *Para las seis cuerdas* (1965). In: _____. *Obras Completas*. Barcelona: Emecé, 1989, p. 331-349.

BERNHARDT, Sara. *Eu, Sarah Bernhardt*. Tradução Gulnara Lobato de Moraes. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1ª. ed. [1949], 1988.

BUQUE, Carolyn. *Piaf, uma vida*. Tradução Cecília Gianetti, São Paulo: LeYa Brasil, 2011.

CEBALLOS, Jose Gabriel. *Lo difícil que es partir de Buenavista*. Resistencia: Colección Mulita, 2013.

_____. *Fabulario de Buenavista*. Buenos Aires: Ediciones Simurg, 2004.

_____. *Ivo, El imperador*. Buenos Aires: Ediciones Sismurg, 2002.

_____. *El Patrón del Chamamé*. Concordia: Ediciones Río de los Pájaros, 1998.

CURATELLA, Celia. *El perfume de Alhucemas*. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 1999.

DUJOVNE ORTIZ, Alicia. *Mireya*. Buenos Aires: Alfaguara, 1999.

DELGADO APARAÍN, Mario. *La balada de Johnny Sosa*. Montivideo: Banda Oriental, 1987.

_____. *Un mundo de cuentos*. Montivideo: Ed. Planeta, 2013.

EYHERABIDE, Glenia. Ese resto de honor. In: MORÓN, Jorge. (comp.) *El Cuento Uruguayo - 30 narradores de hoy*. Montivideo: Ed. La gotera, tomo II, s/d, p.57-63.

FARACO, Sergio. *Dançar tango em Porto Alegre*. Porto Alegre: L&PM, 1998.

MAGGI, Carlos. *Naná, Punta del Este la noche de los 500 amores*. Montevideo: Ed. fin de Siglo, 1991.

SCHLEE, Aldyr Garcia. *Fitas de cinema*. Porto Alegre: Ar do tempo, 2015.

_____. *Memórias de o que já não será*. Porto Alegre: Ar do tempo, 2014.

_____. *Don Frutos*. Porto Alegre: Ar do tempo, 2010.

_____. *Contos de futebol*. Porto Alegre: Mercado Aberto. 1997.

_____. *El día en que el papa fué a Melo*. Montivideo: Banda Oriental, 1991.

SCHALOM Myrta. *La Polaca, Inmigración, rufianes y esclavas a comienzos del siglo XX*. Buenos Aires: Galerna, 2013.

ONETTI, Juan Carlos. *Juntacadáveres*. Montevideo: Alianza, 1995.[1964]